Vanga - Uma Visão da Rússia

Lyubov Orlova

Tradução: Amadeu António

VANGA - UMA VISÃO DA RÚSSIA

Compilado por Lyubov Orlova.

Minsk: Sovremenny Literator, 2008

Este livro relata a vida e as profecias da grande vidente búlgara Vanga (1911–1996). Dá-se especial atenção às profecias dos últimos anos da vidente e às profecias referentes à Rússia. O livro contém também reflexões sobre a essência da clarividência, apoiadas por numerosos exemplos, e as visões de estudiosos e líderes religiosos sobre este fenómeno altamente controverso.

PREFÁCIO

Incríveis paixões ferviam outrora em torno da personalidade e das predições da profetisa búlgara Vanga. Isso não é surpreendente, pois a atividade de Vanga ocorreu numa época rigorosamente ateia. Por seu lado, a Igreja Ortodoxa Búlgara sempre se mostrou desconfiada, e inicialmente até hostil, em relação ao dom de Vanga, considerando-o, há algumas décadas, demoníaco e perigoso. No entanto, milhares de pessoas que procuraram ajuda junto de Vanga e a receberam não se atormentavam com a questão de saber se havia realmente algo de mau na sua atividade, antes acreditavam sincera e fervorosamente que tinham recebido auxílio das mãos do Senhor, que escolhera esta mulher como instrumento da sua misericórdia.

Fenómenos semelhantes ao «fenómeno Vanga», por mais que se tente, é impossível interpretá-los a partir de posições estritamente materialistas, procurando explicar tudo com bioenergia ou recorrendo à expressão tornada banal de «campo informacional que nos rodeia», atrás da qual se escondem, embora ninguém saiba como funciona esse campo. E é ainda mais difícil aproximar-se minimamente da compreensão do que é o tempo, de como se relacionam o ser humano e o espaço que o rodeia.

O fenómeno da perceção extrassensorial da profetisa cega e vidente Vanga não tem equivalentes. Antes dela, o mundo não conhecia personalidades que dominassem em tal grau o DOM DA VIDÊNCIA. Vanga situava-se no degrau mais elevado do desenvolvimento da perceção extrassensorial, tendo acesso a todas as suas variedades. Dezenas de milhares das suas predições, diagnósticos e receitas foram verificados por cientistas e, na esmagadora maioria, revelaram-se verdadeiros.

Vanga conseguia comunicar com os mortos, deslocar livremente a sua consciência no espaço e no tempo. Não é por acaso que escolheu a localidade de Rupite, junto à montanha que se ergue sobre o leito seco do rio Struma, como lugar de descanso e para realizar as suas sessões. Provavelmente, era esse o acumulador de que Vanga retirava as reservas de energia.

Talvez o segredo do local de residência de Vanga pudesse ser desvendado por um horóscopo elaborado para o momento em que, segundo as suas palavras, «aqui ardia um fogo terrível». Não é de excluir que, nesse caso, também se tornasse compreensível o efeito da «rota das aves», ou seja, a passagem sobre esse lugar de enormes bandos de aves que reabastecem as reservas de energia antes de empreenderem longas migrações.

Muito na personalidade desta mulher permanece até hoje um mistério selado a sete chaves. E, no entanto, algo já hoje somos capazes de explicar! Uma coisa é indiscutível: Vanga era uma pessoa perfeitamente terrena, com as suas virtudes e defeitos, como qualquer um de nós, mas uma pessoa a quem a Razão Superior dotou de capacidades e possibilidades únicas. Não seria dela que falava a profetisa: «Sobre nós vela um enorme olho que observa todos os nossos atos. Ninguém nem nada pode esconder-se!»? Ela considerava-se representante dessa Razão Superior, achava que era «a porta — para eles».

CAPÍTULO 1

«NÃO TEMAS! O MUNDO NÃO PERECERÁ!»

As predições a longo prazo de Nostradamus, as profecias quotidianas e globais de Vanga, profetas, oráculos, feiticeiros... Há centenas de anos, os videntes descreviam acontecimentos que ocorrem na era contemporânea. O que é, afinal, a vidência? Sob este fenómeno entende-se, em regra, a visão paranormal de eventos, objetos animados e inanimados que não podem ser percecionados pelos olhos. Por isso, este fenómeno também é chamado «segunda visão». A parapsicologia (investigações experimentais de fenómenos psíquicos) explica pela vidência a capacidade dos médiuns de obter informações «desconhecidas» durante as sessões.

Dotadas deste dom, as pessoas descrevem desde tempos imemoriais objetos distantes, o mundo dos espíritos, até o inferno...

A vidência é a visão paranormal de objetos, eventos, lugares e pessoas que não podem ser percecionados visualmente, pela visão comum. A vidência constitui uma perceção extrassensorial (PES) com elementos de telepatia e precognição e é um dos fatores que desempenham um certo papel na mediunidade e na retrocognição (visão do passado), bem como, em alguns casos, na observação de aparições.

À vidência chama-se por vezes «visão de fantasmas». As pessoas dotadas deste dom deixaram marca na história como oráculos, videntes, profetas, santos, curandeiros, magos e feiticeiros. Contudo, não será exagero dizer que qualquer pessoa possui em pequena medida o referido dom e que, provavelmente, pelo menos uma vez na vida experimentou sensações ligadas à vidência. Este efeito pode manifestar-se de forma completamente

inesperada, quando, por exemplo, a pessoa observa aparições do passado ou perceciona certas entidades em locais onde presumivelmente habitam fantasmas.

A vidência e a perceção extrassensorial em geral podem ser causa de diferenças substanciais nas sensações das pessoas nos lugares onde se observam aparições. Por exemplo, uma é capaz de percecionar «videntemente» um fantasma, enquanto outra não vê nada e, por isso, muito naturalmente não acredita na primeira. Praticamente em todas as histórias de aparições e fantasmas figuram pessoas que afirmam não ter visto nada de invulgar.

Os investigadores consideram que, no caso de observação coletiva de uma aparição, esta é percecionada apenas por um percipiente, que depois transmite telepaticamente as suas sensações aos outros.

Quanto à mediunidade, é precisamente pela vidência que se pode explicar a capacidade dos médiuns de obter informação «desconhecida» durante as sessões. A extração de dados desconhecidos do médium e, possivelmente, dos outros participantes da sessão, e que permitem verificação por outras fontes, é considerada argumento a favor da existência da vida após a morte. No entanto, uma parte dos investigadores defende que não se pode excluir a possibilidade de o médium se ligar, através da vidência, a fontes de informação existentes (em quaisquer pontos do mundo). Esta capacidade pode realizar-se de diversas formas, com recurso ao jejum, danças extáticas, ingestão ou inalação de certas substâncias, rituais mágicos. Métodos semelhantes foram usados pelas pessoas desde tempos imemoriais, quando a humanidade procurava formas de estabelecer contacto com as almas dos defuntos, espíritos da natureza ou divindades.

Os sacerdotes do Antigo Egito e da Antiga Grécia usavam frequentemente misturas de ervas para atingir um estado temporário de vidência. A Pítia de Delfos (sacerdotisa-profetisa no templo de Apolo em Delfos) inalava o fumo de folhas de loureiro em combustão para provocar visões do futuro. Os xamãs atingiam estado semelhante através de danças frenéticas, canto e batidas no tambor, e por vezes com o auxílio de substâncias alucinogénias. Os índios americanos entram em vidência através de vigílias e buscas espirituais, permanecendo em solidão nos lugares mais remotos.

O que é profecia? Profecia é a palavra de Deus, proferida pelo Senhor através do seu vaso escolhido (pessoa de Deus) com o objetivo de ensinar, repreender e corrigir ou consolar uma pessoa ou um grupo de pessoas. Vamos decompor esta definição em partes componentes e analisar cada uma, apoiando-nos na Sagrada Escritura:

1. Profecia é a palavra de Deus, proferida pelo Senhor através do seu vaso escolhido: «Nunca a profecia foi proferida por vontade

humana, mas os santos homens de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo» (2 Pedro 1, 21).

2. Profecia é a palavra de Deus, proferida pelo Senhor com o objetivo de ensinar, repreender e corrigir ou consolar uma pessoa ou um grupo de pessoas: «...quem profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação» (1 Coríntios 14, 3), «...quem profetiza edifica a igreja» (1 Coríntios 14, 4b).

3. Profecia é a palavra de Deus dirigida a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Personalidades individuais a quem foram dirigidas profecias bíblicas: Adão (Génesis 3), Abraão e Sara (Génesis 17, 16-19), rei David (2 Samuel 12, 1-14), Jesus Cristo e muitos outros; grupos de pessoas a quem foram dirigidas profecias bíblicas: o povo israelita (profecias de Jeremias), os gentios (por exemplo, os ninivitas — habitantes de uma cidade pagã), a Igreja de Jesus Cristo (os cristãos), a humanidade inteira.

O trecho seguinte contém a definição de «profecia» que analisámos: «Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a boa obra» (2 Timóteo 3, 16-17).

Nos tempos do Antigo Testamento, o verdadeiro profeta devia ser do meio do povo israelita. Qualquer profecia não judaica era excluída pela Lei. Era este um privilégio exclusivo do povo temente a Deus, com exceção da enigmática personalidade de Balaão.

O verdadeiro profeta era instruído por Deus e servia de mediador entre Ele e o povo, à semelhança do profeta Moisés. Todos os profetas se baseavam na Lei. Por isso, em todos os seus discursos e ações observa-se unidade de Espírito e de orientação. Ninguém podia ser eleito ou consagrado profeta por vontade própria ou humana. O próprio Deus, segundo a sua vontade, chamava a pessoa para esse serviço, sem atender ao título, condição ou origem do indivíduo. Ao chamar o profeta, Deus revelava-lhe diretamente a sua vontade relativamente a pessoas individuais, ao povo de Deus e aos povos que o rodeavam, bem como relativamente a toda a humanidade.

Deus colocava a sua Palavra na boca do profeta (Ezequiel 3, 10, 27; Habacuque 2, 1-2; Jeremias 15, 19). «Assim diz o Senhor Deus de Israel!» — eram, habitualmente, as palavras iniciais dos discursos proféticos (Jeremias 37, 7).

A profecia nunca esteve acima da Lei: a profecia não anulava a Lei. Era o centro da Lei, pleno de profunda penetração na riqueza espiritual das suas maiores verdades e preceitos. A profecia constituía a revelação viva e criativa da Lei, aplicada a um tempo e circunstâncias determinados, às necessidades

do povo e aos planos do Altíssimo. Mudava apenas a forma, mas o Espírito Uno, Eterno e Vivo era o mesmo. Os profetas sempre se opuseram veementemente a qualquer violação da Lei. Jesus, ao falar da Lei, disse: «Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim revogá-la, mas completá-la» (Mateus 5, 17).

Os profetas escolhidos para o serviço recebiam forças e dons graciosos especiais. Mas os profetas deviam preservar-se em pureza e dignidade do seu ministério. Cabia-lhes pregar zelosa e destemidamente a palavra divina perante aqueles a quem eram enviados, por mais amarga e pesada que ela parecesse aos ouvintes (Ezequiel 3, 18). Caso contrário, os profetas eram rejeitados por Deus e muitas vezes tornavam-se falsos profetas. No entanto, os ouvintes não aceitavam, rejeitavam as palavras dos profetas de Deus, ameaçavam-nos, perseguiam-nos e até os expulsavam. Mas nada podia calar a boca dos profetas: estavam prontos a morrer pela Palavra de Deus.

Por isso, a maioria dos profetas levava uma vida pobre e errante, abandonando todas as preocupações mundanas. Eliseu deixou os seus campos, Amós o seu rebanho, Jeremias a prerrogativa do serviço sacerdotal, etc. Se recordarmos os apóstolos de Jesus Cristo, eles sacrificaram tudo por Cristo, incluindo a vida, pois quase todos morreram pela fé.

Era considerado profeta o servo de Deus que transmitia ao povo as palavras e a vontade do Senhor Deus. Se, porém, o profeta se guiava pelos seus próprios pensamentos e visões, procurando agradar a si mesmo ou a alguém, ou se profetizava possuído por um espírito de adivinhação ou por outro qualquer (e não pelo espírito de Deus), Deus não o chamava seu profeta, embora as pessoas pudessem aceitar esse adivinho como profeta.

A diferença entre profeta e falso profeta reside no espírito. O profeta de Deus fala e age sob a condução do Espírito Santo de Deus, enquanto os falsos profetas e adivinhos estão sob influência ou possessos de espíritos impuros de adivinhação e de falso testemunho.

À semelhança do profeta do Antigo Testamento, que devia obrigatoriamente ser judeu movido pelo Espírito Santo (2 Timóteo 3, 16; 1 Pedro 1, 10-11), o profeta do Novo Testamento deve obrigatoriamente ser cristão (movido pelo Espírito de Cristo). O Espírito Santo e o Espírito de Cristo são a mesma coisa: «Ora, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele» (Romanos 8, 9).

Assim, formulemos as características distintivas do profeta de Deus.

O verdadeiro profeta de Deus é uma pessoa regenerada, que leva uma vida temente a Deus, demonstrando aos que o rodeiam um exemplo de vida santa.

O verdadeiro profeta de Deus mantém relações pessoais com Deus (conhece bem a personalidade e o caráter de Deus).

O verdadeiro profeta de Deus conhece e estuda constantemente a Palavra de Deus em primeiro lugar para a sua própria edificação, repreensão e correção.

As profecias do profeta de Deus nunca contradizem nem se afastam da Palavra de Deus (da Bíblia).

O objetivo das profecias do profeta de Deus é a edificação, a repreensão, a correção e o consolo dos ouvintes.

Se pelo menos um destes pontos for violado, a pessoa que pretende desempenhar o papel de verdadeiro profeta de Deus é um impostor e um falso profeta.

Eis exemplos bíblicos de falsos profetas e adivinhos: Antigo Testamento — o falso profeta Sedecias em comparação com o profeta Miqueias (3 Reis 22, 1-28), os profetas de Baal em comparação com o profeta Elias (3 Reis 18, 17-40); Novo Testamento — o mago e falso profeta Elimas: «Percorrendo toda a ilha até Pafos, encontraram um certo mago, falso profeta, judeu chamado Barjesus, que estava com o procônsul Sérgio Paulo, homem inteligente. Este, chamando Barnabé e Saulo, desejou ouvir a palavra de Deus. Mas Elimas, o mago (pois assim significa o seu nome), opunha-se a eles, procurando desviar o procônsul da fé.

Então Saulo, que é também Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele o olhar, disse: Ó cheio de todo o engano e de toda a malícia, filho do diabo, inimigo de toda a justiça! Não deixarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Eis agora a mão do Senhor sobre ti: ficarás cego e não verás o sol por algum tempo. E imediatamente caiu sobre ele treva e escuridão, e tateava de um lado para o outro, procurando quem o guiasse. Então o procônsul, vendo o sucedido, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor» (Atos 13, 6-12). Repare que a tarefa de qualquer falso profeta é desviar as pessoas da verdade e da fé no Senhor Jesus Cristo.

A serva possuída por um espírito de adivinhação: «Aconteceu que, indo nós ao lugar de oração, saiu-nos ao encontro uma jovem possuída por um espírito pitônico, que com a adivinhação dava grande lucro aos seus senhores. Indo atrás de Paulo e de nós, gritava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação. Isso fez ela por muitos dias. Paulo, incomodado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, ordeno-te que saias dela. E saiu no mesmo instante» (Atos 16, 16-18).

Deus dirigiu-Se repetidamente aos adivinhos e falsos profetas, advertindo-os da retribuição pela mentira: «Assim diz o Senhor acerca dos profetas que seduzem o meu povo, que mordem com os dentes e pregam paz;

mas, contra quem nada lhes põem na boca, proclamam guerra. Por isso, tereis noite sem visão, e trevas sem adivinhação; por-se-á o sol sobre os profetas, e o dia sobre eles se escurecerá. E envergonhar-se-ão os videntes, e os adivinhos se confundirão; e todos cobrirão os lábios, porque não haverá resposta de Deus».

Os apóstolos também nos advertem acerca dos falsos profetas e indicam como distinguir os profetas dos falsos profetas: «Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; este é o espírito do anticristo, o qual ouvistes que vem e agora está já no mundo» (1 João 4, 1-3).

Um trecho muito interessante: «Também houve falsos profetas entre o povo, como entre vós haverá falsos doutores, os quais introduzirão seitas de perdição, negando o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade. E, por avareza, farão de vós negócio com palavras fingidas; para os quais o juízo outrora pronunciado não tardará, e a sua perdição não dormita» (2 Pedro 2, 1-3).

Assim, o profeta é um mestre da verdade de Deus, pois o papel do profeta é ensinar as pessoas a Palavra e a verdade de Deus. O falso profeta é um falso mestre, pois ensina as pessoas a mentira. A verdadeira profecia é verdade e sã doutrina, enquanto as falsas profecias são fábulas. Eis como se fala disso no Novo Testamento: «Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviar-se-ão da verdade, voltando às fábulas» (2 Timóteo 4, 3-4).

O cristianismo afirma que a Revelação geral foi dada apenas através dos profetas do Antigo Testamento e do Evangelho de Cristo. Que sinais particulares estão presentes na Revelação cristã que permitem distingui-la de conjeturas humanas, fantasias, intuições, insights filosóficos, etc.? A primeira coisa que chama a atenção de todo aquele que lê o Evangelho é a santidade, a altura moral e espiritual do seu ensino e o exemplo impressionante daquele ideal a que o homem é chamado — Jesus Cristo —, que distingue claramente o cristianismo de todos os ensinamentos e ideais do mundo. Tal coisa não foi conhecida por nenhuma religião (incluindo a do Antigo Testamento), nem por nenhuma filosofia. O mesmo caráter têm as suas verdades doutrinárias fundamentais. Estas verdades centrais do cristianismo são tão distintas na sua essência dos análogos religiosos e filosóficos que o precederam como, falando figurativamente, uma criança difere daquela boneca com que a mulher brincava na infância. Não é por acaso que o apóstolo Paulo exclama: «Nós pregamos a

Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos» (1 Coríntios 1, 23). A história subsequente do cristianismo confirmou plenamente esta ideia. O facto de a doutrina cristã ter sido constantemente tentada e ainda ser tentada «corrigir» e tornar ou, para evitar o «escândalo», uma continuação natural do judaísmo, eliminando dela a fé na divindade e messianismo de Jesus Cristo, ou, para se livrar da «loucura», um dos ensinamentos do mundo, é um testemunho brilhante de que a Revelação do Novo Testamento não é fruto da sabedoria ou fantasia humana.

Um testemunho brilhante da sobrenaturalidade da Revelação cristã são as profecias. Por profecias entendem-se aqui predições que não se baseavam nem podiam basear-se em cálculos científicos, nem em qualquer conhecimento particular de psicologia, história, economia, política, etc. Esta antevisão inexplicável por causas naturais e que se estende por muitos anos, décadas, séculos e milénios sempre foi um dos argumentos sérios da veracidade da religião cristã. Eis alguns exemplos dessas predições.

No Evangelho de Lucas (escrito em 63) relata-se que a Virgem Maria, num estado de particular elevação espiritual, pronuncia: «De agora em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada» (Lucas 1, 48). O evangelista não hesitou em registar estas palavras de uma jovem, embora, na ordem natural, fazer algo assim, e sobretudo ser aceite pelas gerações cristãs subsequentes, fosse equivalente a loucura. E o que vemos? Desde então e até hoje, todos os povos cristãos realmente a glorificam.

No Evangelho de Mateus encontramos profecias do Senhor Jesus Cristo sobre o futuro do seu Evangelho: «E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações» (Mateus 24, 14); sobre o destino do povo judeu e de Jerusalém: «Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada» (Mateus 23, 35-38; 24, 2; Lucas 21, 20-24, 32) (Mateus compôs o seu Evangelho, provavelmente, cerca do ano 62 d.C., e a destruição de Jerusalém ocorreu em 70); sobre a Igreja: «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela» (Mateus 16, 18); sobre o futuro do cristianismo: «Será que o Filho do Homem, quando vier, encontrará fé na terra?» (Lucas 18, 8); sobre a aparição de falsos cristos e falsos profetas (Mateus 24, 23-26; Lucas 21, 8); sobre futuras perseguições aos cristãos (Lucas 21, 12-17); sobre o facto de que «alguns... não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus vindo com poder» (Marcos 9, 1; aqui fala-se de todos os santos, começando pela Virgem Maria e os apóstolos, que «viram» antes da sua morte a glória e a bem-aventurança do Reino de Cristo, que veio no seu interior com poder). O cumprimento destas profecias pode ser visto (e não apenas acreditado) por qualquer pessoa contemporânea. A profecia sobre o fim do mundo encontra-se no apóstolo Pedro: «Mas o dia do Senhor virá como ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e

a terra, e as obras que nela há, se queimarão» (2 Pedro 3, 10), que, à luz das possibilidades científico-técnicas modernas, soa bastante atual. Um sentido semelhante têm muitas profecias do Apocalipse de São João Teólogo (ver, por exemplo, cap. 16).

Na história da Igreja houve inúmeros milagres verdadeiros, e eles, em todos os tempos da sua existência, foram uma das forças graças às quais o cristianismo conquistou grande parte do universo. Ainda hoje, perante a pessoa que se familiariza com a Sagrada Escritura e com a história do cristianismo, abre-se um dos milagres mais impressionantes — o milagre da preservação e propagação da fé cristã no meio de terríveis perseguições, o milagre da existência da Igreja.

Não menos importante é a questão da veracidade daqueles vivências religiosas, fenómenos e revelações que pode ter a pessoa crente. Esta questão diz respeito à compreensão da essência da vida espiritual e das condições de conhecimento do «outro» mundo, o que está sempre associado a um enorme risco: quem não entra pela porta corre o destino de ladrão e salteador (João 10, 1)! A curiosidade, o devaneio, a leviandade nesta área, as tentativas de penetrar no mundo espiritual por quaisquer meios são equivalentes a suicídio. A penetração ilegal no mundo espiritual é extremamente perigosa. Tanto mais que ela gera inevitavelmente falsas revelações, que arrastam pessoas inexperientes, não familiarizadas com os fundamentos da vida espiritual, e as destroem espiritual e fisicamente.

O caminho legítimo de entrada no mundo espiritual e de obtenção de verdadeiro conhecimento (revelação) sobre ele é a correta vida espiritual, que pressupõe o conhecimento dos fundamentos da fé ortodoxa e dos princípios da vida espiritual. A condição e sinal mais importante de um correto arranjo espiritual da pessoa é a consciência da anormalidade e perniciosidade do seu atual estado espiritual e da impotência, sem a ajuda de Deus, de se tornar uma nova pessoa à imagem de Cristo. Daí nasce o quebrantamento do coração, o arrependimento sincero e o mais importante na vida espiritual — a humildade.

O próprio caráter das revelações também diz muito na questão da determinação da sua veracidade. Se antes da queda o homem era capaz de visão direta dos espíritos e comunhão com eles, no estado atual as suas aparições são-lhe possíveis apenas por particular determinação de Deus e em caso de extrema necessidade com o objetivo de correção e salvação do homem. Por isso, todos os santos padres e ascetas experientes na vida espiritual advertem decididamente o cristão sobre a possibilidade de cair no chamado prelest, ou seja, no autoengano espiritual, em que a pessoa toma as suas excitações nervosas-psíquicas, e muitas vezes demoníacas, e as falsas visões por elas geradas por revelações de Deus.

Atualmente, quando o falso misticismo e toda a sorte de «milagres» se espalham como um rio largo por todos os países do mundo (nos EUA, por exemplo, quase 70% da população declara ter tido experiências de perceções extrassensoriais, e 42% comunicaram com defuntos), é especialmente importante recordar estes apelos.

E o que diz a ciência — como explica este milagre? Os cientistas prestaram atenção séria ao fenómeno da vidência no início do século XIX, quando, no âmbito de sessões hipnóticas, os «sujeitos» revelavam coisas surpreendentes. As enciclopédias descrevem, por exemplo, as experiências do francês Cahagnet com uma mulher. Mergulhada em transe, ela conversava com mortos. Segundo as palavras do diretor da empresa russa «Intuição», Alexander Gorin, o trabalho do vidente começa quando desce sobre ele «algo». É um estado particular, invulgar, em que surgem visões, imagens simbólicas. O vidente pode obter a resposta necessária de uma voz desconhecida ou estabelecer um diagnóstico médico, passando a mão ao redor do corpo do doente. Digamos que no Brasil houve um curandeiro chamado Arigó — um homem pouco instruído que, em latim impecável, prescrevia centenas de receitas exatas que permitiam a cura. Ele confessava que, em sonho, lhe aparecera outrora um médico, e esse doutor o «acompanhava» constantemente. Ninguém, exceto Arigó, o via ou ouvia.

É curioso que o vidente esteja sujeito à influência da informação que obtém. Por exemplo, no seu organismo podem ocorrer as mesmas alterações que na pessoa que ele, por exemplo, procura, usando as suas capacidades extrassensoriais. Em particular, o Pentágono gastou cerca de 20 milhões de dólares nesses fins. Os jornalistas chamaram «corrida armamentista psíquica» aos correspondentes programas secretos realizados nos EUA e na URSS.

Das hipóteses científicas que explicam as capacidades dos videntes, a mais digna de atenção é a do investigador russo Anatoli Okhatrin. Ele desenvolveu um modelo físico de troca energo-informacional. Segundo este cientista, existem aglomerados de partículas elementares superleves — microleptões, que podem ser detetados por instrumentos. Ora, o gás leptónico mundial contém toda a informação sobre o mundo circundante, e a pessoa hipersensível é capaz de obter dados sobre tudo o que acontece em qualquer ponto do Universo.

Quanto à capacidade dos profetas para a prosódia absoluta — obtenção de informação sobre eventos futuros (em particular, os prognósticos de Vanga), a explicação científica aqui é dada pela chamada equação conjugada do Karma, deduzida pelo professor Boris Iskakov. Ela determina a possibilidade de existência de certos antissinais que fluem pelo rio do tempo para o passado através do presente a partir do futuro.

Infelizmente, hoje o fenómeno da antevisão do futuro e do olhar para o passado é impossível submeter a verificação laboratorial. Será por isso que a ciência ortodoxa fecha os olhos a ele? Mas isso não significa que ele não exista... Afinal, não foi por acaso que Einstein disse que «as fronteiras entre o passado, o presente e o futuro não são mais do que uma simples ilusão».

O construtor aeronáutico inglês Dunn publicou em 1927 o seu livro «Experiência com o tempo». Foi uma tentativa séria de compreender exaustivamente o referido fenómeno. E o motivo foram... sonhos proféticos. Uma vez, Dunn sonhou que explodia uma fábrica militar. Dois meses depois, isso realmente aconteceu. Num sonho seguinte, viu claramente um título de jornal que falava de outra catástrofe — a erupção de um vulcão do Extremo Oriente. Uma semana depois, Dunn leu o mesmo título no jornal da manhã, no qual a tragédia era descrita quase exatamente como no sonho. Só que, na realidade, morreu exatamente dez vezes mais pessoas do que no sonho...

O psiquiatra inglês Barker considera que o número de predições de desastres é tanto mais significativo quanto maior for a catástrofe. E o parapsicólogo americano Cox provou que as pessoas usam inconscientemente a capacidade de prever eventos. Ele analisou dados estatísticos sobre vítimas de catástrofes ferroviárias e notou: no dia da tragédia, viajavam muito menos passageiros do que nos dias normais. Acumulam-se cada vez mais factos que provam: o homem, em certas condições, pode pressentir eventos...

Há algo em comum entre os sonhos e a vidência? Aos «estados alterados de consciência» podem, evidentemente, ser atribuídas algumas fases do sono. O principal que sempre despertou interesse pelos sonhos é a crença no seu sentido profético. As fontes históricas citam numerosos exemplos de sonhos que prediziam eventos que realmente ocorreram mais tarde.

Elementos de vidência manifestam-se também em estados particulares na fronteira entre o sono e a vigília. Este estado pode chamar-se modorra, se a pessoa mergulha nele casualmente, inconscientemente, ou meditação, se é provocado intencionalmente. Fenómenos análogos podem ocorrer também nos sonhos. Contudo, nesses casos, nunca se pode determinar com certeza o que é sonho e o que é realidade.

Eis um caso fiável e revelador que confirma esta ideia.

Em outubro de 1863, de Liverpool para Nova Iorque navegava um certo S. R. Wilmot, fabricante de Connecticut. Tinha saudades de casa e da esposa, que ficara nos EUA. Na noite de 13 de outubro, sonhou que a esposa entrava na cabine. Ela estava de camisa de noite e parou à porta ao ver que havia outro passageiro na cabine. Depois, aproximou-se do marido, beijou-o e saiu. De manhã, o outro passageiro, homem de princípios rigorosos e muito religioso, mostrou-se claramente irritado com Wilmot sem motivo aparente. Quando Wilmot lhe exigiu explicações, ele declarou o seguinte: «És um bom

rapaz, mas não gosto que venham mulheres visitar-te à noite!» Em seguida, contou que acordara e fora testemunha exatamente da cena que Wilmot vira em sonho. Dez dias depois, ao chegarem a Nova Iorque, ambos ouviram o relato da esposa de Wilmot, que naquela noite de 13 de outubro não conseguira dormir, agitada com notícias alarmantes de uma tempestade no Atlântico. De repente, a meio da noite, imaginou que atravessava o oceano e encontrava o navio em que viajava o marido. Chegou à porta da cabine, entrou e viu um homem estranho que, da sua cama, olhava diretamente para ela. Hesitou, mas depois aproximou-se da cama do marido e beijou-o na testa. A esposa descreveu com exatidão tudo o que se encontrava na cabine. Fica a questão: teria tudo isso acontecido em sonho ou em realidade?

Outra ilustração impressionante pode ser o conhecido caso do jornalista americano do jornal «Boston Globe», Edward Samson, na noite de 29 de agosto de 1883. Nessa noite, estava de serviço na redação e, ao adormecer no sofá, teve um sonho tão terrível que acordou encharcado em suor e mal conseguia levantar-se. Sentia a cabeça muito tonta e as pernas fraquejavam. Ainda assim, dirigiu-se à mesa e, sem saber porquê, tentou descrever pormenorizadamente o que vira em sonho:

«Uma pequena ilha pitoresca perto de Java; uma montanha que de repente se partiu ao meio, dela irrompeu uma coluna de fogo que subiu acima das nuvens; milhares de pessoas fugiam do interior da ilha para a costa e morriam; enormes ondas engoliam as pessoas e destruíam os edifícios na margem». Ao terminar de escrever, colocou o manuscrito na mesa, escreveu na margem «Muito importante. 29 de agosto de 1883» e foi para casa. O editor que o substituiu, ao ler a folha deixada, pensou que se tratava de uma notícia que Samson recebera por telégrafo durante a noite. Entregou-a imediatamente para composição, com um título em toda a largura da página. Assim surgiu a notícia sensacional de uma gigantesca catástrofe na ilha de Pralape, perto de Java. A notícia foi imediatamente reimpressa pela maioria dos jornais dos EUA.

Imagina-se a perplexidade e o horror de Samson ao ler a transcrição apressada do seu sonho nas primeiras páginas dos jornais. Um engano daqueles, mesmo sem intenção, mesmo acidental, não podia passar em claro nem para ele nem para o jornal. E, de facto, os leitores do «Boston Globe» e as redações de outros jornais exigiam pormenores, continuação — nada disso existia na redação. Nem podia existir — nem que fosse porque, na época, há cem anos, não havia ligação telegráfica nem outra regular com aquela parte remota do mundo.

Samson foi chamado pelo editor e teve de contar como surgira a notícia publicada no jornal. Como é compreensível, foi imediatamente despedido. Para piorar, descobriu-se outro pormenor — uma ilha com aquele nome não existia de todo. Em nenhum mapa, em nenhum repertório da extensa biblioteca de

Boston figurava uma ilha com tal nome. O «Boston Globe» preparou uma publicação em que pedia desculpas aos leitores pelo engano.

Mas não foi necessário publicar o desmentido. Começaram a chegar notícias de um acontecimento catastrófico que realmente ocorrera algures na zona do oceano Índico. Uma gigantesca onda de maré abatera-se sobre a costa da Índia e da Malásia. Notícia semelhante chegou da Austrália. Marés invulgarmente altas varreram a costa do Pacífico da América do Norte e do Sul. Eram os ecos da erupção do vulcão Krakatoa, situado realmente numa ilha perto de Java — erupção que se revelou a maior catástrofe natural na memória da humanidade. Os relatos dos sobreviventes e dos marinheiros que por acaso se encontravam na zona encheram as páginas do «Boston Globe». Foi exatamente a este jornal que coube o mérito de ser o primeiro a informar o mundo da catástrofe. Como é natural, Samson, que descrevera com todos os pormenores a catástrofe antes de ela acontecer, foi readmitido triunfalmente no jornal.

É verdade que na notícia de Samson havia um pormenor que continuava a não encaixar. Ele escrevera sobre a catástrofe na ilha de Pralape. A vítima do vulcão fora, porém, a ilha de Krakatoa. Passaram muitos anos. Samson já era idoso quando o correio lhe trouxe um pacote da Sociedade Histórica Holandesa. Era um mapa antigo em que a ilha de Krakatoa estava designada pelo seu velho nome indígena — «Pralape» —, nome que já não era usado havia século e meio.

Na primavera de 1902, um engenheiro militar britânico que se encontrava no sul de África e se interessava muito por sonhos mantinha um peculiar «diário de sonhos». Uma noite, sonhou um sonho estranho: estava numa ilha e era o único a saber que a ilha ia desaparecer em breve. Tentava convencer as autoridades a evacuar as pessoas, mas todos se riam dele. Por fim, a ilha explodia e todos os seus habitantes morriam... Alguns dias após o sonho, surgiu a notícia da destruição da cidade de Saint-Pierre, na ilha da Martinica, em resultado da erupção de um vulcão.

Apresentemos ainda alguns exemplos clássicos de casos de vidência que entraram na história da psiquiatria.

Nos anos 80 do século passado, o professor Janet, estando em Le Havre, mergulhou em sono hipnótico a doente Léonie B. e, como ela era conhecida pelas suas capacidades telepáticas, ordenou-lhe que se deslocasse a Paris e visse os seus colegas de investigação, bem conhecidos da doente. De repente, Léonie exclamou: «Está a arder!» e, muito agitada, começou a contar um incêndio... Nesse dia, em Paris, ardera realmente o laboratório de Richet, colega de Janet. Léonie demonstrou depois, repetidas vezes, capacidades na fronteira da vidência e dos «sonhos proféticos». As suas visões lembravam fenómenos clarividentes conhecidos desde tempos antigos.

Por exemplo, o caso de Swedenborg em 1759, quando, estando a 500 quilómetros de Estocolmo, «viu» um incêndio que deflagrara num dos bairros da cidade e indicou até com exatidão em casa de quem começara.

Em todos os casos acima descritos, algo foi visto à distância no momento exato em que esse algo aconteceu.

Outro tipo de sonhos proféticos e fenómenos clarividentes precede os eventos no tempo.

Um dos casos documentados de sonho profético desse tipo é a história do capitão inglês Adrian Christian. Em criança, durante três anos, viu cinco vezes o mesmo sonho: era capitão de um navio e salvava um navio que se afundava, no qual encontrava o irmão. A mãe registou esse sonho na última página da Bíblia familiar. Quarenta e sete anos depois, era realmente capitão e fazia a travessia de Sydney para Rangoon quando, de repente, voltou a ver o sonho memorizado desde a infância e viu também a palavra «família» escrita por alguém num pedaço de papel. De manhã, agindo de forma completamente instintiva, ordenou que mudassem o rumo do navio e entrou em águas consideradas perigosas. No dia seguinte, os marinheiros avistaram um navio que se afundava com o nome bastante estranho de «Família». Foram salvos mais de 200 passageiros e tripulantes. Entre eles estava o irmão do capitão.

Os sonhos proféticos precedem frequentemente eventos trágicos. Um dos casos mais impressionantes desse tipo de sonho profético é o sonho da esposa do general A. A. Tuchkov — Margarita Mikhailovna Naryshkina. Certa vez, em 1811, sonhou que estava sentada a uma mesa num quarto desconhecido, como os que há nas estalagens, com a cabeça apoiada nas mãos e sentindo uma terrível angústia no coração. De repente, vê que a porta se abre, entra o pai com o seu filhinho ao colo, e atrás dele aparece na sala toda a família Naryshkin, o seu confessor e o clero com cruzes e estandartes. O pai aproxima-lhe a criança e diz, com lágrimas: «Minha amiga! Eis tudo o que resta do teu Alexandre! O teu marido caiu com a espada na mão nos campos de Borodino!»

Acordou em desespero e em lágrimas, sem perceber logo que fora apenas um sonho. O próprio general encontrava-se nessa altura no quarto ao lado, onde discutia com os seus colegas oficiais as últimas notícias militares. Ao ouvir falar desse sonho terrível e absurdo, mandou trazer imediatamente um mapa detalhado do Império Russo e todos se puseram a procurar nesse mapa aquele lugar desconhecido com um nome tão invulgar: «Borodino». Procuraram, sobretudo, perto da fronteira ocidental, na província de Minsk, onde estava aquartelado o regimento de Revel, comandado pelo general Tuchkov. Ao não encontrarem, concluíram que «eram tudo disparates» e que «vinham da mudança do tempo».

Em 1812, com o início da campanha, o general enviou a esposa e o filho para casa dos pais dela, numa propriedade perto de Kineshma, na província de Kostroma. A 1 de setembro, após ter estado na matina, encontrava-se no apartamento onde se instalara na cidade, sentada à mesa com a cabeça apoiada nas mãos. Os seus pensamentos estavam no marido, o coração pesava-lhe como nunca. De repente, entra no quarto onde ela estava o pai com o menino ao colo. «Minha amiga! Eis tudo o que resta do teu Alexandre! O teu marido caiu com a espada na mão nos campos de Borodino!» Atrás dele entraram no quarto os restantes membros da família e o confessor de Naryshkina...

Um sonho clarividente que antecedia uma desgraça foi visto na juventude pelo escritor Mark Twain. Nessa época, Sam Clemens (o futuro Mark Twain) trabalhava, juntamente com o irmão Henry, num grande vapor, o «Pennsylvania», que navegava no Mississippi. Durante uma paragem casual em casa da irmã em St. Louis, teve uma estranha «visão». Pareceu-lhe que acordava, saía para a sala e encontrava nela uma caixa metálica colocada no meio da sala sobre duas cadeiras. Nela jazia o irmão Henry morto, com um ramo de rosas brancas no peito, entre as quais havia uma rosa vermelha.

Pouco depois, devido a uma violenta discussão com um marinheiro, Sam foi desembarcado do «Pennsylvania» e contratado noutro vapor que saiu de Nova Orleães dois dias mais tarde. Durante a viagem, soube que no «Pennsylvania» explodiram as caldeiras, 150 pessoas morreram ou desapareceram. Entre os mortos estava o seu irmão. Após a notícia, Sam esteve vários dias em choque, perdeu a fala e o movimento. Quando recuperou, foi levado para o quarto onde, num caixão metálico, repousavam os restos do irmão. Uma das mulheres que entrou com ele colocou no peito do defunto exatamente o ramo que ele vira em sonho.

Um sonho que lhe predisse a morte teve também Abraham Lincoln. O Presidente encontrava-se no seu quarto, na Casa Branca, quando, em plena noite, pareceu-lhe que acordava de repente. Um choro alto de várias vozes, que penetrava pela porta fechada, acordara-o. Saindo do quarto, seguiu esses sons e chegou ao Salão Oeste. Lá, no meio do salão, erguia-se um catafalco, e pessoas de luto aproximavam-se um a um para se despedir. Lincoln não conseguia ver quem jazia no estrado e perguntou a um dos sentinelas que estavam de guarda de honra quem morrera. «O Presidente», respondeu este. E acrescentou: «Foi morto por um assassino». Alguns dias depois, Lincoln foi realmente assassinado, e o catafalco foi colocado exatamente no Salão Oeste e da forma que ele vira em sonho.

Entre os sonhos proféticos, ocupam lugar especial aqueles em que o adormecido se encontra com pessoas falecidas e delas recebe algo importante. A um desses sonhos devemos a integridade da «Divina Comédia» de Dante. Dante morreu no exílio em Ravena pouco depois de concluir a obra de toda a

sua vida. Os filhos, Jacopo e Pietro, após o funeral do pai, descobriram que faltava uma parte significativa do poema. Procuraram-na inutilmente durante vários meses e já tinham perdido toda a esperança quando Jacopo viu em sonho o pai «vestido de branco», banhado numa luz etérea. O pai levou o filho ao seu gabinete e mostrou-lhe um esconderijo. No dia seguinte, foi chamado a casa um jurista. Na sua presença, os filhos entraram no gabinete, encontraram no local indicado o esconderijo, abriram-no e descobriram os cantos em falta do poema.

No condado de Bedford (estado da Pensilvânia) existe um monumento erigido em honra de um acontecimento estranho e triste ocorrido em 1856. Numa manhã de abril, desapareceram dois filhos do agricultor Samuel Cox. As buscas durante dez dias não deram resultados, até que outro agricultor, que vivia a 20 milhas do local, viu em sonho os cadáveres das crianças e descreveu exatamente o lugar onde se encontravam.

Em 1927-1928, o estado do Michigan foi abalado pela presença de um maníaco que profanava sepulturas recentes de crianças e desmembrava os cadáveres. Por fim, foi cometido o cruel assassínio de uma menina. Sabe-se que um assassino psicopata é geralmente muito difícil de desmascarar, mas desta vez ajudou um sonho de um certo Harold Lotridge. Ele viu em sonho a cena do assassínio e reconheceu no assassino o diácono Holing — homem que gozava de enorme respeito dos concidadãos. Os pormenores vistos por Lotridge ajudaram a desmascarar o maníaco e a obrigá-lo a confessar.

Histórias deste género podem ser enumeradas sem fim. Limitemo-nos a mais um exemplo impressionante, que na época correu todos os jornais do mundo e é completamente verídico, apesar da sua extrema fantástica.

Esta história começou no fim da Primeira Guerra Mundial, na Polónia. O soldado Stanisław Omeński desaparecera em combate. A noiva, Merna, não conseguia conformar-se com o facto de nada se saber dele. Surgiu uma esperança quando, no outono de 1918, teve um sonho estranho. Viu Stanisław, ou melhor, adivinhou, sentiu que era ele, a avançar no escuro por um longo corredor. Eis que acende uma vela e, à sua luz tremeluzente, tenta remover um entulho de pedras e madeiras no fundo do corredor. O sonho repetiu-se várias vezes. Sempre o mesmo.

Aproximadamente um ano depois, o sonho ganhou como que uma continuação. Merna viu um castelo no topo de uma colina. Uma das suas torres estava destruída e jazia em ruínas. De lá, debaixo dessas ruínas, chegava-lhe a voz de Stanisław, que a chamava. Ela tentava remover o entulho de pedras, mas não conseguia mexer uma única. Merna acordava em lágrimas, mas o sonho repetia-se uma e outra vez. O padre a quem recorreu apenas abanou a cabeça: mais um coração partido, mais uma vida mutilada pela guerra.

E então Merna decidiu fazer aquilo a que só uma pessoa apaixonada se poderia atrever. Abandonou a aldeia natal e partiu à procura do castelo que tantas vezes lhe aparecera em sonho e com o qual, acreditava ela, estava de algum modo ligada a sorte do seu Stanisław. Foi uma viagem sem qualquer rota ou plano. Merna ia para onde os olhos e o destino a levavam. Não tinha com que pagar alojamento e, quando não encontrava pessoas bondosas no caminho, dormia em palheiros ou simplesmente na relva à beira da estrada. Não tinha dinheiro nem para comida e tinha de contentar-se com o que lhe davam — a escassa esmola daqueles anos de fome.

A 25 de abril de 1920, Merna chegou à aldeia de Złota, no sul da Polónia. Sim, disseram-lhe os habitantes, na região deles havia um castelo. Era até visível do outro lado da aldeia. Mas desde o início da guerra, depois de a artilharia alemã o ter bombardeado e uma das torres ter desabado, ninguém lá morava.

Mal Merna viu o castelo, pareceu-lhe que via a continuação do sonho: era exatamente aquele castelo e aquele lugar que lhe aparecera tantas vezes em sonho! Mas nem a sua fé nem a sua convicção foram suficientes para convencer os outros. Depois de a ouvirem, as pessoas encolhiam os ombros e seguiam os seus afazeres. Então, dirigiu-se ao castelo e começou ela própria, com as mãos nuas, a remover os entulhos da torre desabada. Stanisław está lá! Ele está vivo, eu sei!

A sua persistência comoveu os corações das pessoas, que começaram a ajudá-la. Após dois dias de escavações, todos ouviram um grito humano.

Verificou-se que Stanisław Omeński fora enviado ao castelo em busca de provisões e ficara soterrado na cave em resultado do bombardeamento de artilharia. Sobrevivera lá quase dois anos, alimentando-se de queijo e vinho, rodeado por centenas de ratos. A história incrível foi objeto de um minucioso inquérito pelas autoridades militares, que suspeitavam Omeński de deserção. Contudo, os factos confirmaram-se, Omeński foi desmobilizado do exército com honras. Será preciso dizer que, algumas semanas depois, o padre casou Stanisław e Merna.

Ao fenómeno dos sonhos clarividentes pertencem também os factos em que investigadores receberam respostas para questões que os atormentavam precisamente em sonho.

Assim, por exemplo, Mendeleev viu em sonho a tabela periódica, Carl Gauss — a lei da indução, e Niels Bohr — o modelo do átomo, descoberta que provocou uma revolução na física moderna.

É revelador o caso ocorrido com o conhecido arqueólogo G. Hilprecht. Durante muito tempo, não conseguia decifrar um texto sumério antigo disperso em dois fragmentos de ágata encontrados durante escavações. Essa

descoberta era mencionada no livro que acabara de concluir e que devia entregar ao editor no dia seguinte. Sem a descodificação, o texto do livro ficaria incompleto, por isso, na véspera, ficou até alta hora no gabinete, tentando em vão várias opções. Hilprecht não reparou como adormeceu na poltrona. Em sonho, viu um homem de meia-idade vestido com traje sacerdotal sumério antigo, que estava de pé ao seu lado. À vista dele, Hilprecht levantou-se surpreendido, mas não da poltrona onde adormecera, e sim de uma escada de pedra onde se encontrava sentado.

«Segue-me. Vou ajudar-te», disse o sacerdote. E o facto de isso ter sido dito em inglês não surpreendeu o cientista no sonho.

Hilprecht recordava o curto caminho por uma rua deserta, passando por várias casas maciças próximas umas das outras. Entraram numa delas, que parecia maior que as outras, num salão fracamente iluminado. «Onde estamos?» — perguntou o cientista, e o guia respondeu: «Em Nippur, entre o Tigre e o Eufrates. Estamos no templo de Bel, pai dos deuses». O arqueólogo conhecia esse templo, tal como sabia que, durante as escavações, não se encontrara a sua tesouraria — sala que sempre existia junto ao templo.

Perguntou ao sacerdote sobre isso, e este levou-o a um pequeno compartimento situado no fundo do templo. Aqui, num baú de madeira, jaziam vários pedaços de ágata, entre os quais reconheceu os seus dois fragmentos. O sacerdote explicou-lhe que eram partes de um cilindro oferecido ao templo pelo governante Kurigalzu. Quando foi necessário fabricar adornos auriculares para a estátua do deus, o cilindro foi serrado, e um pedaço partiu-se. Essas metades eram exatamente os dois fragmentos com que o cientista se debatia, sem suspeitar que a inscrição neles era parte de um único texto. A pedido de Hilprecht, o sacerdote leu-lhe esse texto.

Ao acordar, Hilprecht anotou o seu sonho. A descodificação do texto, referente ao ano 1300 a.C., foi reconhecida como impecável pelos colegas do cientista. Exata revelou-se também a localização da tesouraria junto ao templo.

Aos profetas, além do seu dom profético, é sempre dado também o dom de cura que os acompanha. Como pessoas de Deus que atingiram a perfeição, a providência abria-lhes as suas portas.

«Fui colocada aqui e determino rigorosamente o tempo da minha permanência na Terra. Dou a mão aos desesperados e indico-lhes para onde ir», dizia Vanga. Foi-lhe dado pelos céus o dom de se deslocar no tempo e no espaço, e o seu «transporte» era o pensamento.

Aos 12 anos, em consequência de uma desgraça que lhe aconteceu, ficou cega. Aos 19 anos, na rapariga cega abriu-se a visão interior — o dom da profecia. Começou a prever. Nasceu a lenda do milagre do século XX — a mulher-profetisa, curandeira e intérprete, a pítia cega — Vangelia.

As suas primeiras visões estão ligadas ao aparecimento de um cavaleiro maravilhoso, com quem ela «se encontrava» junto ao poço, quando ia buscar água. O cavaleiro avisou-a de que lhe estava destinado tornar-se clarividente e «prever aos vivos o destino, ouvir e compreender a voz dos defuntos». Sobre as Forças Superiores que lhe apareciam e davam informação quando as pessoas vinham ter com ela para saber o seu futuro, falava como de certas «pontos luminosos que cintilam como pirilampos sobre dálias». Ouvia as suas vozes, que lhe anunciavam isto ou aquilo sobre uma pessoa. Essas Forças Superiores estavam ao seu redor, como dizia, em todo o lado e sempre perto. Em qualquer momento, estava sempre em condições de as invocar.

A vidente chamava-lhes espíritos. «Eles... comportam-se — contava ela — como pessoas — sentam-se, andam, riem, choram... Não me deixam em paz. Adormeço, e eles acordam-me e gritam: “Levanta-te! Está na hora de trabalhar!” Ultimamente, repetem-me: “Não tenhas medo! O mundo não perecerá!”»

«Digo o que vejo e o que ouço — assegurava ela. — Em primeiro lugar, os espíritos comunicam-me o nome do visitante. Mal alguém entra, começam a aparecer-me quadros, que se movem da esquerda para a direita. Vejo quadros vivos — pessoas, eventos, desgraças». Segundo as suas palavras, esses quadros eram tantos que mal conseguia acompanhar e contar. Mas parar o «caleidoscópio» em movimento não estava ao seu alcance.

Com a visão interior que lhe fora dada do alto, via uma desgraça próxima e até a morte de quem a procurava. Podia falar com os mortos, que respondiam às suas perguntas. Contam que, quando falava com os espíritos, as suas vozes eram ouvidas também pelas pessoas que estavam com ela. Era um sussurro fininho ou surdo, como no telefone. Algumas mães que vinham ter com ela para saber da sorte dos filhos ouviam as suas vozes.

Fez uma predição em que assegurava que em breve viriam tempos em que as pessoas começariam a encontrar os seus parentes defuntos.

Sobre as suas capacidades, falava como de um dom de Deus, confirmando as palavras da Escritura de que todas as profecias se realizam exclusivamente pela vontade de Deus: «...Ele privou-me da visão, mas deu-me outros olhos com que vejo o mundo — o visível e o invisível».

Segundo as suas afirmações, desde o primeiro dia a vida do homem está rigorosamente predestinada, programada pelas Forças Superiores. «Ninguém se esconderá em casa, ninguém se ocultará à sombra de uma árvore, nenhum ato bom ou mau ficará despercebido. E não penseis que sois livres de fazer o que quiserdes, nas vossas ações ninguém é livre, e tudo está predeterminado» — explicava ela. Os verdadeiros conhecimentos sobre o cosmos, a razão cósmica, a profetisa aconselhava procurá-los nos livros antigos.

Em 1939, Vanga indicou a data do início da guerra — abril de 1941. Exatamente no dia por ela indicado, as tropas alemãs atravessaram a fronteira da Jugoslávia e ocuparam a aldeia onde ela vivia. Foi ela quem predisse a derrota da Alemanha nessa guerra. Em 1948, fez uma predição relativa aos Balcãs: «Guarda as minhas palavras, agora nos Balcãs está calmo, mas virá o dia em que todas as capitais balcânicas se darão as mãos em ajuda e amizade...» — dizia ela à sua parente.

Muito se escreveu sobre a sua predição de novas doenças, até então desconhecidas da humanidade. «Sede atentos — dizia ela. — Em breve aparecerão doenças desconhecidas, nunca vistas pelas pessoas, as pessoas cairão nas ruas, adoecerão gravemente sem causas visíveis. Adoecerão gravemente até aqueles que nunca adoeceram. Mas a desgraça geral pode ser evitada, tudo está nas vossas mãos...»

Arriscamo-nos a supor que falava das consequências da crise ecológica na natureza. Afinal, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, 20% das mortes devem-se à poluição do meio ambiente. Além disso, aumentou a mortalidade infantil, as pessoas já nascem com doenças adquiridas.

«Virá o dia — predizia Vanga — em que da face da Terra desaparecerão várias plantas silvestres e cultivadas, animais. Em primeiro lugar, desaparecerão para sempre da mesa a cebola, o alho, a pimenta. Os apiários ficarão sem abelhas. O leite tornar-se-á amargo». O remédio, porém, está realmente nas mãos das próprias pessoas, basta erradicar a orientação da sociedade industrial para uma relação predatória com a natureza.

Disse que seria encontrada uma cura para a SIDA: «...será de ferro, pois é exatamente do ferro que falta no organismo humano. Mas virá uma doença mais terrível que o cancro e a SIDA...» Esta afirmação ecoa a predição do profeta sérvio Mitar Tarabić, que afirmava: «Uma doença atingirá o mundo inteiro, e ninguém conseguirá curá-la. Alguns dirão: “Eu sei, eu sou cientista e superei todas as ciências...” Mas ninguém poderá fazer nada. As pessoas andarão à procura de remédio, e ele, com a ajuda de Deus, estará ao lado delas e nelas mesmas...»

Possivelmente, ambos os profetas falavam da mesma doença, mas talvez o preditor sérvio se referisse à SIDA. O remédio que está em nós mesmos é a moralidade e a castidade, para o que já tendem agora as pessoas do mundo ocidental, que viveram a liberdade dos costumes no amor.

Entre as profecias de Vanga, há muitas predições dedicadas à Rússia. Assim, predisse o conflito russo-checheno, declarando que, sob cobertura da oposição chechena, as tropas russas cometeriam agressão contra a Chechénia. A Chechénia transformar-se-ia num lugar de onde partiriam ações antirussas. Predisse o início da segunda guerra do Cáucaso, cujo resultado seria a desagregação do Estado russo. Ainda antes da dissolução da União

Soviética, Vanga previa que esse país se dividiria. Predizia que a Rússia ficaria sozinha, mas durante muito tempo ainda dela «voariam pequenos fragmentos». Quando presidente da Rússia era ainda Gorbatchev, a quem a vidente em 1983 profetizara ascensão, predisse a vitória de Iéltsin. E a 27 de outubro de 1996 informou da possibilidade de os comunistas chegarem ao poder. Quando o nome do primeiro presidente da União Soviética se esbateu na memória das pessoas, disse ao correspondente especial do «Trud», Andrei Smirnov: «Sim, fizeram muitas coisas, mas criticam Gorbatchev em vão. Ainda vos lembrareis de como era bom com ele. Lembrar-vos-eis quando o bastão de Ivan, o Terrível, passar pelas cabeças russas». Aparentemente, o nosso tempo pode equiparar-se aos terríveis anos do reinado do cruel czar. Embora dificilmente se possa censurar o segundo presidente russo por crueldade.

...Mas contemos sobre Vanga e as suas profecias fatais para a terra russa pela ordem. Numerosas lendas e tradições contam sobre mulheres-ascetas, sobre mulheres que o povo ordenou como santas, sobre mulheres-curandeiras e protetoras, sobre mulheres com vida abençoada e morte abençoada. Vanga é isto, e aquilo, e o terceiro, e o quarto. O fenómeno da pítia cega Vangelia não é simplesmente cura, adivinhação, é uma livre viagem espiritual pelas vidas das pessoas, pelo seu passado, presente e futuro.

O nome completo da vidente Vangelia com os anos transformou-se no carinhoso — Vanga. Nasceu a 31 de janeiro de 1911 na cidade de Strumica, na Jugoslávia, numa família de pequeno proprietário rural, Pande Surchev. Nasceu de sete meses e era muito fraquinha, com dedinhos não separados nas mãos e nos pés e não emitia som. Até as velhas experimentadas não podiam dizer com certeza se a criança sobreviveria. A pequenina foi embrulhada num estômago de boi e lã não lavada, colocada perto do forno. E só uma noite, já em março, a criança chorou alto de repente. As sábias «avós» explicaram à mãe preocupada que a menina nascera verdadeiramente agora.

Na região de Strumica, habitualmente não se dava nome à criança se não houvesse certeza de que sobreviveria. O nome para o recém-nascido, segundo o antigo costume, também não era dado pelos pais nem pelos parentes. Era preciso que alguém da família saísse à rua e pedisse ao primeiro transeunte que sugerisse um nome para a criança.

E no dia seguinte àquele em que a criança chorou, a avó saiu à rua e pediu à primeira mulher que encontrou que desse um nome à recém-nascida. A mulher propôs o nome Andromaca.

Mas à avó esse nome não agradou, e perguntou o nome a outra mulher, que sugeriu o nome Vangelia. Esse nome grego significava — portadora de boa nova. E embora também fosse «não nosso», na região de Strumica era muito popular, e a avó concordou em chamar assim a menina.

Na família, a pequenina era chamada Vanga. A menina foi-se fortalecendo aos poucos e pouco se distinguia das suas contemporâneas.

Vangelia tinha apenas três anos quando, durante o segundo parto, a mãe morreu. As desgraças não acabaram aí. Começou a Primeira Guerra Mundial, e em 1915 o pai foi mobilizado para o exército.

Uma turca muito bondosa e compassiva, Asanitsa, que vivia ao lado, levou a menina para sua casa. Os dias arrastavam-se, a vida não era fácil. Esperavam o regresso do pai de Vanga, mas já ia no terceiro ano e dele não havia notícias. E já começavam a surgir dúvidas: estaria vivo? Possivelmente, a menina já era órfã completa?

Mas as dúvidas revelaram-se infundadas. Três anos depois, o pai regressou vivo e saudável. Não só a filha, mas também os vizinhos mal o reconheceram, tão magro e abatido estava. Juntamente com o pai, voltaram a viver na velha casa.

Mas a Pande sozinho era difícil. E Vanga já tinha 7 anos. Era uma menina magrinha, de cabelo castanho-claro e olhos azuis.

Ativa e teimosa, precisava do calor e da severidade materna. O pai preocupava-se muito com o futuro de Vanga.

Pensava cada vez mais em casar-se de novo. Não se pode dizer que fosse um bom partido: viúvo pobre com uma criança. Mas teve sorte. Em breve, a sua mulher tornou-se uma das raparigas mais bonitas da cidade — Tanka Georgieva. A isso contribuíram eventos desagradáveis para Tanka e a sua família. Já estava marcada a boda de Tanka com um oficial búlgaro, mas foi desfeita por uma disposição absurda da chefia sérvia. Por essa ordem, todas as mulheres que de algum modo estavam ligadas a oficiais ou soldados búlgaros deviam, juntamente com as famílias, abandonar imediatamente Strumica. Para evitar mexericos e expulsão da cidade, Tanka aceitou a proposta de Pande e tornou-se sua mulher.

Em 1922, Tanka deu à luz um menino, que chamaram Vassil. O pai começou a trabalhar como pastor e assim viveu na pobreza até à morte.

Vanga tinha 11 anos. Ajudava diligentemente nas tarefas domésticas. Cuidando do irmão, inventava jogos em que ela própria podia participar. Mas um dos jogos «estranhos» começou a preocupar os pais. A sua peculiaridade consistia em que a menina como que brincava à «cega». Por exemplo, num certo lugar na rua ou perto de casa colocava algum objeto, depois voltava para casa e começava a procurá-lo, apalpando tudo ao redor, como se fosse cega. Os pais tentavam proibir-lhe essa ocupação, mas ela teimosamente fazia o seu.

Do difícil situação em que ficara a família de Pande soube o irmão dele, Kostadin. A sua sorte correra melhor: enriquecera, casara, mas não tinha filhos. Sabendo como a família do irmão passava necessidades, Kostadin propôs a Pande mudar-se para sua casa. Contava que a família do irmão pudesse ajudá-lo a cuidar do gado e não passaria mais fome. O convite foi aceite, e em 1923 a família mudou-se para Novo Selo.

A Vanga de doze anos também tinha as suas obrigações domésticas. Ia com o burrico aos currais fora da aldeia e trazia em dois odres leite.

Uma vez, no verão, regressava à aldeia com duas primas. As meninas quiseram ir à fonte Khanska, que ficava no campo, não longe da estrada. O que aconteceu depois, ninguém sabe ao certo...

A sobrinha dela, Krasimira Stoyanova, descreve assim o ocorrido:

«...De repente, soprou uma terrível tempestade. O céu escureceu, levantou-se um vento horrível que arrancava ramos das árvores, desraigava árvores jovens e, juntamente com torrões de terra, atirava-os longe no campo. Da terra ao céu ergueu-se uma enorme coluna de pó. Pó, torrões de terra, ramos e folhas misturaram-se num redemoinho inimaginável que atirou as duas irmãs mudas de terror ao chão perto da fonte, e a Vanga levou-a dois quilómetros para o campo. Quanto tempo durou a tempestade, ninguém se lembra. Mal encontraram Vanga no campo, coberta de terra, pedras e ramos. Parecia enlouquecida de medo, mas muito mais terrível era a dor cortante nos olhos cheios de pó — não conseguia de modo algum abri-los.

Quando a trouxeram para casa, todos tentaram aliviar os seus sofrimentos, lavavam os olhos com decocções de ervas, mas nada ajudava. Recorriam a curandeiros e médicos, davam-lhe água benta e encantada, faziam compressas, untavam com bálsamo, mas nada trazia alívio. Ao entardecer, os olhos dela encheram-se de sangue, e depois a íris embranqueceu». (Aqui e adiante citam-se excertos do livro de Krasimira Stoyanova «Vanga, a clarividente e curandeira». M: Desporto Soviético, 1996.)

O médico a quem recorreram disse que a inflamação aumentava e a situação era muito grave, para salvar a visão era necessária uma operação urgente. O pai fez tudo para juntar o dinheiro considerável para o tratamento.

Em Skopje, operaram Vanga, mas não houve melhoria. Tendo em conta a grave situação da menina e as condições materiais apertadas da família, fizeram a Vanga mais uma operação, já gratuita. Mas a recuperação não chegou. Nos olhos formaram-se cataratas.

Os médicos recomendaram fazer mais uma operação — em Belgrado. Surgiu de novo esperança, e o pai concordou. Foi marcada a data da operação. O custo dela representava uma soma considerável — 5000 dinares (cerca de 500 leva). O pai estava desesperado, pois não sabia onde nem como

arranjar o dinheiro. Ele próprio era quase indigente. Tal quantia não existia nem nos vizinhos, para lha emprestarem.

A situação parecia sem saída. Mas então Pande lembrou-se de que, ainda antes, a avó de Vanga, mãe da sua primeira esposa, prometera deixar em herança parte da sua terra à neta. E embora, após a morte da mãe de Vanga, as relações entre a sogra e o genro se tivessem tornado tensas, ele recorreu a ela em busca de ajuda. Pande pediu-lhe que vendesse agora o terreno e desse o dinheiro à neta para a operação. Mas nem a desgraça conseguiu quebrar a parede de afastamento que crescera entre eles, a sogra recusou categoricamente ajudar.

E o dia da operação aproximava-se. Pande vendeu o seu escasso património: a máquina de costura, que era uma recordação da primeira esposa, e também a única ovelha. Mais nada restava no lar. Conseguiu ainda pedir emprestado um pouco mais de dinheiro. Mas tudo o que juntara com tanto esforço mal chegava a metade da soma necessária.

Pande soube que um dos seus vizinhos, que era homem abastado, ia a Belgrado visitar o filho. Decidiu aproveitar essa oportunidade para enviar com ele Vanga para a operação, pois, para acompanhar a filha ele próprio, não tinha dinheiro. O vizinho concordou em ajudar o Pande abatido pela dor.

Um dia antes da operação, ele e Vanga chegaram ao hospital.

Encontrou-se com o médico e entregou-lhe a quantia reunida por Pande. O médico mostrou-se claramente irritado por um senhor tão representativo e bem vestido lhe oferecer um honorário tão irrisório pelo seu trabalho. Julgou que o parente rico tentava livrar-se da menina pobre. Sem dizer nada ao acompanhante, à noite chamou Vanga à sala de médicos e disse: «Menina, amanhã faço-te a operação, mas o dinheiro que o teu pai mandou chega só para metade, por isso faço-te «metade» da operação. Quando trouxerem a soma necessária, opero-te como deve ser!» Aparentemente, isso foi dito num acesso de ira.

Após esta operação, Vanga conseguia pelo menos ver um pouco. O médico disse que, para uma melhoria adicional da saúde da menina, eram agora necessários alimentação reforçada, tranquilidade e limpeza. Mas na família continuava a reinar uma terrível miséria. As condições necessárias para a recuperação das forças de Vanga, claro, não existiam.

Em 1924, a família aumentou e já contava cinco almas. Nasceu um menino, a quem chamaram Tome. O pai debatia-se com as últimas forças para, de algum modo, alimentar a família. Foi obrigado a partir de novo pelas aldeias a trabalhar como jornaleiro. A esposa trabalhava no campo na medida das suas forças, e Vanga ficava como a mais velha em casa: gería o lar e cuidava dos irmãos.

As condições de vida eram duras até para uma pessoa saudável, e para uma menina fraquinha e meio cega revelaram-se simplesmente destrutivas. Em breve, sobreveio uma piora — a névoa cobriu de novo os olhos e a menina ficou completamente cega. E agora já para sempre.

Para todos, foi uma verdadeira tragédia. Vanga, que suportara estoicamente tanto sofrimento com esperança na recuperação, caiu literalmente em desespero. Chorava noites inteiras e orava na esperança de um milagre que lhe trouxesse a visão. Mas tudo permanecia na mesma. Arrastavam-se longos dias e meses insuportáveis.

Vanga estava completamente desamparada e sofria ainda mais por não poder ajudar em nada o pai e a madrasta, sendo ela própria um fardo para eles. E estes esgotavam-se literalmente.

Parecia já não haver qualquer saída para a situação criada. Mas um dia os vizinhos sugeriram que na cidade de Zemun havia uma Casa dos Cegos e que lá cuidavam bem dos pupilos. Seria bom colocar Vanga lá. Pande começou a tratar disso.

Em 1925, da Casa dos Cegos chegou a notícia de que aceitavam Vanga. Começava um novo período na sua vida. Vanga já tinha quinze anos.

A Casa dos Cegos recebeu Vanga de forma bastante acolhedora. Ela estava mais habituada a cuidar de alguém e a ajudar nas tarefas domésticas. Além disso, a existência miserável da família e as desgraças que se abateram sobre eles não permitiam que o seu temperamento alegre se revelasse.

A nova vida cativou Vanga. Passaram despercebidos três anos, e ela já tinha dezoito. Era uma aluna muito diligente e alcançara progressos significativos. Essa casa ajudou-a a encontrar tranquilidade e a sentir a alegria da vida.

Vanga relacionava-se de forma bastante equilibrada com todos os seus companheiros. Mas ultimamente dera por si, mais de uma vez, a pensar que gostaria de ouvir mais frequentemente a voz agradável de Dimitar e de estar com ele.

Dimitar, da aldeia de Gyavoto, na região de Gevgelija, confessou que a amava e pediu-lhe que fosse sua esposa. Os pais dele eram pessoas abastadas e concordaram que Vanga vivesse com eles. Viram a sinceridade dos sentimentos dos jovens e estavam dispostos a assumir todas as preocupações com o futuro deles. Vanga transformou-se completamente. Voava simplesmente, sem sentir os pés no chão de tanta felicidade. Já fazia planos sobre como seria maravilhoso o seu casamento, e ela apareceria perante os convidados num magnífico vestido branco e longo véu leve. E como se alegrariam o seu pai e todos os parentes. Comunicou ao pai a sua decisão e esperava a bênção dele.

Mas a vida decidiu de outro modo. Do pai, de Strumica, chegou uma notícia que deixou Vanga literalmente atónita. Durante o quarto parto, morrera Tanka. O pai ficara com as crianças sem qualquer ajuda ou apoio. Ela devia voltar para casa, para cuidar das crianças e gerir o lar.

Vanga não podia desobedecer ao pai e abandonar os seus entes queridos ao acaso. Não tinha escolha, e com angústia abandonava essa casa, o seu primeiro amor e as esperanças numa vida melhor. Vanga sabia que os anos vividos na Casa dos Cegos em Zemun foram os melhores da sua vida e nunca mais se repetiriam.

Em casa, Vanga encontrou uma miséria aterradora. As crianças estavam esgotadas e fraquinhas de subnutrição e doenças. O coração de Vanga apertava-se ao pensar que estas pequenas criaturas eram órfãs. Vassil tinha seis anos, Tome — quatro, e a mais pequenina, Lyubka — dois.

Agora, devia ser para eles tudo — mãe, dona de casa e protetora. E isso deu-lhe forças para lidar com quaisquer dificuldades.

Após o regresso de Vanga, o pai partiu em busca de trabalho pelas aldeias. Mas os infortúnios continuavam. O terramoto de Chirpan, em 1929, atingiu também a região de Strumica. O abalo foi bastante forte, mas, felizmente, ninguém se magoou, apenas a velha casa de adobe desabou e as crianças ficaram sem teto.

Pande teve de construir urgentemente uma nova habitação. Em poucos dias, conseguiu erguer algo parecido com uma casa, mas que mais lembrava uma choupana. O material de construção eram caules de caniço, que por cima eram rebocados com barro.

Quase não havia bens, e mudaram-se rapidamente. A casita consistia num alpendre e uma divisão. Mais tarde, ampliaram, acrescentando uma cozinha e um lar onde cozinhavam o pão.

Vanga esforçou-se por criar aconchego na nova habitação. A decoração da divisão consistia num baú pintado, que fora o dote de Tanka, num canto estava a cama, para a qual Vanga tricotara uma colcha com fios velhos, o chão de terra foi coberto com esteiras de junco. No pátio em frente à casa, plantaram flores bonitas.

Nessa choupana, que resistiu quase até aos nossos dias, Vanga e Lyubka viveram muitos anos só as duas. Pande de modo algum conseguia alimentar as crianças, e, para de algum modo ajudar o pai, Vassil e Tome foram obrigados a partir pelas aldeias em busca de trabalho. Às vezes, contratavam-nos como pastores ou para algum trabalho temporário.

Vanga procurava usar todas as competências que adquirira na Casa dos Cegos. Tricotava de forma bonita e rápida, e em breve as pessoas começaram

a recorrer a ela com encomendas. Em vez de dinheiro pelo trabalho, davam-lhe pequenas coisas ou roupa tricotada velha. Dela, Vanga tricotava roupa para as crianças, porque comprar coisas novas não havia com que e elas andavam frequentemente esfarrapadas.

Os vizinhos viam como Vanga se esforçava com as últimas forças para alimentar e vestir as crianças. Para si, não tricotava nada. E as vizinhas compassivas traziam roupa de mulheres falecidas, para Vanga a usar até ao fim.

Ano após ano, continuava a luta esgotante pela sobrevivência. Apesar do extremo esgotamento e fadiga, Vanga permanecia a mais forte e a mais resistente na família. Nunca se permitia queixar-se das desgraças perante as crianças. Era o apoio não só para elas, mas também para o pai, que estava completamente destroçado pela miséria, humilhações e sofrimentos e por vezes caía em completo desespero. Vanga consolava-o, dizendo que viriam tempos melhores.

Apesar da saúde robusta, em 1939 Vanga adoeceu com pleurisia. A sua vida esteve por um fio durante quase oito meses. Lyubka cuidava da irmã como podia. Mas não havia melhoria. Vanga enfraquecera completamente, e em dias de sol Lyubka levava-a para a rua numa tina, como a uma criança.

Eis como descreve a recuperação milagrosa de Vanga K. Stoyanova:

«...Quando o estado de Vanga se tornou crítico, Lyubka chamou o médico. Esta, ao entrar em casa, inspecionou-a com repugnância e ordenou a Lyubka que tirasse o cobertor da doente. De tanto estar deitada, todo o corpo de Vanga estava em feridas, a pele em alguns sítios apodrecera. O médico mandou o auxiliar trazer pó e solução desinfetante, saiu para o pátio e disse a Lyubka que a irmã estava em estado muito grave e em breve morreria.

Em breve, souberam disso no bairro, e os vizinhos chamaram o padre para dar a comunhão à moribunda, e no dia seguinte, quando os trabalhadores da companhia de tabaco recebiam o seu miserável salário, um deles colocou-se à entrada com um boné e declarou que recolhia dinheiro para o funeral de uma pobre rapariga.

Dois dias depois, Lyubka foi buscar água à fonte e, quando regressou a casa e abriu o portão, de surpresa deixou cair o cântaro. Vanga, de quem pensavam que podia morrer a qualquer momento, varria diligentemente o pátio. Nada indicava que estivera à beira da morte. Só o rosto mais pálido que o habitual, mas os movimentos das suas mãos eram firmes, como os de uma pessoa saudável e forte. Ao ouvir a voz de Lyubka, disse-lhe: “Vamos, depressa ao trabalho! É preciso varrer tudo, fazer limpeza, porque em breve virá aqui muita gente”».

Na Bulgária, existe um costume interessante. Na véspera do dia de São Jorge, à noite, as raparigas atiram para um cântaro vários objetos, para no dia seguinte saberem por eles o seu destino. O cântaro era habitualmente colocado no pátio de Vanga, e as raparigas, muitas vezes talvez por pena, nomeavam Vanga «oráculo». Vanga, tirando de manhã os objetos do cântaro, predizia o destino às suas amigas. Todas as suas predições habitualmente se cumpriam.

Era surpreendente, mas na altura ainda ninguém suspeitava que Vanga possuía o dom de profetisa.

Uma vez, no rebanho que o pai de Vanga pastoreava, desapareceu uma ovelha. Ele lamentava-se muito com isso, pois temia que o despedissem. Vanga disse-lhe: «Não te zangues, a tua ovelha está com Atanas, da aldeia de Monospitovo». O pai ficou espantado, porque não conhecia tal pessoa, e Vanga muito menos poderia conhecê-la. Perguntou à filha como podia saber onde estava a ovelha, ao que ela respondeu que a vira em sonho. Dizia sempre que vira algo em sonho, e todos os seus sonhos se cumpriam. O pai foi à aldeia indicada por Vanga e realmente encontrou lá a ovelha com a pessoa de quem ela falara.

Muitas vezes, Vanga ia com a irmã Lyubka buscar água ao poço que ficava no campo, longe da aldeia. Sentava-se numa pedra enquanto Lyubka enchia os cântaros. Por vezes, Vanga ficava longo tempo calada e imóvel, sem prestar atenção a nada. Uma vez, desligou-se mais do que o habitual. Lyubka chorou de medo, e Vanga disse de repente: «Não tenhas medo, não há nada de terrível, simplesmente falei com uma pessoa. Era um cavaleiro, veio ao poço dar de beber ao cavalo. Disse-lhe para não se zangar por tu não lhe dares o lugar, porque tu não o vês. O cavaleiro disse-me: “Vês a ervinha com pequenas flores brancas que cresce junto ao poço? É a “erva estrelada”, ajuda contra muitas doenças”». Lyubka olhou à volta e viu essa erva, que crescia em abundância ao redor do poço. Ficou ainda mais assustada. Estavam completamente sozinhas no campo, ela não vira qualquer cavaleiro...

A 8 de novembro de 1940, o pai de Vanga morreu de gangrena. As crianças ficaram órfãs completas. Em breve após o funeral, os irmãos de Vanga partiram em busca de trabalho, e Vanga e Lyubka ficaram por pouco tempo sozinhas. Assim terminou o ano de 1940. E no início de 1941, Vanga viu de novo o cavaleiro.

«Era alto, louro e divinamente belo. Como um antigo guerreiro, estava vestido com armadura que brilhava ao luar. O seu cavalo batia com a cauda branca nos flancos e escavava a terra com os cascos. Aos portões de Vanga, o guerreiro parou, desmontou do cavalo e entrou na divisão escura. Irradiava tal luz que na sala ficou claro como de dia. Virou-se para Vanga e falou com voz sonora: “Em breve o mundo abalar-se-á e perecerá muita gente. Tu estarás

neste lugar e profetizarás sobre vivos e mortos. Não tenhas medo! Estarei ao teu lado, direi o que deves predizer às pessoas!”»

Vanga perguntou à irmã: «Lyubka, viste como daqui saiu um cavaleiro?» «Que cavaleiro? — não entendeu esta. — Sabes que horas são? Decerto sonhaste qualquer coisa».

A 6 de abril de 1941, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. Alguns dias depois, os habitantes locais dirigiram-se a Vanga para ver o que acontecera às irmãs e pararam à porta da casa delas, estupefactos. Uma mudança extraordinária ocorrera com Vanga.

Eis como era nessa altura: «Na pequena divisão, Vanga estava de pé no canto sob uma candeia acesa e falava com voz sonora, forte e categórica. Era muito magra, parecia excitada. O seu vestido desbotado, costurado várias vezes, que ficara largo, não conseguia esconder a enorme tensão do seu corpo. Dos seus olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudara tanto, tornara-se tão espiritualizado e elevado, como se irradiasse luz. E ela falava, falava...

Da sua boca fluía outra voz, que com precisão espantosa nomeava localidades e eventos, nomes de homens mobilizados que ou regressariam vivos ou sofreriam uma desgraça... Isso durou muitos dias, e ela quase não dormiu durante todo um ano. O aspeto de Vanga impressionava tanto que as pessoas sentiam desejo de ajoelhar perante ela. Os homens de quem ela dizia que regressariam, realmente regressavam no prazo por ela indicado».

É interessante que com os seus conhecimentos impressionava até médicos experientes, pois recomendava os meios mais simples, aparentemente, ou as ervas mais simples, que, na opinião deles, não possuíam propriedades curativas. E, no entanto, os seus remédios ajudavam os doentes de forma rápida e eficaz. Posteriormente, o dom de Vanga desenvolveu-se cada vez mais, tornou-se multifacetado, versátil. Predizia o futuro às pessoas, inclusive aos seus parentes, mas não entrava em pormenores excessivos, ajudava os doentes, dava conselhos dos mais variados. Acompanhando os destinos de outras pessoas, refletia, claro, também sobre si própria.

Algumas pessoas temiam as suas profecias, atribuíam-lhe propriedades místicas incríveis, acusavam-na de feitiçaria. Outras, encantadas com as suas visões, acreditavam nela incondicionalmente, e tudo o que ela dizia chamavam «milagres bíblicos». Em pouco tempo, conquistou um respeito indiscutível em toda a região. Assim nasceu a lenda de Vanga.

«A 8 de abril de 1942 — conta Lyubka —, veio ter connosco a avó Tina, nossa velha amiga, e informou Vanga de que a visitaria um hóspede muito importante. Não disse quem exatamente e foi-se embora. E em breve regressou com um homem de estatura média, calvo, bigodudo, de olhos

cinzentos, vestido com um casaco cinzento e calças de golfe. Perguntou a Vanga se podia dedicar-lhe um pouco de tempo. Perguntei à avó Tina quem era esse homem, e ela sussurrou que era o czar búlgaro Boris III. Fiquei muito surpreendida, porque nem me passava pela cabeça que na nossa pobre casita algum dia entrasse um czar. E Vanga colocou-se no seu lugar habitual no canto da sala e, antes que lhe dirigissem a palavra, falou com voz muito severa: “Cresce o teu reino, espalhaste muito amplamente os seus limites, mas prepara-te para caber de novo numa casca de noz”. Repetiu-lhe: “Prepara-te!”»

E acrescentou: «Lembra-te da data 28 de agosto!»

O czar nada mais perguntou e foi-se embora muito perturbado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Em 1942, a fronteira com a Bulgária abriu-se, e para Vanga começaram a afluir pessoas de Petrich e de outros lugares.

Um dia, apresentaram-se-lhe vários soldados do regimento de intendência do Exército Búlgaro. Um deles estava muito preocupado e queria falar a sós com Vanga. Era Dimitar Gushterov, da aldeia de Krandzhilitsa. Malfeitores haviam roubado e assassinado o irmão dele, comerciante. Após a morte dele, ficaram três crianças órfãs e a esposa, doente de tuberculose. Dimitar andava sem jeito pelo pátio e não se decidia a entrar. De repente, abriu-se a porta e no limiar apareceu Vanga, que o chamou pelo nome e disse: «Sei por que vieste. Queres que te diga quem matou o teu irmão. Talvez, dentro de algum tempo, te diga, mas tens de prometer-me que não te vingarás, porque não é preciso fazê-lo. Viverás e serás tu próprio testemunha do fim deles».

Dimitar Gushterov ficou estupefacto com o que Vanga lhe disse. Depois, veio ter com ela mais várias vezes e conversou a sós.

A 20 de abril, Vanga disse à irmã que Dimitar queria casar-se com ela e que em breve se mudariam para a casa dele em Petrich. E assim aconteceu. A 10 de maio de 1942, Vanga casou-se com Dimitar.

Na casa do marido, à jovem dona de casa não foi fácil. A sogra não aprovava a escolha do filho, mas Vanga engoliu a ofensa e muito em breve mostrou do que era capaz. Desde criança, não temia dificuldades nem pobreza. Muito em breve, a casa deles brilhou de limpeza e ordem, e a família passou a viver como todas as outras.

Contudo, isso não durou muito. As pessoas souberam que em Petrich aparecera uma clarividente. O fluxo de pessoas voltou a dirigir-se à casa de Vanga. As pessoas esperavam que ela as ajudasse nas suas aflições e doenças. O marido, respeitando muito a esposa, considerava, no entanto, que ela, agora já mulher casada, devia abandonar essa atividade e cuidar apenas da casa e do lar, como todas as outras mulheres.

Nessa altura, começou a mobilização dos reservistas. Ao despedir-se do marido, que foi enviado para a Grécia, Vanga disse apenas: «Tem cuidado com a água». Realmente, todos os que regressaram vivos da Grécia estavam extenuados pela malária ou por doenças do fígado devido à água de má qualidade que bebiam dos pântanos locais. Na primavera de 1944, Dimitar regressou a casa muito doente, extenuado pela malária e incapaz de trabalhar. Só recuperou em 1945.

E no pátio de Vanga continuavam a reunir-se pessoas que esperavam a sua ajuda. Eis um caso dessa época. Uma mulher, durante uma feira, perdeu a filha de três anos. Procuraram-na por todo o lado, mas não a encontraram. A mãe inconsolável veio ter com Vanga para saber algo sobre a filha. Esta disse que a criança fora raptada por ciganos que estavam na feira e que passariam muitos anos antes que a mãe a encontrasse por acaso. E assim aconteceu. Passaram inteiros 22 anos.

E eis que, em 1962, essa mulher viajava para Blagoevgrad e, na estação ferroviária de Kresna, ouviu a conversa de duas mulheres sobre o facto de, numa aldeia próxima, viverem famílias ciganas, mas a nora mais nova não se parecer nada com a mãe — era loira e de olhos azuis. Algo estremeceu no coração da mulher que tantos anos esperara que se cumprisse a predição de Vanga. Foi imediatamente para essa aldeia, encontrou facilmente a casa e viu lá a nora loira. Conforme se veio a verificar, o pressentimento não a enganara. A sogra cigana disse que, realmente, muitos anos antes, ciganos que estavam numa feira numa aldeia não longe de Petrich lhe tinham dado a criança. A cigana criara a menina e depois casara-a. A mulher já não duvidava de que estava perante a filha. Propôs-lhe ir à aldeia e ver tudo no local. Quando lá chegaram, a «cigana» lembrou-se de que tinha um irmãozinho, reconheceu o pátio e a casa. Reuniu-se quase toda a aldeia, e o encontro foi tão comovente que muitos choraram.

No fim da guerra, na localidade onde vivia Vanga, formou-se uma brigada partidária. O irmão de Vanga, Vassil, decidiu juntar-se aos partidários. Tinha então 22 anos. Vanga, ao saber disso, pediu-lhe que ficasse. Disse ao irmão: «Não partas, matar-te-ão aos 23 anos!» Mas o irmão não obedeceu e partiu. A 8 de outubro de 1944, Vassil, comandante de um grupo de sapadores, fez explodir a ponte perto da aldeia de Furka. Após a explosão, escondeu-se na aldeia em casa de um amigo. Os alemães prenderam todos os habitantes e encerraram-nos na igreja. Juntamente com os outros, foi preso também Vassil.

Os alemães emitiram um decreto: se até à uma hora os habitantes não dissessem onde estava o sabotador, queimariam a igreja com as pessoas dentro. Todos sabiam que fora Vassil quem explodira a ponte, mas calavam-se. Compreendendo a falta de saída, Vassil saiu da multidão e disse: «Fui eu quem explodiu!» Levaram-no para o adro da igreja e, à vista das pessoas, começaram a torturá-lo. Os alemães introduziam-lhe nos ouvidos pedaços de

ferro incandescentes e, já meio morto, fuzilaram-no. Para escarmento da população, deixaram o cadáver desfigurado no chão. Vassil morreu a 8 de outubro, no dia em que fazia 23 anos...

Em 1947, o marido de Vanga construiu uma casa nova e, em breve após isso, adoeceu gravemente. Começaram-lhe fortes dores no estômago. Um amigo aconselhou Dimitar a beber um pouco de rakia. Este, aos poucos, viciou-se na bebida, não ouvindo nem os médicos nem a esposa. Vanga definhava de dor e ansiedade, e à noite chorava. Mais tarde, partilhou com a irmã que para o marido não havia salvação. Esse segredo guardava-o em si.

E as pessoas com as suas desgraças aglomeravam-se diante dos portões da casa dela, e ninguém suspeitava da tragédia que ali se desenrolava. Passados 12 anos, em 1962, o marido de Vanga morreu de cirrose do fígado e hidropisia. Quando ele já estava em agonia, Vanga estava de joelhos junto à cama dele, e dos seus olhos cegos corriam lágrimas sem parar, sussurrava algo. Logo após a morte do marido, deixou de chorar e adormeceu imediatamente. Vanga dormiu até ao momento do enterro. Depois disse: «Acompanhei-o até ao lugar onde lhe estava destinado estar».

Na manhã seguinte, Lyubka saiu para as pessoas aglomeradas aos portões, que não suspeitavam do que acontecera, e pediu-lhes que se dispersassem. Vanga ouviu isso e gritou: «Não os recuses, vou receber todos. Eles precisam de mim!» Desde então, passou a usar constantemente um lenço de viúva preto.

E as pessoas continuavam a vir ter com ela. Nessa altura, Vanga recebia até 120 pessoas por dia. Quando passou dos oitenta, recebia 10 a 15 pessoas por dia, gastando 3 a 4 minutos por visitante. O dinheiro das consultas direcionava-o para a tesouraria municipal. Essa medida contribuiu para a legalização do uso do dom fenomenal de Vanga e excluiu todas as interpretações enviesadas.

Cada visitante era obrigado a trazer consigo um pedaço de açúcar que tivesse estado 2 a 3 dias debaixo da almofada. Ao pegar no açúcar, como que impregnado com a informação sobre a pessoa, Vanga contava-lhe o passado e o futuro. Em vez de açúcar, podiam ser usados relógios de quartzo (o cristal de quartzo também regista informação) ou joias com rubi. Naturalmente, os relógios e joias eram devolvidos ao dono após a visita.

Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga, perguntou-lhe várias vezes coisas a que ela respondia. Essas respostas foram cuidadosamente preservadas, reunidas, resultando numa espécie de questionário. Eis ele, na exposição da própria Krasimira:

«À minha pergunta se via pessoas concretas — aparência, aspeto exterior, quadro, ambiente —, respondeu-me: “Sim”.

Em que período de tempo: no passado, presente, futuro? — Disse-me que nos três períodos: “Sim, sem distinção”. Essa visão é esquemática, simplesmente informação sobre a personalidade, ou concreta? Resposta: “Tanto em forma de informação como concretamente”. Tem a pessoa um “código” próprio através do qual se pode conhecer a linha da sua vida? — Não respondeu a esta pergunta».

Perto da aldeia de Prepechane, entre as cidades de Sandanski e Petrich, há uma localidade chamada Rupite. Essa localidade é conhecida pelas suas fontes termais. É rodeada pela montanha Kozhuh, ao sopé da qual se encontra o leito seco do rio Struma. Aqui, Vanga construiu uma pequena casa onde descansava e recebia visitantes. Anualmente, a 15 de outubro, vinham ter com ela centenas de convidados, a quem oferecia um banquete (nesse dia, pelo calendário eclesiástico, celebra-se o dia de Santa Paraskeva-Pyatnitsa). O motivo do banquete, segundo as palavras de Vanga, é o seguinte: «Neste dia, 15 de outubro, há milénios, houve aqui uma erupção vulcânica.

A lava ardente sepultou uma grande cidade e milhares de habitantes inocentes. Eram altos, fortes e vestiam-se com roupas finas e brilhantes, como folha de estanho. Eram muito iluminados. O rio que corria pela cidade era aurífero, e todos os recém-nascidos eram banhados nas suas águas. Os portões da cidade eram ornamentados com grandes animais alados dourados. Aqui, neste lugar, erguiam-se três grandes templos. A lava que engoliu a cidade emite agora vapores quentes para que nos possamos curar com eles. É o sopro das pessoas inocentemente perecidas. O meu pedido a todos é que, também no futuro, assinalem este dia para honrar a memória de todos os que pereceram em todos os tempos».

Sobre Rupite, Lyubka, irmã de Vanga, diz:

«Com esta localidade, ela não se separou durante várias das últimas décadas da sua vida, atraía-a muito, e eu não consigo compreender porquê. Mas ela sabia! Pessoalmente, este lugar deprime-me, como a muitos outros. Mas Vanga dizia que aqui ouvia vozes que lhe contavam muitas coisas. E exatamente onde está a sua casita, segundo as suas palavras, ficava o centro que ligava os santuários existentes aqui desde tempos remotíssimos».

O sobrinho de Vanga, Dimitar: «Li, e eu próprio suponho, que em Rupite, na profunda antiguidade, havia santuários. Os habitantes locais ainda encontram centenas de fragmentos de vários objetos de caráter ritual, que provam que aqui fervia uma rica vida espiritual. Ainda são visíveis os degraus de antigos templos trácios, encontram-se moedas trácias e romanas. Esses santuários podiam ter sido criados tanto na época dos trácios como numa era outra — mais antiga ou mais recente. Aqui vinham numerosos peregrinos de lugares distantes mergulhar nas fontes minerais sagradas para merecer a graça dos deuses e obter cura e saúde».

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova:

«Os velhos desta região ainda recordam os relatos dos avós sobre como se realizava a ablução curativa. Habitualmente, esse ritual era realizado após a Transfiguração. As pessoas cavavam na areia uma cova, da qual logo começava a jorrar água mineral, e ao amanhecer, obrigatoriamente a essa hora, tomavam um novo recipiente de cabaça e vertiam sobre si a água. Assim saudavam o sol. Para que a súplica por cura fosse ouvida pelos deuses, cada doente devia verter a água sobre si próprio e, durante o ritual, calar-se, não pronunciar uma palavra.

Segundo a crença, após isso, sobrevinha um resultado rápido e positivo. Mas nesta localidade há também outra crença... Os velhos dizem que nestes lugares está enterrada uma estátua de ouro de um cavaleiro em tamanho natural. Pensam que é a estátua de São Constantino, que aqui foi escondida quando os turcos chegaram a esta terra. Mas podia ser também a estátua do deus trácio Heros, porque aqui encontram placas de mármore com a sua imagem.

Se é assim, os arqueólogos esclarecerão, mas... as primeiras visões da tia estavam ligadas a um cavaleiro com quem conversava junto ao poço; depois, apareceu de novo o cavaleiro e informou-a de que começaria a guerra, e ela tornar-se-ia clarividente e prediria sobre “vivos e mortos”. Instalou-se na localidade onde a lenda volta a falar de uma estátua escondida algures debaixo da terra para a proteger da profanação pelos invasores. O enigma do Cavaleiro de Madara ainda não foi desvendado. Os especialistas avançam muitas hipóteses: alguns pensam que é a imagem do khan Tervel ou de algum outro soberano nosso, mas eu penso — não será esse o cavaleiro que Vanga sempre via quando estavam iminentes alguns eventos fatais?..

...Dizia que daqui retirava energia e força para as suas predições, e que a crista que sobressai sobre o leito seco do Struma “esconde um grande segredo”. Lá, segundo as suas palavras, está a chave para o desvendamento do nosso longínquo passado. Que energias e força são essas que atraíam aqui as pessoas no passado e depois alimentavam o dom profético de Vanga, não sei. Mas se os cientistas e arqueólogos realizarem investigações nesta região, talvez descubram algo que saia do âmbito da arqueologia e da história.

Perguntámos a Vanga: “Por que te atrai este lugar?” Respondeu: “Está-me determinado quanto tempo ficar aqui. Este lugar é completamente especial. Serve-me de acumulador do qual retiro energia e força. Outrora, aqui ardeu um fogo terrível, e esta crista sobre nós esconde um grande segredo.

Este lugar é ao mesmo tempo uma “rota das aves”. Aqui reúnem-se grandes bandos de aves quando voam para o sul ou regressam de lá. Mas por que assim — não sei”».

Vanga dizia que sobre nós está um grande olho que vigia todas as ações das pessoas. «Ninguém dele pode esconder-se! — dizia ela. — Não penseis que podeis livremente fazer tudo o que vos vier à mente, ninguém pode isso, ninguém é livre».

Uma vez, Vanga falava com Krasimira Stoyanova sobre o arco-íris. À pergunta dela: “Como pode o arco-íris estar tanto tempo no céu?.. Que significa essa beleza reunida num só lugar?”, Vanga respondeu: “O arco-íris apareceu pela primeira vez quando a chuva parou, após ter chovido quarenta dias e destruído todo o género humano e toda a criatura terrestre (na essência, é a lenda bíblica). Restou apenas a arca de Noé”. “Mas isso é uma lenda. E tu própria, como vês isso?” Vanga: “Ai, não te posso dizer tudo o que penso, mas quando à noite, perto da meia-noite, passo pelo andar de baixo da minha casa, passo sempre pela arca de Noé, que lá está, intocada, há tantos anos”. O que isso significava, não explicou, e até aos últimos dias continuou a guardar ciosamente esse segredo.

As disputas entre defensores e opositores da hipótese da possibilidade de “viagens no tempo” não cessam até hoje. E, no entanto, Vanga, durante muitos anos, visitava mentalmente civilizações terrestres e extraterrestres, penetrando no seu longínquo passado e prevendo um futuro igualmente distante... A um historiador búlgaro, Vanga contou pormenorizadamente os principais eventos do século XII, as guerras que então varreram a terra búlgara e as pessoas que se manifestaram de formas diferentes. O historiador já tinha certos conhecimentos sobre essa época distante, era considerado um dos melhores especialistas nela. Mas sobre uma série de factos ouviu pela primeira vez e, o mais interessante, não duvidou deles.

Noutra ocasião, ao chegar em 1975 ao local de escavações arqueológicas perto da aldeia de Samuilovo, Vanga “viu” lá os guerreiros cegados do czar Samuel. A história do reinado deste soberano merece atenção. O czar Samuel, de 997 a 1014, foi soberano do Reino Búlgaro Ocidental. Celebrizou-se como reunificador das terras búlgaras, usando qualquer oportunidade para fortalecer esse reino e expandir o seu território. Travou uma guerra obstinada e sangrenta com o imperador bizantino Basílio II pela preservação da independência nacional. Em 1014, Basílio II derrotou as tropas búlgaras na montanha Belasitsa (a norte de Salónica). 14 mil prisioneiros foram cegados e, com guias caolhos (um por cada cem), enviados para a pátria.

O destino de Samuel após essa derrota é também muito triste: ao ver os guerreiros búlgaros cegados, morreu de ataque cardíaco.

Pois bem, exatamente esses guerreiros cegados passaram em fileiras perante o olhar interior de Vanga. Perguntou aos acompanhantes quem os cegara. Ao receber uma resposta bastante vaga, Vanga interessou-se por que

gente eram os bizantinos. E contou ao historiador búlgaro que, quando estava na igreja da cidade de Melnik, ouvira vozes: “Somos bizantinos”.

Via pessoas vestidas de brocado e restos de termas romanas debaixo da terra. Documentos históricos confirmaram que, realmente, vários nobres bizantinos foram no passado exilados de Bizâncio para Melnik.

Durante muitos anos, Vanga veio bastante frequentemente a esta cidade. É conhecida desde o século XI, e nos séculos XII-XIV, Melnik foi uma importante fortaleza. Vanga considerava que aqui o seu dom se revelava especialmente pleno, que exatamente neste “lugar de execução” contaria às pessoas o glorioso passado da terra búlgara:

«...Aqui, cada ervinha, cada pedrinha, cada palmo de terra é santuário. A este lugar venho com prazer e aqui descanso melhor. Aqui carrego-me de força, energia e inspiração. Sento-me numa pedra qualquer, e apetece-me ficar em silêncio. Ninguém me perturba. Tudo ao redor fala comigo:

as pedras, as ruínas e os precipícios... A cidade conta-me a sua história, começando desde tempos antigos: vejo pessoas mortas há muito, templos e casas destruídos que existiam aqui há milhares de anos...»

Este desejo de visitar diariamente Melnik e lá receber numerosos visitantes surgiu em Vanga ainda no início dos anos 1970. Uma vez, Vanga violou a proibição tácita: não influenciar o curso da história e não contar sobre eventos que precederam a nossa humanidade. Não só respondeu a uma pergunta sobre civilizações antigas, mas também ajudou a sua sobrinha Krasimira Stoyanova e os amigos dela a entrar num contacto peculiar com os seus representantes. E eles, intervindo, não permitiram que ocorressem mudanças globais.

Em 1980, à irmã de Vanga, Lyubka, veio um homem com o pedido de interceder junto da clarividente para que esta o recebesse. Tinha nas mãos uma folha de papel com dez linhas de sinais escritos, ou melhor, muito desajeitadamente copiados, semelhantes a hieróglifos. No topo da folha, havia alguns rabiscos, como desenhados por mão de criança. O homem disse que era um mapa antigo, no qual, na sua opinião, estava indicado o lugar onde estava enterrado um rico tesouro.

Explicou a Lyubka que já mostrara esse mapa a cientistas em Sófia, mas ninguém conseguira decifrá-lo. Disseram-lhe que se tratava claramente de uma mistificação — simplesmente alinhados sinais absurdos, que não se pareciam com sinais escritos, nem modernos nem antigos. Então, o homem decidiu que só Vanga conseguiria decifrar o mapa e indicar o lugar onde jaziam os tesouros.

Como Lyubka sabia que Vanga não gostava de receber caçadores de tesouros, decidiu dissuadi-lo do encontro. Mas, para não o ofender, disse que a

filha dela, Krasimira, estudara hieróglifos e, possivelmente, conseguiria decifrar os misteriosos escritos. Krasimira realmente conhecia um pouco o árabe e o antigo turco hieroglífico, mas os seus conhecimentos eram muito escassos. Além disso, embora muitos sinais realmente se parecessem com hieróglifos árabes, havia entre eles sinais completamente incompreensíveis para ela, que mais lembravam pequenas figuras geométricas do que hieróglifos. Krasimira compreendeu que não poderia ajudar em nada, mas pediu ao homem permissão para copiar o texto e mostrá-lo em Sófia a especialistas e tradutores. O homem concordou, Krasimira copiou o texto, e combinaram que, passado algum tempo, ele viria saber os resultados.

Passado algum tempo, Vanga chamou a sobrinha e disse que ouvira a conversa com o homem caçador de tesouros. Krasimira contou-lhe sobre o mapa e os hieróglifos e concluiu de forma bastante categórica que era alguma tolice de que não valia a pena falar. Vanga ouviu o relato dela, ficou um pouco em silêncio, pensativa, e de repente disse com segurança e em voz alta:

— Não, não é tolice! Aqui trata-se de uma grande causa, que por enquanto não está ao alcance nem desse homem, nem de ti, nem de ninguém mais. Este texto e este mapa foram copiados muitas vezes ao longo de muito tempo. Por muitas gerações. Mas ninguém consegue decifrá-lo. E não se trata de um tesouro escondido, mas de uma escrita que até agora é desconhecida de ninguém no mundo. Hieróglifos iguais estão gravados no lado interior de um cofre de pedra que já há milénios se esconde profundamente debaixo da terra. Mesmo que encontrem esse sarcófago — de qualquer modo não conseguirão ler os escritos. E eles são MUITO IMPORTANTES! Porque lá está registada a história do mundo, como ele FOI há milhares de anos e como ele SERÁ daqui a milhares de anos, num futuro longínquo. Este sarcófago foi escondido na terra búlgara por pessoas vindas do Egito.

Foi assim: ia uma caravana de camelos. Havia entre essas pessoas escravos, guerreiros e altos chefes. Na terra búlgara, que na altura ainda não era búlgara, pararam para um longo descanso: evidentemente, procuravam e exatamente aqui encontraram o lugar necessário. Uma noite, em completa escuridão e silêncio, os escravos cavaram uma profunda cova, nela foi descido o misterioso cofre, e a cova foi coberta com uma enorme quantidade de terra. Todos os que realizaram o trabalho foram mortos no local...

A sua cópia desse documento enigmático, Krasimira mostrou-a a cientistas e tradutores, e estes concluíram que o texto não podia ser lido e, provavelmente, representava alguma incoerência.

Mas, passado algum tempo, quando Krasimira voltou a Petrich, Vanga falou de novo sobre o mapa e o «tesouro» escondido. Sentia-se que a Vanga era interessante falar sobre esse tema. Perguntou se Krasimira mostrara a cópia a especialistas, e esta confessou-lhe que sofrera um completo fracasso,

mas propôs procurarem elas próprias o sarcófago. Vanga não respondeu imediatamente a essa proposta, mas, passado algum tempo, quando voltaram a ficar a sós, regressou à conversa anterior. Concentrando-se, muito lentamente e distintamente, como se lesse num livro, começou a descrever pormenorizadamente uma certa localidade nas montanhas. Em Krasimira criou-se a impressão de que Vanga, nesse momento, como que estava lá ela própria, desenhava os mais ínfimos detalhes do que via: da sua atenção não escapava nem a vegetação, nem as pedrinhas, nem os trilhos quase imperceptíveis. No fim, mencionou uma certa grande rocha e disse que era preciso ir a esse lugar a 5 de maio. Krasimira perguntou por que exatamente nesse dia? «Devido à posição dos corpos celestes», respondeu-lhe Vanga. E acrescentou: «O mais importante pode ser visto à luz da lua, e também ao nascer do sol».

Com isso, as conversas de Vanga com a sobrinha terminaram. Krasimira, com amigos entusiastas, partiram de manhã a 4 de maio. Já ao meio-dia desse mesmo dia, chegaram ao lugar descrito por Vanga. Mais perto do entardecer, o céu escureceu de repente e caiu um aguaceiro. A tenda não protegia, e todos se molharam. Quando a chuva parou, os viajantes acenderam uma fogueira para se aquecerem e secarem. A noite passou junto ao fogo, e de manhã o céu aclarou. E os cinco esperaram impacientemente os primeiros raios de sol.

De algum modo, aconteceu que todos se colocaram no lugar «certo» para a observação. Provavelmente, influíra a «descoberta» feita na véspera: na superfície da rocha, ao nível dos rostos, havia três depressões do tamanho de um pires e da mesma forma («círculos solares», como eram chamados na antiguidade); formavam um triângulo isósceles, cujo vértice apontava para a terra.

Durante meia hora, nada aconteceu. E de repente, um raio de sol brincou no topo da rocha, desceu aos círculos solares e começou a mover-se por eles da esquerda para a direita, descrevendo um triângulo luminoso. Krasimira e os amigos observaram esse jogo de luz durante 20 minutos, e depois o sol iluminou quase toda a rocha. Não se compreendia o que era: simplesmente um jogo de luz ou algum fenómeno interessante, mas o próprio facto de Vanga ter aconselhado observar os primeiros raios de sol exatamente nesse dia — 5 de maio — deu a toda a companhia uma estranha confiança (se ela o disse — significa que algo obrigatoriamente acontecerá!)

Agora, era preciso esperar o aparecimento da lua. Contudo, à noite repetiu-se a história do dia anterior. Três horas antes do pôr do sol, caiu de novo chuva, todos se molharam de novo e secaram-se de novo junto à fogueira. Mas por volta da meia-noite, as nuvens dissiparam-se e apareceu a lua. O raio lunar tocou o topo da rocha e depois, movendo-se da esquerda para a direita, tocando múltiplas vezes os círculos solares, durante cerca de 15 minutos descreveu o já conhecido triângulo, com a ponta aguda dirigida para

baixo. Depois, o raio desapareceu. Todos ficaram imóveis na escuridão a dois ou três metros da rocha escura, e ninguém ousou proferir uma palavra, mas, provavelmente, cada um pensava o mesmo: seria casual esse jogo de luz na rocha ou nesse fenómeno havia alguma regularidade?

Mas o mais incrível estava por vir. Alguns minutos depois, o lado sul, liso, da rocha, diante do qual estavam, como que se iluminou por dentro, como um ecrã de televisão, destacando-se na escuridão da montanha com a sua cor cinzento-claro. E num instante, nessa luz branca, apareceram... duas figuras. Eram enormes e ocupavam quase todo o espaço iluminado — a parede lisa tinha não menos de 5 metros de altura e 3-4 metros de largura. As figuras viam-se tão distintamente que parecia que, a qualquer momento, podiam destacar-se da parede e dirigir-se aos espectadores estupefactos com a visão. Essa visão abalou tanto Krasimira e os amigos que todos literalmente petrificaram de medo.

À esquerda no «ecrã», em primeiro plano, em tamanho natural, estava um homem idoso, mais um ancião, com um longo traje até ao chão e cabelos longos até aos ombros. A mão esquerda descia ao longo do corpo, e na direita, estendida para a frente, segurava um objeto redondo, semelhante a uma bola, mas claro que não era uma bola.

Atrás dele, mais alto e à direita, encontrava-se a segunda figura: um jovem muito parecido com um faraó: estava sentado em algo como um trono, as pernas juntas, as mãos nos braços do assento. Na cabeça — uma alta coroa (ou talvez um elmo), da qual, de ambos os lados acima das orelhas, sobressaíam protuberâncias semelhantes a antenas.

As figuras foram visíveis na rocha durante tempo suficiente para que Krasimira e os amigos as examinassem bem e memorizassem. Depois, a luz apagou-se, a rocha voltou a ficar escura, e tudo ao redor se envolveu em trevas... Quando todos recuperaram e iluminaram os relógios com lanternas, verificaram que a imagem invulgar se mantivera durante 20 minutos.

É notável que, após isso, os cinco, sem combinarem, em contados minutos recolheram na escuridão as coisas e, iluminando o caminho com lanternas, tropeçando em raízes e pedras, em silêncio e com uma velocidade incompreensível, correram para casa. O visto coincidiu nas impressões de todos...

Krasimira escreve que, mais tarde, ela e os amigos foram ainda várias vezes a esse lugar, de manhã e à noite, mas não viram mais nada. É muito provável que exatamente 5 de maio de 1980 tenha sido aquele único dia numa longa série de outros dias em que podia realizar-se nesse lugar uma fina afinação ao Sol e à Lua, calculada, aparentemente, para milénios à frente. Já só isso fala do nível incrível da mais antiga civilização.

Vanga ouviu com interesse o relato do que Krasimira e os amigos viram, mas não quis comentar de algum modo esse evento...

O segredo, sepultado a enorme profundidade e selado com torrentes de sangue inocente, espera o tempo em que será aberto e mostrado à luz branca para o conhecimento das pessoas.

No contacto com as Forças Superiores, Vanga não só as VIA, mas também OUVIA as suas vozes. Compreendia tudo o que elas diziam e respondia mentalmente, mas, claro, não podia explicar COMO isso acontecia. Contudo, a comunicação decorria de forma fácil e natural, sem quaisquer esforços da parte dela. Vanga dizia que ela própria não aspirava muito a esse tipo de comunicação, mas não podia evitá-la.

Falando em linguagem moderna, Vanga recebia tanto informação imagética (visual) como vocal (verbal). A própria Vanga descrevia assim a K. Stoyanova o seu estado:

«...À noite, só o meu corpo descansa, os pensamentos voam por todo o lado. Vejo tantas coisas. No silêncio da noite, vejo e ouço especialmente bem como tocam os sinos celestes, marcando cada hora. Tudo o que é vivo obedece a esse ritmo...

...À noite, vós dormis, e eu folheio as páginas da vida humana e vivo as tragédias de todas as pessoas...»

OUVIR CLARAMENTE E SENTIR CLARAMENTE ajudavam a cega Vanga também as flores, para as quais tinha uma relação especial.

Se vinha ter com ela um visitante que recentemente perdera uma pessoa próxima, do contacto com essa morte recente sentia-se mal. Havia casos em que até perdia os sentidos. Compreendendo imediatamente quem e porquê vinha ter com ela, habitualmente perguntava: «Por que vieram sem flores? Essa informação sobre o defunto que inconscientemente evocais com a vossa presença passa para as flores, e elas salvam-me do mal-estar pesado». A própria Vanga explicava a sua reação pelo facto de as flores «registarem» não simplesmente a informação, mas a sua ESSÊNCIA.

Vanga considerava que as flores são seres vivos, tão inteligentes como as pessoas... Conversava com prazer com elas. Eis, por exemplo, ela «conversa» com um gerânio. A planta diz (Vanga não põe entre aspas a palavra «diz») que é o melhor remédio para perturbações nervosas. Vanga não se surpreende com isso: ela própria já sabe há muito.

Com grande cuidado, como com crianças, cuidava das flores junto à sua casita em Rupite. Parava obrigatoriamente diante de cada flor, acariciava-a, regava-a, sussurrava-lhe algo...

Vanga dizia que as flores lhe contavam muitas coisas interessantes.

A propósito, Vanga não gostava de bouquets. Considerava que as flores cortadas perdem a sua INDIVIDUALIDADE. E as flores vivas — no prado, no jardim, no canteiro, no vaso — são VIVAS. («É como se cortassem as mãozinhas às crianças... A flor deve estar viva».)

E mais uma confirmação.

Sobre flores, Vanga conversou longamente com o escritor Leonid Leonov, quando ele veio à Bulgária em 1980. Disse, em particular, que invejava o enorme jardim dele, cheio de flores maravilhosas. Depois, sorrindo enigmaticamente, notou: «Sei que também tu compreendes a linguagem das flores, é verdadeira e bela». E depois censurou-o por ter oferecido o grande filodendro, que antes estava em casa dele, à União dos Escritores, e aconselhou-o a encontrar obrigatoriamente outro, pois essa flor estimula a inspiração.

Sobre flores e ervas medicinais, Vanga conversou também com Svyatoslav Roerich. Eis o que anotou sobre esse encontro K. Stoyanova:

«...Ele estava sentado em silêncio defronte de Vanga, e a tia falava com voz igual e calma, a sua voz habitual, sem entoações e como que mesmo sem emoções. Via o gabinete de trabalho de Roerich, via uma grande vaso de cerâmica com terra cuidadosamente cultivada, e nela uma flor — um lírio branco, verdadeiramente alabastrino, como símbolo de beleza celestialmente pura. Vanga disse: “É o maior ornamento espiritual da tua casa. O belo lírio brilha para mim com a prata das neves eternas celestiais do Tibete e dos Himalaias. Dali, do Tibete, começou a história da humanidade, lá é preciso procurar as suas raízes, lá — a explicação de muitos enigmas surpreendentes da vida terrestre do homem e das pessoas...”

À pergunta de Svyatoslav Roerich sobre o significado das ervas na medicina, Vanga respondeu que com duas palavras não se despachava, que era um tema grande à parte. E depois disse ao seu interlocutor o seguinte: “As ervas de cada país são curativas só para as pessoas que vivem nesse país. Cada um deve tratar-se só com as suas ervas”. E, após isso, ficando um pouco em silêncio, pronunciou palavras estranhas: “...Tudo o que as pessoas deixarem na terra crescerá com erva do esquecimento. As ervas começaram o mundo e com ervas o mundo terminará...”»

Vanga não raro dizia que o homem vive neste mundo como cego e NÃO VÊ aquilo que o rodeia. Para ela não existia «natureza não viva»: tudo o que nos rodeia representava para ela um todo único, que vive e se desenvolve segundo leis e regras ainda não compreendidas por nós.

Vanga comungava todos os sofrimentos e males humanos — tão elevada era a sua essência moral.

De vez em quando ela «passava» para aquele estado excepcional de consciência que se chama transe. Sobre o fundo de uma acuidade perceptiva elevada e de uma auto-observação concentrada, ela ouvia «vozes» e via imagens e cenas. Em tais estados pode manifestar-se o fenómeno da fala automática, e por vezes até a glossolalia.

Mas nem todas as previsões e conselhos de Vanga estavam ligados ao estado de transe. Em muitos casos, o seu comportamento revelava uma observação subtil e omnipenetrante, a sua sensibilidade extraordinária a centenas de sinais verbais e não verbais insignificantes, que emanam da pessoa independentemente da sua consciência. Vanga possuía uma sensibilidade tão elevada que era capaz de escanear esses sinais como um radar.

Recorda a irmã de Vanga, Lubka: «...Há alguns anos, com um grupo de mulheres, entre as quais estava a minha sogra, Vanga foi ao Mosteiro de Rila. Assim que terminou o serviço religioso, que era a festa de S. João, Vanga começou a ficar muito agitada e a implorar às mulheres e aos peregrinos ali presentes que saíssem imediatamente do mosteiro. Ela dizia que em breve ali aconteceria algo terrível. As mulheres não a compreenderam. Pensavam que o perigo seria à saída da igreja, porque lá dentro havia muita gente, e tentavam convencer Vanga a ficar mais um pouco, pois o autocarro partia às 17 horas. Até lá podiam ainda passear e ver alguma coisa. Vanga insistiu de novo, mas as mulheres não a ouviram, e ela partiu de carro com conhecidos.

De repente, por volta das 14 horas, surgiu uma enorme nuvem, e começou uma chuva torrencial, de tal modo que em pouco tempo o rio de Rila transbordou e inundou todas as estradas. Ninguém mais pôde sair do pátio do mosteiro. A aldeia próxima ficou toda alagada, e as casas foram arrastadas. Até a bagagem dos visitantes foi levada pela fúria das águas do rio. A minha sogra e as mulheres que estavam com ela, assustadas com as pessoas arrastadas pela água, mal tiveram tempo de subir para uns troncos empilhados pelos bombeiros. A minha sogra regressou com um vestido só, encharcada até aos ossos e muito amedrontada. Depois adoeceu...»

Neste caso, Vanga «pressentiu» precisamente a catástrofe, pois não podia prever exatamente o que aconteceria.

A Vanga sentia-se mal não só quando alguém vinha ter com ela em sofrimento pelo falecimento de entes queridos. Sentia-se mal quando vinham pessoas com intenções e objetivos egoístas, ou com o coração impuro. Acontecia até que a vidente expulsava tais pessoas. Mas nem sempre. E nos casos em que o encontro com uma pessoa «má» acontecia mesmo assim, os resultados para esta eram bastante lamentáveis.

A vida humana passava diante dos olhos de Vanga até ao fim final — a morte. Essa informação chegava por si só, independentemente da sua

vontade. Lyubka conta: «Lembro-me de uma pessoa. Veio acompanhado de duas mulheres de Sófia. Era um homem robusto, endireitado, que se sentia muito bem. Não conseguia determinar a sua idade e, embora fosse indelicado, perguntei-lhe quantos anos tinha. O homem riu-se e pediu-me que adivinhasse, e depois disse que fora oficial ainda na Primeira Guerra Mundial. Fiquei admirada e disse-lhe que nessa idade era impossível parecer tão bem. Ele respondeu-me que era possível, porque toda a vida cuidara apenas de si próprio, não assumira quaisquer obrigações, nem tencionava assumir no futuro. Vanga ouvia tudo isso em silêncio, e depois bateu com o pé e disse: «Bem, basta-te!» Não compreendemos o que queria dizer aquela réplica. O homem partiu, e três dias depois soubemos que morrera. Era isso que significava o «basta» de Vanga».

O mais surpreendente na vidência de Vanga era o contacto em que ela entrava com pessoas falecidas (parentes, amigos próximos ou conhecidos dos visitantes). Vanga dizia: «Quando uma pessoa morre, o seu corpo apodrece. Mas a alma e uma parte do corpo, nem sei como chamá-la, não apodrece. Vocês falam de reencarnação. O que é isso, não sei. Mas aquilo que não apodrece, que resta da pessoa, na minha opinião desenvolve-se para atingir um estado superior, só que nós não sabemos o que é. Acontece aproximadamente o seguinte: primeiro morres inculto, depois morres aluno, depois pessoa com ensino superior, por fim tornas-te sábio ou ocupas um alto cargo etc. Isso é o superior. Isso é a alma...» Ela dizia que os mortos vinham ter com ela por iniciativa própria, que ela para eles era «as portas para este mundo».

Vanga dizia que, assim que uma pessoa aparecia diante dela, os seus entes queridos falecidos se colocavam à volta dela, faziam perguntas ou contavam coisas, e ela transmitia aos vivos o que ouvia deles. A Krasimira Stoyanova, Vanga contou: «Uma vez veio ter comigo uma mulher jovem, e eu logo lhe perguntei: «Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma cicatriz na coxa esquerda?» — e ela confirmou. Perguntaram-me como eu vira isso. Muito simples! A morta colocou-se diante de mim. Jovem, alegre, mulher sorridente de olhos azuis com uma fazenda branca na cabeça. Vestia um vestido colorido. A mulher levantou a saia e disse-me: «Pergunta se ela se lembra de que eu tenho uma cicatriz de uma queda?»

A mãe falecida continuou: «Diz à Magdalena (outra filha dela) que não vá ao cemitério, porque tem o joelho doente». (A visitante confirmou que a irmã tinha uma prótese no joelho e mal conseguia andar.) «Diz à minha filha que, na altura em que os turcos quiseram incendiar a nossa aldeia Galičnik (na Jugoslávia), o meu pai lhe deu muito dinheiro para salvar a aldeia. Depois decidimos construir uma igreja e cortámos todas as amoreiras da aldeia. À noite, em segredo, transportámo-las para o local destinado à construção. Construímos a igreja. Diante dela fizemos uma česma (construção de pedra

com torneira, para onde chega água de uma fonte) com três torneiras». A filha admirada disse que não conhecia esses pormenores, mas que em Galičnik realmente não há amoreiras, e diante da igreja há uma česma *(chafariz)* com três torneiras.

Depois Vanga transmitiu as seguintes palavras da mãe: «Há alguns anos o meu filho caiu, bateu com a cabeça e agora está muito doente». «Sim — confirmou a filha. — O meu irmão tem um tumor canceroso na cabeça. Foi operado...»

Uma vez veio ter com Vanga uma mulher jovem de Sófia. Vanga virou-se logo para ela com a pergunta: «Onde está o teu amigo?». A mulher respondeu que ele morrera, afogara-se havia alguns anos. Vanga descreveu-o, disse que via o morto como se estivesse vivo e falava com ele. «Ei-lo diante de mim, alto, moreno, com um sinal na face, e tem um pequeno defeito de fala». A mulher confirmou tudo. Vanga: «E ele diz-me: ninguém tem culpa da minha morte. Eu próprio caí na água. Fiquei terrivelmente assustado, porque não sei nadar. Tive uma fratura na zona lombar. E o meu coração rebentou. Ele pergunta onde estão o relógio e as outras coisas dele. Pergunta pelos parentes e amigos, cita os nomes, aconselha a namorada a casar-se passado algum tempo e tem a certeza de que a escolha dela será feliz».

Uma vez, durante uma inundação, uns pais perderam o filho único. Pensaram que a criança se afogara. Vieram ter com Vanga para lhe perguntar se era assim. Vanga respondeu-lhes o seguinte: «Não chorem, porque era exatamente isso que lhe estava predestinado viver. A vossa criança realmente já não está entre os vivos. Mas procuram o cadáver no sítio errado. Ele está mais abaixo na corrente, depois de uma grande curva do rio. Ali há árvores grandes, e o corpo ficou preso nas raízes delas. De um lado vê-se a sua mãozinha. Se eu agora fosse lá, encontrava logo a criança. Vejo-o como se estivesse vivo. Ele diz-me: “Vai, eu levo-te exatamente ao lugar”». Passado algum tempo, o cadáver da criança foi encontrado precisamente no local que ela indicara.

E casos semelhantes — milhares...

Ao longo de mais de cinquenta anos acumulou-se uma grande quantidade de exemplos das mais diversas previsões de Vanga às pessoas que a procuravam.

Muitos deles estão oficialmente protocolados ou são citados por pessoas bastante conhecidas, cujo testemunho se pode e deve acreditar. São personalidades reais, líderes políticos e chefes de certos estados, pessoas da ciência e da arte, pessoas muito simples e muitos, muitos outros...

Seis meses antes da morte de Estaline, ela teve a imprudência de a prever, pelo que foi presa e metida na cadeia.

Vanga sobre Gorbachev: «...Ele faz muito pela igreja. E lembrem-se das minhas palavras: ele ainda se elevará mais... Criticam Gorbachev em vão. Ainda hão de lembrar-se de como era bom com ele...»

Uma vez, na Bulgária, correram rumores de que representantes da equipa eleitoral de Boris Iéltsin tinham ido ter com Vanga. Supostamente Vanga garantira aos visitantes a vitória cem por cento de Iéltsin nas eleições. Boyka Tsvetkova afirma que ninguém da equipa de Iéltsin veio em «visita de trabalho», mas que Vanga, mesmo sem eles, dizia abertamente que Iéltsin, tal como Clinton, ganharia as eleições.

Em 1979, veio ter com Vanga o conhecido ator soviético Vyacheslav Tikhonov. Vanga disse à irmã: «Deixa-o esperar um pouco lá fora, tenho de receber um sinal para o receber». No momento em que Tikhonov atravessava o limiar, Vanga gritou-lhe: «Porque não cumpriste o pedido do teu melhor amigo? Falo de Yuri Gagarin. Quando ele partia para o seu último voo de teste, veio despedir-se de ti e disse: “Não tenho tempo, por isso peço-te muito — compra um despertador, como se fosse eu a comprá-lo, e põe-no na tua secretária. Que esse relógio te lembre de mim”». O ator ficou tão espantado que se sentiu mal. Deram-lhe valeriana. Ele disse que tudo fora exatamente assim, mas na confusão ligada à morte de Gagarin esquecera-se de comprar o despertador.

(Vanga acrescentou então: «Gagarin não morreu, foi levado!» Como, porquê, para onde exatamente — não disse.)

Ao escritor Yulian Semyonov, que acompanhava Tikhonov, ela disse: «Tens de escrever a continuação, para criar novas séries do filme (refere-se aos famosos “Dezassete Momentos da Primavera”). Mas ainda não estás “preparado” para isso. Tens de ir a Espanha e encontrar um certo Vladimir. Ele contar-te-á muitas coisas e ajudar-te-á a descrever momentos interessantes».

Esteve com Vanga também o escritor Leonov. Ela disse-lhe que as suas manuscritos iriam arder. Ele talvez não acreditasse muito, mas mesmo assim transportou-os da dacha para o apartamento na cidade... onde arderam.

Uma vez Leonov, que tinha grande respeito por Vanga, censurou-a por não o ter avisado da morte da esposa. «Ora essa — respondeu a velhinha —, eu até te enviei uma lembrança — uma chávena de café. Só uma!»

E aqui está o relato do jornalista moscovita S. Kostorny: «A nossa equipa de televisão chegou à Bulgária exatamente para o casamento da afilhada de Vanga — Liliya com o belo rapaz Ivan. Depois da parte “oficial” e do banquete, os noivos apressaram-se a ir ter com Vanga. A nossa carrinha juntou-se ao cortejo. Passaram sob as rodas mais de 170 quilómetros, e a fita de asfalto, depois de Petrich, deslizou para o vale de Rupite. Aqui, numa casa camponesa mergulhada no verde do jardim, vive da primavera ao fim do outono a famosa

no mundo inteiro “vidente”. Este lugar não é propriamente único (há no mundo recantos mais maravilhosos), é invulgar. Num círculo de montes, cujo principal se chama Kozhukh, uma clareira perfeitamente plana, redonda, protegida dos ventos e como que do olhar alheio. Aqui e ali brotam fontes minerais quentes. Por alguma razão pensei então que este vale não é de todo uma criação da natureza, mas uma enorme plataforma de aterragem arranjada por mãos hábeis para naves interplanetárias.

Há muitos anos, quando Vanga decidiu instalar-se em Rupite, os parentes dissuadiam-na: «O que te atrai neste “canto de urso”, quando à volta há tantos lugares mais cómodos para viver?» Ela mantinha-se firme: «Este vale atrai energia. Fui deixada exatamente aqui. Virão aqui os confusos e os que perderam a esperança. Há muitos séculos Rupite era uma cidade bela e rica. Viviam nela pessoas boas, alegres. Mas um vulcão explodiu e cobriu tudo com lava incandescente. Eu ouço sinais de vida, eles dão-me força...»

Numa pequena sala, de três por quatro metros, estava sentada num sofá coberto por uma manta vermelha viva, uma idosa modestamente vestida. De cabelos grisalhos. No rosto e nas mãos — as típicas manchas castanhas de idade tão avançada. Os olhos fechados, mas sente-se que me estuda um olhar atento, calmo. Tão atento que me senti mal à vontade. Contaram-me como Vanga expulsa convidados logo da porta. E que convidados! Bem, pensei, agora vai dizer: «Vai-te embora, meu caro, daqui enquanto é tempo!»

Sentámo-nos à mesa: os noivos, ao lado a mãe da noiva — conhecida parapsicóloga búlgara e pessoa próxima de Vanga, Boyka Tsvetkova. A vidente cala-se. Calamo-nos também nós. A pausa prolongou-se. Olho interrogativamente para Boyka com a cabeça: «O que se passa?» «Silêncio — sussurra ela —, Vanga está a informar-se sobre ti lá em cima», — e apontou com o dedo para o céu. Finalmente Vanga suspirou ruidosamente e, virando-se para mim, disse com voz rouca: «Amanhã os jovens vão casar-se na minha igreja, eu serei a madrinha, e o padrinho tens de ser tu!»

...Os convidados mexeram-se, começaram a falar, a pôr os presentes na mesa. Vanga, embora totalmente desprovida de avareza, é quase infantilmente curiosa. Apalpa cada objeto, sorrindo, elogia. Apareceu na mesa também o trato: um grande pão branco, rebuçados, uma garrafa de uísque de doze anos. Vanga, sendo grande asceta na comida e na bebida, não recusa tomar uma vez por dia 30—50 gramas de bom álcool. Isso, diz ela, é necessário para «desinfetar o organismo».

Brindámos com pequenos copos de cobre. Começou uma conversa caseira sem pressa. Conversa de pessoas próximas. Eu sentia-me bem entre eles, como se não tivesse acabado de viver o choque de que a mulher reconhecida por uma comissão especial de Bruxelas como fenómeno do Mundo me escolhera a mim como padrinho. Bem, raciocinei então, ela é

vidente — ela é que sabe melhor. No segundo dia houve o casamento religioso. Casamento religioso na igreja construída com meios que Vanga juntara migalha a migalha durante quase cinquenta anos. O templo de Santa Petka — realização real do seu antigo sonho».

Em geral, durante as conversas com a minha comadre, diz Krasimira, é preciso manter o ouvido atento. Não é verdade que ela seja muito severa e autoritária, como disse recentemente na emissão «Hora de Pico» a atriz Alla Demidova. Também não é verdade que Vanga seja uma ingênua simplória (assim «carinhosamente» a chamou numa publicação uma das jornalistas). Ela possui um bom sentido de humor, reconhece perfeitamente a falsidade. Uma vez a vidente conversava com o psicoterapeuta Anatoly Kashpirovsky. Este decidiu lisonjeá-la e, ao mesmo tempo, mostrar que também não era nenhum qualquer. Tendo em vista a sua capacidade de sentir energia à distância, disse: — Vanga, que quente que tu és! — Donde sabes, dormiste comigo? — perguntou ela a rir.

Perdoe-me o leitor por o relato sobre Vanga ter saído de alguns fragmentos. Queria contar muitas coisas, mas são estreitas as margens do livro.

As suas recordações sobre Vanga partilha a curandeira russa Lyudmila Kim. Cinco anos de desespero e sem esperança viveu ela, tentando vencer a grave doença do filho único. Onde só não estiveram ela e Alik, quem só não o examinou! Conheceu todos os conhecidos curandeiros do Báltico e da Ucrânia, da Moldávia e da região de Moscovo. Alguns apenas se compadeciam. Outros recusavam logo. Outros prometiam ponderadamente ajudar... Mas a tão esperada cura não chegava. Contudo a mãe infeliz não perdia a esperança...

Em 1983, caiu-lhe aos olhos uma notícia de jornal sobre Vanga. Ao saber desta extraordinária curandeira búlgara, escreveu logo a Vanga uma carta a pedir que a recebesse com o filho. Mas passaram quase dois longos anos até conseguirem encontrar-se.

E antes disso, à apartamento de Moscovo de L. Kim veio uma rapariga búlgara, Olga Garvanskaia. O pai de Olga comandava um destacamento partidário, libertara Sófia dos fascistas. O destino juntara o herói nacional da Bulgária com Vanga. Olga também esteve presente nisso, e entre centenas de visitantes a adivinha imediatamente a destacou. Vanga começou a ensinar Olga. Explicou-lhe muitas coisas e mostrou-lhe. E a rapariga capaz assimilava com sucesso os segredos da sua mentora.

L. Kim possuía ela própria capacidades curativas, aplicando com sucesso no tratamento segredos da medicina popular coreana, chinesa, tibetana e russa. Comunicara isso a Vanga na sua carta. E eis que o desejo da aluna de Vanga de conhecer Lyudmila a levou a Moscovo.

Com grande vontade, Lyudmila ensinava a sua aluna búlgara. Graças a novos conhecimentos, Lyudmila conseguiu ser recebida por Vanga.

«A primeira coisa que me impressionou na casa de Vanga — escreve Lyudmila Kim — foi a enorme multidão de gente. Logo me passou pela cabeça o pensamento: “Será possível algum dia furar esta multidão de infelizes à espera de cura?” Compreendendo o meu estado, Olga disse calmamente: “Tu não és só uma suplicante, mas também uma colega...” E, de facto, não esperamos muito tempo.

Quando chegou a minha vez, abri o portão e, logo depois de a tranca tilintar atrás de mim, ouvi a voz severa de Vanga:

— Agora vem aí uma coreana. Chama-se Lyudmila Kim. É química. Tem 44 anos. Trata as pessoas tal como a Djuna. Vamos ver quem das duas é mais forte?

E então assustei-me de novo, senti como a terra fugia debaixo dos pés, e em vez do caminho rural havia sob mim uma enorme balança invisível. Mas isso durou apenas um instante, fugaz e infinitamente longo.

Naquele primeiro encontro com Vanga, eu corria para ela apenas com uma pergunta: será possível curar Alik?

— Sim.

Pela primeira vez em centenas de noites, dormi calma e profundamente. Foi como se me tivessem banhado (segundo uma receita antiga) em orvalho matinal, e como se me tivessem dado à luz de novo. A minha segunda mãe tornou-se Vanga...

E, no entanto, tinha razão o Principezinho da pura fábula de Exupéry: «As palavras só atrapalham a compreensão mútua... Só o coração vê bem. O essencial é invisível aos olhos». A profundidade destas frases aparentemente simples só a pode compreender quem experimentou a dor de perdas verdadeiras e a alegria de novos achados, quem pelo menos uma vez viu Vanga. Essa felicidade foi-me dada mais do que uma vez.

— Sinto-me mal — disse Vanga no nosso primeiro encontro. — Tenta tratar-me...

Aproximei-me mais. Aqueci lentamente o corpo, depois concentrei-me nos órgãos enfraquecidos — a minha paciente ia no oitavo decénio, não é brincadeira! Passados alguns minutos, Vanga parou-me, repetindo várias vezes: «Dobré, dobré...». Depois chamou o sobrinho Ivan.

— Vê o que ele tem?

Os tumores não precisam de ser observados muito tempo. Este escondia-se no esófago, mas estava convenientemente acessível. Concentrando toda a

minha vontade, puxei mentalmente o tumor e como que o queimei num jato de energia — provavelmente assim se pode explicar com conceitos comuns o que fiz naquela tarde de julho com o parente de Vanga.

Na realidade, tudo isso, como compreendem, é mais complexo e subtil. A Vanga não era preciso explicar nada. Compreendendo o que acontecera, ela levantou-se da poltrona, abraçou-me e sentou-me no seu lugar — um banco camponês largo, rudemente feito.

— Agora és como da família para mim. Agora és minha irmã. Vem ter comigo quando quiseres. Em setembro, lembra-te, manda-me roupa do teu filho, unhas e cabelos, e ainda um frasco com água de Moscovo».

A própria Lyudmila não podia ir. Teve de cumprir a ordem de Vanga através de pessoas bondosas — durante todo um mês, de mãos bondosas em mãos bondosas, por uma estafeta invulgar de misericórdia, viajaram o frasco com tampa de polietileno, a camisola do filho, uma madeixa de cabelo dele e as unhas.

Passado um mês, chegou da Bulgária uma encomenda com a ordem de Vanga: enterrar as unhas e os cabelos. Depois regar a criança com a água, recolhê-la e também enterrá-la.

Passado um ano, Lyudmila já com o filho devia ir a Petrich.

«No prazo marcado, numa clara tarde de setembro, chegámos à Bulgária — recorda L. Kim. — Mal atravessámos o limiar da casa de Vanga, ouvi um suspiro amargo.

— Ai, que horror! Por que razão sofre tanto a criança? Mas não faz mal, não faz mal... Aproxima-te de mim.

Observei tensa como o filho, até então arisco e caprichoso, se aproximava obedientemente de Vanga e a abraçava. Vanga tocou no topo eriçado da cabeça e acariciou carinhosamente Alik.

Depois afastou-o suavemente: «Haidé!» Compreendi que a sessão terminara, e que agora Vanga era mais necessária a outras pessoas.

Esta encantadora rapariga de modo algum podia prever o que lhe reservava o mais comum dos exames médicos. Acabara de terminar o instituto, preparava-se para começar a trabalhar, e um dos médicos exigira uma vacina adicional. A agulha da seringa tocou num nervo — a rapariga ficou cega. As pernas recusaram-se a funcionar. Trouxeram-na para Vanga.

— Daqui a dois anos voltará a ver. Daqui a cinco anos — poderá andar.

Tive oportunidade de visitar esta rapariga quando recuperou a visão. Quanto a andar, aprendeu de novo, apoiando-se nas costas das cadeiras. Então os pais fizeram-lhe corrimões ao longo das paredes, e as coisas

correram bem. Com a futura jornalista — pois não duvido de que recupere — encontrei-me já várias vezes, e não era só curiosidade ociosa ou compaixão que me levava até ela. Vanga dera-lhe esperança, mas acrescentara: «A Lyuda ajudar-te-á». Ora experimentem desobedecer! Assim procedia Vanga na maioria das vezes: dizia o que a pessoa teria de viver na sua vida, e logo esclarecia quem lhe poderia ajudar ou pelo menos aliviar o destino. A própria Vanga só se encarregava de tratar nos casos mais complicados. Infelizmente, também não são poucos.

Sempre que ia à Bulgária e me encontrava com os meus colegas — e esta pequena país está generosamente dotado de curandeiros —, compreendia cada vez mais claramente quão profundas são as raízes da medicina popular e quão elevada é a responsabilidade dos curadores contemporâneos...

Trabalhar com Vanga é fácil. Ela notava infalivelmente mesmo o mais pequeno sucesso e não esquecia de repreender pelos erros, mas fazia-o de modo maternal, sem ofender. Normalmente Vanga conversava com os visitantes não mais de 5—10 minutos, mas podia ouvir uma pessoa durante uma hora, se compreendia que esta realmente precisava do seu conselho e participação.

...Alguns visitantes estavam tão exaustos pelas suas doenças que, ao entrar, paravam timidamente à porta, na minha opinião, sem acreditar totalmente na realidade do encontro com Vanga.

— O que têm?

— A criança, a criança — a mãe indicava com o olhar o rapazinho de quatro anos que mudava o peso de um pé para o outro. Ao contrário dos pais, ele estava completamente calmo e olhava à volta com curiosidade. — Os médicos não conseguem de modo algum estabelecer o diagnóstico. Dizem que pode ser epilepsia!

— Tolices! — zangou-se Vanga. — O rapaz teve um grande susto, um nervo ficou preso, por isso começaram as dores e os ataques. Lyuda, tentas?

— Claro.

Repor as vértebras no lugar não foi difícil — numa criança ainda são móveis, como missangas. Depois de manipulações simples, o rapazinho sentiu-se logo melhor — via-se pelas bochechas coradas.

— Dobré — acenou com a cabeça a dona da casa. — Mas têm de aquecer mesmo assim a coluna. Peguem numa fita comum, molhem-na em cera fervida e colem-na nas costas, do pescoço ao cóccix — isso tira a inflamação das terminações nervosas.

Ao casal alegre e ao filho de olhos grandes sucedeu um casal com uma menina de 5—6 anos que sofria de paralisia cerebral. Depois de falar brevemente com os adultos, Vanga disse: «Vai ajudar-vos Stella Dimitrova. Digam que fui eu que vos mandei, e a Stella recebe-vos». (S. Dimitrova é, de facto, uma das mais fortes sensitivas da Bulgária. Mais tarde também eu a conheci.)

Ausentando-me um minuto da sala, no corredor dei de caras com um marido e mulher que vinham da Ucrânia. Depois de ouvir a sua história confusa, sugeri o que era preciso tratar na criança e, por precaução, dei o meu endereço de Moscovo. Acalmados, mas sem acreditarem totalmente em mim, começaram a perguntar o mesmo a Vanga, quando chegou a vez deles, mas esta foi lacónica: «Já vos disseram o que é preciso fazer com a criança! Eu só posso repetir as palavras da Lyuda!»

Os hóspedes saíram envergonhados. Acrescento que a nossa conversa Vanga não podia de modo algum ter ouvido — naquele momento estava ocupada, e as paredes da casa são grossas.

Sem darmos por isso, chegou a hora do almoço. Enquanto esperávamos que pusessem a mesa, Vanga queixou-se de grande cansaço e da importunação dos visitantes.

— Sabes, só tu e mais algumas pessoas próximas se lembram de perguntar não pelo seu, mas pela minha saúde. E eu já estou exausta. Pedi a Deus licença para descansar, mas o meu tempo ainda não chegou. Mas basta de queixas. Vamos.

E fomos para a sala de refeições, onde se reuniram os guarda-costas, as governantas e o motorista de Vanga. Depois de um breve descanso, recomeçou a sucessão aparentemente infinita de rostos, destinos, acontecimentos e doenças.

É difícil falar do pessoal quando à porta há centenas à espera de encontro com a vidente. Isso acontecia apenas a intervalos, por isso são tão fragmentárias as minhas notas, que fazia ou logo durante a conversa com Vanga, ou à noite.

— Porque realiza Deus os meus desejos mais pequenos, e não os mais importantes?

— Quais?

— Que Alik fique saudável, que o sobrinho melhore, que tu não adoeças...

— Quanto ao filho já te disse. O Igor ficará saudável aos 10 anos, e o meu destino depende só de Deus.

— Vou às Filipinas?

— Sim. Precisas disso. Lá há bons curandeiros.

— Haverá o fim do mundo?

— Tolices.

— Como tratar a epilepsia?

— Não sei. Pede a Deus, e o Conhecimento virá...

(Vanga tinha razão. Já curei vários doentes desta terrível doença. Afinal, existe uma antiga receita oriental — é preciso matar uma cobra ou uma víbora, tirar o coração, escaldá-lo um segundo em água a ferver, depois enrolá-lo em pão, compota e dar ao doente. Parece xamanismo, mas às vezes ajuda!)

O taxista com quem me calhou ir de Sófia a Petrich partilhou a sua alegria. Acontece que o filho dele, Georgi, sofria há muito de fortes dores de cabeça, e os médicos decidiram fazer trepanação do crânio. Os pais consultaram Vanga. Esta explicou que o rapaz não tinha tumores nem hemorragias. Era simplesmente o efeito de focagem diferente dos olhos — um caso tão raro. Ela indicou a que hospital e a que oftalmologista deviam recorrer para melhorar a saúde. A doutora Balabanova escolheu os óculos certos para Georgi, e tudo se resolveu.

Com a sobrinha do meu amigo Mité as coisas eram ainda mais complicadas. Diariamente ela enfiava-se debaixo da mesa, enroscava-se num novelo vivo, e era impossível desenlaçar o emaranhado das mãos e pernas dela. Que diagnósticos não foram postos! Alguém até supôs que na criança se excitara precocemente o sistema sexual — aos três anos?! Mas apesar da diversidade de opiniões, ninguém conseguia indicar o remédio salvador. Vanga aconselhou banhar a menina em decocção de palha de feno, depois deitar a decocção num formigueiro e convencer a menina a urinar nesse mesmo monte de formigas.

Depois era preciso tirar a parte de cima do formigueiro e trazer a Vanga. Tudo foi executado exatamente. Depois de segurar alguns segundos nas mãos o molho húmido de ervas, agulhas de pinheiro e pausinhos, Vanga disse satisfeita: «Agora está. Levem isso de volta para onde o tiraram, a menina já melhorou».

Mesmo para mim o método «das formigas» de Vanga ficou um mistério, e Mité confirmou — os ataques não voltaram a acontecer. E acrescentou: «Sabes, quando segurava a menina sobre o formigueiro, consegui ver — juntamente com a urina saiu dela algo preto, como uma mancha...»

Embora Vanga esteja incompreensivelmente longe do mundo vaidoso dos nossos assuntos e preocupações, aceitava com prazer presentes dos visitantes. Gostava de perfumes franceses. Tarde da noite, quando o atendimento terminava, não ia logo descansar.

A Vanga gostava de mexer nos presentes e recordar quem os trouxera. E de novo a luz refletida da alegria alheia iluminava o seu rosto, se era uma boa pessoa e saíra dali feliz.

A própria Vanga Dimitrova seguia o seu destino incansavelmente, dia após dia, durante décadas.

É um destino difícil e glorioso».

Atualmente, muitos sensitivos ocupam-se de curas. Uns «impõem as mãos», outros fazem vários passes, terceiros «dão programações» etc. Vanga disse mais do que uma vez da elevada responsabilidade dos curandeiros contemporâneos.

Gostaria de ilustrar a atitude de Vanga para com os nossos curandeiros mais populares, amplamente divulgados pelos meios de comunicação social. Citaremos ainda um fragmento das recordações de Lyudmila Kim. Ela, em particular, fez a Vanga as seguintes perguntas:

«— Pode-se tratar as pessoas como Chumak e Kashpirovsky?

— Não — respondeu Vanga. — Nos seances em massa é fácil causar dano, na atmosfera excitada podem «colar-se» a ti as doenças dos outros. A pessoa é individual. Só com contacto pessoal. À distância só se pode aconselhar ou pôr diagnóstico...

Há que dizer que Vanga tratava as pessoas com água «carregada» muito antes dos amplamente divulgados seriados televisivos de massas de «milagres e curas».

— Que achas da Djuna?

— O talento dela vem de Deus. Mas ela irrita o Altíssimo, exigindo demasiado dinheiro pela consulta...»

O tema da saúde humana, do diagnóstico e do tratamento de várias doenças ocupava um grande lugar na atividade de Vanga. Deve notar-se que Vanga nunca contradizia a medicina oficial e reconhecia os seus sucessos em todas as áreas. Neste sentido, as várias recomendações que dava ajudam mais do que negam os métodos tradicionais de tratamento. Mas avisava que o excesso de medicamentos é prejudicial, porque «fecham a porta pela qual entra a natureza com a ajuda das ervas e restaura o equilíbrio perturbado no organismo humano doente».

Conta Elena Andreeva, que se encontrou pela primeira vez com Vanga nos anos sessenta:

«...Nem me passava pela cabeça que esta mulher desempenharia um papel tão grande no meu destino feminino e de escritora... Se não tivesse ido ter com esta notável búlgara, a minha vida teria sido diferente, mais

complicada, mais trágica. Por isso considero meu dever juntar o meu testemunho imparcial e verdadeiro ao caudal de informação sobre ela, muitas vezes contraditória, sensacionalista, que agora se derrama sobre nós das páginas da nossa e da imprensa estrangeira, do ecrã da televisão...»

Tendo ouvido falar muito desta mulher extraordinária, Elena Andreeva também tentou encontrar ajuda junto da vidente. Adoecera gravemente a pessoa mais próxima dela. Esgotaram-se todos os meios médicos acessíveis, a esperança de recuperação tornava-se cada vez menos real.

Ajudou o acaso...

«Num pequeno pátio, sem vegetação e separado por uma baixa cerca da casa de habitação, sofríamos à espera da nossa vez. Passaram primeiro os destacados, o seu ar diligente de modo algum combinava com a angústia dolorosa daqueles que aqui eram trazidos por uma grande dor pessoal. A seguir, o limiar da casinha foi atravessado por um casal de idade madura. A mulher chorava, alguém dos próximos desaparecera. Saíram mais calmos, não responderam às perguntas dos outros visitantes, apressaram-se para a saída. Antes de mim, entrou em casa de Vanga uma bela rapariga vestida de modo chamativo. Comportava-se com autoconfiança, exteriormente não se agitava como os outros. Mas não ficou muito tempo na casinha — saiu muito corada, com manchas no rosto.

Voaram atrás palavras iradas: «Perdi muito dinheiro, e aqui passou sem fila, logo no primeiro dia! E ainda anda em romances!» Não tenho a certeza da exatidão das palavras, mas o sentido era precisamente esse.

A seguinte a entrar era eu. A história com a rapariga perturbou-me — eu também contornara os outros, usando cunhas. E embora não tivesse perdido dinheiro do Estado nem andasse em romances, sentia-me mesmo assim culpada. Agora esperava repreensões, tanto mais que chegara numa altura em que a vidente ainda estava irritada, a raiva não arrefecera.

«Agora vai dizer o que pensa de mim, e de caminho da minha nova conhecida de Petrich, vamos levar uma desanda!» — passou-me pela cabeça.

Depois de hesitar na entrada, já estava pronta a dar meia-volta, quando ouvi o convite: «Entra, sim!» Atravessando o limiar e tremendo de emoção, percorri a minúscula entrada e entrei na sala.

No sofá, debaixo de um ícone, estava sentada uma mulher de pouco mais de quarenta anos, um pouco cheia, com um rosto redondo simples, de lenço claro na cabeça, cega. Ao lado estava a irmã Lubka, elegante, de traços finos, jovem, pouco parecendo camponesa.

— És divorciada? — perguntou de repente a vidente. Olhei confusa para Lubka — devia responder? A pergunta, como se diz, acertara em cheio. Fiquei

ainda mais atrapalhada. Então, já dirigindo-se à irmã, Vanga descreveu a minha aparência, descreveu-a com bastante exatidão, e o carácter, disse algumas palavras bondosas a meu respeito — visivelmente queria encorajar-me.

Depois pronunciou com voz serena:

— Tens uma desgraça tão grande que já há muito devias ter vindo ter comigo. Mas não te preocupes, o doente vai recuperar. Só muda-lhe o ar. E faz isso o mais depressa possível.

Voltei a ficar perplexa. O que significavam as suas palavras? Mudar de clima? Ou talvez instalar um ar condicionado ou um ionizador no quarto? Ou haveria intoxicação do organismo e existiria algum modo de extrair o ar do doente?

— Refere-se ao clima? — esclareci, decidindo que esta suposição era mais realista que as outras.

— Sim.

Na altura pensei pela primeira vez que, para os estrangeiros que não sabem búlgaro, metade das palavras se perde, traduzir Vanga é muito difícil, por vezes nem os conterrâneos a compreendem. Adiantando-me, direi que, claro, segui o seu conselho e transportei o doente para os arredores de Moscovo. Veio a cura — depois de muitos anos de hospitais, peregrinações, desespero. Tão simples e tão fatal. Se cada um pudesse, num momento crítico, encontrar uma conselheira tão insubstituível, milagrosa!

Uma conselheira que não se engana. Note-se que levar uma pessoa doente não para um sanatório, mas para muitos meses de residência não é nada simples. Por falta de outro lugar, instalámo-nos no nosso terreno de jardim num minúsculo casebre — cheio de frestas, sem quaisquer comodidades. Parecia que nessas condições até uma pessoa saudável podia adoecer. Mas veio a cura.

Vanga sabia o que dizia. Penso que os seus conselhos não têm preço, são inestimáveis.

— Voltarás para junto da mãe, mas isso acontecerá daqui a muito tempo e só se a tua mãe o desejar muito — disse-me a vidente.

Na altura essas palavras não me impressionaram. Lembrei-me delas dez anos depois, quando, por circunstâncias imprevistas, me tornei temporariamente «sem-abrigo». Fui desalojada da casa paterna por causa de uma longa estadia «em casa do marido», assim o formularam, e só graças aos grandes esforços da mãe consegui de novo ter o teto paterno sobre a cabeça.

— Mudarás de profissão, nela obterás reconhecimento público, mas com grande atraso. Sofrerás com calúnias, mas encontrarás protetores influentes.

Na altura, aos vinte e quatro anos, previsões tão distantes e vagas pareceram-me utopia.

— Mudarás de profissão daqui a dois anos — precisou Vanga.

E aqui não acreditei nela. Era engenheira aeronáutica, quase não havia mulheres aviadoras na altura, e ainda hoje são raras. Naturalmente, orgulhava-me um pouco de mim mesma, tanto mais que terminara o instituto em regime noturno. E embora provenha de uma dinastia aeronáutica, o estudo, combinado com o trabalho na oficina da fábrica como montadora de rádio, custara-me muito. Por isso, mudar de profissão não tencionava de modo algum. Não duvidava de que Vanga se enganara...

Dois anos depois, estava incrivelmente feliz por me terem aceite num emprego numa das editoras como editora júnior.

Depois do meu salário quase astronómico, os oitenta e quatro rublos que me pagavam no novo cargo eram verdadeiramente uma miséria. Mas isso não me incomodava, estava cheia de entusiasmo e planos criativos. Foi assim que começou a minha vida literária. Em geral, as previsões de Vanga realizaram-se todas sem exceção, mas a sua realização estendeu-se por toda a vida. O milagre começou simplesmente, Vanga pediu-me que lhe desse pedaços de açúcar que tinham estado debaixo da minha almofada toda a noite anterior.

Sobre esse açúcar sabem todos os que vão ter com ela. O açúcar é uma coisa tão prosaica, embora provavelmente desempenhe o mesmo papel que os cristais mágicos ou as bolas de cristal, tão misteriosas na parafernália dos magos...

Apalpando com os dedos os pedaços, Vanga perguntou:

— Quem é Alexander?

— Era o nome do meu irmão. Aos quase dezasseis anos foi voluntário para a frente e morreu no início da guerra.

— Ele está aqui — pegou no bastão encostado à mesa, bateu com ele no chão —, ele pergunta-te... — e começou a enumerar nomes dos meus entes queridos. Falava sem se enganar, citando só os vivos. Mas logo me chamou a atenção que o fantasma do meu irmão, que eu naturalmente não via e com quem só podia falar através de Vanga, perguntava por aqueles que nasceram antes de quarenta e um, ou seja, antes da sua morte. Respondi qualquer coisa, mas visivelmente dizia o que não era preciso, porque Vanga começou a falar por mim: — Lembram-se de ti, amam-te. Em tua honra, o teu irmão mais novo foi chamado Alexander. Não o conheces, nasceu depois da guerra.

Depois o rosto de Vanga como que se tensionou, isso acontece-lhe raramente.

— Ele pergunta-te por Maria. Quem é Maria?

— Não sei.

— Pergunta por Maria — repetiu com ênfase.

Fiquei atrapalhada. Não conhecia nenhuma Maria. Conheço bem a genealogia da minha família, posso seguir o destino de pelo menos cinco gerações, e Vanga normalmente não vai além dos avós. Pelo pai, pertenço a uma antiga linhagem camponesa de Tver. Sei até que a aldeia natal do pai surgiu há muitos séculos, quando os lavradores de Novgorod, pressionados pelos mongóis, ao fugirem para o interior do país, encontraram nova pátria nas terras de Tver. A linhagem camponesa paterna, depois dessa deslocação, não se mudou de lugar durante séculos. Pela mãe, pertenço à quinta geração da intelligentsia russa, entre os meus antepassados havia personalidades notáveis, amplamente conhecidas.

E, por estranho que pareça, o nome simples e muito comum Maria não era usado por nenhuma das minhas avós ou bisavós. Adiantando-me de novo, direi que a palavra deixada cair por Vanga me levou a procurar essa misteriosa Maria. Mais ainda, como resultado dessas buscas, escrevi uma novela sobre o meu irmão morto Alexander e os antepassados camponeses. Tive de levantar os arquivos familiares. Entre os documentos amarelados, descobri a certidão do meu irmão mais velho. E soube que tínhamos o mesmo pai e mães diferentes. Sasha vivia com os meus pais, era amado, depositavam nele grandes esperanças, era um rapaz talentoso. A mãe considerava-o filho, ainda hoje não aprova que eu tenha desenterrado o segredo familiar e até o tenha tornado público. E, no entanto, a mãe biológica do meu irmão mais velho era a camponesa de Tver Maria, primeira mulher do meu pai. Assim, aquilo que os pais nos escondiam, a nós os filhos, revelou-se-me através das capacidades espantosas de Vanga.

— Aqui está Nikolai, quem é ele? — tirou-me dos pensamentos a sua voz.

E então lembrei-me de que os familiares, ao saberem para onde e a quem eu ia, pediram que perguntasse pelo destino do tio Nikolai, irmão da mãe, oficial de carreira, homem de rara coragem e autocontrolo. Precisamente essas qualidades dele levaram os próximos a duvidarem da notícia de que desaparecera na guerra sem deixar rasto. Pessoas assim vão primeiro ao ataque e são os primeiros a receber o golpe. Essas não desaparecem sem rasto. Tornara-se militar por vocação. Comecei a explicar tudo isso, mas foi desnecessário.

— Morreu perto de Leninegrado em quarenta e três. — Soava verosímil, mas a vidente não deu quaisquer orientações concretas — onde exatamente está sepultado, se há sepultura.

Quinze anos depois, a mãe recebeu de Leninegrado um documento do qual constava que o irmão dela, fulano de tal, caíra como herói perto de Leninegrado em quarenta e três e estava sepultado numa vala comum junto à estação de Mga. No obelisco está gravado o seu nome a ouro. Conservou-se também o medalhão de soldado com os dados. Encontraram a sepultura por ocasião dos 40 anos da Grande Vitória.

Na altura impressionou-me outra coisa, Vanga começou a citar nomes dos próximos do falecido — da viúva, dos filhos.

— Pergunta-te por Tatiana, Yuri, Lyudmila...

— Infelizmente nada sei deles, vivem no Ártico, só conheço os nomes...

— Yuri foi operado recentemente, tudo correu bem. O teu filho tornou-se oficial de carreira, como tu. Nasceu-te um neto, também ele será militar quando crescer. E o filho dele também...

Vanga como que se esqueceu de mim. É escusado dizer que mais tarde verifiquei as suas palavras, correspondiam plenamente à realidade.

O netinho do oficial morto cresceu, tornou-se tenente. Tem um filho a crescer, um rapazinho saudável de bochechas rosadas. Não duvido que também ele será militar. O meu tio tornou-se o fundador de uma dinastia militar.

Mas voltemos àqueles minutos que passei com Vanga. A vidente começou a contar acontecimentos ocorridos na vida da família órfã. Essa informação era-me desconhecida. Parecia que entrara num círculo mágico de feitiçaria.

— Queres falar com o pai? — perguntou de repente Vanga. Desta vez não bateu com o bastão no chão, apontou para qualquer coisa atrás de mim. — Ele está atrás de ti.

Não sei se pelas suas palavras, se pela minha agora incondicional crença nas suas palavras e capacidades, senti de repente um frio nas costas. Possivelmente, era simplesmente suor frio.

— De que morreu ele? Vejo eu mesma, sofreu um golpe... Há seis meses... — A dor era ainda muito recente. Eu estimava muito o pai. Mas de repente começou a subir em mim um sentimento de protesto, resistência interior. Fora a ela, a Vanga, que um tornado levantara, levara sobre a terra, cegara com um raio, batera contra o chão, depois do qual adquirira o seu dom espantoso. Não o reconhecera logo. Era ela que comunicava com as almas

dos mortos, encontrava extraterrestres, ouvia vozes proféticas. E eu — viva, terrena, comum, temo como o fogo tudo o que é misterioso e incompreensível.

Tudo isso — não é meu, não se pode entrar neste mundo desconhecido e, possivelmente, perigoso!

— Não, sobre mortos não — balbuciei, petrificada de horror.

E então Vanga reparou no meu estado, compreendeu que estava assustada de morte.

— Mas tu és russa? — soou a pergunta admirada.

— Russa, simplesmente sei bem búlgaro.

— Vives em Moscovo? Tens uma casa própria nos arredores de Moscovo.

— Em Moscovo, mas casa de campo não tenho.

— Tens imot, bem pequeno...

A palavra «imot» significa em búlgaro aquilo que é propriedade capital e se transmite por herança. A nossa família não possuía nada semelhante, o tema pareceu-me desinteressante, mas Vanga como que tropeçara numa barreira invisível. Via-se que nela decorria um trabalho tenso, tateava fios que só ela via. Fazia novas perguntas, abanava a cabeça. E de repente compreendi:

— No nosso terreno de jardim temos um casebre minúsculo — um galinheiro, mais um barracão que habitação.

— É isso! — exalou aliviada a minha interlocutora, e a conversa passou para temas caseiros comuns — o que plantam nos arredores de Moscovo, se crescem lá tomates, uvas, pêssegos, se se pode comprar terra. Agora era uma simples mulher rural, curiosa e ingénua. Literalmente bombardeou-me com perguntas. A conversa prolongou-se. Fiquei com ela quase uma hora. Não estava satisfeita com os conselhos que me pudera dar. Ao despedir-se, deu-me um papelinho com um rabisco qualquer. Nele carimbaram na portaria. Tornei-me possuidora de um passe individual para ela.

Quando saí para o pátio, os que esperavam atendimento começaram a perguntar com inveja e interesse o que ela me dissera. Não me apetecia responder, despachei com palavras gerais.

— Ninguém fica tanto tempo com ela — exalou uma velhinha. — Recebeu-a quarenta e sete minutos! — Senti desconforto por, possivelmente, ter ocupado o tempo de alguém, embora pouco dependesse de mim. Interromper Vanga ou apressá-la — ninguém jamais se atrevera a tal. E será possível cometer tal sacrilégio!

Pois era um encontro com um milagre!...

A conhecida curandeira russa Dali há muito aspirava encontrar-se com Vanga. Mas o destino dispunha de outro modo: o encontro adiava-se. Entretanto, Dali ganhava experiência em métodos populares de cura, desenvolvia as suas capacidades de vidência. Dali tornou-se a primeira russa — sucessora de Vanga, sua filha espiritual no batizado.

Por vontade do destino, Dali teve de viajar muito, mudar de cidades e países. Há alguns anos chegou a Moscovo. Trabalhou na associação de parapsicologia médica.

O diretor da associação recomendou-a para o departamento de radiologia do 1.º Instituto Médico. Com a ajuda dos médicos, aprendeu a ler radiografias, no aparelho de ultrassons estudou a estrutura dos órgãos internos do homem. A sua atividade curativa era altamente apreciada tanto pelos doentes como pelos próprios médicos. Mas em qualquer assunto, e especialmente na medicina popular, é preciso um mestre, um guia espiritual, que oriente para o caminho certo e diga: vai! Os primeiros mestres de Dali na cura foram os seus parentes pela linha paterna e materna, que de geração em geração se ocupavam de curandeirismo.

Dali considerava as rezas da avó caprichos de velha. Mas por curiosidade observava mesmo assim e um dia compreendeu que todos os conhecimentos que se acumulavam devagar, tudo o que via — viera até ela.

Houve uma situação — vem a vizinha e pede: ajuda, o marido bebe. Durante vários dias Dali pensou no que fazer, pois era preciso não só tirar a dependência alcoólica, mas também limpar o organismo da intoxicação.

Lembrou-se de tudo o que a avó ensinara outrora. Ela dizia: «Pega numa faca com cabo de madeira e numa cebola. E sobre a cabeça faz com essa faca o sinal da cruz, depois esmaga a cebola de modo que o sumo pingue na cabeça».

Parece que donde veio tal receita, porque ajuda? Mas não era em vão que se transmitia de geração em geração. E o povo ao longo dos séculos tratava-se com a ajuda desta reza simples.

Passou o tempo, e a Dali começaram a faltar conhecimentos. Assaltavam-na dúvidas, queria fortalecer-se na sua vocação. Vivia à espera de algum acontecimento importante. Mas ele não chegava. E de repente compreendeu que a felicidade humana está nas nossas próprias mãos. Mais do que uma vez ouvira da avó uma antiga parábola: «Deus moldou o homem e ficou-lhe ainda um bocadinho de barro. “Que mais te moldo, homem?” — perguntou Deus. — “Molda-me a felicidade”, — respondeu aquele. — Deus pensou, pensou, e atirou esse bocadinho de barro para as mãos do homem...». Parece uma

história simples. E no entanto, por vezes esquecemo-nos de que tudo está nas nossas mãos. O principal — não cansar de nos aperfeiçoarmos.

— Quero partilhar convosco um conselho simples — diz Dali —, vivam ouvindo-se a si mesmos, para que às perguntas que surgem recebam resposta através da vossa alma. É preciso só escutar-se a si mesmo. E tudo correrá bem, pois não há pessoa incapaz de contacto telepático, ou, como se costuma dizer, de intuição. É isso que ensino aos meus alunos.

Nunca peçam ao Senhor bens materiais — tudo chega a tempo e por mérito.

No momento do encontro, a vidente búlgara já estava gravemente doente. As pessoas compreendiam que em breve deixaria de receber visitantes. Junto à casa dela, dia e noite, havia uma enorme fila, cada um esperava obter de Vanga resposta à sua pergunta mais íntima e, possivelmente, despedir-se dela.

— Porque razão foi precisamente você que se tornou a escolhida de Vanga — a sua filha espiritual no batizado? — pergunto eu a Dali.

— Para mim, isso foi como um presente do destino. Antes, mais do que uma vez me tinham dito que eu seria como Vanga, que preveria o futuro às pessoas. Não conseguia acreditar nisso.

Ver Vanga, conversar com ela, era o sonho acarinhado de Dali. E eis que, quando finalmente se decidiu a ir, surgiram dificuldades: o passaporte estava caducado, não tinha cidadania russa.

Por precaução, entregou os documentos e foi descansar. Lá conheceu búlgaros, puseram-se à conversa. Quando os novos conhecidos souberam que ela sonhava ir ter com Vanga, ofereceram-se para ajudar.

Depois, todos os problemas «resolveram-se» rapidamente e como que por si só.

«A minha alma experimentava a alegria da expectativa. Queria que Vanga sentisse o calor e o amor que eu sentia por ela, que compreendesse que o que me movia não era a avareza ou a curiosidade. Escolhi durante muito tempo o presente, queria que ela guardasse por muito tempo a memória de mim. Lembrei-me de que a mãe me oferecera dois xales de penugem. Na altura até me admirara: porque xales iguais? Mas calei-me para não ofender a mãe. Já não duvidava: afinal, era um presente precisamente para Vanga. Adiantando-me um pouco, contarei que, quando lhe coloquei o xale aos ombros, ela sorriu e acariciou-o.

Vanga olhava os outros presentes, mas não manifestava interesse especial por eles. Tentei trazer-lhe algo que lhe recordasse a Rússia. E de repente, entre os outros souvenirs, pegou num pequeno globo que representava o globo terrestre, observou-o com interesse com os seus olhos

cegos, e depois disse: «Ó meu Deus. Dobré Rússia, que assim seja». Isso impressionou-me — pois eu pretendia explicar-lhe o significado desse souvenir. Mas as minhas explicações não foram necessárias».

Não longe de Petrich — é o lugar onde outrora um tornado levantara Vanga sobre a terra e a depositara — está agora a sua casa, onde recebia as pessoas. Nesse lugar, conta Dali, sentiu um estado como se o próprio Deus estivesse presente ao lado. Duas semanas antes da chegada de Dali, Vanga inaugurara o seu templo de Santa Petka, construído com dinheiro doado pelos paroquianos. O coronel Krasimir, que acompanhava Dali, foi perguntar se ela receberia a hóspede da Rússia. Pouco depois apareceu à porta e, sorrindo, declarou: «A madre Vanga disse: “Sei, sei, espero-a há muito”».

«Com essas palavras, a terra fugiu-me debaixo dos pés. Na véspera, passara toda a noite com um pedaço de açúcar debaixo da almofada, do qual Vanga devia ler a informação (normalmente faz isso com cristais). Puramente de modo terreno, queria parecer bonita, agradar-lhe. Fiz um penteado bonito, vesti o melhor vestido.

E, apertando contra o peito esse pedaço de açúcar, rezava: «Senhor, que Vanga leia e veja só o que tenho dentro, o que se tornou para mim o sentido da vida. E as camadas terrenas, compreendo que se depositam em qualquer pessoa, que fiquem despercebidas para ela».

Perguntas para ela, em geral, não tinha. Apenas pedia interiormente que me desse a bênção para a cura. E de repente ela pergunta-me: «Onde está o teu marido?». «Em Moscovo», respondi. Pausa. Se algo não está bem, Vanga normalmente cala-se, reflete. Não continuou esse tema pessoal não muito agradável para mim.

Depois acrescentou: «Vejo os teus dois filhos. Tens filhos muito bons». E acalmou: «Nada de mau te espera no futuro». E de repente disse inesperadamente: «Depois do Ano Novo tens de estar obrigatoriamente aqui». Compreendi tudo e, reunindo coragem, disparei: «Madre Vanga, peço-lhe que seja a minha mestra espiritual e a minha madrinha». Ela sorriu: «Sei, sei, assim será, assim será, dobré-dobré».

E acrescentou: «Sabia que na Rússia havia uma mulher que continuaria a levar a missão espiritual».

Quando Dali saiu de junto de Vanga, e esse momento foi gravado em videocassete, milhares de olhos olhavam-na com súplica. Dali inclinou-se perante eles e disse: «Pessoas boas, perdoem-me, pelo amor de Deus, por ter entrado antes de vós junto de Vanga». Ninguém se mexeu, ninguém lhe respondeu. Depois uma mulher aproximou-se e disse que tinha cassetes sobre Vanga, e que lhas podia dar para copiar.

E depois fez a Dali uma pergunta sobre o seu futuro. E eis que junto ao templo construído por Vanga, Dali realizou uma sessão de vidência, essencialmente o mesmo que Vanga fizera toda a vida.

«Sim, vi o futuro daquela mulher. Disse por que razão se adiava o que ela planeava. Aconselhei o que era preciso fazer para que se realizasse aquilo com que sonhava. Durante muito tempo não consegui depois voltar a mim. Finalmente acreditei que também eu seria vidente».

O conhecimento não só do futuro, mas da data exata — o dia da morte do interlocutor — é uma das enigmas mais assustadoras de Vanga. Dificilmente alguém acharia interessante ouvir tal coisa, mas, vendo algo, ela não pode deixar de o dizer, por mais que isso a perturbe; como se pairasse sobre ela alguma lei de «conservação e transmissão de informação».

O conhecido escritor búlgaro D. Dimov recorda como foi ter com Vanga para lhe fazer perguntas sobre ela, mas em vez de resposta às suas perguntas, ela contou-lhe em pormenor o conteúdo do seu último manuscrito, que ainda ninguém vira. «A heroína de quem escreveste a novela — é uma pessoa real — disse Vanga —, e ela ficou viva, embora no fim da tua novela morra. Deixa tudo como foi na vida, e o teu livro ganhará com isso. E mais. Preparas-te para uma longa viagem pela Rússia. Tem cuidado — podes lá sofrer dois acidentes onde morrerão pessoas».

Tudo o que ela previra confirmou-se depois, como se confirmavam e revelavam proféticas quase 80 % das suas previsões para o futuro. Esta estatística — resultado de investigações de muitos anos do Instituto de Sugestologia, que durante muitos anos foi dirigido pelo doutor G. Lozanov.

«Ouvi falar de Vanga aos 12 anos — recorda Lozanov —, e sonhava vê-la, como se sonha com um milagre. Mais tarde, enquanto estudava no instituto médico, o meu ceticismo, alimentado pelo materialismo dialético, crescia, e eis que eu e o meu amigo, dois jovens médicos praticantes e atrevidos com as nossas grandes ideias, decidimos ir «examinar» Vanga. De pé na multidão no pátio da casa dela, esperamos três horas inteiras. Entrou primeiro o meu amigo, e ela contou-lhe em pormenor, como se lesse um questionário, sobre ele, o seu apartamento, os pais, as doenças deles, as causas da morte do pai.

«Você e a mulher não conseguem de modo algum ter um filho — acrescentou ela —, mas este ano tudo correrá bem; daqui a um ano serás pai».

Quando entrei na sala, Vanga disse rapidamente: «Ah, és tu, sei porque vieste. És um jovem médico que tenta tratar com hipnose, e vieste testar-me. Mas ainda é cedo para estares aqui. Voltarás para junto de mim daqui a alguns anos». E, no entanto, implorei-lhe que falasse de mim. E foi aí que fiz a minha primeira experiência sobre Vanga. Comecei a imaginar-me uma personalidade completamente diferente — com outro passado e presente, tentando colocar no

seu caminho um bloco «eletromagnético» cerebral. E, visivelmente, consegui, porque, depois de pensar, Vanga disse: «Vai-te, não tenho nada para te dizer».

E eu saí, não tanto triunfante, quanto pensativo. Admitamos, dizia para mim mesmo, que o meu passado e presente Vanga «lê» do meu cérebro. Mas donde e como lhe chega a imagem do futuro? E mesmo considerando que cada pessoa tem um destino e ele está sempre com ela, como um nimbo ou rasto energético, como consegue Vanga ver não só o destino da pessoa que está diante dela, mas os destinos dos filhos dela, que estão muito longe?»

Uma mulher de uma aldeia macedónia, cujo filho adolescente desaparecera havia 22 anos e que ela há muito enterrara mentalmente, veio ter com Vanga para esclarecer se estava mortalmente doente. Vanga acalmou-a e, dizendo que recuperaria, acrescentou inesperadamente: «E o teu filho voltará em breve para junto de ti. Anda pelas estradas com ciganos. Se chegares à aldeia até amanhã de manhã — e deu-lhe o nome —, encontrá-lo-ás lá».

E já no dia seguinte a mulher encontrou o filho, que, claro, não a reconheceu, mas ela reconheceu-o.

Estas e histórias semelhantes estão documentadas em grande número por Lozanov e os seus colaboradores.

«Foi em 1990 — conta o curandeiro de Nizhny Novgorod Vasily Varlamov. — A Associação de Curandeiros Populares enviou-me estudar o tratamento com ervas junto de curandeiros búlgaros. E no fim do curso decidi furar até Vanga e oferecer-lhe um presente — um ícone e uma taça. Cheguei à casa, e lá havia uma enorme fila... Nem sequer ver Vanga, que deitava num balde os pedaços de açúcar que os visitantes lhe traziam (segundo as palavras da vidente, o açúcar cristalizava a energia da pessoa, e, pegando nele nas mãos, ela penetrava no mundo interior do «paciente»), era irrealista. Mas de repente apareceu ao lado um homem que gritava: «Há aqui algum sensitivo russo?» Por precaução, disse: «Há!» Levaram-me para junto de Vanga. Ela pergunta em russo: «Como venerais o pacificador?» «Que pacificador?» E então compreendi que se referia a Andrei Sakharov, que estava exilado em Gorky (hoje Nizhny Novgorod). Vanga apreciou que eu tivesse compreendido. Falámos de Sakharov.

E então ela propôs: «Queres ficar comigo?» As minhas pernas até fraquejaram! Nem sonhar podia com tal sorte».

Assim Vasily Varlamov tornou-se um dos ajudantes da vidente e viveu na Bulgária de 1990 a 1995.

«Na casa de Vanga não vivia — recorda Vasily Mikhailovich. — Alugava um apartamento no lugar de Rupite. Vanga enviava-me doentes cujos problemas podia resolver um sensitivo menos forte. Além de mim, ajudavam-na

mais dois sensitivos, um deles de Riga. Todos os dias telefonava a Vanga e, se ela tinha tempo livre, ia visitá-la».

Segundo Varlamov, o horário diário de Vanga não mudava. A vidente levantava-se por volta das nove. Lavava-se com água de poço, tomava o pequeno-almoço com vegetais ou papas de aveia, bebia sumo de bétula. Depois recebia doentes. Depois das seis da tarde jantava — peixe cozido, ovos cozidos e vegetais. Depois conversava com os próximos ou mexia nos souvenirs que lhe traziam de todos os cantos do mundo.

Mais do que tudo, Vanga gostava de brinquedos. Toda a casa estava cheia de bonecas. Vanga acariciava-as e chorava baixinho. Muitas vezes Vanga ia fazer abluções à cascata: para recuperar forças precisava de água «viva», não da torneira.

«Quando Vanga tinha um êxtase profético, até o ar à volta estava cheio de descargas elétricas — continua Vasily Mikhailovich. — Fui testemunha de uma das suas últimas previsões. Referia-se à própria Vanga. Já depois da morte de Vanga começaram a dizer que ela supostamente previra que na Bulgária devia nascer uma menina com a sua alma.

Mas não é bem assim. Perante mim, Vanga dizia que comunicava com a alma da mãe falecida. E essa alma habita na catedral de Notre-Dame em Paris. A mãe disse-lhe que Vanga nasceria uma segunda vez em França. E que essa menina também teria uma deficiência física. E a data aproximada de nascimento — 2005».

«E não me ensinou vidência. Como se pode aprender as coisas de que ela era capaz? Perante mim, contou a uma mulher onde morrera o sobrinho dela e onde estava o corpo — errou só numa letra de um riacho desconhecido noutro país! Há a opinião de que o fenómeno Vanga — na realidade trabalho dos serviços especiais búlgaros. Que a informação sobre os doentes lhe era recolhida pelas empregadas de limpeza nos hotéis etc. Mas eu não vi nem ouvi nada que pudesse confirmar tal opinião.

E se fosse assim, então na consciência dos serviços especiais búlgaros estaria a morte do «Kursk». Lembram-se da previsão dela: “Kursk irá para debaixo de água e o mundo inteiro o chorará”?»

Dois anos antes da morte, Vanga declarou a Varlamov que ele já cumprira a sua missão junto dela.

«E disse que na minha terra precisavam de mim, e que junto dela «o fluxo em breve secaria». Na altura não ousei perguntar o que queria dizer, mas agora compreendo que Vanga sentia a sua morte».

Depois da morte de Vanga, jornalistas de televisão búlgaros filmaram um documentário sobre ela e vieram especialmente a Nizhny Novgorod para

interrogar o seu aluno mais próximo, Vasily. Essas imagens entraram no filme, que agora está guardado com Varlamov.

No entanto, Vanga, que com as suas previsões ajudara centenas de pessoas a mudar a vida para melhor, não conseguiu aplicar o seu dom em nome da própria felicidade. O conhecimento das futuras desgraças que teria de suportar ao longo da vida não ajudou Vanga a livrar-se delas. Ela própria chamava-se constantemente «mártir», e não só por causa dos numerosos sofrimentos que lhe calharam em sorte, mas também porque, sabendo de tudo antecipadamente, nada podia prevenir.

O dom espantoso e milagroso revelou-se para a vidente cega uma espécie de maldição, porque os que a rodeavam nem sempre estavam preparados para reconhecer a sua inofensividade e segurança. Por exemplo, uma vez os serviços especiais búlgaros suspeitaram seriamente da pobre mulher de espionagem e organizaram uma verdadeira rusga à sua habitação em Petrich. Depois da busca efetuada, Vanga, abalada pela acusação injusta e pela grosseria assustadora, acabou no hospital com um enfarte, e muitas coisas da casa simplesmente desapareceram.

A vidente não se afligia particularmente com a perda das coisas, que depois alguns funcionários dos órgãos ofereciam às esposas e amantes. A perda mais deprimente para ela foi um pequeno transistor «Sokol», que trazia constantemente na mala. Mas o conhecimento do futuro acalmava Vanga: ela disse mais do que uma vez que o ladrão lho devolveria.

Surpreendentemente, assim aconteceu. Quinze anos depois da busca devastadora, veio ter com a mulher um homem doente de cancro e suplicou-lhe que aceitasse de volta o recetor, para que dele saísse a maldição. Mas a vidente não pôde ajudá-lo.

«Isso é tributo não a mim, mas a Deus», disse ela.

Mas da fama traiçoeira de agente do KGB Vanga nunca conseguiu livrar-se. No Ocidente, muitos ainda hoje consideram que o seu lendário dom profético — apenas uma fraude, habilmente criada pelos serviços especiais, que forneciam à mulher informação detalhadíssima sobre os presumíveis visitantes. Felizmente, a marcação de consulta com ela fazia-se com quase um ano de antecedência, por isso tempo para recolher dossiês havia mais do que suficiente.

A amiga próxima de Vanga, Neshka Robeva, reconheceu que os dados sobre os seus ilustres visitantes eram realmente registados pelos trabalhadores dos órgãos competentes, mas exclusivamente porque a vidente vivia praticamente na fronteira com a Grécia, respetivamente, para a visitar era preciso obter uma autorização especial.

Vanga sofreu também durante a guerra, quando a declararam perigosa para o Estado e quiseram fuzilá-la. Mas o dom profético também aqui não abandonou a sua dona na aflição: a mulher evitou a morte, porque ajudou os militares a encontrar documentos importantes que o mensageiro perdera no caminho. Disse aos seus algozes que o cavalo do correio, na paragem, coçara o flanco numa árvore, a mala com o relatório prendera-se num ramo, e ali ficara pendurada.

Alegres por o assunto se ter resolvido bem, os militares decidiram perdoar a sua salvadora.

Muitos segredos estão ligados à vida e às profecias de Vanga. Com os seus conhecimentos, que lhe foram abertos por via incrível, partilhou com os contemporâneos. Mas não menos informações interessantes teve de levar consigo para a sepultura, porque transmiti-las ao destino não conseguiu. Por exemplo, se Jacqueline Kennedy na altura tivesse aceite o convite da búlgara cega e viesse falar com ela, possivelmente o mundo agora saberia com certeza quem é culpado do assassinato do presidente americano.

À primeira vista pode parecer surpreendente que o dom de vidência tenha sido dado a uma simples mulher rural, obrigada por vezes a exprimir as suas visões não em termos exatos, mas em imagens vagas. Mas... Essas pessoas aparecem de vez em quando entre as camadas mais simples da população. Há muitos anos, um habitante da região de Ryazan, Yuri Yablonsky, disse à mulher Tatiana: «Tenho um mau pressentimento. Parece-me que tu vais morrer... A seis de Setembro deste ano...»

Aconteceu que precisamente nesse dia ela foi a Moscovo — visitar a irmã. Chovia forte. Devido às condições difíceis da estrada, o motorista do autocarro perdeu o controlo, e a enorme máquina caiu na valeta.

Sobreviveram todos os passageiros. Excepto Tatiana Yablonska...

Esse homem vive sozinho numa casa particular na periferia da cidade de Mikhailov, região de Ryazan.

Há já muito tempo que ele se tornou uma celebridade local, sobre a qual se compõem lendas e escrevem não só os jornais locais, mas também repórteres de passagem.

Yuri possui um dom único — prevê as datas de morte das pessoas. Como? «Uma vez, há uns cinco anos, quiseram internar-me em Ryazan num laboratório qualquer para experiências, mas as autoridades não deram dinheiro para esse projeto, e não me levaram a lado nenhum. E há bem pouco tempo vieram uns cientistas de Moscovo. Dizem, vamos ver-te. Mas a esses já recusei eu próprio. Digo que estou doente, as pernas mal andam. Não chego a Moscovo...»

Yuri diz que pode indicar a data exata da morte de qualquer pessoa. E exclui erros nas suas previsões: «Nestes quase vinte anos em que indiquei números, nenhum me falhou. Todos morreram...»

Há alguns anos previu com exatidão a data do assassinato da política Galina Starovoitova, do deputado Yuri Shchekochikhin. Ainda mais cedo indicou os dias em que partiriam para o outro mundo os seus atores favoritos Zinovy Gerdt e Evgeny Leonov. Das previsões mais recentes que se cumpriram — a morte do presidente da Chechénia Ahmad Kadyrov a 9 de Maio.

«Claro que não escrevi cartas para o Kremlin nem os avisei — não fosse ainda acusarem-me de ajudar os terroristas — diz Yuri. — Mas disse a todos os conhecidos: vejam as notícias no Dia da Vitória. Com toda a certeza acontecerá algo com Kadyrov...»

A Yuri Fedorovich não gosta que o chamem vidente. Diz: «Sou um simples mujique russo a quem se abriu um dom. Não sei como morrerão as pessoas — se as matam, se sofrem um acidente ou se simplesmente o coração pára. Simplesmente vejo na minha cabeça números, que são a data de morte daqueles em quem penso».

Para fazer uma previsão, a Yablonsky basta pensar numa pessoa (se a conhece bem), ou pegar numa fotografia dela. Aliás, por vezes previa também por um papelinho: «Escreviam-me num papelinho o apelido e nome da pessoa, quantos anos tinha, como era. Eu lia, imaginava e fazia a previsão...»

Usar o seu dom para fins comerciais Yuri ainda não aprendeu — faz previsões gratuitamente. Ganha a vida no mercado da cidade, onde vende pregos e ferramentas de serralharia.

CAPÍTULO 2

«...POIS O POVO RUSSO É PORTADOR DE DEUS!»

A compreensão da visão de Vanga sobre o futuro russo não nos chegará plenamente sem que, pelo menos superficialmente, de forma sumária, estudemos as profecias e previsões sobre os destinos futuros da Rússia dos santos russos e padres da Igreja Ortodoxa Russa. Não são assim tantas, mas hoje impressionam-nos pela incrível clarividência e força de previsão.

«Quanto ao destino do Estado Russo, houve em oração uma revelação para mim sobre três jugos ferozes: o tártaro, o polaco e o futuro ainda — o judaico.

O judeu será escorpião a flagelar a terra russa, saquear os seus santuários, fechar as igrejas de Deus, executar os melhores russos. Isso é permissão de Deus, ira do Senhor pelo renegar da Rússia do santo czar.

Mas depois realizar-se-ão as esperanças russas. Em Santa Sofia, em Tsargrad, brilhará a cruz ortodoxa, encher-se-á a Santa Rússia de fumo de incenso e orações e florescerá como lírio celestial» — prevê em 1796 o monge Abel, que se encontrava na santa terra do Monte Athos.

«Haverá um czar que me glorificará, depois do qual haverá grande confusão na Rússia, muito sangue correrá por se levantarem contra esse czar e a autocracia, mas Deus exaltará o czar...

Antes do nascimento do anticristo ocorrerá uma grande e prolongada guerra e uma terrível revolução na Rússia, excedendo toda a imaginação humana, pois o derramamento de sangue será horrível. Ocorrerá a morte de muitos fiéis à pátria, o saque do património da igreja e dos mosteiros; profanação das igrejas do Senhor; destruição e saque da riqueza das pessoas boas, rios de sangue russo correrão. Mas o Senhor terá misericórdia da Rússia e levá-la-á pelo caminho dos sofrimentos à grande glória...», — é o Venerável Serafim de Sarov, pilar da vida espiritual russa. Eis ainda as suas antecipações do futuro: «A mim, pobre Serafim, o Senhor Deus destinou viver muito mais de cem anos.

Mas como nessa altura os arcebispos russos se tornarão tão ímpios, que pela sua impiedade superarão os arcebispos gregos nos tempos de Teodósio o Jovem, de modo que nem ao mais importante dogma da Fé Cristã — a Ressurreição de Cristo e a ressurreição geral — acreditarão, então ao Senhor Deus apraz até ao tempo tirar-me, pobre Serafim, desta vida prematura e depois, para afirmação do dogma da Ressurreição, ressuscitar-me, e a minha ressurreição será como a ressurreição dos sete jovens na caverna de Okhlonskaya nos tempos de Teodósio o Jovem. Depois da minha ressurreição passarei de Sarov para Diveevo, onde pregarei o arrependimento universal».

«A mim, pobre Serafim, o Senhor revelou que na terra russa haverá grandes calamidades. A fé ortodoxa será pisada, os arcebispos da Igreja de Deus e outros clérigos afastar-se-ão da pureza da Ortodoxia, e por isso o Senhor castigá-los-á severamente. Eu, pobre Serafim, três dias e três noites roguei ao Senhor que antes me privasse do Reino dos Céus, e a eles perdoasse.

Mas o Senhor respondeu “Não os perdoarei: pois ensinam doutrinas humanas, e com a língua Me honram, mas o coração deles está longe de Mim...”»

«Mas não até ao fim Se irará o Senhor e não permitirá que a terra russa seja destruída até ao fim, porque nela unicamente se conserva ainda predominantemente a Ortodoxia e os restos da piedade cristã... Em nós a fé Ortodoxa, a Igreja, que não tem qualquer defeito. Por essas virtudes a Rússia sempre será gloriosa e aos inimigos temível e invencível, tendo fé e piedade — a essas as portas do inferno não prevalecerão».

E eis o mais importante das profecias do santo Serafim, ao qual voltaremos mais de uma vez, e cuja essência Vanga confirmará muitas vezes, ela que especialmente nos últimos anos de vida repetia incansavelmente o grande futuro messiânico da Rússia: «Antes do fim dos tempos a Rússia fundir-se-á num grande mar único com as outras terras e tribos eslavas, ela constituirá um mar ou esse gigantesco oceano universal popular, sobre o qual o Senhor Deus desde antigamente falou pela boca de todos os santos:

"Terrível e invencível Reino Todo-Russo, todo-eslavo — Gog e Magog, perante o qual em tremor estarão todos os povos". E tudo isso — tal como dois vezes dois são quatro, e infalivelmente, como Deus é santo, que desde antigamente predisse sobre ele e o seu terrível domínio sobre a terra. Com as forças unidas da Rússia e de outros povos Constantinopla e Jerusalém serão tomadas. Na partilha da Turquia ela quase toda ficará para a Rússia...»

E eis como prevê o futuro da grande potência Russa o Santo Bispo Inácio Bryanchaninov: «Os povos europeus sempre invejaram a Rússia e procuraram fazer-lhe mal. Naturalmente, que também nos séculos futuros seguirão o mesmo sistema. Mas grande é o Deus Russo.

Deve-se rogar ao grande Deus que preserve a força espiritual-moral do nosso povo — a fé Ortodoxa... Julgando pelo espírito do tempo e pela fermentação das mentes, deve-se supor que o edifício da Igreja, que já há muito oscila, oscilará terrível e rapidamente. Não há quem o pare e resista...

A apostasia atual é permitida por Deus: não tentes pará-la com a tua mão fraca. Afasta-te, protege-te dela tu mesmo: e isso de ti basta. Familiariza-te com o espírito do tempo, estuda-o, para pelo possível evitar a sua influência... A constante reverência perante os destinos de Deus é necessária para a correta vida espiritual. Nesta reverência e submissão a Deus deve-se levar a si mesmo pela fé.

Sobre os destinos do mundo e de cada homem vela incansavelmente a Providência do Deus Todo-Poderoso, — e tudo o que acontece, acontece ou por vontade, ou por permissão de Deus...

Os predestinos da Providência de Deus sobre a Rússia ninguém mudará. Os santos padres da Igreja Ortodoxa (por exemplo, santo André de Creta na interpretação do Apocalipse, capítulo 20) predizem à Rússia um desenvolvimento civil extraordinário e poder... E as nossas calamidades devem ser mais morais e espirituais».

Ecoa-lhe o Venerável Ambrósio de Optina: «Se também na Rússia, pelo desprezo dos Mandamentos de Deus e pelo enfraquecimento das regras e disposições da Igreja Ortodoxa, e por outras razões, escassear a piedade, então inevitavelmente deverá seguir-se o cumprimento final daquilo que está dito no Apocalipse de João o Teólogo».

E eis o Santo Bispo Teófanes o Recluso: «A sociedade russa contemporânea transformou-se num deserto mental. O relacionamento sério com o pensamento desapareceu, toda a fonte viva de inspiração secou... As conclusões mais extremas dos pensadores ocidentais mais unilaterais são corajosamente apresentadas como a última palavra da ilustração...

Quantos sinais mostrou o Senhor sobre a Rússia, livrando-a de inimigos mais fortes e submetendo-lhe povos! E, no entanto, o mal cresce. Será que não nos emendaremos? O Ocidente castigou e castigará o Senhor, mas nós não entendemos. Enfiados na lama ocidental até às orelhas, e tudo bem.

Temos olhos, mas não vemos, temos ouvidos, mas não ouvimos, e com o coração não compreendemos... Tendo inalado este vapor infernal, rodamos como loucos, sem nos lembrarmos de nós mesmos».

«Se não nos emendarmos, o Senhor enviar-nos-á professores estrangeiros, para nos trazerem a senso... Resulta que também nós estamos no caminho da revolução.

Isso não são palavras vazias, mas facto afirmado pela voz da Igreja. Saibam, ortodoxos, que Deus não é escarnecido». «O mal cresce, a descrença e a incredulidade levantam a cabeça, a fé e a Ortodoxia enfraquecem... Então, ficar de braços cruzados? Não!

O pastoreio silencioso — que pastoreio é esse? São precisos livros ardentes, defensivos contra todas as maldades. Deve-se arranjar escritores e obrigá-los a escrever... É preciso cortar a liberdade de intentos...

Declarar a incredulidade crime de Estado. Proibir as visões materialistas sob pena de morte!»

Às pessoas familiarizadas com a filosofia ortodoxa são bem conhecidas as visões proféticas do santo justo padre João de Kronstadt.

«A Mãe de Deus salvou a Rússia muitas vezes. Se a Rússia resistiu até agora, foi só graças à Rainha dos Céus. E agora que tempo difícil vivemos! Agora as universidades estão cheias de judeus, polacos, e para os russos não há lugar! Como pode ajudar tais pessoas a Rainha dos Céus? A que ponto chegámos!

A nossa intelligentsia — simplesmente estúpida. Pessoas insensatas, embrutecidas! A Rússia, na pessoa da intelligentsia e parte do povo, tornou-se infiel ao Senhor, esqueceu todas as Suas graças, afastou-se dele, tornou-se pior que qualquer nação estrangeira, até pagã. Esquecestes Deus e abandonaste-lo, e Ele abandonou-vos com a Sua providência paterna e entregou-vos nas mãos de um arbítrio desenfreado, selvagem. Cristãos que não creem em Deus, que com os judeus atuam em conjunto, para quem é

indiferente que fé: com judeus são judeus, com polacos são polacos, — esses não são cristãos, e perecerão, se não se arrependerem...»

«Governantes-pastores, que fizestes do vosso rebanho? O Senhor pedirá contas das Suas ovelhas das vossas mãos!.. Ele principalmente vela pelo comportamento dos arcebispos e sacerdotes, pela sua atividade educativa, sacramental, pastoral... A atual terrível queda da fé e dos costumes depende em grande parte da frieza para com as suas ovelhas de muitos hierarcas e em geral do clero».

«Quantos inimigos tem agora a nossa Pátria! Os nossos inimigos, sabeis quem são: os judeus... Que o Senhor cesse as nossas calamidades, pela Sua grande misericórdia! E vós, amigos, firmai-vos pelo Czar, honrai-o, amai-o, amai a santa Igreja e a Pátria e lembrai-vos de que a Autocracia — a única condição de prosperidade da Rússia; não haverá Autocracia — não haverá Rússia; tomarão o poder os judeus, que nos odeiam fortemente!»

«Mas a Todo-Bondosa Providência não abandonará a Rússia neste estado triste e funesto. Ela castiga justamente e leva ao renascimento. Os justos juízos de Deus realizam-se sobre a Rússia. Forjam-na calamidades e infortúnios. Não em vão. Aquele que governa todos os povos, habilmente, com precisão, coloca na Sua bigorna os submetidos ao Seu forte martelo. Firma-te, Rússia! Mas também arrepende-te, ora, chora lágrimas amargas perante o teu Pai celestial, a Quem imensamente irritaste!.. O povo russo e outras tribos que habitam a Rússia estão profundamente corrompidos, o crisol de tentações e calamidades é necessário para todos e o Senhor, não querendo que ninguém pereça, a todos queima neste crisol.

Mas não temais e não vos assusteis, irmãos, deixai que os sediciosos-satanistas se consolem por um momento com os seus sucessos infernais: o juízo sobre eles de Deus não tardará e a sua perdição não dormita (2 Pedro 2, 3).

A dextra do Senhor encontrará todos os que nos odeiam e vingar-nos-á justamente. Não nos entreguemos portanto ao desânimo, vendo tudo o que agora acontece no mundo...»

«Prevejo a restauração de uma Rússia poderosa, ainda mais forte e poderosa. Sobre os ossos dos mártires, como sobre um fundamento sólido, será erguida a Rússia nova — segundo o antigo modelo; firme na sua fé em Cristo Deus e na Santa Trindade! E será segundo o testamento do santo príncipe Vladimir — como Igreja única! Deixaram de compreender os russos o que é a Rússia: ela é o escabelo do Trono do Senhor! O russo deve compreender isso e agradecer a Deus por ser russo».

São concordantes os pensamentos do contemporâneo de João de Kronstadt, o Venerável Varsanofy de Optina: «As perseguições e tormentos

dos primeiros cristãos, possivelmente, repetir-se-ão... O inferno foi destruído, mas não aniquilado, e virá o tempo em que dará sinal de si. Esse tempo — não está longe...

Até tempos terríveis chegaremos, mas a graça de Deus cobrir-nos-á... O anticristo vem abertamente ao mundo, mas no mundo não o reconhecem. Todo o mundo está sob a influência de alguma força que se apodera da mente, da vontade e de todas as qualidades espirituais do homem. É uma força externa, força má. A sua fonte — o diabo, e as pessoas más são apenas instrumento, por meio do qual ela atua. São — os precursores do anticristo.

Na Igreja agora não temos profetas vivos, mas há sinais. Eles são-nos dados para conhecimento dos tempos. Claramente visíveis para as pessoas que têm mente espiritual. Mas isso no mundo não reconhecem... Todos vão contra a Rússia, ou seja contra a Igreja de Cristo, pois o povo russo — portador de Deus, nele conserva-se a verdadeira fé de Cristo».

Na véspera de talvez a mais terrível tragédia que atingiu a Rússia no século XX — o sangrento golpe de Outubro, o Venerável Anatoly de Optina escreve: «As heresias espalhar-se-ão por todo o lado e seduzirão muitos. O inimigo do género humano atuará com astúcia, para, se possível, inclinar à heresia até os eleitos.

Ele não rejeitará grosseiramente os dogmas da Santa Trindade, da Divindade de Jesus Cristo e da dignidade da Mãe de Deus, mas impercetivelmente começará a distorcer os ensinamentos da Igreja transmitidos pelos Santos Padres pelo Espírito Santo, e o próprio espírito e estatutos dele, e essas astúcias do inimigo notarão só os mais hábeis na vida espiritual.

Os heréticos tomarão o poder sobre a Igreja, por todo o lado colocarão os seus servos e a piedade será desprezada... Por isso, meu filho, quando vires violações da ordem divina na Igreja, da tradição paterna e da ordem estabelecida por Deus, — sabe que os heréticos já apareceram, embora, talvez, até ao tempo escondam a sua impiedade ou distorçam a fé divina impercetivelmente, para ainda mais conseguirem, seduzindo e atraiçoando os inexperientes nas redes.

A perseguição será não só sobre os pastores, mas sobre todos os servos de Deus, pois o demónio que guia a heresia não tolera a piedade. Reconhece-os, esses lobos em pele de ovelha, pelo seu carácter orgulhoso e amor ao poder...

Ai será nesses dias dos monges que se obrigaram com bens e riqueza e por amor ao sossego estão prontos a submeter-se aos heréticos... Não temas a tribulação, mas teme a heresia funesta, pois ela despindo da graça e separa de Cristo...

Haverá tempestade. E o navio russo será destruído.

Mas afinal até em lascas e destroços as pessoas se salvam. E nem todos perecerão. É preciso orar, é preciso que todos se arrependam e orem fervorosamente... Será manifestado um grande milagre de Deus... E todas as lascas e destroços, pela vontade de Deus e pelo Seu poder, reunir-se-ão e unir-se-ão, e será recriado o navio em toda a sua beleza e seguirá o seu caminho, destinado por Deus...»

Em 1917, quando por toda a terra russa corre sangue de inocentes, o Esquimonge Aristokly do Monte Athos intercede pela salvação da Rússia: «Agora vivemos o tempo pré-anticristo. Começou o juízo de Deus sobre os vivos e não ficará nenhum país na terra, nenhuma pessoa, que isso não atinja. Começou pela Rússia, e depois mais longe...

E a Rússia será salva. Muitos sofrimentos, muitos tormentos. É preciso sofrer muito e muito, e arrepender-se profundamente a todos. Só o arrependimento através do sofrimento salvará a Rússia. Toda a Rússia tornar-se-á uma prisão, e é preciso implorar muito ao Senhor o perdão. Arrepender-se dos pecados e temer cometer até os mais pequenos pecados, e esforçar-se por fazer o bem, embora o mais pequeno. Pois até a asa de uma mosca tem peso, e com Deus as balanças são exatas. E quando o mais pequeno bem pesar mais na balança, então Deus manifestará a Sua misericórdia sobre a Rússia...

Mas primeiro Deus tirará todos os líderes, para que os russos olhem só para Ele. Todos abandonarão a Rússia, outras potestades renunciarão a ela, deixando-a a si mesma. Isso para que os russos esperem a ajuda do Senhor. Ouvirão que noutros países começarão desordens e algo semelhante ao que na Rússia (durante a revolução. — Red.), e ouvirão falar de guerras e haverá guerras — eis que o tempo já está próximo. Mas não temais nada. O Senhor manifestará a Sua misericórdia maravilhosa.

O fim será através da China. Haverá uma explosão invulgar qualquer, e aparecerá um milagre de Deus. E haverá uma vida completamente diferente na terra, mas não por muito tempo. A Cruz de Cristo brilhará sobre todo o mundo, porque se engrandecerá a nossa Pátria e será como um farol na escuridão para todos».

Soa enigmaticamente a profecia de 1917—1918 do Venerável Nektary de Optina: «A Rússia erguer-se-á e será materialmente não rica, mas rica em espírito, e em Optina haverá ainda 7 luminárias, 7 pilares. Se na Rússia se conservar pelo menos um pouco de fiéis ortodoxos, Deus terá misericórdia dela. E nós temos tais justos».

Nos anos 1930, no período do apogeu do terror e das perseguições aos crentes, o Santo Bispo Teófanes de Poltava espera o melhor: «Pergunta-me pelo futuro próximo e pelos últimos tempos vindouros. Não falo disso por mim, mas o que me foi revelado pelos anciãos.

A vinda do anticristo aproxima-se e já está muito perto. O tempo que nos separa da sua vinda pode medir-se por anos, no máximo — por décadas. Mas antes da sua vinda a Rússia deve renascer, embora por curto prazo. E lá haverá um czar escolhido pelo próprio Senhor. E será homem de fé ardente, mente profunda e vontade de ferro. Isso é o que nos foi revelado sobre ele, esperaremos o cumprimento dessa revelação. Julgando por muitos sinais, ela aproxima-se; a não ser que por causa dos nossos pecados o Senhor a anule e mude a Sua promessa».

«Na Rússia será restaurada a monarquia, o poder autocrático. O Senhor predestinou o futuro czar. Será homem de fé flamejante, mente genial e vontade de ferro. Ele antes de tudo porá ordem na Igreja Ortodoxa, removendo todos os arcebispos não verdadeiros, heréticos e tíbios. E muitos, muitos, com poucas exceções, quase todos serão afastados, e novos, verdadeiros, inabaláveis arcebispos tomarão o seu lugar... Acontecerá o que ninguém espera. A Rússia ressuscitará dos mortos, e todo o mundo se admirará.

A Ortodoxia nela renascerá e triunfará. Mas aquela Ortodoxia que antes havia, já não haverá. Pelo próprio Deus será colocado um czar forte no trono».

A sua profecia nos anos da guerra (1943) deixou o Venerável Serafim de Vyritsa: «Passará a tempestade sobre a Terra Russa, o Senhor perdoará ao povo russo os pecados, e a Cruz santa com beleza divina nas igrejas de Deus de novo brilhará. De novo se abrirão mosteiros por todo o lado, e a fé em Deus a todos unirá, e o som dos sinos toda a nossa Santa Rússia do sono pecaminoso para a salvação despertará. Cessarão as infelicidades terríveis, a Rússia vencerá os seus inimigos, e o nome do grande povo russo como trovão por todo o Universo trovejará!»

Nestes mesmos anos realizava o seu serviço o Venerável Lavrenty de Chernigov: «Os russos arrepender-se-ão dos pecados mortais, que permitiram a impiedade judaica na Rússia, não protegeram o Ungido de Deus — o czar, as igrejas ortodoxas e mosteiros, a multidão de mártires e confessores santos e tudo o que é russo santo. Desprezaram a piedade e amaram a impiedade demoníaca...

Quando aparecer uma pequena liberdade, abrirão igrejas, repararão mosteiros, então todas as falsas doutrinas sairão à luz. Na Ucrânia levantar-se-ão fortemente contra a Igreja Russa, a sua unidade e conciliação. Esse agrupamento herético será apoiado pelo poder ímpio. O metropolita de Kiev, que não é digno desse título, abalará fortemente a Igreja Russa, e ele próprio irá para a perdição eterna, como Judas. Mas todas essas calúnias do maligno na Rússia desaparecerão, e haverá uma única Igreja Ortodoxa Russa...

A Rússia juntamente com todos os povos e terras eslavas constituirá um poderoso Reino.

Pastoreá-lo-á um czar ortodoxo — o Ungido de Deus. Na Rússia desaparecerão todos os cismas e heresias. Os judeus da Rússia partirão para encontrar na Palestina o anticristo, e na Rússia não haverá nem um judeu. Não haverá perseguição à Igreja Ortodoxa. O Senhor terá misericórdia da Santa Rússia porque nela houve um tempo terrível e horrível pré-anticristo. Brilhou um grande exército de confessores e Mártires... Todos eles imploram ao Senhor Deus Rei das Forças, rei dos reis, na Santíssima Trindade glorificado Pai e Filho e Espírito Santo. É preciso saber firmemente que a Rússia — o quinhão da Rainha dos Céus e ela cuida dela e intercede especialmente por ela. Todo o exército dos santos russos com a Mãe de Deus pedem que poupem a Rússia.

Na Rússia haverá florescimento da fé e a anterior exultação (só por pouco tempo, pois virá o Terrível Juiz julgar vivos e mortos).

Do czar ortodoxo russo temerá até o próprio anticristo. Sob o anticristo a Rússia será o reino mais poderoso no mundo.

E todos os outros países, exceto a Rússia e as terras eslavas, estarão sob o poder do anticristo e experimentarão todos os horrores e tormentos escritos na Sagrada Escritura. A terceira guerra Mundial já não será para arrependimento, mas para extermínio. Onde ela passar, lá não haverá pessoas. Haverá bombas tão fortes que o ferro queimará, as pedras derreterão. Fogo e fumo com pó até ao céu. E a terra queimará. Lutarão e ficarão dois ou três estados. As pessoas ficarão muito poucas e então começarão a gritar: abaixo a guerra! Vamos eleger um! Colocar um czar! Elegerão um czar, que nascerá de uma virgem meretriz de descendência em duodécimo grau. E o Anticristo sentar-se-á no trono em Jerusalém».

Em 1959, a revista do ramo canadiano da irmandade ortodoxa do Venerável Job de Pochaev «Revisão Ortodoxa» publicou a visão de um ancião, contada por ele ao bispo canadiano Vitaly (Ustinov), que depois se tornou metropolita da Igreja Ortodoxa Russa no estrangeiro. Esse ancião em sono subtil viu o Senhor, Que lhe disse: «Eis que engrandecerei a Ortodoxia na terra russa e dela brilhará para todo o mundo... A comuna desaparecerá e dissipar-se-á como pó ao vento. Ela foi permitida para que na Rússia se fizesse um povo com um coração e uma alma. Purificando-o pelo fogo, Eu fá-lo-ei Meu povo... Eis que estenderei a Minha dextra e a Ortodoxia da Rússia brilhará para todo o mundo. Chegará tal tempo em que as crianças lá levarão aos ombros pedras para construção de templos.

A Minha mão é forte e não há força nem no céu, nem na terra, que lhe resista».

Arcebispo Serafim, de Chicago e Detroit (contemporâneo de Vanga): «O Senhor recentemente, durante a minha peregrinação à Palestina, dignou-me,

pecador, conhecer certas novas profecias até agora desconhecidas, que lançam nova luz sobre os destinos da Rússia.

Essas profecias descobriu casualmente um erudito monge russo em antigos manuscritos gregos, guardados num antigo mosteiro grego. Santos padres desconhecidos dos séculos VIII e IX, ou seja, contemporâneos de s. João Damasceno, em tais palavras aproximadamente selaram essas profecias: «Depois que o povo judeu eleito por Deus, entregando à tortura e morte vergonhosa o seu Messias e Redentor, perdeu a sua eleição, esta passou para os helenos, tornados o segundo povo eleito por Deus. Os grandes padres orientais da Igreja afiaram os dogmas cristãos e criaram um sistema coerente de doutrina cristã.

Nisso a grande mérito do povo grego. Contudo, construir uma vida social e estatal harmónica sobre esse sólido fundamento cristão à estabilidade bizantina faltam forças criativas e possibilidades.

O cetro do Reino Ortodoxo cai das mãos enfraquecidas dos imperadores bizantinos, que não conseguiram realizar a sinfonia da Igreja e do estado.

Por isso, em substituição ao povo grego espiritualmente envelhecido eleito, o Senhor Providente enviará o terceiro povo seu eleito por Deus. Esse povo aparecerá no Norte daqui a cem-duzentos anos (essas profecias foram escritas na Palestina 150—200 anos antes do Batismo da Rússia. — Arcebispo Serafim), de todo o coração aceitará o cristianismo, esforçar-se-á por viver segundo os mandamentos de Cristo e procurar, segundo a indicação de Cristo Salvador, antes de tudo o Reino de Deus e a Sua Justiça. Por esse zelo amará esse povo o Senhor Deus e acrescentar-lhe-á todo o resto — grandes extensões territoriais, riqueza, poder estatal e glória. Pela fraqueza humana não uma vez cairá em grandes pecados esse grande povo e por isso será punido com não pequenas provações.

Daqui a mil anos aproximadamente também esse povo eleito por Deus vacilará na fé e no estar pela Verdade de Cristo, orgulhar-se-á do seu poder e glória terrenos, deixará de cuidar da busca da Cidade vindoura e quererá o paraíso não no céu, mas na terra pecadora.

Contudo, nem todo esse povo irá por esse caminho largo funesto, embora a sua maioria significativa, especialmente a camada que o guia.

E por essa grande queda será enviado do alto sobre esse povo, que desprezou os caminhos de Deus, uma terrível prova ígnea. Rios de sangue correrão pela sua terra, irmão matará irmão, a fome não uma vez visitará essa terra e colherá a sua terrível ceifa, quase todos os templos e outras santidades serão destruídos ou profanados, muitas pessoas perecerão.

Parte desse povo, não querendo reconciliar-se com a iniquidade e injustiça, abandonará os limites pátrios e dispersar-se-á, semelhante ao povo

judeu, por todo o mundo. Contudo, não até ao fim Se irará o Senhor com o Seu terceiro povo eleito.

O sangue de milhares de mártires clamará ao céu por misericórdia. No próprio povo começará o despertar e o regresso a Deus. Passará, finalmente, o prazo determinado pelo Justo Juiz da prova purificadora, e de novo brilhará com luz clara do renascimento a santa Ortodoxia nesses espaços setentrionais.

Essa luz maravilhosa de Cristo iluminará dali e esclarecerá todos os povos do mundo, o que ajudará a parte desse povo enviada providencialmente antecipadamente na dispersão, que criará focos de Ortodoxia — templos de Deus — por todo o mundo. O cristianismo então manifestar-se-á em toda a sua beleza e plenitude celestiais. A maioria dos povos do mundo tornar-se-á cristã. Por algum tempo em todo o mundo sublunar reinará uma vida cristã próspera e pacífica...

E depois? Depois, quando chegar o cumprimento dos tempos, começará já em todo o mundo a completa decadência da fé e o mais predito na Sagrada Escritura, aparecerá o anticristo e chegará, finalmente, o fim do mundo».

No fim dos anos 1980, Vanga prevê: «A Providência diz-me que ocorrerão muitos acontecimentos: os russos ocuparão a Turquia, a Turquia desaparecerá do mapa, porque um terço dos turcos tornar-se-á cristão, um terço perecerá na guerra e um terço irá para a Mesopotâmia. O Médio Oriente tornar-se-á arena de guerras, nas quais participarão os russos. Derramar-se-á muito sangue, os chineses atravessarão o rio Eufrates, tendo um exército de duzentos milhões, e chegarão a Jerusalém. Sinal característico de que esses acontecimentos se aproximam será a destruição da mesquita de Omar, pois a sua destruição significará o início dos trabalhos de reconstrução pelos judeus do templo de Salomão, que foi construído exatamente nesse lugar.

Em Constantinopla ocorrerá uma grande guerra entre russos e europeus, e derramar-se-á muito sangue. A Grécia não desempenhará nessa guerra o papel principal, mas dar-lhe-ão Constantinopla. Não porque os russos reverenciem os gregos, mas porque não se encontrará melhor solução...

O exército grego não terá tempo de chegar lá, como a cidade lhe será dada. Os judeus, pois terão força e ajuda da direção europeia, isolar-se-ão e comportar-se-ão com descaramento e orgulho, e procurarão governar a Europa...

Tramarão muitas intrigas, mas através da perseguição que se seguirá, o cristianismo unir-se-á completamente. Contudo unir-se-á não como querem aqueles que com várias maquinações arranjam a «união mundial das igrejas», desejando ter à cabeça uma direção religiosa única. Os cristãos unir-se-ão, porque na situação criada ocorrerá a separação das ovelhas dos cabritos. Então realizar-se-á na prática «um só rebanho e um só Pastor»...

Não vos entregueis ao pânico. Covardes não são precisos a ninguém. Deus olha para a disposição da pessoa e ajuda-lhe. É preciso manter-se com sangue-frio e trabalhar com a cabeça. O que quer que aconteça, é preciso orar, pensar e atuar. O melhor — é esforçar-se sempre por resistir espiritualmente à situação difícil. Contudo hoje não há nem coragem espiritual, que nasce da santidade e ousadia para com Deus, nem coragem natural, que é precisa para não acobardar perante o perigo...

Para conter um grande mal, é preciso ter muita santidade. A pessoa espiritual tanto o mal travará, como às pessoas ajudará. Na vida espiritual o maior covarde pode adquirir muita coragem, se se entregar a Cristo, à Sua ajuda divina. Poderá ir para a frente, lutar com o inimigo e vencer! Temamos portanto só um — a Deus, e não às pessoas, por mais más que sejam. O temor de Deus a qualquer covarde tornará valente! Na medida em que a pessoa se une a Deus, na mesma medida torna-se destemida».

Em 1981, um grupo de sacerdotes e leigos de Samara encabeçados pelo seu arcebispo Sérgio visitou Rupite. As impressões dessa peregrinação registou o agora ancião Kirion: «No rosto de Vanga está escrita a graça. Ela falou-nos dos destinos do mundo e dos vindouros acontecimentos terríveis. O Senhor tolerou por muito tempo as nossas iniquidades, como antes do grande dilúvio, mas agora chega o limite à longanimidade de Deus — chegou o tempo da purificação.

Transbordou a taça da ira de Deus. O Senhor permitirá sofrimentos para destruição dos ímpios e lutadores contra Deus — todos aqueles que fizeram as desordens modernas, derramaram sujidade e contagiaram o povo.

O Senhor permitirá que eles, com mentes cegadas, se destruam uns aos outros. Haverá muitas vítimas e sangue. Mas aos crentes não é preciso temer, embora também para eles haja dias tristes, haverá tantas tribulações quantas o Senhor permitir para purificação. Disso não é preciso horrorizar-se. Depois haverá um surto de piedade na Rússia e em todo o mundo. O Senhor cobrirá os Seus. As pessoas voltarão para Deus. Já estamos no limiar desses acontecimentos.

Agora tudo começa, depois aos lutadores contra Deus haverá o seguinte estágio, mas eles não conseguirão realizar os seus planos, o Senhor não permitirá. Depois do surto de piedade estará próximo o fim da história terrena».

Vanga não privou da sua conversa outro peregrino russo de Samara: «Eu oro — dizia ela —, para que o povo russo chegue àquele seu estado normal, que havia antes da destruição, porque temos raízes comuns e sofremos pela situação do povo russo...

Tal agravamento agora — estado geral em todo o mundo. E esse estado é precisamente aquele limite, depois do qual já começa a ira de Deus.

Chegámos a esse limite. O Senhor só pela Sua misericórdia tolerava, e agora já não tolerará, mas pela Sua justiça começará a castigar, porque chegou o tempo. Haverá guerras, e nós experimentaremos grandes dificuldades.

Agora o poder em todo o mundo foi capturado pelos servos do anticristo, e o objetivo deles — extirpar o cristianismo. A ira de Deus será tal, que todos os inimigos secretos da Ortodoxia serão destruídos. Especialmente para isso é enviado a ira de Deus, para os destruir.

As provações não devem horrorizar-nos, devemos sempre ter esperança em Deus. Pois assim sofreram milhares, milhões de mártires, assim sofreram também os novos mártires, e por isso devemos estar prontos para isso e não horrorizar-nos.

Paciência, oração e confiança na Providência de Deus devem ser. Oremos pelo renascimento do cristianismo depois de tudo o que nos espera, para que o Senhor realmente nos dê forças para renascermos. Mas esse dano é preciso suportar... As provações começaram há muito, e é preciso esperar uma grande explosão. Mas depois disso já haverá renascimento...

Agora começa o período de acontecimentos, acontecimentos militares pesados. O motor desse mal são os estrangeiros. O diabo impeli-os a começar, para destruir a semente da Ortodoxia na Bulgária e na Rússia. Isso é para eles o principal obstáculo ao domínio mundial. E eles obrigarão os turcos a vir mesmo assim para aqui, para a Bulgária, e a começar as suas ações. E a Bulgária, embora tenha governo, na realidade como que não o tem, porque não tem força.

E os turcos virão para aqui. Esse será o momento em que a Rússia também moverá as suas forças, para repelir os turcos.

Os acontecimentos desenvolver-se-ão assim: quando a Rússia for em ajuda da Bulgária, os americanos e a NATO procurarão impedir isso, para que não haja reunificação, fusão dos dois povos ortodoxos. Erguerão ainda mais forças — japoneses e outros povos. No território do antigo Império Bizantino haverá uma grande carnificina. Só de mortos haverá cerca de 600 milhões de pessoas. Nisso participará ativamente também o Vaticano, para impedir a reunificação e o crescimento do papel da Ortodoxia. Mas isso resultará na destruição completa da influência vaticana, até aos fundamentos.

Assim virará a Providência de Deus...

Haverá permissão de Deus, para que sejam destruídos aqueles que semeiam escândalos: pornografia, toxicodependência etc. E o Senhor cegará de tal modo as suas mentes, que eles destruirão uns aos outros com insaciabilidade.

O Senhor permitirá isso especialmente, para fazer uma grande limpeza. Quanto àquele que governa o país, não ficará por muito tempo, e o que agora se passa não durará muito, e depois logo guerra. Mas depois dessa grande limpeza haverá renascimento da Ortodoxia não só na Rússia, mas em todo o mundo, um grande surto da Ortodoxia.

O Senhor dará o Seu beneplácito, graça tal como foi no início, nos primeiros séculos, quando as pessoas com coração aberto iam para o Senhor. Isso durará três-quatro décadas, e depois rapidamente sobrevirá a ditadura do anticristo. Eis tais acontecimentos terríveis que devemos viver, mas que eles não nos horrorizem, porque o Senhor cobrirá os Seus. Sim, realmente, vivemos dificuldades, fome e até perseguição e muito desse género, mas o Senhor não abandonará os Seus.

E aqueles que estão colocados no poder devem obrigar os seus súbditos a estar mais com o Senhor, a permanecer mais em oração, e o Senhor cobrirá os Seus. Mas depois da grande limpeza haverá também um grande renascimento...»

Aliás, longe de ser só aos santos agradáveis a Deus e aos padres da igreja que acontecia ver aquilo que está fechado ao olho da pessoa comum. Eis o que, por exemplo, contava sobre a sua visão um certo Muravyov Petr Andreevich, que quase congelara em 1906 numa caçada ao pato. Durante a morte clínica que viveu, deitado num banco numa banha fria sem aquecimento, a alma de Petr Muravyov separou-se do corpo, encontrando-se por algum tempo fora dele. Nesse momento, ao lado dela apareceu o seu duplo — habitante de um mundo paralelo, que disse a Muravyov: «Haverá uma terrível revolução na Rússia.

Ela será a segunda, e depois seguir-se-ão ainda três, mas tu não viverás até elas. A última (terceira), no próprio fim do século (o nosso), verás já daqui».

Mergulhemos em antiguidade ainda maior. Viveu, por exemplo, nos tempos dos primeiros czares russos um lituano russo Vasily Nemchin. Os seus escritos eram amados e compreendidos pelo próprio arqui-padre Avvakum, que por eles atuava pela fé porque, dizia ele, «todos os poderes passam, e a Rússia ficará como recompensa pelos tormentos e sofrimentos, pois através do cisma na Rússia aparecerá o não-cristão e começará a governar».

Sobre a abdicação de Nicolau II, Nemchin designou exatamente: «O 18.º na dinastia será condenado ao sacrifício». Escreve: «Depois disso haverá terrível devastação e possessão demoníaca, haverá czar em “gaiola de ferro” (possivelmente Estaline?) e terrível guerra, e depois, após sete décadas de abominação e desolação, sobrevirá grande renovação e haverá três anos de fuga dos “demónios e lobos” da terra russa, quando cederem ambos (Brezhnev e Gorbachev?), como vier o novo (Iéltsin?)».

No início do século seguinte, segundo Nemchin, deve esperar-se guerra entre a cruz e o crescente.

«O povo do Norte — profetizava ele — receberá três avisos sobre três caminhos proibidos, pelos quais não deve ir, caso contrário durante determinado tempo sentirá consequências terríveis e 15 anos nada poderá mudar».

Previu Nemchin também o aparecimento do «grande Oleiro», ou «Novo Homem», de que falarão Vanga e Nostradamus — sob o qual a Rússia obterá grandeza inaudita depois de 2025, mas antes disso governará o «cavaleiro» (Dragão), e depois a «dama» (Gato).

E agora ouçamos o que diz a esse respeito o rei dos profetas Michel Nostradamus: «Entre o segundo e o terceiro advento do anticristo — escreve ele —, surgirá um grande império do anticristo lá de onde outrora veio Átila, e um novo Xerxes descerá com exército inumerável, mas o sopro do Espírito Santo, procedente da 48.ª paralela, produzirá mudança, expulsando a abominação da desolação, gerada pelo anticristo, que declarou guerra ao Papa Romano e à Igreja Cristã, cujo reino será por um tempo e no ocaso dos tempos».

Esse trecho refere-se diretamente à Alemanha fascista, que Nostradamus chamava império do anticristo, e à Rússia, que ele chamava Aquilão. Mais adiante Nostradamus escreve que antes do surgimento do império do anticristo «alguma mudança ocorrerá em Outubro e será tal, que as pessoas pensarão que o peso da terra perdeu o seu movimento natural e que a terra mergulhou no abismo da escuridão eterna. Na primavera haverá eclipses, e depois enormes mudanças, derrubamento de reinos e fortes abalos. Tudo isso será acompanhado pela criação de uma nova Babilónia (da Rússia Soviética?), miserável filha, enriquecida pela abominação da primeira tragédia. Ele (essa Babilónia) existirá não mais de setenta e três anos e sete meses».

Na primavera de 1991 realizou-se a dissolução oficial do Conselho de Ajuda Económica Mútua e da Organização do Pacto de Varsóvia, concluindo o colapso do sistema socialista, e em Dezembro de 1991 deixou de existir a URSS. A soma dos primeiros sete membros da sequência de Lucas, ou por outro nome sequência aditiva dourada, constitui a grandeza igual a 73,394. Ou, por outras palavras, corresponde a 73 anos e 144 dias, que coincide exatamente com a previsão de Nostradamus: «Do modo como os reinos serão enfraquecidos pelos habitantes do Oriente, parecerá que o Criador soltou Satanás das prisões do inferno... Nesse momento começará a perseguição à igreja, igual à qual nunca houve». E daqui segue-se a conclusão: «Países, cidades, reinos e províncias, que abandonaram os seus antigos costumes, para obter liberdade, mas na realidade apenas se escravizaram ainda mais, secretamente cansar-se-ão da sua liberdade e, perdendo a sua perfeita

religião, começarão a desviar-se para a esquerda, para depois de novo virar à direita». Mas o mais importante na profecia de Michel Nostradamus está à frente: «Depois do rebanho, que permaneceu estéril durante tanto tempo, da 50.ª paralela, surgirá aquele que renovará toda a igreja cristã». Depois do qual «será estabelecida uma grande paz, acompanhada por união e concórdia de pessoas de opiniões opostas, divididas por fronteiras de reinos». Obviamente, que nesse lugar Nostradamus prevê a união da Europa com a Rússia. Naturalmente, essa união não será física, simplesmente a Rússia economicamente entrará na composição da Europa unida.

Segundo os cálculos astrológicos de Nostradamus, esse acontecimento ocorrerá pouco depois de 2025, pois a sua cronologia termina exatamente nessa data. Contudo, antes disso no nosso país devem amadurecer as premissas para a criação da Igreja Universal Única.

O espírito, sentido e letra dessa ideia formularam-na muito bem a conhecida ativista social inglesa e iniciada, que tinha ligação direta com os Grandes Mestres da humanidade, toda a sua vida consciente levando às pessoas o ensino da luz e do bem — Alice Bailey.

Na sua altura escreveu muito sobre o futuro da Rússia e a sua missão universal. Em particular, dizia: «A missão da Rússia foi gerada e amadurecida pelos seus idealistas avançados sob qualquer regime e, quando se cumprirem os prazos, será revelada em toda a sua força e glória para bem de todo o mundo...». O período de construção da sociedade socialista na Rússia, juntamente com a sua ateísmo e genocídio, encaixa-se inteira e completamente no Plano Divino de desenvolvimento da humanidade. A Rússia ao longo do século XX cumpria a missão mais importante, a mais responsável, e isso não tanto em relação a si mesma, quanto em relação a toda a humanidade, precisamente por isso o Altíssimo abençoou tal modo de vida dos nossos russos. Tal permanecerá também no futuro. O russo ora não para satisfazer as ambições do Altíssimo — isso é próprio só dele, mas por si e pelo seu futuro.

E eis ainda uma previsão, que no fim de 1995 Vanga exprimiu sobre a Rússia: «País muito interessante. E futuro tão interessante.

Nada de terrível na Rússia já acontecerá, mas toda a sua vida irá por outro caminho. O período de viragem sobrevirá aproximadamente a meio de 2010. Os russos — o povo mais espiritualizado por origem e por destino.

Precisamente os russos darão início ao renascimento de todo o mundo. Com Deus, com religião diretamente isso não tem ligação nenhuma. E não é preciso esperar que venha alguém e comece a ensinar, a proclamar, a construir novos templos, a criar novas doutrinas...

Nada disso haverá. Haverá, claro, novas doutrinas e correntes, e a religião desempenhará o seu papel, sem dúvida. Mas o próprio processo de renascimento do mundo de perto não se nota — daqui a alguns séculos ficarão claro que houve, e os nossos descendentes de algum modo o chamarão e até marcarão a data do seu surgimento.

E por enquanto simplesmente devagar começarão a mudar a relação com a vida, as próprias pessoas, e começará isso com os russos. Gradualmente no povo formar-se-á outra mentalidade, e, no fim das contas, mudará o princípio espiritual do homem, o que acarretará múltiplas mudanças até às quotidianas... Contudo na economia o atraso da Rússia em relação à Europa, América (quase a todos) ainda haverá, mas isso não por muito tempo.

A reconstrução cardinal da consciência dos terráqueos refletir-se-á em todos os processos económicos.

Não direi que o dinheiro deixará de desempenhar grande papel... Mas os princípios da economia mudarão.

Os economistas líderes atuais dos países desenvolvidos (muitos deles) já falam da necessidade de «afastamento das tradições estabelecidas há séculos».

Mas nem eles imaginam quão profundas serão as mudanças... São Petersburgo não será inundada, mas a cidade tornar-se-á completamente outra. E segunda capital, uma espécie de centro espiritual da Rússia (como era com os czares), fazer dela não conseguirá. E Moscovo tornar-se-á menor e mais silenciosa. Essas mudanças para melhor. Mais calma tornar-se-á a vida, menos pessoas aspirarão à capital.

Reviver caberá às províncias. Crescerão muitas cidades novas na periferia, por exemplo na Carélia, nos Urais além... A Crimeia estará na Rússia, embora para isso seja preciso aplicar esforços. Guerra não é preciso temer, mas complicações por causa da Crimeia não acabarão tão cedo... A Rússia deixará de olhar para a América. Os russos compreenderão que têm caminho especial, e não pior. A crise de 1998 será o último golpe económico. E embora à Rússia caiba ainda longo caminho para a prosperidade, ela atingirá nível que agora não tem nenhum estado. Isso ocorrerá já no século XXI, os nossos filhos o alcançarão... À Rússia nada olhar para outros países. Tem futuro especial.

Depois pela Rússia todos se estenderão. A civilização na Terra conhece por enquanto um caminho de desenvolvimento, e afinal existem não menos de mil. Chega o momento de viragem do desenvolvimento, o caminho anterior é substituído por novo, ainda não visto. Simplesmente mudará a visão do mundo do homem, e com ela o seu modo de vida. Isso já é nova escada. O passo para nova escada de desenvolvimento está indiretamente ligado a várias descobertas na genética...

E revelar o que e como, a ninguém se pode. O caminho para o futuro deve permanecer fechado. Pode-se contar algo em traços gerais, mas no conjunto esse tema é proibido. O homem deve ir em frente sozinho. Não pensem que à frente nos espera algo terrível. A humanidade — não criança pequena, que é preciso levar pela mão, e ainda por cima convencer a não temer... A vida é a vida. Grande a probabilidade de surtos de doença vírica desconhecida nas regiões do sul. Na Rússia haverá agitações políticas. Mas isso não terá carácter catastrófico. No conjunto nada de horrível prevejo».

Todos os videntes falam na mesma língua, e as palavras do filósofo N. Danilevsky mais uma vez confirmam isso: «...Sim, o destino do homem russo é sem dúvida todo-europeu e universal. Tornar-se verdadeiro russo, tornar-se plenamente russo, talvez signifique precisamente tornar-se irmão de todos os homens — omni-homem, se quiserem».

Que, acaso falo da glória económica, da glória da espada e da ciência?! Falo apenas da fraternidade das pessoas — a alma russa, o génio do povo russo, talvez seja, de todos os povos, o mais capaz de conter em si a ideia da união universal da fraternidade, do amor, do olhar sóbrio, que perdoa o hostil, que distingue e desculpa o dissimilar, que remove as contradições.

Isso não é traço económico nem outro qualquer.

É apenas traço moral, e poderá alguém negar, discutir, que não existe no povo russo?»

Para que não troeje o último trovão sobre a Rússia, para que ela saia do pântano, para que o seu futuro seja luminoso — precisa de se apoiar em algo. Tal apoio costumam chamar ideia nacional. É essa força real, que segura o povo, que vagueia nas trevas, no caminho para a luz, renascimento, indica-lhe orientações.

O filósofo V. Solovyov, que se ocupava do problema da ideia nacional, diz: «Manifestar a sua potência, perseguir o seu interesse nacional — eis tudo o que cabe fazer ao povo, e o dever do patriota resume-se a isso, a apoiar o seu país e servi-lo nessa política nacional, sem lhe impor a sua opinião subjetiva. E para saber o verdadeiro interesse da nação... há só um meio — perguntar ao próprio povo o que pensa disso, chamar a conselho a opinião geral».

Vladimir Solovyov liga a ideia da nação do modo mais direto com Deus, dizendo que a ideia da nação — é o que Deus pensa dela.

Assim, fala da predeterminação, destino de um ou outro povo, da sua missão especial. «O povo russo — diz o escritor-filósofo — é povo cristão, e a própria Rússia — parte do mundo cristão».

A Ortodoxia — é a sua fortaleza. As pessoas sempre iam ao templo. Verdade é também que durante muitas décadas a estrada que levava ao templo não havia para ele. As verdades cristãs, pelas quais se guia toda a humanidade, eram extirpadas da nação russa.

Mas o caminho do ateísmo revelou-se funesto para o povo russo. O homem não pode viver nem sem fé, nem sem objetivo. Ao objetivo pode levá-lo a fé, e a fé ajudará a atingir o objetivo.

E Vanga dizia: «O homem foi criado à imagem de Deus, significa que deve acender em si a faísca de Deus. Construir em si um pequeno templo, reavivar em si as santidades. Então não fará mal nem a si, nem a outras pessoas, então a sua vida tornar-se-á mais luminosa. Muitas pessoas luminosas — sociedade luminosa. Só assim, pondo na construção do templo primeiro o seu, depois o comum — o seu tijolo, se pode construir essa vida, esse futuro melhor, que é o objetivo final, ao qual sempre aspiraram todas as nações, esse futuro, que agora deseja o nosso povo. A estrada que vai do templo leva a humanidade ao nada».

Sobre quão necessária é a ideia nacional da Rússia, ainda em 1929 no artigo «Existirá a Rússia?» falava insistentemente G. Fedotov: «A ideia nacional russa, que outrora inspirava os Aksakov, Kireevsky, Dostoiévsky, nas últimas décadas embruteceu extraordinariamente. Os epígonos do eslavofilismo esqueceram completamente o seu conteúdo positivo criativo. Estavam hipnotizados pela força nua, atrás da qual perderam a ideia moral. O nacionalismo russo expressava-se principalmente na perseguição ilimitada das pequenas nacionalidades, na compressão das suas necessidades espirituais legítimas, criando à Rússia novos e novos inimigos. E, finalmente, o povo — o povo, que durante tantos séculos com paciência heroica carregava nas costas o peso do império —, de repente recusou-se a defendê-lo... Já nada lhe dói — nem a Bielorrússia, nem a Ucrânia, nem o Cáucaso.

Que tomem e dividam, quem quiser. “Somos de Ryazan”. Tal o resultado do esboroamento da consciência nacional... A queda da ideia czarista arrastou consigo a queda da ideia russa. O povo russo desfez-se, pulverizou-se em grãozinhos de mundos rurais, dos quais uma força alheia, autoritária e cruel, podia construir qualquer estado, ao seu estilo e gosto».

O escritor Valentin Rasputin, intelectual e justo, registou cuidadosamente as suas conversas com Vanga (encontrou-se com a vidente búlgara três vezes no total).

«A Rússia ainda talvez só se esteja a preparar para a fé. Os tempos de devastação da alma não passaram em vão; é mais simples restaurar um templo destruído e começar o serviço, do que começar o serviço numa alma interrompida. Nela é preciso brotar a própria fonte, para alimentar a oração, que, pedindo dons, pudesse oferecer também de si. Mas que essas fontes se

abram através da secura, dúvidas não suscita, e atrasam-se apenas para os sofredores, que, sofrendo, não sabem o que querem. E por isso hoje a pergunta: está viva ainda a Rússia, existe ela naquele corpo popular e concílio paterno, que necessariamente se deve inserir nesse conceito — fazer tal pergunta já não tem sentido.

Ontem tinha, hoje não. Sofreu mais do que previam os prognósticos mais sombrios: como potência, que carregava esse nome, está à beira do colapso; como formação nacional na unidade internacional foi gravemente atingida pela indiferença para com ela e pela incompreensão, por discórdias internas e egoísmo; como som divino, que outrora fazia cada russo persignar-se, perdeu-se; como poço de riquezas inumeráveis — em nove décimos esgotada; como coletora espiritual — defensora do eslavismo — ridicularizada e deslocada... e nas suas próprias terras não ousa proteger o russo... mas enfraquecida, saqueada, manuseada por mãos sujas, desonrada, amaldiçoada, não perecida até ao fim — mesmo assim viva. Se se agarraram de novo por ela de tal modo que faíscas voam, significa que há por que se agarrar. Hoje está mais viva do que em tempos recentes da sua potência exaustiva, porque tirou dos esconderijos as santidades nacionais, pela fraqueza e rejeição despertou para si compaixão e amor, e contra os corvos que voam para ela com grasnidos começam a reunir-se destacamentos, prontos a defender a Rússia...

O colapso é colapso, a ninguém pode trazer proveito. Já a própria palavra avisa das consequências. Esses duplicar e triplicar inter-republicanos, que são capazes de aparecer nos destroços da União, não se aguentarão por muito tempo em pastagem livre e serão obrigados a procurar novo abrigo. Sair simplesmente para quintas separadas, para levar economia independente, sem bom reserva no bolso hoje não conseguirá. E não terão tempo de exclamar os nossos irmãos, como se encontrarão uns com a Alemanha, com a sua poderosa economia, outros com a Polónia, com o seu poderoso espírito católico, outros com a Turquia ou com o Irão...»

Valentin Rasputin testemunhava que Vanga avisava de que o colapso da URSS poderia virar-se em desgraças, incluindo conflitos inter-étnicos. Ao colapso da URSS poderia seguir-se também o colapso da Rússia, no território da qual vivem também pessoas de outra confissão.

«Quase cada república na base inter-étnica e inter-regional — dizia Vanga — é capaz de transformar-se num Líbano. Dezenas de milhões de russos, estabelecidos nas periferias ao cumprir o «dever fraterno», também não quererão encontrar-se, sem sair do lugar, em terra alheia e exigirão proteção. Não haverá número para as ofensas mútuas, pretensões e contas e não haverá número para as vítimas e desgraças, que elas arrastarão consigo».

«Mas também à Rússia, por sua vez, se decidisse ficar em solidão aliviadora, ameaçam as mesmas desgraças. Ela afinal está nas costuras, que

unem os retalhos nacionais, toda em línguas e dialetos. O prurido de desmembramento e egoísmo começado nas periferias da união não se conseguirá conter nas fronteiras russas, ele, como cólera, passará para o sul e norte, para o Volga e Sibéria. Chorará então o poder russo assim e não revelado, em muitas contas se partirão os seus espaços imensos, em pó irá a grande herança dos pais e avós. Aquilo que não conseguiu nenhum conquistador, nenhum astuto, a Rússia em febre de divisões e disputas realizará ela mesma».

Ao grande escritor russo os pensamentos proféticos de Vanga eram próximos como a ninguém. Ele próprio ecoa Vanga, avisando em 1991 os contemporâneos: «...Hoje não há segredo no que considerar renascimento da Rússia, embora tentem substituir o renascimento por transfiguração: cativeiro espiritual, cultural e económico.

Tendo-se livrado da pedra que pressionava até à asfixia do poder, ela como nunca está próxima da mobilização nacional e cura.

E dessa proximidade e alcançabilidade — como nunca distante. Mal se erguendo dos joelhos, descobriu que se encontra numa crista estreita, de ambos os lados da qual se abrem abismos.

Deslizar para a esquerda — quebra a cabeça, e para a direita — não se reconhece. Invejosos da vida alheia e vendidos, assim como demónios que se esforçam por montá-la do interior da nova intelligentsia revolucionária abanam a Rússia de lado para lado; cada movimento dela pela crista para a expansão salvadora provoca gritos conjuntos indignados. «O que será» — é com isso que nos encontra cada manhã e nos despede cada tarde. Chegará? Não se romperá a dois-três passos da desejada vastidão? E se se romper e cair nas garras de esfola-civilizados — nova face, novo pisoteamento e quebramento não suportará. Então pode-se encomendar as exéquias».

Rasputin recordava que Vanga condenava tanto a intelligentsia niilista russa como a búlgara, que, na sua opinião, abrira as portas do mundo eslavo à «intervenção cultural».

«...Não milagres se deve esperar da Rússia, que consolassem e deleitassem todos, donde os tirar a ela, e grande dom por si só deve considerar-se que ela ainda está viva; como também ela não pode contar com milagre rápido inativo de nós, mas mais do que tudo precisa da nossa misericórdia, de que por grãozinho e gota lhe tragamos a nossa devoção, fé, amor, trabalhos, pureza de pensamentos e pureza de vida, dividamos entre nós os seus sofrimentos, nos inclinemos pelo seu martírio, nos ergamos em firme proteção contra os demónios, que atormentam a sua carne e espírito...»

Contámos das profecias de videntes de diferentes épocas, começando pelas bíblicas e acabando nas contemporâneas. Muito de sombrio e

desagradável contêm essas previsões. Mas, provavelmente, assim e não deve ser, para que haja só alegrias na vida do homem e de toda a humanidade. A evolução, como sabemos — é luta de contradições.

A luta — é essa mola, que move a vida. Caso contrário — estagnação, apodrecimento nos pensamentos, sentimentos, na vida, no mundo. O homem, toda a humanidade passam por provas, assim foi pensado por Deus para aperfeiçoamento da alma da Sua criação.

E só passando por todos os exames, enviados ao homem pelos céus, suportando-os, ele obterá o paraíso. O paraíso celestial. Na terra não há. E se onde houver, é efémero. O nosso ideal, o nosso objetivo, ao qual aspiramos, dados só ao homem — ir para o objetivo. Há-o também no animal: saciar o estômago. Ao homem por Deus foi dado mais — vida da mente. Guiando-se pela razão, podemos construir a nossa vida, organizar a ordem social — razoável, justa, onde a todos deve estar bem, onde não há fome, miséria, desejos não realizados, sangue, morte inútil. No céu Deus, na terra o governante dado por Deus — justo e amante do seu povo, todo-vidente, todo-ouvinte, que escuta a sua opinião, necessidades. E nós, súbditos — obedientes à lei, ativos, não indiferentes.

Sim, nós, russos, tais somos — e compassivos, desajeitados, mas ao mesmo tempo firmes, concentrados nos minutos de aflição.

Desesperámo-nos, baixámos os braços, mas já nos reunimos, já compreendemos a nossa responsabilidade pelo que fizemos, pelo que nos desviamos para lado qualquer da estrada das reformas, na qual entrámos, pelo que confiamos governar-nos a pessoas não certas, ignorando na altura as eleições para os órgãos do poder. Mas agora as pessoas acordaram, a todos preocupa o destino do nosso estado nos próximos anos, no novo milénio.

Quão grande é a realização das profecias? Confrontemos algumas conclusões das profecias mais conhecidas do mais conhecido dos videntes — Michel Nostradamus e os seus prognósticos para o futuro. Parte desses prognósticos já se realizou, o que não só confirmou a correção das decifrações e a razão de Nostradamus, mas obrigou a reconhecer o facto da presença no nosso mundo de alguma misteriosa Força Racional, que conhece o nosso futuro e é capaz de influir nele. Pelo menos, precisamente nessa Força se refere o profeta, chamando-lhe Deus.

1. No processo de investigação da herança profética de Michel Nostradamus foi descoberto e cuidadosamente provado o facto da previsão exata de eventos globais do período de quatro séculos da história, embora por todas as representações existentes na ciência e nas religiões oficiais, o conhecimento exato do futuro seja impossível.

2. As profecias decifradas contêm em si toda uma série de provas completamente suficientes da sua autenticidade: a) Em primeiro lugar tal prova são duas cadeias de datas cifradas, nas quais, como se conseguiu apurar, foram previstas os eventos mais significativos dos séculos XVII—XXI, incluindo lá havia também a previsão da revelação do cifra secreto das profecias em 1997. Para mais de vinte datas previstas a relação de prognósticos realizados e não realizados foi pelo menos dez para um a favor dos realizados.

A simplicidade do cifra e a estrita lógica da decifração permitiram fazer conclusão unívoca sobre a exatidão das previsões e relacionar-se seriamente com os eventos, previstos para o futuro, b) Com base nas decifrações das profecias de Nostradamus, feitas no período de Outubro de 1997 a Fevereiro de 1998, é óbvio que parte delas até ao início de 1999 já conseguira realizar-se. As profecias para o futuro são escolhidas de tal modo, que permitem observar a sua realização gradual em tempo real. Isso corresponde completamente ao plano de Nostradamus, e, em conformidade com esse plano, precisamente tal realização devia pôr o ponto final na questão da fidelidade das decifrações e veracidade das previsões. Abaixo esboçaremos brevemente a cadeia de previsões interligadas:

Previsões para 1998—2035 anos, que já se realizaram e às quais ainda cabe realizar-se:

«O adúltero» e «o pacificador sangrento», que a partir de 1998 começará a «tirarizar a Mesopotâmia», ou seja o território do Iraque atual. A profecia realizou-se.

Ações militares concretas no Iraque, que se tornarão causa do primeiro arrefecimento nas relações da Rússia com a América. A profecia realizou-se em Dezembro de 1998.

«Queda do dinheiro por causa do espírito do estado» na Rússia e «aproximação de nova devastação». A profecia realizou-se em Agosto de 1998.

Instabilidade do poder na Rússia. Até meados de 1999 Iéltsin devia ou mudar radicalmente o curso, ou sair da cena política.

A profecia realizou-se, embora, talvez, ainda não tudo esteja acabado.

Gradual agravamento das relações da Rússia e América de 1999 a 2002. A profecia começou a realizar-se.

Crescimento da crise iraquiana e gradual transferência das ações de combate para outros países. Infelizmente, até ao momento de escrita destas linhas essa profecia também começa a realizar-se. Que a guerra na Jugoslávia de 1999 exteriormente não esteja ligada ao Iraque, mas desencadearam-na as

mesmas forças que bombardearam o Iraque. «O pacificador sanguinário» expande as suas ações. Aliás, o Iraque ainda também lembrará de si.

Surgimento em 1999 de alguma nova força, de algum «novo ensino», chamado a parar as guerras. Aliás, não é preciso esperar que esse evento seja muito brilhante e notável, mais provavelmente esse facto pode ser avaliado só passado alguns anos.

Em caso de transição bem-sucedida pelo ponto crítico de 2002 no planeta gradualmente começarão a vencer princípios humanos de relações, baseados em simples leis humanas, e até 2035 na Terra estabelecer-se-á definitivamente nova era, comparável com «idade de ouro». Sobre ela o profeta disse o seguinte: «O que será, ainda nunca foi tão belo». Em resumo, se não nos metermos numa nova carnificina mundial, e isso, por estranho que pareça, em grande parte depende de todos nós, de pessoas normais comuns, então tudo estará bem.

Das palavras de Nostradamus segue-se conclusão completamente determinada de que a realização das profecias tristes pode ser parada em qualquer estágio do processo, e isso de modo algum contradirá a predeterminação do futuro.

CAPÍTULO 3

«CHINA, ÍNDIA E RÚSSIA REUNIRÃO AS SUAS FORÇAS NUM SÓ PUNHO...»

O preditor e vidente Edgar Cayce disse uma vez: «A missão dos povos eslavos — mudar a essência das relações humanas, libertá-las do egoísmo e paixões materiais grosseiras, restaurar numa nova base — no amor, confiança e sabedoria...

Precisamente da Rússia virá ao mundo a esperança — não dos comunistas, não dos bolcheviques, mas da Rússia livre! Isso acontecerá não em breve, passarão muitos anos, mas precisamente o desenvolvimento religioso da Rússia dará ao mundo esperança»: «Pois em verdade vos digo: enquanto não passar o céu e a terra, nem um i nem um til não passará da lei, até que tudo se cumpra». (Evangelho de Mateus, cap. 5, v. 18).

Investigações da história da Rússia, realizadas com base nas leis da matemática, ecoam os prognósticos de muitos que veem espontaneamente, o que, em geral, é compreensível, pois no mundo tudo está ligado com tudo, e não há nele nada que esteja à parte ou longe do todo global, o problema só é que o vidente não é capaz de explicar a lógica do desenvolvimento dos eventos, e o matemático é capaz. Eis o que, por exemplo, entre outro profetizava a grande Vanga sobre a Rússia: «Agora chamais-vos União —

essas palavras foram ditas por ela no fim dos anos 1970 numa conversa com Valentin Sidorov, escritor soviético, que sonhava escrever um livro sobre o futuro da Rússia e da Bulgária. Na altura sobre o colapso da URSS ninguém nem pensar ousava, tão inabalável era a fortaleza —, e depois chamar-vos-eis, como no tempo do santo Sérgio, Rússia. Como águia planará a Rússia sobre a terra e cobrirá toda a terra com as suas asas. Todos, até a América, reconhecerão a sua superioridade espiritual. Mas isso ocorrerá daqui a sessenta anos».

«Tanto quanto me lembro — recorda Valentin Sidorov —, três vezes voltámos a esse tema e três vezes indicava ela o mesmo prazo: sessenta anos. E antes disso ocorrerá aproximação de três países — China, Índia e Rússia reunirão as suas forças num só punho. A Bulgária estará com eles só no caso de estar com a Rússia. Sem a Rússia a Bulgária não tem futuro.

Não há tal força, que pudesse quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á. Tudo derreterá, como gelo, só uma coisa permanecerá intocada — a glória da Rússia. Demasiado muitas vítimas foram oferecidas, demasiado muito.

A ninguém é dado parar agora a Rússia.

Ela tudo varrerá no seu caminho e não só se conservará, mas tornar-se-á dona do mundo».

Com solenidade na voz Vanga mais de uma vez repetia: «O novo homem sob o sinal do Novo Ensino aparecerá da Rússia». «A mais alta missão — dizia ela — coube ao apóstolo André. Ele preparador dos caminhos de Cristo na terra prometida (na Rússia).

«Aquele que foi o santo Sérgio — dizia Vanga —, agora é o maior santo.

Ele guia de toda a humanidade. Ó, como ele agora ajuda a humanidade! Transformou-se em luz, o seu corpo é de luz».

Na primavera de 1996 numa conversa com um empresário russo Vanga disse: «A Rússia — progenitora das potências eslavas. Aquelas que se separaram dela, voltarão para ela em nova qualidade. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que, no fim das contas, farão o país forte e poderoso».

O regime socialista, no qual Vanga viveu metade da sua vida, não a oprimia, embora tivesse crescido na miséria, e a visão perdido só porque os seus parentes pobres não podiam cuidar oportunamente do seu tratamento e pagar aos médicos. Uma vez, conversando com o conhecido escritor búlgaro Dimitar Dimov, disse: «O socialismo voltará numa nova forma. De novo haverá União Soviética, mas nova.

Haverá explorações cooperativas. E a Bulgária superará as dificuldades. A Bulgária avançará só juntamente com a Rússia — ela é a nossa mãe. A Rússia foi e será grande força... Escrevam sobre Marx e Lenin, a juventude deve conhecê-los. Porque vos envergonhais deles?»

Lugar especial nas visões de Vanga ocupava a filosofia do pai e do filho Roerich. «Pela conceção roerichiana o espírito de Pedro o Grande encarnou em Lenin, de modo que essas duas personalidades históricas são uma essência única. Eis porque a denominação da cidade no Neva (Petersburgo-Leningrado) não tem significado de princípio.

E em ambos os casos remete para uma mesma entidade, chamada duas vezes a transformar a Rússia».

Se acreditarmos nos familiares de Vanga, já em 1971 ela previra o colapso do socialismo na Europa de Leste. Ela dizia, embora na altura fosse muito difícil acreditar nisso: «Em breve, na vida das pessoas, sobrevirão grandes mudanças. As pessoas mudarão até ficarem irreconhecíveis. Os novos tempos serão marcados por muitos sinais, que começarão a manifestar-se em 1999... Cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, as pessoas más prevalecerão, e não haverá conta para ladrões, delatores e prostitutas. Entre as pessoas criar-se-ão ligações frágeis e duvidosas, condenadas ao fracasso logo desde o início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente e apenas a falsa paixão, as ambições e o egoísmo se tornarão estímulos nas relações humanas».

Em maio de 1979, Vanga profetizou: «O mundo passará por muitos cataclismos e fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão segundo o critério da fé. Regressará até elas o mais antigo — o ensinamento sábio».

«Perguntam-me — dizia ela —, quando chegará esse tempo? Ainda não é já! A Síria ainda não caiu», — estas palavras dela são frequentemente citadas pela sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, que permaneceu ao lado de Vanga até ao último minuto.

Vanga não gostava de falar concretamente sobre políticos russos, embora por vezes alterasse o seu hábito. Assim, no início de 1996, disse que Iéltsine voltaria a ser presidente, e no verão de 1996, numa conversa com um professor búlgaro, acrescentou que a guerra na Chechénia só terminaria quando Iéltsine saísse».

Mais frequentemente, Vanga dizia: «A verdade sobre o mundo deve ser procurada nos antigos livros sagrados. Aquilo que está escrito na Bíblia cumprir-se-á. Virá o Apocalipse! Não vocês, mas os vossos filhos o viverão! Após 2000 não haverá catástrofes nem dilúvio. Espera-nos mil anos de paz e prosperidade. Pessoas comuns viajarão para outros mundos como se fosse de

autocarro, a uma velocidade dez vezes superior à da luz. Isso não acontecerá antes de 2050. Aquilo que eu prevejo, por pior que seja, não pode ser alterado. A vida do ser humano está rigorosamente predeterminada, ninguém a pode mudar».

Contudo, não foi apenas Vanga quem previu acontecimentos que, de uma forma ou de outra, se concretizaram — e é precisamente isso que nos obriga a estudar seriamente as profecias feitas por videntes. Façamos um paralelo com as declarações de videntes americanos que profetizam sobre os destinos dos Estados Unidos. O astrólogo americano Edward Helin diz, por exemplo: «Podemos afirmar com certeza quem será presidente dos EUA em 2010 e depois. Mas isso não salvará a América de cataclismos naturais devastadores».

Outro americano, Richard Hook, garante: «Posso prever a hora da morte de qualquer pessoa. Mas esse conhecimento atrapalha o ser humano. Pode ajudar saber que, por exemplo, a 25 de janeiro de 2002, numa terça-feira, ocorrerá um terrível crash bolsista. E no início do verão de 2004 um fortíssimo terramoto na Califórnia e em Nova Iorque. Além de uma inundação no Texas e na Luisiana, que deixará parte desses estados para sempre debaixo de água». A destruição da Califórnia e de Nova Iorque por um terramoto é profetizada por todos, desde Nostradamus, que viu «torres em ruína da nova cidade» («new» em russo significa novo), até ao pregador evangélico Billy Graham, que chama a Hollywood e a Wall Street de Sodoma e Gomorra.

E os cientistas sismólogos confirmam: «...em breve ocorrerá a ativação do "anel de fogo" — a falha tectónica que passa sob o oceano Pacífico, abrangendo o Extremo Oriente russo, o Japão, o nordeste da Austrália e a costa ocidental de ambas as Américas». Na Bíblia, este acontecimento é descrito como «três dias de trevas» ou «batismo e purificação pelo fogo». O professor de sismologia Gordon-Michael Scallion declara diretamente: «...aquilo que nos espera não pode ser descrito de outra forma senão como catástrofe: a ativação do anel de fogo abalará toda a Terra.

Falhas, lava e inundações remodelarão completamente a face do planeta. Como resultado do terramoto, mudarão os campos magnéticos da Terra e, consequentemente, o seu clima... a humanidade verá o ressurgimento de continentes há muito desaparecidos: a Atlântida voltará a emergir da água, enquanto a Califórnia, pelo contrário, submergirá...» «No entanto — garante Scallion —, o cataclismo não destruirá a nossa civilização, apenas a fortalecerá. A Terra transformar-se-á num lugar muito melhor para viver, a catástrofe contribuirá para a paz e a união das pessoas».

Quanto ao futuro próximo, alguns profetas supõem que «Satanás desfilará literalmente pela Terra, e isso durará seis anos — a partir de 2012».

Ragno Nero, no século XIV, na sua profética «Livro Eterno», previu os prazos do aparecimento na Rússia (no país setentrional dos hiperbóreos) da religião do Fogo e da Luz. Escreve: «A religião do fogo e do sol no século XXI conhecerá uma marcha vitoriosa. Encontrará apoio no país setentrional dos hiperbóreos, onde será revelada numa nova qualidade».

Aqui pode recordar-se a instrutiva lenda sobre como o Senhor, viajando pelo mundo com o seu discípulo predileto Narada, encontrou junto às muralhas da cidade um lavrador que trabalhava a terra com os seus bois. O Senhor inclinou-se aos pés dele e agradeceu-lhe o trabalho, o que muito surpreendeu o Seu discípulo, que perguntou: «Como assim, Senhor, eu rezo-Te há tantos anos, e em todo esse tempo nunca me agradeceste uma única vez, e a um simples lavrador fazes reverências. Isso é injusto. Ele nem sabe rezar como deve, e se reza, não é mais de duas vezes por dia, e Tu inclinas-Te diante dele». Ao que o Senhor respondeu:

«Responder-te-ei, Narada, à tua pergunta, mas antes cumpre o Meu pedido. Pega num copo, enche-o até acima de água, coloca-o na cabeça e depois dá uma volta à cidade até ao pôr do sol, mas tem cuidado, Meu amigo, não derrames nem uma gota». Narada estranhou tal ordem, mas foi cumpri-la. Passou o dia, e ao entardecer aparece no horizonte o mesmo Narada, levando cautelosamente na cabeça o copo com água, temendo derramar uma única gota. Quando se aproximou, o Senhor perguntou-lhe: «Narada, já é noite e vejo que cumpriste bem a Minha tarefa, mas diz-Me, Meu amigo, rezaste-Me enquanto davas a volta à cidade ao longo das suas muralhas?» Ao que o discípulo respondeu: «Estás a falar a sério, Senhor! Todo esse tempo só pensei em como cumprir melhor a Tua tarefa, sem derramar uma gota do copo, e Tu falas em rezar. Quando é que eu teria tempo para rezar? Não tive tempo, nem podia».

Ao que o Senhor lhe disse: «Aqui tens a resposta à tua pergunta, Meu amigo. Tu trabalhaste apenas um dia e mesmo assim não conseguiste encontrar tempo para rezar. Esse lavrador, porém, trabalha arduamente no seu campo ano após ano, ganhando o pão de cada dia com o suor do seu rosto para si e para a sua família, e ainda assim consegue inclinar-se diante de Mim duas vezes por dia. Porque não hei de Eu retribuir-lhe pelo menos uma vez o mesmo?»

Assim também é a Rússia. Haverá tempo — trabalharemos, haverá tempo — rezaremos, pois foi dito pelos sábios: «Quem observa o vento não semeará, e quem olha para as nuvens não ceifará. Há tempo para tudo, e tempo para cada coisa debaixo do céu. Tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o plantado. Tempo de matar e tempo de curar, tempo de destruir e tempo de construir. Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar. Tempo de espalhar pedras e tempo de as juntar, tempo de abraçar e tempo de se afastar dos abraços. Tempo de

procurar e tempo de perder, tempo de guardar e tempo de deitar fora. Tempo de rasgar e tempo de coser, tempo de calar e tempo de falar. Tempo de amar e tempo de odiar. Tempo de guerra e tempo de paz...» Isto é sobre os ritmos da vida, os ritmos da natureza, os ritmos do ser. Citaremos novamente Alice Bailey: «Um grande trabalho preparatório foi realizado no século passado, continua no nosso século e continuará no futuro, até ao bom termo. O lema espiritual do povo russo: «Eu uno os dois caminhos». A tarefa do povo russo consiste em criar a ligação entre o Oriente e o Ocidente, bem como em estabelecer uma ligação mais estreita entre o mundo da aspiração espiritual e o mundo do desejo, e em resolver com sucesso as seguintes oposições: o fanatismo, que gera crueldade, e a compreensão, que nasce do sentimento de amor, o materialismo desenvolvido e a santidade perfeita, o egoísmo e o altruísmo.

Por detrás das fronteiras fechadas deste país misterioso e belo continua o grande conflito espiritual, e o extraordinário espírito místico e a correta orientação religiosa do povo são garantia firme do surgimento, no fim, da verdadeira religião viva e da cultura. Da Rússia — símbolo do Arjuna mundial num sentido muito específico — virá a nova religião mágica. Refiro-me ao surgimento de uma grande religião espiritual, que justificará a crucificação do grande povo russo e se manifestará e focará numa grande luz espiritual, erguida bem alto pelo representante russo vivo da verdadeira religião — o homem que muitos russos esperavam e que confirmará a mais antiga profecia...

A nível mundial, entre os outros povos, o povo russo é o discípulo — está a aprender a nova consciência, a compreensão interior da vida. Quando a Rússia terminar a sua aprendizagem interior, superará os outros países. Transmitirá as conquistas esotéricas aos outros povos de forma nova, sem a imposição e a violência da velha era, principalmente pelo exemplo de vida. Mas a Rússia ainda não está madura para dizer a grande palavra. Espiritualmente ainda é demasiado jovem para cumprir a grande missão. As nações adultas, velhas, são pouco capazes de se manifestar na vida da nova era, pois a sua cristalização no antigo não permite receber o novo. A Rússia, por meio de abalos sem precedentes, foi colocada num estado como se fosse uma nova nação, à qual é necessário criar de novo a visão do mundo, o modo de vida, os costumes e a forma de relações com as outras nações...

A Rússia é a pátria da Revelação nascente de grande valor espiritual de significado universal. A Rússia provocou fermentação noutros países, antes de ela própria compreender corretamente o que representa a Revelação da qual é guardiã. Apesar disso, todos os povos olham para a Rússia com expectativa, pois sentem vagamente que dela virá algo novo, pois a Rússia cresce rapidamente e consolida-se e em breve mostrará que pode dar muito ao mundo... Que Revelação dará a Rússia ao mundo? A palavra-chave é —

fraternidade. A Rússia é um gigante que inicia o seu caminho, um jovem gigante que sente grandes possibilidades, animado por um profundo espírito religioso, ao qual foi dada a difícil tarefa — combinar os traços orientais com os objetivos ocidentais, um gigante em quem o resto do mundo não confia, porque os seus primeiros esforços foram iniciados de forma errada. Esses esforços consistiram na tentativa de interferir nos assuntos de outras nações para perturbar a sua estabilidade e enfraquecê-las, para que mais facilmente pudessem ser envolvidas na casa universal que a Rússia tenta construir. A Rússia é impulsionada pelo desejo de estabelecer a fraternidade na vida, impulsionada interiormente, mas exteriormente ainda age inconscientemente.

A tarefa que se coloca perante a Rússia, acima de tudo, é dar às outras nações do mundo um exemplo de governo sábio, de livre manifestação da aspiração individual e de aplicação de uma educação sensata, que as outras nações aceitarão de bom grado. Seguirão o exemplo da Rússia — representar ao mundo a nova consciência, graças às suas ações no crisol da (multissecular) Experiência e do experimento surgirá gradualmente uma nova visão mundial planetária.

Esta grande nação, que representa a síntese do Oriente e do Ocidente, deve aprender a governar sem crueldade, sem suprimir a livre vontade. À Rússia cabe a grande tarefa de manifestar a espiritualidade na vida, ou seja, manifestar tudo o que é bom, luminoso e belo, manifestar a ordem jurídica, uma bela organização da educação e da formação, manifestar a humanidade nas relações entre as pessoas, ou a verdadeira fraternidade. A Rússia do futuro manifestará todas as boas características da espiritualidade — e então o mundo, sem qualquer imposição da sua parte, aprenderá com o seu exemplo».

A grande Vanga nunca duvidou que o destino traçado para a Rússia se cumprisse — ela começará a executar a missão de unir os dois caminhos no leito do Caminho Único com base na ideologia perfeita da Igreja Mundial e sob a sua égide.

Outra profecia relativa ao futuro da Rússia, que coincide com as visões de Vanga, encontra-se no livro de Max Heindel «A Conceção Cosmológica dos Rosacruzes»: «No fim da nossa atual Época, o mais alto iniciado aparecerá publicamente, quando um número suficiente de representantes da humanidade o desejar e se submeter voluntariamente a tal líder. Assim criarão o germe para a última sub-raça, que aparecerá no início da Sexta Época. Depois disso, as raças e as nações deixarão de existir. A humanidade formará uma única Fraternidade espiritual, como foi no fim da Época Lemuriana.

Da mistura das diversas nações que ocorre atualmente nos Estados Unidos sairá a “semente” da última Raça do início da Sexta Época. Ainda duas Raças desenvolver-se-ão na nossa, a Quinta Época, uma das quais a Eslava. Com a entrada do Sol no signo de Aquário, o povo russo e a Raça Eslava em

geral atingirão um grau de desenvolvimento espiritual que os elevará muito acima do seu estado atual. A música será o fator principal na realização disso, pois nas asas da música a alma harmoniosa pode voar até ao próprio trono de Deus, o que o intelecto comum não consegue alcançar. No entanto, o desenvolvimento assim alcançado é instável, pois é unilateral e portanto, não corresponde às leis da evolução, que exigem que o desenvolvimento, para ser permanente, seja equilibrado — por outras palavras, que a espiritualidade se desenvolva através de, ou pelo menos em paralelo com, o intelecto. Por essa razão, a existência da civilização Eslava será breve, mas ao longo da sua existência será grande e alegre, pois nascerá de profundo sofrimento e dores indizíveis, e a lei da compensação levará, no devido tempo, ao oposto. Dos Eslavos sairá o povo que formará a última das sete sub-raças da Época Ariana».

O desenvolvimento espiritual da Rússia nega qualquer tentativa de excessos, dos quais os russos não têm, não tiveram nem nunca terão, por isso a Rússia não corre o perigo de afundar-se no luxo do consumismo como aconteceu com os países da Europa Ocidental e a América. No entanto, chegará o tempo em que a Rússia atingirá um colossal poder económico, mas isso não acontecerá antes de 240 anos. Até lá, terá de passar por muitas dificuldades e privações, pois primeiro tem de alcançar o poder político. O apogeu do seu desenvolvimento será o ano 2400. Então a Rússia conseguirá realizar aquilo por que milhões e milhões dos seus cidadãos deram a vida, e que os bolcheviques, por razões conhecidas, não conseguiram realizar, ao tentarem unir à sua volta a comunidade mundial baseada nos princípios da liberdade — espiritual, e não física, da igualdade — espiritual, e não física, e da fraternidade — no espírito, e não corporal.

Então também ocorrerá a união definitiva e irreversível do Oriente e do Ocidente sob a égide da Rússia. O seu ciclo de vida terminará no ano 2625 com a transmissão voluntária de todos os mecanismos de governo ao governo mundial. Nesse momento, a humanidade tornar-se-á praticamente una e o conceito de Estado já não existirá. Como veem, todas as profecias convergem na mesma pessoa, no mesmo país e no mesmo tempo. E este é o Oitavo presidente, que governará na Rússia no período de 2037 aos anos 2050.

Em 1994, Vanga encontrou-se com Kirsan Ilyumzhinov, atual presidente da Calmúquia. Alguns fragmentos da conversa com Vanga sobre o caos político que se vivia na Rússia foram preservados em gravação. Aqui estão excertos da conversa entre duas personalidades marcantes e originais.

«Toda esta elite política contemporânea: políticos, figuras públicas, defensores dos direitos humanos — são atores. O regime, porém, é servo do governo mundial secreto satânico, que prepara em 2011 a vinda do anticristo... Sobre os verdadeiros patriotas e ascetas da terra russa não falam na televisão...

...Antes do Juízo Final, na terra atuará o anticristo. Deus permitirá a vinda do anticristo para assim tirar qualquer pretexto de justificação no Juízo, em primeiro lugar aos judeus, e em segundo lugar a todos os que em geral não creem em Cristo. Pois por causa do anticristo abandonarão a sua fé em Buda, em Maomé, em Confúcio e até em si mesmos. Por causa de Cristo, o Deus verdadeiro, agora não querem abandonar esta sua fé, tendo na alma diversos pretextos para se justificarem, mas por causa do anticristo, da sua falsa piedade e milagres — abandonarão... Assim, o anticristo tirará a todos os que em geral não creem em Cristo qualquer pretexto de justificação, tornando-os no Juízo sem resposta...»

Os servos do mal aplicam hoje esforços consideráveis para desencadear no Médio Oriente uma guerra de grande escala. Precisam primeiro de organizar mais uma guerra mundial, e depois querem submeter todo o mundo ao poder do seu «czar» — o «mashiach», isto é, o anticristo.

Numa atmosfera opressiva de anarquia sangrenta mundial, o falso messias — o anticristo — virá como «político genial», «nobre pacificador», «unificador e salvador» da humanidade em vias de perecer. A transmissão do poder mundial a um único «governo mundial» encabeçado por um único líder mundial será apresentada como condição natural e necessária para a sobrevivência da humanidade...

Como definiu São Cirilo de Jerusalém os quatro últimos sinais da vinda do anticristo? O primeiro sinal — a destruição em Jerusalém da mesquita de Omar, situada no Monte do Templo, com a subsequente reconstrução do segundo templo de Salomão, destruído pelos romanos nos anos 70 da era cristã, pois «o homem do pecado e filho da perdição», ao revelar-se às pessoas, «...no templo de Deus sentar-se-á... como Deus, fazendo-se passar por Deus...».

O segundo sinal — segundo as tradições patrísticas, na Páscoa ortodoxa do ano da vinda do anticristo, o Fogo Gracioso divino já não se acenderá nem descerá até nós. O terceiro sinal — antes da entronização do anticristo como governante mundial, virão ao mundo dois profetas, Elias e Enoque, «...e... profetizarão mil duzentos e sessenta dias...». O quarto sinal — segundo as profecias dos santos anciãos e videntes do século XX — no ano da remoção do corpo de Lenine do Mausoléu começará a Terceira Guerra Mundial».

Aqui está a lista de profecias de Vanga, compilada por pessoas próximas de Kirsan Ilyumzhinov: outubro—novembro de 1980 — nascimento de um menino judeu, futuro mashiach; outubro—novembro de 1992 — entrada de Satanás no menino judeu da tribo de Dan; janeiro—março de 2009 — início da Terceira Guerra Mundial; julho—novembro de 2011 — fim da Terceira Guerra Mundial; 2010—2011 (novembro) — anos de destruição da mesquita de Al-Aqsa e construção do terceiro templo de Salomão.

Durante a Terceira Guerra Mundial (durante 2 anos e 8 meses) aparecerá na Rússia o último Czar Ortodoxo, após o arrependimento do povo pela violação do juramento de 1613 (juramento de fidelidade à dinastia Romanov até à segunda vinda de Jesus Cristo). Julho—agosto de 2011 a janeiro—fevereiro de 2015 — reinado do anticristo.

Aqui está o que dizia Vanga sobre os tempos que chamava de ameaçadores. Estas predições dela foram feitas em conversas com diferentes pessoas. Possivelmente, são difíceis de tomar à letra, exigem análise sobretudo espiritual — aliás, como a maioria das profecias feitas algum dia pelos santos. Pois a profecia é apenas um traço pontilhado da Revelação manifestada ao profeta.

«Agora os jovens já não existem, todos velhos um atrás do outro, em breve não haverá povo nenhum. Até 99 nada deve acontecer agora, nenhuma desgraça. Pela Bíblia agora estamos — a viver os últimos dias. Chama-se “A que se Cumpre”. E quando acabar o 99, então viveremos pela “História”. Enquanto a Bíblia “A que se Cumpre” não acabar, nada acontecerá, e ela vai até 99!»

«Agora está bem, mas no próximo verão — pior. Eu ainda dizia: não é bom essa escuridão, alguma desgraça virá. O Senhor nada de bom promete, nada receberemos, assim vamos andando como dá».

«A Mãe de Deus em vocês (refere-se à terra russa) retirou a graça. E o Salvador enviou os apóstolos Pedro e Paulo, e João o Teólogo a eles (noutros países cristãos) retirar a graça. Aqui é preciso rezar muito! Agora nada de grande acontecerá».

«O dinheiro não melhorará, só ficará mais barato umas duas vezes, e depois ainda mais barato».

«Vem um tempo assim, a força é tirada aos feiticeiros. Será ainda pior, que Deus não permita viver até lá. Em breve virá uma pessoa má, tudo rodará. Ainda bem que não é o fim do mundo, mas aqui — quebra de construções e do povo, tudo misturado com lama, andarão com sangue até aos joelhos. Guerra, todos na guerra, combaterão com paus, bater uns nos outros, matarão muita gente. Quando baterem com paus, rir-se-ão, e quando acertarem com espingarda — chorarão».

«Os mortos como deve ser estão enterrados, e a nós tocar-nos-á aos saltos. Não haverá quem enterre, deitarão numa vala e taparão».

«Vês como está escuro, à feiticeira escureceu. Eu ainda antes dizia: em breve estará escuro, tropeçarão com o nariz. No inverno o sol brilhava, e agora no verão nem brilha — proibição, os feiticeiros leem proibição ao sol. Os mágicos escureceram o céu, para que os seus assuntos não sejam muito visíveis, eles gostam da escuridão. Pessoas escuras trouxeram negrume à

terra, a força maligna fortalece-se. Em breve todas as pessoas saberão disso (feitiçaria). À volta do maligno toda a força impura se reunirá. Juntá-los-á num monte, e começarão. Vem uma vida má. Agora é o tempo deles, os bons tempos acabam. Eles estragarão as pessoas, e depois começarão a acusar uns aos outros».

«Agora o povo, em geral, não é bom. Os chefes não se inclinarão para o povo, e haverá ruína total. Agora não há nenhum zelo deles pelo povo, querem fazer mal: uns roubam, outros bebem, e às crianças como fica».

«Agora de modo nenhum se pode nos andares. Agora há aperto, por todo o lado gente má, agora com o seu pensamento impuro apertam o povo crente».

«Mais terríveis para nós são os chineses. Os chineses muito maus, cortarão sem piedade. Tomarão metade da terra, mais nada precisam. Falta-lhes terra. Quando a vitória das trevas se consumar, os feiticeiros cobrirão toda a terra com negrume, e sem sol nada crescerá. E ninguém liga a isso. O sol às quatro horas mal se vê, e de novo fica escuro. Estaremos nas trevas. E não darão luz para acender, dirão: é preciso economizar energia».

«É o início, depois virá frio. Em breve Páscoa — com neve, e inverno no Pokrov começará. E a erva só ao dia de Petrov. O sol diminuirá para metade (27.08.87). O verão será mau, e o inverno — maior. A neve ficará, e não a derreterão. E depois geadas desconhecidas. Haverá grande fome».

«A Mãe de Deus disse: “Tu, Mãe, quase viveste até às mesas estatais. Em breve haverá mesas estatais. Virás — alimentar-te-ão, mas nem um pedaço de pão poderás levar. A juventude mandarão para o campo”».

«Ocorrerá grande revolta. Dos andares o povo começará a fugir, nos quartos não ficarão. Nos quartos não se pode ficar, nada haverá, nem pão. E se rezarem ao Salvador, à Mãe de Deus e ao Profeta Elias, não os deixarão morrer de fome, preservarão aqueles que creram em Deus e rezaram sinceramente. Começará falta de colheitas, quando começarem a exilar monges. E não morrerás. Será a vontade do Senhor, quem não está escrito para morrer, esse sofrerá e não morrerá. Todo o bom povo morreu, eles todos no paraíso, não conheceram este vazio: rezavam a Deus, lá estarão bem».

«Prepara-se mudança da fé. Quando isso acontecer, os santos afastar-se-ão e não rezarão pela Rússia. E aqueles que houver dos fiéis, o Senhor levá-los-á para Si. E os bispos que isso permitirem, nem aqui nem lá verão o Senhor».

«Em breve o ofício será pela metade, será encurtado. Manterão o ofício só nos grandes mosteiros, e noutros lugares farão mudança. Só digo uma coisa: ai do sacerdócio vem, dispersar-se-ão um a um e viverão. Nas igrejas com vestes vermelhas servirão. Agora Satanás o astuto levará todos».

«Em breve os feiticeiros estragarão todas as hóstias e não haverá com que servir a liturgia. E comungar poderá ser uma vez por ano. A Mãe de Deus dirá aos seus pessoas onde e quando comungar. Só é preciso ouvir! A minha esperança é a Mãe de Deus. Quando às quatro horas do dia ficar escuro como à noite, então a Mãe de Deus virá. Ela dará a volta à terra, estará em toda a Sua glória e virá à Rússia restabelecer a fé. A Mãe de Deus virá — tudo igualará, não à maneira deles, mas à Sua, como ordenar o Salvador. Virá um tempo tal que cada um pensará, não o que comeu, mas quantas vezes nesse dia rezou.

A fé Ela restabelecerá por pouco tempo. Perto o tempo das perseguições. Farão tal confusão, e a alma não salvarás. Quem entrar nas igrejas, registá-los-ão. Por rezarem a Deus, por isso os perseguirão. É preciso rezar para que ninguém saiba, rezai baixinho! Começarão a perseguir, a prender. Primeiro tirarão os livros, e depois os ícones. Os ícones tirarão. Torturarão: “Não precisamos de crentes”. Mais adiante — pior: fecharão as igrejas, não haverá ofícios, servirão aqui e ali. Deixarão longe, para nem ir de carro nem a pé. E nas cidades, onde acharem que não atrapalham.

Essas igrejas que se constroem e reparam, irão para outras empresas, não haverá proveito para ninguém. O registo será astuto: ficarão a chamar-se igrejas, e lá não se perceberá o quê, a sua produção, encontrarão o que fazer.

Quem for de Deus, esse o anticristo não verá. A muitos será revelado para onde ir, para onde partir. O Senhor sabe esconder os seus, ninguém os encontrará».

À parte fica a mais, evidentemente, última profecia de Vanga. Sobre esta entrevista ninguém soube nada durante muito tempo. Estas últimas profecias a vidente fez-as na véspera da morte, ordenando publicá-las só no novo século, numa conversa com o empresário ucraniano, viajante Anatoly Lubchenko.

«Eu sabia — conta Anatoly Lubchenko —, que aproximadamente desde meados dos anos 80 na casa de campo da vidente passaram centenas de artistas famosos, cientistas e políticos interessados nas suas previsões para o futuro. Sabia também que Vanga não deixou após si quase nenhuns memórias, e apenas raramente, sem motivo externo, a profetisa começava a dizer algo rápido e pouco claro, e os que estavam à volta se apressavam a anotar. Estive com ela no verão de noventa e quatro, quando me elegeram pela primeira vez à Rada Suprema da Ucrânia. Simplesmente descansava na Bulgária, e por algum motivo apeteceu ir ver a casa dela. Ouvira que ela estava doente, e nem esperava vê-la, mas quando cheguei a Petrich, da multidão à frente da casa saiu um homem e convidou-me a entrar.

Olharam para mim como para um leproso, e eu próprio assustei-me — quem me poderia esperar?...

Ela estava deitada numa cama grande, toda seca como uma palhinha, estava muito quieto, sob o teto caiado voavam moscas. Vi que lhe restava pouco, lá fora esperava fila, e cada um quer perguntar o que dói, e aqui eu de repente, e ainda não sei o que perguntar. E então ela virou-se: “Onde está o teu pai?” Respondi que na Alemanha. Ela calou-se muito tempo, e percebi que ela sabia do cancro dele. “Em breve — diz —, curarão essa doença, acorrentá-la-ão em ferro. Mas ao teu pai isso não ajudará”. Depois calou-se ainda e acrescentou: “E contigo tudo correrá bem, Kiev — boa cidade, vejo...” .

E então lembrei-me que trazia comigo um gravador com cassete onde havia lições de inglês. “Posso — pergunto —, gravar a conversa consigo?” O homem no banco olhou para mim como para inimigo, e ela riu-se muito jovem e diz:

“Pode. Só até ao novo século não o dês a ninguém”.

A entrevista acabou por ser bem curta — menos de metade de uma cassete de 90 minutos. Traduzir as respostas do búlgaro ajudou em parte o próprio Anatoly.

— ...Como se tornou vidente?

— Eu via muitas vezes pessoas que já tinham morrido há muito, e elas diziam-me o que aconteceria a quem. E depois apareceu um grande homem desconhecido. Disse que amanhã começaria a guerra e eu devia contar às pessoas quem ficaria vivo, quem morreria e como evitar a morte.

— Era uma pessoa viva?

— Não, morto, como os outros.

— Como era?

— Grande sombra, balança, como reflexo. Todos eles assim parecem, e às vezes só voz.

— E como fala com eles?

— Sinto quando aparecem. Primeiro na língua, depois no cérebro, e depois caio e ouço tudo. Voz de longe, como no rádio, ora claro, ora mal...

— O que sente quando entram pessoas comuns?

— Vejo-os ainda de longe, cada um, e toda a vida deles sei, como se tivesse visto um filme. São bons, maus, todos os tipos... Todos querem milagre, e depois choram. Mas quando está muito mal, calo-me, nada digo. Só conselho posso dar.

— Qual?

— Para não viverem no mal, não se vingarem de ninguém, não guardarem ofensas, fazerem boas ações. Para ouvirem o seu coração. Sempre só o coração, a cabeça engana-se mais. O coração está ligado ao cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça.

— Esses mortos dizem-lhe só sobre o futuro ou sobre o passado também?

— Sobre tudo.

— E se se trata de pessoas e eventos distantes, noutros países?

— Distância e línguas não têm importância, tudo vai pelo cosmos.

— E pode dizer o que nos espera?

— À Rússia espera o bem, à Bulgária e à Macedónia não muito. As mulheres na Rússia darão à luz muitos bons filhos, que mudarão o mundo. Depois virá milagre, tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas velhas livros é verdade, e o que não, no cosmos encontrarão vida e saberão de onde veio à Terra. Na terra escavarão grande cidade. Do céu virão pessoas novas, e haverá grandes milagres. Mas é preciso esperar, não apressar os eventos, não será já...

— E o que será em breve?

— Daqui a nove anos será o fim do mundo, a Terra virar-se-á do Sol, onde era quente haverá gelo, muitos animais extinguir-se-ão. As pessoas combaterão por energia, mas terão alma para parar. E depois o tempo voltará atrás.

— Dizem que o fim do mundo é dilúvio universal...

— Dilúvio também haverá, daqui a trinta ou quarenta anos. Grande corpo voará à Terra e baterá na água. Ondas varrerão muitos países, e o sol apagar-se-á por três anos.

— Mas as pessoas sobreviverão?

— Os bons sobreviverão, e os maus, que se consideram inteligentes, perecerão. Muitos perecerão. E depois haverá vida muito boa, e virá imortalidade.

— Na Terra virá idade de ouro?

— Já está a vir, mas nem todos podem vê-lo. Daqui a sete anos as pessoas nem semearão nem ceifarão, só tudo cultivarão. Os animais frutificarão como plantas, e as plantas — como animais. Daqui a vinte e um anos ninguém andará pela terra. Comboios voarão em fios do sol, petróleo proibirão, a terra só parirá e descansará. Daqui a quarenta anos não haverá doenças atuais, mas aparecerão novas. Ligadas ao cérebro, porque todos

beberão do mar, e no mar não haverá ilhas. Depois encontrarão água no cosmos, e será boa. Haverá muita gente. A Índia mais que a China. Mas as pessoas livrar-se-ão dos corpos.

— O que significa «livrar-se dos corpos»?

— Pode-se viver sem corpo, só personalidade, só energia, como nos mortos. Mas isso não será já.

— E na política nos próximos cinco anos pode prever algo?

— A Rússia emagrecerá e de novo ocupará o seu lugar, o bem estará dentro, e a experiência fora. A Europa não poderá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o medo é pior que o amor. A Síria cairá aos pés do vencedor, mas o vencedor não será esse. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimentos com os fortes. Países femininos recuarão perante masculinos, mas conservarão os seus planos. O homem pequeno governar-vos-á toda a vida...

— Existe no mundo Deus?

— Deus não pode estar no mundo, Deus — é a luz. Não há Deus no homem, mas o homem em Deus há.

— Existe paraíso e inferno?

— Paraíso e inferno — são lados diferentes da vida sem corpo. Se o morto é necessário aos vivos — isso é paraíso.

— E ajudará aos vivos após a morte?

A esta pergunta baba Vanga não respondeu. Na fita após breve pausa ouviu-se clique, como se alguém desligasse o gravador, embora Anatoly Lubchenko jure que não o fez. Segundo ele, Vanga cansada simplesmente adormeceu...

CAPÍTULO 4

«...AQUELES QUE FOREM DIGNOS,

ACORDARÃO NUM OUTRO MUNDO»

Sem dúvida, Vanga — a mais famosa vidente do nosso tempo. Só num ano, 1976, recebeu 102 mil pessoas.

Será que todas as predições da grande vidente búlgara se cumpriram e se cumprem?

No último ano de vida de Vanga, visitou-a um dos atuais maiores capitalistas russos, que na altura era apenas um empreendedor iniciante, ávido por espreitar o seu futuro. Mais tarde, ele reuniu e divulgou todas as revelações de Vanga nesse encontro.

As predições feitas por Vanga nessa conversa podem dividir-se em dois grupos: indicações gerais para todo o ano de 1999 no seu conjunto, sem prazos exatos, e predições para meses específicos, por vezes até dias. Os comentários são, na maioria dos casos, desnecessários. Vocês próprios verão o que se cumpriu e o que não. Assim, em 1999, no verão, um furacão energético provocará mudanças significativas no espaço aéreo da Terra, morrerão milhões de pessoas. Depois disso, aqueles que forem dignos acordarão num outro mundo, onde não haverá guerras, nem disputas, nem mal. A província canadiana do Quebeque declarará a sua independência, e um dos maiores países da Terra será nesse ano destruído e aniquilado (provavelmente, assegurava Vanga, os EUA). Será determinado o local exato da Arca de Noé, que na realidade não se encontra no Ararate, mas no Egito.

O Chechénia obterá independência da Rússia e juntar-se-á à Turquia, em compensação a Arménia integrará a Rússia. Na Rússia começará uma fome em massa real. Iniciar-se-ão negociações sobre a venda de parte dos territórios russos. 1999 será o ano de eleições presidenciais, e no Kremlin instalar-se-á Aleksandr Lebed. Na tundra russa derreterá parcialmente o permafrost. No verão, na Rússia, serão introduzidos talões para alimentos. Ocorrerá uma gigantesca inundação na Europa. Aterrarão extraterrestres hostilmente dispostos. A Coreia do Norte adquirirá armas nucleares. O mais tardar no inverno de 1999 o Mausoléu ficará vazio. No verão de 1999, na arena política da Rússia, aparecerá uma nova pessoa, cujo nome atualmente ninguém conhece.

Os primeiros resultados da sua atividade tornar-se-ão visíveis em setembro-outubro. Conseguirá, finalmente, encontrar uma «solução fresca», e a economia do país começará pouco a pouco a subir. Numa das regiões da Rússia aparecerá uma mulher governadora, e na Duma haverá muito mais mulheres do que homens. No fim do ano eclodirá uma crise — os preços dispararão, falirão massivamente empresas. À humanidade poderá ameaçar

um agressor sanguinário do Oriente. Muitos acordos concluídos em 1999 estão condenados a uma rutura rápida. No Extremo Oriente, na primavera ou em dezembro de 1999, não se exclui um fortíssimo terramoto. Ao longo do ano, na Rússia, ocorrerão duas mudanças de governo. Na arena política surgirão duas pessoas completamente novas, uma das quais se tornará depois presidente da Rússia.

Vamos folhear calendários antigos. O que realmente aconteceu, e o que não? Houve um salto financeiro, mas, em primeiro lugar, inferior a 40 copeques, em segundo lugar, foi um salto para baixo: a meio do mês o dólar valia 22 rublos e 98 copeques, no fim — 22 rublos e 60 copeques. Uma grande tragédia, que será discutida por todo o povo — a 10 de fevereiro de 1999 ocorreu um terrível incêndio no edifício da Direção de Assuntos Internos em Samara, morreram 57 pessoas. Que outros eventos nessa altura abalaram a Rússia? Na região de Saratov — catástrofe, enorme incêndio. Nos Bálticos — fortíssima inundação. Na Ucrânia — grande desabamento numa mina. Assinatura de importantes documentos internacionais, que asseguram afluxo de investimentos. Grande atividade da polícia ou de pessoas fardadas, ligada quer à imposição de ordem, quer a ações militares. Em julho-agosto forte terramoto na região de Moscovo, acidentes no metro, afundamentos do solo.

O sociólogo Velichko Dobrianov, que investigou o fenómeno de Vanga, diz que de 99 mensagens analisadas por ele da vidente, 43 eram adequadas, 43 alternativas (ambíguas) e 12 inadequadas. Isso significa que a percentagem de «acertos» telepáticos de Vanga era de 68,3. Claro, o resultado é alto e de modo nenhum se enquadra na teoria da probabilidade.

As mensagens de Vanga podem dividir-se em três tipos: sobre o passado, o presente e o futuro. Quanto ao passado e ao presente, há a tentação de explicar as capacidades de Vanga pela habilidade em «fazer falar» o cliente, extrair habilmente todos os pormenores, e depois, passado algum tempo, comparando os detalhes, atordoar a pessoa com dados que ela própria lhe dera. «Nas minhas sessões houve o seguinte caso — conta Dobrianov, que gravava os diálogos de Vanga em gravador —, depois de sairmos de junto de Vanga, uma mulher atordoada pela experiência vivida disse espantada: “Como é que ela logo me perguntou porque sou viúva?” Aproveitei a ocasião para a repreender por se ter denunciado logo à primeira pergunta de Vanga, mas para convencer tive de voltar a ligar a gravação.

Nas sessões há muitos casos em que Vanga pergunta sobre coisas já esclarecidas na conversa anterior. Naturalmente, surge pelo menos duas perguntas: qual o papel e o significado desse modo de adivinhação, em primeiro lugar, para o agente da telepatia e, em segundo, para a própria Vanga. Milhares de pessoas que vão ter com ela não levam aparelhos de gravação para depois analisarem calmamente a conversa decorrida. Em condições de alta tensão psíquica, é perfeitamente explicável que a pessoa não repare no

que ela própria disse no início da conversa, e depois fique surpreendida com a «descoberta» de Vanga».

Aqui está um exemplo de diálogo gravado por Dobrianov em fita entre Vanga e uma cliente mulher, com o título condicional «O Afogado».

— Quando viste a tua mãe, onde está ela, porque chora?

— Há motivo — morreu o meu marido.

— Vejo dois caixões, três caixões.

— Sim, três. Primeiro morreu o meu pai, depois...

— Não, não três, e antes do teu pai alguém esteve nessa sepultura. De quê morreu o teu pai, do coração? Não, não do coração.

— Não, morreu de enfarte pulmonar.

— Não só isso. Primeiro foi pneumonia, depois tossiu um pouco, pequena inflamação e depois — mancha de cancro. Assim?

— Sim, exatamente assim.

— Operaram-no?

— Não, não operaram.

— Operassem ou não — morreria na mesma. Fez-lhe sessenta anos?

— Sim, tinha mais de sessenta.

— E porque pergunta ele por duas crianças? Quantos filhos têm?

— Dois.

— Pergunta pela mais nova.

— Sim, tenho uma irmã mais nova.

— A que é casada, trabalha?

— Sim, sim.

— E quem é Maria?

— Maria — irmã do pai, morreu.

— Morreu, está ao lado dele, e Maria ao lado dele. O pai pergunta pelo irmão. Ele tem irmão?

— Os dois irmãos do pai morreram.

— E quem é Ivan?

— É o segundo irmão dele.

— E tu porque és viúva?

— O meu marido morreu.

— E porque tão de repente?

— Não sei, morreu não na Bulgária.

— Sim. Os médicos disseram que de enfarte do coração ou de icterícia?

— Os médicos disseram — de enfarte.

— Sim, atingiu-o por trás, enfarte posterior. Assim, chegou o dia e morreu. E o corpo trouxeram?

— Selado no caixão.

— É ele, não penses que te enganam.

— E eu penso que enganam.

— Depois pergunta por Vanya. Quem é Ivan?

— Sim, primo.

— E quem é Katya? Está viva?

— É sobrinha dele.

— Sim, Katya, Katya, escreveu o nome, com o dedo escreve. Como tu o vês, assim o vejo eu ao defunto. E há ainda outro defunto, e uma mulher morta, e um dos vossos afogou-se no seu tempo, certo? Quem?

— Certo também isso. O cunhado dele afogou-se num poço...

«Há a suposição — afirmava Dobrianov a propósito de diálogos semelhantes —, que Vanga, além de tatear, ainda sabe combinar e analisar. Ela é realmente uma grande analista. Possuindo memória incrível, sabe perfeitamente usá-la na construção de esquemas lógicos e conclusões, o que invejaria qualquer professor de lógica aristotélica... Por exemplo, se na família há um Ivan, pode admitir-se que haja ainda outro Ivan. Ou, se o “agente da telepatia” é originário das montanhas de Stara Zagora, pode supor-se que no seu género haja um Tenyo, pois esse nome é frequente nessa região».

No entanto, Dobrianov reconhece que «Vanga pode realizar comunicação telepática sem perguntas indutoras, que as mensagens corretas não são simplesmente resultado de combinação de perguntas». Mas tudo isso diz respeito ao passado e ao presente. Mais complicado é o caso da predição do futuro, pois aqui Vanga trabalhava realmente «às cegas». E a percentagem de acertos, embora menor do que na conversa sobre o presente, é todavia suficientemente alta para simples acaso.

Mas, segundo dados do professor Georgi Lozanov, cumprem-se cerca de 70 por cento das profecias de Vanga. Um exemplo flagrante — a morte prevista por ela em acidente de viação de Lyudmila Zhivkova (filha do antigo líder búlgaro).

Vanga comunicava ativamente com o mundo dos mortos, tirando dali informações tanto sobre o passado como sobre o futuro. «Eu falo com os mortos — declarou ela numa entrevista. E quando entro em transe, sinto primeiro isso na língua, depois no cérebro, e depois não sinto nada, tudo além de mim. Mas se os mortos não sabem algo, aí ouve-se uma voz alheia distante. Como por telefone. Ora mais alto, ora mais baixo».

Quão única é Vanga nas suas predições? Mencionemos de passagem outra profetisa do nosso tempo — a americana Jane Dixon. Afirma-se que previu a morte de Robert Kennedy uma semana antes do atentado fatal. A morte do rei Faisal Jane Dixon «viu» um mês antes. Além disso, a vidente americana previu a morte de Mahatma Gandhi e de Martin Luther King. E na Europa, durante muito tempo, foi popular o paranormal vidente holandês Gerard Croiset. Afirmam que as suas capacidades de prever o futuro foram confirmadas por experiências científicas. Croiset supostamente encontrou um dos organizadores do assassínio de John Kennedy, mas pouco depois foi encontrado morto no seu apartamento. Verdade, não se percebe porque Croiset, possuindo tais capacidades, não conseguiu prever a própria morte.

Investigadores dos EUA, Charles Fiore e Alan Landsberg, notam que os paranormais são muito sensíveis a mudanças que anunciam a morte. Em particular, recordam a autobiografia do paranormal Alex Tanous «Para Além da Coincidência», na qual se apresentam numerosos casos em que previu exatamente a morte de uma pessoa perfeitamente saudável semanas ou meses antes. Ocupando-se da leitura da aura, Tanous aconselhou uma jovem mulher de Gray a não casar com o homem com quem estava noiva: ele quase não tinha aura.

«Não tive coragem de lhe dizer que ele estava à porta da morte» — escreve Tanous. Algumas semanas depois, essa mulher informou Tanous: «Disse-me em resposta à pergunta sobre o homem que me acompanhava, que não via futuro para mim com essa pessoa. Encontraram-no morto de ataque cardíaco ao lado da cama numa manhã de domingo. Atenciosamente, Florence Wilson».

Feiticeiros, xamãs, paranormais... Quem mais? Na antiguidade, aos videntes e profetas frequentemente equiparavam os poetas. Não só porque uns e outros pareciam aos contemporâneos loucos. Os factos dizem que os poetas, semelhantes aos antigos sacerdotes, possuem a propriedade de antever nos versos a própria morte.

Andrei Bely, que outrora escreveu: «Morrerei de setas solares», morreu realmente de consequências de insolação. Anunciou nos versos a própria morte Nikolai Gumilev, fuzilado. Já os prosadores possuem a capacidade de prever a morte alheia — geralmente, morte em massa de pessoas em acidentes e catástrofes.

Edgar Poe em «A Narrativa de Arthur Gordon Pym» conta como quatro náufragos, após naufrágio, vagueiam muitos dias no mar num bote sem água doce nem provisões. No fim, três tornam-se canibais — matam e comem o companheiro chamado Richard Parker. Esta narrativa foi publicada em 1838. E 46 anos depois a fantasia do escritor ganhou vida real. Naufragou o navio «Mignonette», e o vaguear no bote dos quatro marinheiros sobreviventes acabou com o assassínio e ingestão de um deles. O morto chamava-se Richard Parker!

Em 1952, nos EUA, saiu o romance de Ford Clark «Espaço Aberto», onde se descrevia como um estudante do Meio-Oeste, odiando o pai e a sociedade hipócrita, subiu ao telhado do dormitório estudantil e começou a disparar contra transeuntes aleatórios. 14 anos depois a profecia cumpriu-se. A 15 de agosto de 1966, Charles Whitman, estudante de 25 anos da cidade de Austin (estado do Texas), ardendo em ódio ao pai e ao farisaísmo social, subiu ao telhado da universidade e, disparando com espingarda de precisão, matou 15 pessoas.

F. M. Dostoiévski no «Diário de um Escritor» previu o número aproximado de vítimas da futura revolução (100 milhões), e em «Os Demónios» — também os seus prazos. Releiam: Petenka Verkhovenski à pergunta «Quando tudo começará?» responde: «Daqui a uns cinquenta anos... Começará no carnaval (fevereiro), acabará depois do Pokrov (outubro)». Mas o exemplo mais impressionante de previsão literária — o romance de Morgan Robertson «Futilidade», publicado em 1898. Nele descreve-se a morte por colisão com icebergue de um paquete transatlântico «Titan». Quase todos os detalhes do romance (incluindo a hora da colisão, características técnicas do navio, número de passageiros etc.) coincidiram com os detalhes reais do naufrágio do «Titanic», ocorrido 14 anos após a saída do livro de Robertson.

Não só pela «ciência» se mede o homem, mas também pelo «homem» a ciência. Sabe-se que mesmo numa disciplina tão exata como a física apareceu o conceito de «livre arbítrio» do eletrão. Para as ciências biológicas estas questões são ainda mais prementes. O geneticista Viktor Kolpakov, nos trabalhos do qual se prova a predeterminação genética dos atos do homem, tocando o problema do determinismo do destino, diz: «...Nisto tudo há uma coisa, e bastante terrível. Eu costumo começar a refletir, e depois fica-me horrivelmente desagradável. E simplesmente paro de pensar nisso. Pois se formos materialistas consequentes, inevitavelmente devemos chegar à ausência de livre arbítrio e à existência do destino...»

À primeira vista, a prática das predições prova o determinismo do destino (se, claro, as predições falhadas as atribuirmos ao amadorismo ou charlatanismo de falsos profetas). Mas os factos surpreendentes de profecias cumpridas podem explicar-se também de outro ponto de vista — o funcionamento do mecanismo de feedback. Velichko Dobrianov propõe aqui tal interpretação:

«Quando a pessoa não pode explicar alguma regularidade ou coincidência casual de circunstâncias, tende a aceitar que tudo estava prescrito, como num calendário, e o destino é inevitável. E eis — o adivinho previu algo, a pessoa pensa constantemente nisso, torna-se quase o seu objetivo consciente, e no fim dirige ela própria a força e a energia para realizar o previsto, mesmo quando foge dele. Isso é possível. É um problema real, conhecido e investigado na psicologia social».

Aproximadamente no mesmo tom raciocina A. Gorbovski, autor do livro «Profetas e Videntes»: «Se o futuro é realmente antinómico, então num certo sentido é multivariante. E se um variante é nomeado (isto é, já existe na consciência de alguém), possivelmente o facto este, pondo em movimento algum prato da balança, de modo desconhecido influencia todo o curso subsequente dos eventos. Não será por isso que alguns videntes evitam prever o futuro, adivinhando tal influência? E se ainda assim o fazem, então numa forma tal que a própria escolha fique para o cliente. Algumas declarações de videntes levam à mesma ideia — sobre a influência da profecia na realidade».

Por exemplo, uma cigana pode impor o próprio destino pelo predição. A predição tornar-se-á património do cérebro, e a consciência realizá-la-á contra a tua vontade. Por isso é preciso dar muito cuidadosamente as mãos àqueles que trabalham sem quaisquer normas éticas e possuem baixo nível cultural.

Assim, se deitarmos fora as coincidências casuais (prestando tributo à teoria da probabilidade) e as conclusões feitas com ajuda do talento analítico, verifica-se que Vanga previu aproximadamente 60—62 por cento dos eventos futuros.

Em 1995, Vanga fez a seguinte declaração profética: «Sabem o que nos espera daqui a alguns anos? Terramotos, incêndios, inundações, desgraças... Muita gente sofrerá. Desgraças aparecerão de todos os lados, todos os povos serão afetados... As pessoas tornar-se-ão menos, e portanto também os bens... carne de ovelhas, vacas, cabras não se poderá comer. E vocês não pensam em nada e não veem o que vos espera. As pessoas andarão sem sapatos, sem roupa, viverão sem comida, combustível e luz».

As pessoas tiveram oportunidade de confirmar a veracidade das suas predições. Em 1995 ocorreram 557 cataclismos naturais, que provocaram 18 mil vítimas. Houve mais de 600 catástrofes, nas quais morreram 11 mil pessoas. A população do planeta diminuiu, e o país mais populoso — a China

— foi inundado por chuvas. No ano seguinte, 1996, ocorreram 170 inundações, 299 tempestades, 50 terramotos, 30 erupções vulcânicas. Assim como incêndios florestais, secas, avalanches de neve nas montanhas... O ano de 1997 — período de nevões inéditos, que não se viam há 50 anos. E estas desgraças foram acompanhadas pela morte de milhares de pessoas. No verão de 1999 ocorreram inundações na Europa Central e Oriental.

Quanto à fome, ao frio nas casas, à ausência de roupa, preditos por ela — isso refere-se inteiramente à Rússia. O verão de 1999 ficará na memória dos agricultores russos pela invasão inédita de gafanhotos, que destruíram grande quantidade de culturas em campos de várias regiões.

Em meados dos anos 80, a profetisa disse que a Terra entrava num novo período de tempo, que se pode caracterizar como tempo favorável, tempo do bem, tempo de pessoas qualitativamente novas, que virão para servir o futuro. Virá o tempo dos milagres, a ciência fará descobertas na área do imaterial, afirmava ela, antecipando o desenvolvimento da parapsicologia. «Vejo um anel que gradualmente se aperta à volta da Terra, sinto as torturas de todas as pessoas e não posso, nem ouso explicar isso, porque uma voz severa avisa-me continuamente para não tentar explicar nada, pois as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar estas pessoas que não respeitam ninguém, correm umas contra as outras por dinheiro e coisas... como se o homem não tivesse outro objetivo além de espezinhar tudo o que é luminoso e santo, que alcançou ao preço de sacrifícios tão caros», — comunicava ela, antecipando as realidades das nossas últimas décadas.

«Aguardam-nos eventos muito interessantes», — informava ela aos seus próximos.

A 1981 refere-se a sua predição, na qual comunicava que «os maus levarão a melhor, e ladrões, bêbados, delatores e prostitutas multiplicar-se-ão em grande número».

«Na Rússia demoram muito a atrelar, mas andam depressa — gostava de repetir Vanga. — A Rússia foi crucificada por países mais ricos, que sempre adoraram o bezerro de ouro. Há um conflito entre o espiritual e o material. Esta prova foi enviada aos russos pelo Senhor Deus, pois os russos são a nação eleita. E o destino da Rússia — elevar-se acima do materialismo».

Em 1999 Vanga atribuía enorme significado na nova história russa, assegurando que precisamente nesse ano ocorreriam eventos que — talvez impercetivelmente à primeira vista — predeterminarão o desenvolvimento do Estado Russo por décadas.

Não nos atreveremos a calcular o número total de mortes ocorridas em 1999. O verão de 1999 foi rico nelas devido a cataclismos. Vale a pena recordar o terramoto que ocorreu pouco depois do eclipse solar na Turquia.

Sob os escombros dos edifícios desabados morreram não centenas, mas milhares de pessoas.

Começou a guerra não declarada no Daguestão e a invasão na Chechénia, onde morriam soldados russos, já nos primeiros dias de setembro ocorreu uma explosão na Praça Manezhnaya em Moscovo, ato evidente de terrorismo, que provocou consequências tristes para várias dezenas de pessoas, e atrás dela seguiu-se toda uma série de explosões.

O discípulo de Vanga, Alexander Zaraev, explica estes e outros cataclismos preditos por Vanga assim: a maioria dos impérios vive tanto quanto o seu patrono celestial, o egrégor — até 900 e 1000 anos. Quando o egrégor morre, nasce outro. A Rússia formou-se na viragem dos séculos X—XI, e a sua morte cai no fim do século XIX — início do século XX. Zaraev explica isso como consequência do karma dos Romanov, que subiram ao trono cometendo crime sangrento: foi envenenado Dmitri II da linhagem dos Shuisky. Como resultado, ao longo de 300 anos ocorrem assassínios de descendentes pela linha dos Romanov.

Zaraev diz que Vanga interpretava assim o sentido da perestroika, que, tendo começado em 1985, devia, na sua opinião, terminar em 2002. Consiste em 7 ciclos, cada um dos quais igual a 2,5 anos. Em 1991 ocorreram eventos, cujo início foi dado pelo GKChP, em 1993 ocorreu a dissolução do Soviete Supremo. Em 1996 realizaram-se eleições, 1998 — início de 1999 — período de transição. Na viragem de 2001—2002 a perestroika terminará, aparecerá uma nova egrégora *(forma-pensamento autónoma)* e chegará o fim das provas a que a Rússia foi submetida durante estes anos, ou seja, começará a criação do fundamento da nova Rússia.

À sua discípula, a parapsicóloga Lyudmila Kim, Vanga dizia: «O povo russo participará na vida do seu país, extrairá lições do passado. A Rússia será governada por um grupo de pessoas, mas não um monte de interesseiros desconhecidos para nós, chamados “família”. A transição do poder para outra pessoa deve parar a dança com a mudança de chefes de governo, que humilha a Rússia aos olhos do mundo inteiro e impede a sua recuperação económica. E o povo da Rússia espera pela recuperação. Não, a Rússia não perecerá, como não pereceu ao longo dos séculos. À Rússia cabe prosperar!»

A revolução na genética — futuro inevitável da Rússia, predito por Nostradamus e Vanga. Verdade, a Rússia já foi ultrapassada pela América, Reino Unido e Alemanha, que criaram redes ramificadas de bancos de órgãos e células humanas. Cientistas da firma genética de Edimburgo declararam o sucesso da próxima etapa do clonagem — criação de tecnologia de obtenção a partir de células de sangue de animais clonados de plasma compatível com o humano e bastante adequado para transfusão. Os americanos já comem

tomates e batatas com estrutura genética alterada e preparam-se para recriar populações de animais em fase de extinção.

A revolução genética tem caráter mundial, global, por isso afetou os interesses dos russos, dando possibilidade aos nossos cientistas desenvolverem novos tipos de produtos, para alimentar toda a população do nosso país, prevenindo a possibilidade de morte por fome, predita pelos profetas.

Nos dois anos mais próximos concluir-se-ão com sucesso experiências de clonagem humana, com ajuda da qual se pode obter cópia humana. Nos próximos vinte anos, predizem os cientistas, a civilização disporá de todos os órgãos do organismo humano necessários para transplante em caso de «avaria» deles.

Alguns cientistas exprimem a ideia herética de que a ressurreição de Jesus Cristo — resultado de experiências bem-sucedidas de clonagem, criação de duplo a partir de organismo morto. O facto é que cientistas da Associação de biologia reprodutiva em Atlanta provaram que é possível armazenamento prolongado de ovócito tomado a mulher em idade jovem. Posteriormente dele podem desenvolver-se embriões normais. De 25 células doadoras congeladas conseguiu-se reavivar 13.

O facto de armazenamento de célula congelada do organismo-doador era mantido pelos cientistas em segredo rigoroso. Considerava-se que poderia provocar um dos mais profundos crises na história da humanidade, que levaria quase à morte da civilização humana. Pois a nossa civilização assenta nos postulados da mortalidade do homem, da finitude da sua vida terrena e da criação do homem pelo Senhor Deus. Por isso as experiências com clonagem são condenadas pela Igreja Ortodoxa, que mais uma vez confirmou que o homem foi criado à imagem de Deus como personalidade universal e a manipulação com material genético ameaça a vida e o bem-estar humanos.

João Paulo II, Chefe da Igreja Católica Romana, chamou isso tentação. No entanto, nem todos os clérigos, especialmente católicos, partilham esta opinião. O cardeal Joseph numa das suas obras disse que já no século XIII nos textos cabalísticos judaicos se discutia a possibilidade de criação do homem por via artificial. Atualmente a genética quase chegou à solução da questão da imortalidade, que pode ser alcançada por via de clonagem. Mas não há garantias de que a humanidade não use os êxitos da ciência para o mal.

E então tornar-se-á realidade a criação de robôs-clones ou clones-zombies, em que transformarão pessoas, para que ao primeiro pedido possam dar os seus órgãos para o homem-duplo ou clones-guerreiros, clones-guarda-costas etc. No mundo tudo está interligado, entre experiências genéticas em plantas, animais e saúde do homem existem também ligações não simples. O diretor do Instituto de patologia bioquímica X. Zenderman diz que «genes

sujeitos a manipulação podem deslocar-se dentro do ecossistema, penetrar em plantas silvestres que vão para alimento de animais. Consequência pode ser o aparecimento de venenos e doenças desconhecidas, com que o homem não poderá lidar. O processo pode revelar-se irreversível».

Se esta predição do cientista se cumprir, então será confirmação das palavras proféticas de Vanga e outros videntes ortodoxos sobre o fim da existência humana. Talvez as tentativas de experimentação com reprodução da personalidade humana, que sem dúvida continuarão e receberão desenvolvimento já nos anos mais próximos, pois o processo que começou dificilmente se pode parar, sejam precisamente essa bomba genética que levará ao colapso predito da civilização humana.

O perigo disso existe.

Mas pode-se abordar o problema da clonagem de outro lado. Se mesmo assim o fim do mundo ocorrer, ou seja, o fim da nossa civilização por motivo, digamos, de catástrofe radioativa ou cósmica, então para o surgimento de nova precisamente serão necessários «bancos de informação biológica única» — células humanas congeladas.

Conceções cosmogónicas do futuro contêm-se também nos ensinamentos de A. L. Chizhevsky, V. I. Vernadsky, K. É. Tsiolkovsky. E N. Fedorov no seu ensinamento falava das tarefas que cabe resolver à humanidade com base na união da religião e da ciência: «alcançar... o conhecimento e controlo de todas as moléculas e átomos do mundo exterior de modo a reunir o disperso, unir o decomposto, ou seja, compor em corpos os pais, que tinham ao morrer». Assim, predisse os êxitos da engenharia genética, em particular, a clonagem, que é premissa para a realização da ideia da imortalidade e ressurreição do homem.

Alma, inferno, paraíso. O cientista russo, genial vidente K. É. Tsiolkovsky advertia as pessoas contra a negação total dos postulados religiosos. «...Não se pode considerar milhões de pessoas loucas ou simplesmente estúpidas», — dizia ele sobre os crentes e apelava aos cientistas a refletirem sobre o que escondem essas palavras, transmitidas até nós pelos profetas, trabalharem sobre elas e decifrá-las do ponto de vista cósmico.

Como que respondendo aos seus apelos, os cientistas do nosso tempo, que já se ocuparam da decifração desses conceitos, encontraram correspondência neles na linguagem do progresso científico-técnico. «Imortalidade — aumento artificial da duração específica da vida das pessoas, ressurreição — construção de modelos idênticos de pessoas que viveram outrora na terra. Paraíso — estado da noosfera após eliminação da fronteira entre a sua parte ativa, composta pelo intelecto dos atualmente vivos, e a parte passiva, composta pelos conhecimentos e informação deixados pelos que partiram da vida».

Contudo, demos novamente a palavra aos cientistas e relacionemos novamente as suas investigações e cálculos com as predições de Vanga e outros videntes. Os astrónomos anunciaram nova data de crise cósmica para o planeta Terra. Desta vez a ameaça vem de um asteroide, que a 13 de abril de 2029 se aproximará do nosso planeta a distância perigosa. Funcionários científicos do Observatório Astronómico Principal (Pulkovo) da RAN afirmam que as dimensões do corpo cósmico são de 400 a 600 metros. Os astrónomos chamam distância de 30 a 40 mil quilómetros, à qual se espera o voo do asteroide. «É a órbita geoestacionária, na qual se encontram todos os satélites de telecomunicações e muitos militares», — dizem eles.

Como se comunica, os terráqueos em qualquer caso sentirão o impacto do asteroide. No pior caso ocorrerá colisão dele com a Terra, no melhor — danificará aparelhos cósmicos situados na órbita geoestacionária. Os investigadores comparam a situação em que se encontra o asteroide com a posição de lasca que se encontrou entre grande navio e lancha.

«Imaginem como sobre pequena lasca atua a onda destes navios e quanto pode mudar a trajetória de movimento dessa lasca. Com isso pode comparar-se a situação com “Apophis”, que passará entre a Terra e a Lua». Contudo, em caso de colisão do asteroide com a superfície terrestre a catástrofe terá caráter não global, mas local (regional). Os cientistas notam que as avaliações do tamanho do asteroide divergem, pois os investigadores atualmente não dispõem de informação sobre a composição da rocha de que consiste o asteroide. Grande significado tem também a dureza da rocha de que consiste o corpo celestial. «Se for rocha solta, destruí-la será suficientemente fácil, mas se for formação gelo-pedra, então, para destruir o corpo no cosmos com bomba atómica ou termonuclear, será preciso cavar fundo no corpo e produzir explosão dentro dele». À Terra ultimamente ameaçaram corpos cósmicos reais.

Em 1986 astrónomos americanos descobriram asteroide de tamanho gigantesco, que se afastava da Terra. Calculando a trajetória do seu movimento, chegaram à conclusão de que no outono de 1844 este cometa devia colidir com o nosso planeta. «Corpo de fogo» realmente observaram no céu sobre a Europa em meados do século XIX. Em 1998 junto à Terra passou mais um «visitante», que inevitavelmente devia chocar com a Terra. No entanto, a colisão não ocorreu, e o asteroide por trajetória inconcebível afastou-se de novo para o cosmos. Notaram-no também casualmente durante estudo de fotografia obtida pelo telescópio cósmico Hubble.

Em 2003 observou-se quadro ainda mais estranho. Milhares de pessoas a olho nu observaram no céu estranha «estrela» brilhante, as suas fotografias apareceram na Internet. Mas os astrónomos então guardaram silêncio.

Aqui está a lista mais completa de predições «globais» de Vanga, referentes aos destinos não só dos russos, mas de toda a humanidade. Aliás, para a compreensão plena do fenómeno da clarividência de Vanga importante é também facto pouco conhecido da sua biografia: Adolf Hitler, tendo visitado Vanga, não quis ouvir a sua profecia sobre a sua derrota na guerra com a Rússia. A profetisa disse-lhe na cara: «Deixa a Rússia em paz! Perderás esta guerra!» E para que acreditasse na força das suas predições, Vanga mandou os seus guardas à casa na outra rua, onde paria uma égua, e contou pormenorizadamente como seria o potro. O potro nasceu exatamente como ela disse. O Führer deixou Vanga furioso.

E então...

Ano 2008. Atentados contra quatro chefes de governos. Conflito no Indostão. Isso será uma das causas da Terceira Guerra Mundial.

Ano 2010. Início da guerra mundial. A guerra começará em novembro de 2010 e terminará em outubro de 2014. Começará como habitual, depois será usado primeiro nuclear, e depois químico.

Ano 2011. Em resultado de precipitação radioativa no Hemisfério Norte não ficará nem animais nem vegetação. Depois os muçulmanos começarão guerra química contra os europeus sobreviventes.

Ano 2014. A maioria das pessoas sofrerá de úlceras, cancro de pele e outras doenças de pele (consequência da guerra química).

Ano 2016. Europa quase despovoada.

Ano 2018. Nova potência mundial torna-se a China. Países em desenvolvimento transformam-se de explorados em exploradores.

Ano 2023. A órbita da Terra mudará ligeiramente.

Ano 2025. A Europa continua pouco povoada.

Ano 2028. Criação de nova fonte de energia (provavelmente, reação termonuclear controlada). A fome será gradualmente superada. Lança-se nave espacial tripulada para Vénus.

Ano 2033. Os gelos polares derretem. Eleva-se o nível do Oceano Mundial.

Ano 2043. A economia mundial prospera. Na Europa governam os muçulmanos.

Ano 2046. Cultivam-se quaisquer órgãos. A substituição de órgãos torna-se um dos melhores métodos de tratamento.

Ano 2066. Durante ataque ao Roma muçulmano, os EUA aplicam novo tipo de arma — climática. Arrefecimento brusco.

Ano 2076. Sociedade sem classes (comunismo).

Ano 2084. Restauração da natureza.

Ano 2088. Nova doença — envelhecimento em poucos segundos!!!

Ano 2097. O envelhecimento rápido é vencido.

Ano 2100. Sol artificial ilumina o lado escuro da Terra.

Ano 2111. As pessoas tornam-se ciborgues (robôs vivos).

Ano 2123. Guerras entre pequenos Estados. As potências não interferem.

Ano 2125. Na Hungria recebem sinais do cosmos (todos se lembrarão novamente de Vanga).

Ano 2130. Colónias debaixo de água (com ajuda de conselhos de extraterrestres).

Ano 2164. Transformam animais em semihumanos.

Ano 2167. Nova religião.

Ano 2170. Grande seca.

Ano 2183. Colónia em Marte torna-se potência nuclear e exige independência da Terra (como outrora os EUA da Inglaterra).

Ano 2187. Conseguem parar erupção de 2 grandes vulcões.

Ano 2195. Colónias marítimas totalmente abastecidas de energia e comida.

Ano 2196. Completa mistura de asiáticos e europeus.

Ano 2201. No Sol abrandam processos termonucleares. Arrefece.

Ano 2221. À procura de vida extraterrestre, a humanidade entra em contacto com algo terrível.

Ano 2256. Nave espacial traz à Terra nova doença terrível.

Ano 2262. Mudam gradualmente órbitas dos planetas. A Marte ameaça cometa.

Ano 2271. Recalculam constantes físicas alteradas.

Ano 2273. Mistura de amarela, branca e negra. Novas raças.

Ano 2279. Energia do nada (provavelmente, do vácuo ou de buracos negros).

Ano 2288. Viagem no tempo. Novos contactos com extraterrestres.

Ano 2291. O Sol arrefece. Tentam acendê-lo de novo.

Ano 2296. Poderosas chamas no Sol. Muda força de atração. Começam a cair velhas estações espaciais e satélites.

Ano 2299. Em França começa movimento partidário contra o islão.

Ano 2302. Cientistas descobrem novas leis importantes e segredos do Universo.

Ano 2304. Descoberto segredo da Lua.

Ano 2341. Algo terrível aproxima-se da Terra do cosmos.

Ano 2354. Acidente num dos sóis artificiais provoca seca.

Ano 2371. Virá grande fome.

Ano 2378. Surge nova raça de rápido crescimento.

Ano 2480. Colidem 2 sóis artificiais. A Terra nas trevas.

Ano 3005. Guerra em Marte. Alteram trajetórias dos planetas.

Ano 3010. Cometa atinge a Lua. À volta da Terra — cinturão de pedras e poeira.

Ano 3797. Até essa altura na Terra morre tudo vivo, mas a humanidade conseguirá lançar bases para nova vida noutro sistema estelar.

Frequentemente ouvem-se vozes indignadas: será que Vanga podia fazer tais profecias? De onde uma mulher idosa, pouco interessada em eventos da vida científico-técnica, podia saber palavras como «ciborgue»? No entanto, é preciso lembrar que praticamente todas as predições globais de Vanga, ao contrário das quotidianas, que se tornam património apenas de pessoas particulares que vêm ter com ela por conselho, eram estudadas por enorme quantidade de cientistas, alguns dos quais dedicaram a vida na ciência precisamente à investigação do fenómeno da clarividência e, em particular, da clarividência de Vanga. Nas suas «transcrições» frequentemente recebemos as predições de Vanga.

E para que haja menos dúvidas na presença em Vanga de dom especial de previsão, mencionemos ainda facto tal. Quando a 6 de fevereiro de 1981 o Londres oficial anunciou o noivado de Diana Spencer e do príncipe de Gales, nessa mesma altura na Bulgária Vanga pronunciou a frase: «Este casamento matará a rapariga, morreremos juntas. Ela ouvirá da minha morte, mas morreremos juntas». Da morte de Vanga informarão 20 dias antes do acidente no túnel Alma em Paris.

Claro que há entre as predições de Vanga também as não cumpridas. Por exemplo, considera-se que foi precisamente Vanga que para 2004 profetizou o início do desaparecimento de muitas espécies de peixes, animais e até abelhas, em 2007 predisse guerra da Rússia e da China e perda pelos russos

do Extremo Oriente, após o que a China se tornaria nova superpotência — nesse mesmo ano devia começar guerra civil na Rússia.

Os astrólogos, que dividem o destino do homem em três vetores: genitur (karma horoscópica), providencial (estrutura da karma) e vetor da vontade, consideram que um terço do destino determinam as estrelas, um terço — a karma e o terço restante — a escolha do homem. Um dos aderentes da astrologia esotérica — apotelesmática Luis Ortega diz: «Mais difícil é determinar o vetor providencial. O vetor genitur pode ser calculado por algum sistema preditivo. Os adeptos, por exemplo, usam telescópio de Zoroastro ou sistema Tarot. A maioria das pessoas não é capaz de influir nas projeções (destinos). Pessoa bem treinada pode influir na projeção mais fraca. Grandes adeptos capazes de a superar tal como a segunda projeção. Conhecem-se casos quando grandes adeptos podiam alterar também projeções fatais. Alfons Louis Constant, o maior adepto de França, conseguiu prevenir a morte do seu filho de dois anos».

Soa tentador, embora nebuloso. Gostar-se-ia de acreditar, se não houvesse uma contradição. Se ao filho foi predita morte, e ele não morreu, isso significa que a predição era falsa. Para que a predição se revelasse verdadeira, devia soar assim: ao rapaz aos dois anos ameaçará morte, o pai salvá-lo-á. Qualquer dicotomia na predição logo mina a fé nela.

Existe contradição global, que não se pode remover por artifícios lógicos nenhuns. O homem quer saber o futuro, para evitar situações perigosas (indesejáveis) para ele, o homem. Mas se as situações não se realizaram, revelar-se-á que os preditores mentiram. Não podemos rodar a fita para trás e verificar experimentalmente se se cumprem ou não as predições, se nos comportarmos como se não soubéssemos delas.

E de novo voltemos à experiência artística da humanidade. No romance de Thornton Wilder «A Ponte do Rei São Luís» narra-se como um monge franciscano em 1714 foi testemunha da morte de cinco pessoas na estrada montanhosa entre Lima e Cuzco (Peru). Rompeu-se a ponte suspensa dos incas, e as pessoas caíram no abismo. E eis que perante o irmão Juniper surgiu a pergunta: «Porque estes cinco?» Se no universo houvesse algum Plano, se a vida do homem se moldasse em formas quaisquer, o seu traço invisível provavelmente distinguir-se-ia nestas vidas, interrompidas tão repentinamente.

Ou a nossa vida é casual e a nossa morte casual, ou na vida e na morte nossa está posto Plano. E nesse instante o irmão Juniper tomou decisão de penetrar nos segredos da vida destes cinco, ainda voando para o abismo, e decifrar a causa da sua morte. No fim o monge esclareceu que os viajantes (de modo nenhum ligados entre si) morreram no momento em que na vida de cada um devia sobrevir viragem radical. Ou seja, obtinha-se que Deus preveniu

tentativas dos mortais «alterar o desenho da existência prescrito-lhes de cima». Isto bastante concorda com a ideia de que Deus admite liberdade nos limites do círculo traçado. Quaisquer tentativas de sair para além deste círculo acabam com morte do homem. Morte, aliás, que Deus não «planeia» — surge como consequência da expressão da liberdade da vontade do homem, saída para além da ideia do seu destino pessoal.

Se estes raciocínios forem verdadeiros, então aos que desejam viver o prazo maximamente admissível cabe apalpar exatamente o fio do seu destino e já por ele bordar atos, sem fazer pontos bruscos para o lado, pois cada um deles ameaça morte prematura.

A lista de profetas famosos na história é bastante ampla, mas ao lado de nomes glorificados de Abel, Nostradamus, Vanga e outros imperiosamente é preciso lembrar profetas surpreendentes, sobre a vida e destinos dos quais temos apenas informações muito escassas, fragmentárias. No entanto, o curso do tempo inexorável já mais de uma vez permitiu aos descendentes convencerem-se da correção das predições feitas por eles.

O adivinho etrusco Spurinna era contemporâneo do coroado de glória imperador Caio Júlio César. Sobre o misterioso Spurinna nada mais sabemos, exceto as suas profecias. Foi precisamente ele quem predisse ao vitorioso César morte violenta em resultado de conjura. Representantes de alguns nobres géneros franceses e italianos, próximos ao trono dos Valois, em meados do século XVIII mencionavam em cartas um profeta completamente misterioso chamado Avezzano. Ninguém sabia de que modo, por intermédio de cuja proteção e em qualidade de quem Avezzano se encontrou em Versalhes — residência da corte real francesa. Numa das cartas dessa altura como que de passagem diz-se que ele supostamente era monge.

Onde e quando nasceu este homem, como parecia e porque fez predições surpreendentes ainda ao infante bem jovem, futuro rei Luís XVI, permanece desconhecido. O infante Luís preparava-se para aceitar o trono, quando os assuntos da outrora brilhante França iam de mal a pior. Naturalmente, o futuro rei compreendia isso, e o seu desejo de espreitar o futuro era bastante justificado: recentemente terminaram a Guerra dos Sete Anos, quando o rei prussiano Frederico meteu medo a todos, mas foi bastante batido pelos russos e até lhes entregou Berlim. O misterioso Avezzano predisse completo desarranjo das finanças no país, e depois começou a falar de coisas inconcebíveis — perda pela França de possessões ultramarinas no Canadá, nas Índias Ocidentais e nas Índias Orientais. Pior ficará, quando se rebelar a plebe e cair o trono, e pelas calçadas correrão rios de sangue. Depois, nova monarquia, mas... já sem Vossa Majestade.

Não se contam profetas que prediziam o fim do mundo. Mas o que na realidade?

A maior invenção dos índios maias foi o calendário. Na base do calendário maia foi posta data mítica inicial — 13 de agosto de 3113 antes da nossa era. Dela precisamente por simples contagem da quantidade de dias passados fazia-se a cronologia. O calendário maia, apesar da sua antiguidade, surpreendentemente exato. Os sacerdotes maias diziam que desde o momento da criação do género humano passaram já quatro ciclos, ou «Sóis». Pelas lendas maias, cada ciclo termina com destruição praticamente completa da civilização que viveu nesse ciclo. Mudaram quatro raças humanas, que pereceram durante grandes cataclismos.

E apenas poucos pessoas ficaram vivas, contando o que aconteceu. «Primeiro Sol» durou 4008 anos e foi destruído por terramotos. «Segundo Sol» durou 4010 anos e foi destruído por furacões. «Terceiro Sol» durou 4081 anos e caiu sob chuva de fogo, derramada de crateras de enormes vulcões. «Quarto Sol» (5026 anos) destruiu dilúvio. Atualmente vivemos no último antevéspera da Quinta Época da Criação, ou «Quinto Sol». Conhecido ainda como «Sol do Movimento». Os maias consideravam que após conclusão do atual ciclo de 5126 anos ocorrerá algum movimento da Terra, que provocará destruição da nossa civilização.

O mais interessante é que a 21 de dezembro de 2012 será parada de planetas. Saturno, Júpiter, Marte e Terra alinhar-se-ão numa linha. Aliás, paradas semelhantes de planetas houve antes. Em que se distingue a parada de planetas de 21 de dezembro de 2012 das anteriores? O facto é que nesse dia alinhar-se-ão numa linha não só planetas do sistema solar, mas também planetas de outros sistemas estelares, formando linha do centro da galáxia. E isso já é coisa completamente diferente. O processo pode comparar-se com ponteiros de relógio, quando ponteiros do relógio param na marca das 12 horas. Esta combinação significará transição do Universo de um sistema para outro.

Baseando-se em diferentes crenças e suposições científicas, até 2020 na Terra predizem pelo menos 12 apocalipses. Lista impressionante promete que cataclismos começarão em 2008, e, se der sorte, a Terra aguentará até 2020.

Ano 2008 — na Terra cairá asteroide de diâmetro superior a 800 m.

Ano 2009 — pela decifração das centúrias de Nostradamus por Peter Lory, virá o Armagedão.

Ano 2010 — acaba petróleo, e o mundo engolirá guerra por recursos. Ainda prometem que a Terra virar-se-á do Sol. Mas isso será «temporário» fim do mundo.

Ano 2011 — fim do ciclo calendário maia. Data bastante difundida, na qual, por diferentes crenças, ocorrerá fim do mundo. Possivelmente, ocorrerá colisão com asteroide 2005 YU55.

Ano 2012 — também esperado fim do mundo pelo calendário maia. Crianças índigo aconselham preparar-se, 0,5 % da população tem chance de sobreviver.

Ano 2013 — Ragnarok, ele mesmo Dia do Juízo. Dia do início e do fim! Transição hiperespacial para quarta dimensão. Para mortais será morte, e para deuses — nascimento.

Ano 2014 — astrofísicos dizem que ao nosso Sistema Solar chegará nuvem de poeira cósmica, que varre tudo no seu caminho.

Ano 2015 — fim do ciclo de 9576 anos, que leva à morte da civilização.

Ano 2016 — James Hansen, investigador do estado climático na Terra, afirma que neste ano derreterão glaciares e grande parte da terra firme será inundada.

Ano 2017 — fim do mundo pela teoria de catástrofes hierárquicas.

Ano 2018 — guerra nuclear do mesmo Nostradamus.

Ano 2019 — colisão com asteroide 2002 NT7.

Ano 2020 — Isaac Newton, baseando-se em predições de João o Teólogo, calculou que o fim do mundo será precisamente neste ano.

Cientistas britânicos decifraram mais um segredo do aquecimento global — esclareceram que nos últimos 30 anos na Terra aumentou acentuadamente a humidade, e isso é um dos principais fatores de mudança do clima no planeta, não menos sério que constantes emissões de gases de efeito estufa na atmosfera.

Ao mesmo tempo obtém-se círculo fechado: quanto mais alta a temperatura, mais evaporações e mais alto o nível de humidade, e a humidade cria efeito estufa, que de novo aumenta a temperatura. Precisamente por isso, consideram os cientistas, mudanças climáticas no planeta vão cada vez mais rápido, o que inevitavelmente levará a poderosas desgraças naturais. Se urgentemente não tomarem medidas, advertem eles, então já nos anos mais próximos a humanidade espera inundações, secas e furacões catastróficos. Mais frequentemente passarão chuvas, e o clima tornar-se-á mais quente. Supõe-se que mais a humidade aumentará nas regiões tropicais.

Em menos de últimos 30 anos o nível de humidade do ar nas camadas junto ao solo cresceu 2,2%, notam os cientistas. Aumentou significativamente este indicador também sobre a superfície do Oceano Mundial. Com aquecimento geral do clima em 1°C a humidade crescerá 6%. «Calor com alto nível de humidade exerce ainda maior impacto negativo nas pessoas», — sublinham os especialistas. Isso exprime-se antes de mais em que com

humidade mais alta piora substancialmente o troca de calor do organismo humano.

Aumento do nível de humidade, tal como gases de efeito estufa, é resultado da atividade vital das pessoas. Usando prognósticos de temperatura da Comissão Internacional de mudança do clima, os cientistas estabeleceram que até 2100 a humidade no planeta crescerá 24 %.

É preciso dizer que as disputas sobre o problema de mudança do clima na Terra não acalmam. Assim, uns afirmam que ao planeta espera aquecimento global.

A visão tradicional sobre o problema do aquecimento global resume-se ao facto de a atmosfera da Terra consistir numa mistura de vários gases, parte dos quais são «gases de efeito estufa» (CO_2, metano), com capacidade para absorver radiação térmica. A luz solar atravessa a atmosfera, atinge a superfície da Terra e aquece-a. No entanto, o caminho de retorno para o cosmos é precisamente retardado pelos gases de efeito estufa. O fenómeno recebeu o nome de «efeito estufa» por analogia com uma estufa comum. Ao queimar combustíveis fósseis, que constituem a base energética da civilização moderna, o efeito estufa intensifica-se, e na Terra fica cada vez mais quente.

Os autores de conceitos alternativos sobre o aquecimento global discordam, principalmente, da avaliação do papel do fator antropogénico no aumento da concentração de gases de efeito estufa. Como possível fonte desses gases considera-se, por exemplo, o vulcanismo oceânico. Através das falhas dos dorsais medio-oceânicos (rifes) chega à superfície do fundo substância viscosa do manto (o manto da Terra — camada entre a crosta terrestre e o núcleo). No processo de hidratação dessa substância surge metano. Este sobe à superfície, depois remove-se para a atmosfera, onde reage com o oxigénio, formando CO_2.

Existem outras explicações para o observado crescimento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera. A quantidade de dióxido de carbono dissolvido no oceano excede múltiplas vezes o seu conteúdo na atmosfera. Ao aquecer, o dióxido de carbono começa a libertar-se do oceano, e isso leva ao crescimento da sua concentração na atmosfera. Outros investigadores estão convencidos de que em breve a temperatura descerá para valores recorde. No entanto, a inércia térmica do Oceano Mundial atrasará um pouco o processo de profundo «arrefecimento» da Terra — o pico do arrefecimento global espera-se em 2055—2060.

O chamado «efeito estufa» antropogénico não poderá atrasar seriamente o esperado arrefecimento, pois não exerce influência substancial nas mudanças climáticas globais da Terra. Nos últimos nove anos a temperatura na Terra praticamente não cresce, embora nesse tempo a concentração de dióxido de carbono na atmosfera tenha aumentado mais de 4%. Aumentos

naturais significativos da concentração de dióxido de carbono na atmosfera ocorreram ainda na era pré-industrial. Esses processos nunca levaram a aquecimento global do clima, mas sempre seguiam o aquecimento com algum atraso, sendo sua consequência. Se ao longo de 2007—2010 não houver aumento da temperatura global na Terra nos ritmos anteriores, isso será prova irrefutável de que o Sol já não pode aquecer a Terra como antes, e o aquecimento global antropogénico — mito.

O vindouro arrefecimento levará a aumento significativo da área do manto neve-gelo. Isso reduzirá a capacidade de absorção da superfície da Terra, em consequência do que diminuirá a concentração de vapor de água (principal gás de efeito estufa) e dióxido de carbono na atmosfera. Nesse caso espera-se reforço adicional brusco do arrefecimento devido à influência desses fatores, indiretamente ligados a mudanças no Sol.

Ao longo de muitos anos atormenta-nos o pesadelo do aquecimento global. Mas outra ameaça, ainda mais próxima, pode ser a fome global: os produtos alimentares tornam-se cada vez menos, encarecem cada vez mais, enquanto a população crescente da Terra precisa de mais comida, ainda por cima num período em que os recursos hídricos diminuem, e o clima torna-se cada vez mais imprevisível.

O conhecido historiador-filósofo Vasily Rozanov na sua obra «Por quietas moradas» escreve: «Sabe-se que com a vinda do Evangelho cessaram também os profetas. “Onde os profetas? onde a profecia?” Misteriosamente, e pode indicar-se aos inquiridores, que a profecia, só tendo mudado profundamente a cor, trocado o branco pelo preto (monástico — “clero negro”), não se extinguiu sem rasto, mas eis que se manifestou do outro e inesperado lado — no clero monástico. “Quem é profeta do Novo Testamento?” — à pergunta esta pode responder-se: “Eis Serafim! eis Ambrósio! eis a anciã Maria! Mas eles não trovejavam! não denunciavam! não ameaçavam!” Mas isso já é pergunta completamente outra: eles estavam inspirados, como os antigos profetas (em hebraico “profeta” — “nabi” — significa “inspirado”, “animado”), mas o próprio objeto e tema da sua inspiração realmente completamente outros, até certo grau opostos aos bíblicos».

Existem videntes das últimas décadas, já falecidos ou vivos e saudáveis, que talvez ainda não sejam venerados como profetas, mas por direito podem chamar-se videntes, porque mediante o talento dado por Deus, capacidade de perscrutar eventos fechados pelo tempo, ou seja, o futuro, elevaram-se acima de muitos e tentam chegar à nossa consciência, despertar o nosso intelecto adormecido, abalar almas e corações e ajudar a Rússia, não a deixar perecer, pensar no futuro dos nossos filhos; «filhos desses filhos, para que nos não fosse indiferente “e após a morte, que raios brilharão sobre a Terra e nuvens”, para que o nosso povo fosse feliz. E a felicidade está nas nossas próprias mãos. Como criá-la, por que caminhos chegar a ela, melhor dirão essas

pessoas, que nunca foram indiferentes ao destino do nosso país, que pensavam, cuidavam dela, procuravam caminhos para a felicidade popular, analisavam e avançavam ideias — ideias de renascimento racional da Rússia.

«...O destino da Rússia na fronteira próxima dos séculos, mais exatamente, dos milénios, depende antes de tudo de que vença a orientação para a luta por nova variante de “paraíso terrestre”, ou vença o bom senso e a sociedade volte para a revelação e desenvolvimento das suas próprias tradições milenares — económicas, culturais, morais...»

Reviver a comunidade de países que integravam a URSS... A muitos isso parece agora simplesmente impensável. Vanga não considerava isso assim tão irrealizável. Inescrutáveis os caminhos do Senhor...

Eis as suas palavras: «...Benevolência, boa vontade, boa vizinhança não se podem estabelecer por decreto, tiram-se do clima moral do povo, das regras aceites nele de relação uns com os outros, que depois crescem em relações entre povos, mas prever e antecipadamente desviá-los para o lado, linha de armistício transformar em linha de justiça — assunto de primeira necessidade... O povo fortalece-se antes de tudo não por poder militar, não económico ou algum outro, mas pelo estado de espírito das mudanças luminosas que nele ocorrem. Será isso — tudo o resto se acrescentará. Isso e são germes de renascimento espiritual — renovação, quando milhões de corações começam a bater num ritmo único: povo que encontrou o seu caminho. Por mais que o satisfaças materialmente, que divertimentos lhe ofereças, em que irmandades o envolvas, sem sentimento de aquisição do espírito perdido mesmo assim ele andará aos tropeções, zangar-se-á, procurará autodestruição.»

«...Fortificando a própria Pátria, fortificamo-nos a nós mesmos — nisso consiste o sentido do compatriotismo. Tornai mais forte, mais sensata, mais organizada, mais justa e mais duradoura a Rússia, e o dado voltar-vos-á a vós e aos vossos filhos por completo... O homem russo nasce como que com apocalipse no sangue, como que encantado por ele, e por isso cada palavra é perigosa, torna-se ação, decuplica a força. Diz, por exemplo, que vês no futuro sangue, e ele correrá em rios! O homem pensa que o futuro — é amanhã, bem, daqui a dois anos, mas a época em que entra o mundo durará milénios. Quem é capaz de pensar em tais categorias? Mas se falar seriamente, à Rússia cabe grande destino, destino especial. Aqui ocorrerá encontro da cultura com a civilização, — e nascerá o dia de amanhã... Se tudo correr bem (e o caminho parece nebuloso), daqui começará o caminho de salvação da humanidade...»

Comparamos as revelações de Vanga com declarações de outras pessoas conhecidas, veneradas na Rússia contemporânea como videntes.

Tamara Globa: «Todo o mundo sabe que o futuro — pela Rússia, que o novo Saoshiant governará na Rússia (Saoshiant — governante do mundo), que a luz da Rússia irá por todo o mundo. Essa é uma das razões de que sobre nós

e na Rússia se inflamou batalha egrégora — todos querem possuir o nosso território, mentes, almas e destinos do nosso povo. Úrano governa Aquário. Aquário governa a Rússia.

De 1995 a 2003 Úrano em Aquário. Aqui ele na própria casa, manifesta-se aberta e livremente. Sete anos — formação de eventos, que preparam novo, único sistema de governo, mudanças bruscas no pensamento e consciência, reavaliação de velhas tradições, descobertas na área da ciência e arte, música, meios de deslocação. Papel importante cabe à religião. E finalmente, voltarão tentativas de realização da irmandade universal.

De novo reviverão slogans «Liberdade — Igualdade — Fraternidade», aparecidos simultaneamente com a descoberta de Úrano...

No período da grande parada de planetas — de 1982 a 1994 — período de acumulação de massa crítica — passa colocação de eventos futuros da Terra. Se a humanidade não se aperceber e não parar de derramar agressão, raiva, discórdias no Cosmos e na Terra, espera-nos crise espiritual e ideológica mundial comum, série de catástrofes e mudanças da face da Terra... Parasitas ativos e passivos da Terra destruirão a Terra e o Universo.

1994 — ano de conjunção de Úrano e Neptuno, e a partir de 1997, quando Úrano entrar em Aquário, irá processo de mudanças tempestuosas. Influência de Plutão ainda se refletirá em eventos pesados no outono de 2010—2014 e mudanças positivas em 2028.

O mundo de coisas simples e evidentes contém sentido profundo, muitos níveis diferentes e formas de compreensão da realidade. Perguntareis: então o que é realidade? Pois a todos nós ensinaram na escola, no instituto, que realidade objetiva — é o que podemos tocar, sentir fisicamente. Mas enorme quantidade de pessoas na Terra vê, sente e compreende o mundo de outro modo, a sua visão — é outra realidade: gnomos, elfos, espíritos, alma das plantas.

Vida e ligação de todas as formas de existência no planeta, espaços paralelos, eventos no Cosmos: morte de Galáxias e nascimento de supernovas. Clarividência, clariaudiência, sonhos proféticos. Harmonia das esferas, Grande Canção do Universo e Amor da Terra — tudo isso pulso único e realidade objetiva para entidades humanas normais. Se vos não é dado outra visão do mundo, não tomeis a ousadia de afirmar que o que não sabeis não existe. Como regra, os que conhecem outra realidade — são verdadeiros guerreiros, livres do mundo das paixões humanas, pois tal é o seu Caminho — Caminho de pessoas que conheceram a Verdade...

Agora aproxima-se do fim a Era de Mistura do Bem e do Mal. Ao nosso tempo o processo de mistura atingiu culminação, mas «a noite especialmente escura antes do próprio amanhecer», à humanidade agora dado chance de

mudanças. Como será esse amanhecer — sol brilhante ou manhã nublada, — depende de nós.

Como caracterizar o tempo em que vivemos? Morte e renascimento. Crise, colisão do novo e do velho. Renascimento da consciência, processos alquímicos, transmutação da Terra e do homem. Esse processo semelhante à característica do signo zodiacal Escorpião, quando a humanidade deve reavaliar o seu Caminho, conhecendo o sentido da existência na Terra e aceitando completamente as leis do Carma.

O que dá deslocamento do eixo terrestre, transição de signo para signo? Mudança de formações histórico-sociais: muda o ciclo cósmico geral — muda a visão do mundo da humanidade. A agulha dos relógios cósmicos indica novo período de desenvolvimento da Terra, raio cósmico como que destaca Estado, etnos e raça, ligados por arquétipo ao período de domínio do signo que chegou. Tempo inexorável liga atenção (e cada místico sabe que atenção — é o principal!) de um povo, Estado e território para outro povo e território da Terra. Frequentemente isso determinam como Fim do Mundo (pois, se o povo não conseguiu acumular qualidades dadas pelo Tempo para evolução, preparar-se para novo estágio e mudar-se, — isso realmente será para ele Fim do Mundo).

Frequentemente ouço que a Rússia pereceu, que já não há russos verdadeiros. Mas nós, astrólogos, sabemos que Aquário é governado por Úrano — planeta da Liberdade. O conceito fala por si. A Rússia não se pode comprar nem matar, o russo em qualquer momento pode renunciar a tudo, ficar nu, descalço, livre e feliz: só que de ninguém dependa, só que preserve a Pátria. «Não, não morrerei todo», melhor morte que vida em cativeiro, «e tornar-me-ei pedra, e tornar-me-ei gelo. E o inimigo, tomando-me por apoio, sem saber em quem me transformarei depois, passará e andará de cavalo por mim!..»

Assim torna-se a Rússia, quando se trata de luta com o mal e injustiça. Bem e mal não objeto de disputa filosófica do tipo «bem e mal são um», ou «não é o bem — mal, e mal — bem?».

Isso heresia maniqueísta. Bem e mal — conceitos absolutos. Na época de Aquário tudo oculto tornar-se-á manifesto, e esses conceitos polarizarão o mundo: e pessoas, e países, e terras, mesmo o mundo invisível e a natureza. O Bem tornar-se-á à cabeça da Lei da Nova Era. Todos os que «turvam a água» da consciência humana experimentam agonia: o seu tempo acabou. Isso e chamam eles Fim do Mundo.

Na futura época à Rússia cabe oferecer ao mundo homem de novo tipo. «As pessoas serão iguais a Deuses» — diz a Avesta. Mudará época — mudará tipo de homem no período de Maturidade da Terra. As pessoas verão outra realidade — não só estado denso da matéria, como vemos nós, — todas as

mudanças espaço-temporais estarão submetidas à sua consciência. Todas as capacidades, que agora únicas: clarividência, telepatia, teleportação, cura — tornar-se-ão fenómenos naturais para as pessoas. Comunicarão ao nível do subconsciente, e a palavra tornar-se-á sinal mágico, como era nos magos nos tempos antigos. Grande responsabilidade recai sobre nós, pessoas modernas, na preparação do nascimento dessas entidades. Teremos de apressar-nos no autoaperfeiçoamento, pois a muitos dos agora vivos caberá viver entre pessoas — portadores da futura raça, e se a consciência não estiver pronta, difícil será compreenderem-se uns aos outros: eles verão e saberão o que nós não sabemos. Além disso a sexta raça humana será bela: pessoas com pele rosa-cinzenta, com cabelos cinzentos ondulados, belas, com regeneração completa das células do corpo e imunidade. Além disso lutarão com o mal ao nível da consciência e guerra energética.

Perguntareis, o que é sexta raça? Dela tornar-se-ão os mais perfeitos representantes de todas as cinco raças que viveram na Terra. O curso da evolução e história preparou esse processo. Virá época de Mistura...

A Rússia — é o coração da Terra. Difícil viver no próprio coração. E se não tendes Amor à Vida, à Terra e ao Mundo — Amor Cósmico que tudo consome, melhor não viver nesta região, pois o Amor saiu do Coração do Absoluto — significa, e o caminho através da evolução para o Absoluto passa pelo Amor a tudo vivo. Também esta parte da luz semelhante ao cérebro: hemisfério esquerdo e direito, e a divisória — cordilheira dos Urais. Por isso na Rússia tantos génios e pessoas talentosas, que não valorizam, pois o cérebro — é a consciência. Os americanos dizem sobre a Rússia: «Os russos não sabem quão forte é a terra deles». Os chineses dizem: “Nem imaginais quantos iluminados tendes!”»

Tamara Globa, como sabemos, — astróloga. A astrologia surgiu naqueles tempos muito distantes, quando todos os fenómenos do mundo circundante — terramotos, erupções vulcânicas, secas, epidemias — os nossos antepassados atribuíam à vontade de deuses misteriosos. A tais deuses relacionavam os conhecidos luminares: Sol, Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. À vontade desses mesmos luminares atribuíam mudanças nos destinos de pessoas concretas. Sucessos, sortes, enriquecimento e doenças inesperadas, pobreza, perda de entes queridos — tudo isso considerava-se «travessuras» dos luminares. Mas das desgraças pode proteger-se, se souber como as estrelas estão dispostas para ti, o que preparam elas hoje e no futuro. Precisamente esse desejo de proteger-se das desgraças levou ao florescimento e tão longa vida da astrologia. Ao longo de milénios na astrologia viam instrumento de predições e chave para o livro misterioso e assustador dos destinos.

Mas não caminho suave esperava a astrologia: mudavam épocas históricas, e com elas mudava a atitude para a astrologia. Respeito e

veneração dos astrólogos alternavam com perseguições, humilhações, e por vezes destruição.

O nosso século também se relaciona com a astrologia de forma ambígua. Enquanto cientistas sérios criticam os astrólogos e a astrologia, dissecando-a literalmente «até aos ossos», as publicações periódicas estão cheias de horóscopos e predições. Os nomes dos astrólogos são hoje tão conhecidos como os de artistas populares. Milhões de exemplares de literatura astrológica inundam as livrarias e quiosques do Ocidente contemporâneo. Basta dizer que só nos EUA se publicam mais de 20 revistas astrológicas, e as colunas astrológicas ocupam posições firmes nas páginas de 1200 jornais. Em França, com tiragens consideráveis, saem revistas como «Horóscopo», «Estrelas» e «Astral».

Para elevar o nível profissional dos astrólogos, atualmente espalha-se por muitos países do mundo uma rede inteira de instituições de ensino para videntes. 30 colégios astrológicos funcionam nos EUA. Em Paris existe uma escola superior de astrologia bastante popular, e em Porto Rico foi até aberto um colégio internacional, cujos diplomados recebem títulos... «astrólogo profissional» e o correspondente grau...

Aqui está um excerto da conversa de Andrei Karaulov com Pavel Globa:

— Existe vida após a morte?

— Existe. Sofri morte clínica após grave trauma e posso testemunhar isso.

— Existem civilizações extraterrestres?

— Claro que existem. Aliás, há escuras e luminosas. As escuras — aquelas que antigamente, evidentemente, chamavam demónios, e as luminosas — adivinharam — anjos...

— Haverá guerra com extraterrestres?

— Não. Mas haverá paz pior que guerra.

— Quem era Vanga?

— Grande pessoa, verdadeira vidente, que comunicava com outro mundo. Sem dúvida, será canonizada.

— Às vésperas do ano 2000, alguns falavam do fim do mundo...

— Muito depende de nós — se será desgraça ou purificação da humanidade. O tempo mostrará. Quanto ao fim do mundo? Cancela-se, senhores! Aliás, isso também segundo Nostradamus...

— Como se relaciona com o facto de no cristianismo não se encorajar a ocupação com astrologia e comunicação com astrólogos?

— Realmente, agora a igreja geralmente refere-se de forma inequivocamente negativa à astrologia, em geral à predição do futuro. No entanto, se voltarmos às origens do cristianismo, verifica-se que inicialmente entre cristianismo e astrologia não havia desacordos nenhuns. O nascimento de Jesus Cristo, como descrito no Evangelho, foi predito por magos-astrólogos. Até ao século IV da nossa era a astrologia era oficialmente reconhecida pela igreja. E em tempos muito posteriores muitos figuras da igreja ortodoxa, incluindo santos, interessavam-se por astrologia, até a praticavam e não consideravam isso vergonhoso.

Pode nomear-se, por exemplo, Simeão Polotsky e Dmitri Rostovsky, que escrevia até livros astrológicos. Se falarmos da igreja católica, com astrologia ocupavam-se, por exemplo, Tomás de Aquino (século XIII), muitos papas romanos. Assim, a relação da igreja com a astrologia sempre foi ambígua. Uns figuras do cristianismo reconheciam-na, outros — não. Por isso agora os que acham vantajoso considerar que a astrologia não era reconhecida citam umas fontes, e os que querem provar que era reconhecida citam outras. Agora, basicamente, as pessoas não compreendem o significado da astrologia. Mas em breve a relação com ela mudará...

— Haverá Terceira Guerra Mundial?

— Não, nem guerra mundial nem fim do mundo se esperam, pelo menos no futuro previsível. No entanto, guerras, e muito pesadas, grandes guerras, no fim do século atual e início do seguinte, possivelmente haverá. Essas guerras afetarão tanto a Europa como a América. O nosso país, a Rússia, as guerras praticamente não tocarão, exceto conflitos locais nas periferias. Haverá ainda no mundo grandes cataclismos naturais: terramotos, inundações etc., nos quais morrerá enorme quantidade de pessoas. Isso começará no início do século XXI.

Gostaria de deter-me nas profecias de Vasily Nemchin, cujo livro, datado aproximadamente de meados do século XV, chegou até aos nossos dias. Infelizmente, o acesso a este livro interessantíssimo é praticamente impossível, encontra-se em arquivos secretos (se ainda não foi destruído), mas algumas informações sobre ele existem, há microfilmes dele. Além de profundas elaborações filosóficas, o livro contém toda uma série de profecias surpreendentes referentes ao futuro da Rússia. Assim, no século XVI devia haver «czar-vampiro, sanguessuga, cujo início seria como de grande guerreiro, e fim lamentável — como de possesso por demónios assassino de crianças». Não é difícil entender que se trata de Ivan o Terrível.

Menciona-se também «grande perturbação», seis impostores (agora conhecem-se cinco), surgimento de nova dinastia, «à qual cabe reinar cerca de três séculos» (Romanov), menciona-se o «quarto czar dessa dinastia, que no rosto será semelhante a gato» e no qual «lutarão Deus com o diabo» (Pedro I).

Depois menciona-se «reino de mulheres», que durará cerca de 100 anos (Ana Ioannovna, Isabel Petrovna, Catarina II). A partir do «czar-gato» abalar-se-á a fé ortodoxa, templos embora permaneçam, mas neles «entrará demónio» (visivelmente, refere-se ao cisma da igreja). Descreve-se pormenorizadamente a guerra com Napoleão: «haverá terrível guerra com soberano francico, e a capital terá de ser entregue». Mas «fortes geadas expulsá-lo-ão dali, e irreconhecido esconder-se-á em pequena ilha» (não exatamente assim, mas pequena ilha houve mesmo). Para o século XX predisse-se: haverá «terrível obra demoníaca, o reino abalar-se-á».

O décimo oitavo da dinastia czar «será sacrificado» (Nicolau II foi o décimo sétimo, décimo oitavo estava planeado Mikhail Romanov). Depois menciona-se «terrível força demoníaca, que surgirá sob bandeiras vermelhas». Forças demoníacas serão guiadas por algum homem terrível com «cabeça descoberta» (calvo), que «por muito tempo haverá de jazer em caixão de cristal entre céu e terra, substituindo orações santas e ícones». Construir-se-á «templo até aos céus, que ruirá» (Palácio dos Sovietes). Mencionam-se profanação de cemitérios, perseguições à igreja, terrível matança sem sentido e derramamento de sangue. Depois nomeia-se governante-arménio, que trará sofrimentos muito grandes, viverá em gaiola de ferro (visivelmente, Estaline, que isolou a Rússia do mundo inteiro com cortina de ferro.

Aqui também é preciso ter em conta que na antiguidade remota a Geórgia era parte da grande Arménia). Mais adiante menciona-se terrível guerra na Europa, que durará 7 anos (se contar da guerra com a Finlândia, mais ou menos correto). Depois há texto tal que no fim os demónios após «sete dezenas de anos de abominação e desolação» fugirão da Rússia, embora se disfarcem de «peles de ovelha», permanecendo «lobos predadores». Essa fuga durará 3 anos, e depois mais 3 anos a Rússia recuperará do abalo.

Nomeiam-se também futuros governantes da Rússia, incluindo grande soberano que reinará pouco tempo, «anão com rosto negro», «grande cavaleiro», «mulher de cabelos dourados», «grande Oleiro» (isso já século XXI), com o qual estará ligado «idade de ouro» da Rússia. Menciona-se também vindoura «grande guerra da cruz com o crescente», que trará desgraças ao mundo, que durará 15 anos. Predisse-se unificação dos povos russo, ucraniano e bielorrusso através de 15 anos após «fuga demoníaca».

Como vidente, Vasily Nemchin em nada cede a outros astrólogos muito mais conhecidos: Nostradamus, Alberto Magno, Ragno Nero, e em algo até os supera. Aqui gostaria ainda de citar frase notável de Nemchin sobre o papel da astrologia, que notava que todas as suas visões media com ciência rigorosa (astrologia), para distinguir visões angélicas de artimanhas diabólicas. Melhor não se diz: a astrologia permite distinguir o angélico do diabólico, do que não é mau lembrar aos seus opositores e perseguidores.

— Quando e onde nascerá o futuro Salvador?

— Isso ninguém sabe. Sabe-se que virá do Oriente. Que estará no território da Rússia — isso também se sabe. Sabe-se também que virá no período de transição da Era de Peixes para a Era de Aquário, ou seja, nos anos mais próximos, pois precisamente na viragem das épocas cósmicas, em períodos de viragem, quando ocorre condensação do mal, vêm até nós profetas e salvadores, enviados de Deus e condutores da sua vontade. Todo o resto está oculto das pessoas e compreende-se porque oculto. As pessoas devem esperá-lo a cada minuto. Nem astrólogos podem calcular a data de nascimento do Salvador, porque qualquer Salvador do Mundo nasce em fenómenos cósmicos extraordinários. Jesus Cristo nasceu no início da Era de Peixes com aparição de cometa em forma de coroa (czar e sumo sacerdote), Zaratustra — no início da Era de Carneiro, também com aparição de cometa, mas em forma de tridente (profeta).

Aliás, esses cometas — não periódicas, a sua aparição imprevisível. Possivelmente também explosão de supernova ou algo mais, que não se pode calcular previamente por métodos astrológicos comuns. Só quando houver tal situação, poderá dizer-se que eis agora nascerá. E então haverá novos magos, que virão adorá-lo. Será quase como no Evangelho, mas noutro nível, porque dito: «Como o relâmpago sai do oriente e é visto até ao ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem» (Mt. 24, 27).

Ao florescimento espiritual da Rússia contribuirá o retorno e desenvolvimento ulterior do ensinamento dos antigos arianos, zoroastrismo. Cumprir-se-á a predição do astrólogo Ragno Nero, que viveu cerca do século XV: «A religião do Fogo e da Luz no século XXI conhecerá marcha vitoriosa. Apoio encontrará no país setentrional dos hiperbóreos, onde será revelada em qualidade completamente nova».

...A Vanga os cientistas por vezes enviavam «mentirosos» — pessoas especialmente preparadas para tentar enganar a vidente. Mas ela confiantemente e rapidamente desmascarava-os. Um político, por exemplo, apresentou-se como vendedor de vinho. Mas Vanga logo lhe disse: «Tu não serves para comércio! A ti cabe falar com as pessoas!» — o que ele, em essência, fazia. No fim de tais experiências o professor Dobrianov chegou à conclusão de que Vanga realmente possuía capacidades telepáticas únicas.

Talvez a telepatia seja atavismo, deixado em herança pela evolução? O cérebro da profetisa nunca foi investigado. O diretor da clínica privada da cidade de Petrich, Ivan Petrov, diz: «Os meus colegas contaram-me que pouco antes da morte, quando entre outros foram feitos exames clínicos circunstanciados do cérebro de Vanga, mostraram norma. Ou seja, as suas circunvoluções em nada se distinguiam. Além disso, os médicos cumpriram o seu desejo — a ninguém permitiram tocar no seu corpo morto».

«Aproximadamente um ano antes da sua morte, em 1995, pela Bulgária correram rumores sobre chegada de extraterrestres — conta a biógrafa de Vanga, Boyka Tsvetkova. — Informou sobre isso uma sensitiva. Todos os pormenores, incluindo data e hora do evento, foram publicados num jornal. Levantou-se alarido. Mas na hora marcada nenhuns extraterrestres, claro, houve. Algumas semanas depois Vanga por telefone pediu-me que fosse ter com ela. Eis gravação da nossa conversa.

— Lembras-te do alarido sobre extraterrestres?

— Lembro, mas não apareceram.

— Chegaram, só não então, mas ontem à noite, e pararam à minha porta — tão belos, esbeltos.

— Ficaste assustada?

— Assustar-me de quê? (Riu-se, contente.) Foi tão bom, conversámos, e desapareceram.

— Alguém mais os viu?

— A quem vê-los, vieram ter comigo. E talvez Vitka (assistente da profetisa) também os tenha visto, ela nada perde.

...Procurei Vitka, que viveu com a profetisa durante dez anos até à sua morte e perguntei:

— É verdade que Vanga comunicava com espíritos ou extraterrestres?

— Ela própria sobre isso não falava — recorda Vitka. — Mas fui testemunha de caso estranho. Em Rupite na casa de hóspedes por vezes vinha ter com ela Dmitri Goygurov, filho da irmã de Vanga Lyubka. E uma vez a minha filha Stefka perguntou a Vanga: «Existem civilizações extraterrestres?» Ao que Vanga respondeu enigmaticamente: «Vai à casa de Dmitri — verás». A filha foi e desapareceu. Espero-a uma hora, duas, assustei-me — não terá acontecido algo? Entro na casa e vejo Dmitri e Stefka sentados a pequena mesa redonda e a fazer perguntas do tipo: «O que será comigo?», «Quando acontecerá este evento?» E em resposta ouve-se pancada nessa mesa — ora forte, ora mais fraca. E depois essa mesinha começou a mover-se sozinha. Aos meus olhos «andou» 3—4 metros e parou como se nada fosse. Peguei Stefka pela mão e arrastei-a para a porta gritando: «Foge!» Mas a filha por algum motivo estava absolutamente calma — não tinha medo. Penso que Vanga comunicava ou com o mundo além ou com extraterrestres. Mas ela própria era, claro, mulher terrena comum».

E aqui o relato do conhecido compositor búlgaro Petar Bakov. «A nossa conversa com Vanga durou hora e meia, e nela ouvi aproximadamente o seguinte (não gravei Vanga em gravador, por isso não garanto, naturalmente, a

reprodução literal da sua fala invulgar, no entanto logo, em quente, anotei cuidadosamente tudo o que diz respeito ao futuro do mundo no seu conjunto. «A Rússia — mãe de todas as potências eslavas. As que dela se afastaram voltarão em nova aparência. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no fim levarão ao crescimento da sua força. Virá o dia e todas as religiões desaparecerão! Novo ensinamento virá da Rússia. Ela será a primeira a purificar-se. A fraternidade espalhar-se-á pela Rússia e começará a sua marcha pelo mundo. Acontecerá isso daqui a 20 anos, antes não acontecerá. Daqui a 20 anos colhereis a primeira grande colheita...

Muitos hoje afirmam que estiveram em contacto com extraterrestres. E todos até ao último convencidos de que Deus os marcou, mas não compreendem que na realidade não é assim. Vive o homem no mundo branco, peca, entrega-se a paixões e vícios, não cumpre mandamentos de Deus, nem sequer crê em Deus, e Ele de repente oferece-lhe dom celestial. Isso de repente só de Satanás. Os seus dons são temporários, ele cobre com eles o homem até conseguir possuir a sua alma, e o homem não se orgulhar de que não é como os outros. Esse homem condena-se a si próprio a sofrimento eterno. Se tais pessoas olhassem para as vidas dos santos.

Enviados de Deus atuam na alma do homem, aproximando-o da beleza e da alegria, incutindo nele bondade e amor. A beleza salvará o mundo nos lábios dos russos. Cristo em vestes brancas de novo virá à Terra. Próxima a hora, quando os eleitos pelo coração sentirão o retorno de Cristo. Sede mais bondosos, para não sofrer mais, o homem nasceu para boas ações, as más não ficam impunes. O castigo mais cruel espera não o que causou mal, mas os seus descendentes. Isso é ainda mais doloroso».

Sim, a maioria das profecias de Vanga é bastante nebulosa. E mesmo assim são muito mais claras que as do mesmo Nostradamus. Pelo menos para os intérpretes. Analisemos predições difíceis de chamar não cumpridas.

«Medo, medo! Os irmãos americanos cairão, bicados por aves de ferro. Lobos uivarão do arbusto, e sangue inocente correrá em rio».

A profecia cumpriu-se. Em setembro de 2001, após ataque aéreo de terroristas aos EUA, ruíram os arranha-céus do Centro de Comércio Mundial. Os arranha-céus caídos chamavam «gémeos» ou «irmãos». Neles embateram aviões — «aves de ferro» — de terroristas. Mas o que tem isso a ver com arbusto? Tem a ver com que em inglês soa como Bush. Ou seja, a desgraça refere-se ao tempo da sua presidência.

«O mundo passará por muitos cataclismos, fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão segundo o critério da fé...»

Infelizmente, tempos difíceis mesmo assim vieram. E com a consciência das pessoas algo se passa. Cataclismos há aos montes — só os tsunamis, que levaram centenas de milhares de vidas, valem o quê. E os numerosos atentados dos últimos tempos? Ou motins por motivos religiosos?

«Somos testemunhas de eventos fatais. Dois maiores líderes do mundo apertaram as mãos (Vanga, evidentemente, aludia a Gorbatchov e Reagan). Mas passará ainda muito tempo, muita água correrá, até vir o Oitavo — ele assinará a paz definitiva no planeta».

Esta profecia, possivelmente, já começa a cumprir-se. Pelo menos no que diz respeito ao «Oitavo». Aliás, ainda na altura em que o Presidente da Rússia era Boris Iéltsine, Vanga já aludia ao seguinte, embora não mencionasse o nome: «Será uma figura completamente inesperada. Decididamente não Ziuganov nem Lebed». O «Oitavo» já veio: afinal, a Rússia integrou a «grande sete». Recentemente tornou-se a «grande oito». Agora falta a paz em todo o mundo.

«A Rússia voltará a ser grande império, antes de mais império do espírito».

Até agora esta predição não se cumpriu. Até ao grande império da Rússia ainda está longe. E o espírito ainda não triunfou. Mas a busca de uma ideia nacional continua. Esta é uma das últimas profecias de Vanga. Ao fazê-la, a vidente delineou com as mãos um grande círculo.

«Em 2018 os comboios voarão em fios do sol. A extração de petróleo cessará, a Terra descansará».

Precisamente para 2018 os cientistas terrestres tencionam organizar a extração na Lua de hélio-3. Sobre planos semelhantes foi declarado literalmente nos últimos dias. O hélio-3 — é produto da atividade solar e combustível para reator termonuclear, que, em essência, é ele próprio um pequeno Sol. O reator dará eletricidade «em fios» e os comboios voarão.

O ataque terrorista aos EUA Vanga «viu» desde 1989. Nessa altura disse também: «Não luteis com os tolos — não são assim tão terríveis, não tenteis corrigi-los ou mudá-los. Muito mais terríveis são os idiotas. Eles estão prontos para apresentar algo que pode agitar todo o povo».

Embora, claro, os céticos apontem também profecias erradas de Vanga. Por exemplo, em 1973 Vanga assegurava: a União Soviética dentro de um mês introduziria tropas no Chile. E nunca introduziu. Mas, talvez, Vanga não tenha sido compreendida corretamente?

Vanga previu também a futura separação da Ucrânia da Rússia. «Mas guerra não haverá — tranquilizava a vidente —, a Ucrânia tornar-se-á a principal entre cinco países».

Evento dos últimos anos foi a divulgação de gravações das últimas predições da vidente. O facto é que de várias pessoas (se exatamente, oito), Vanga tomou promessa de divulgar as suas palavras só no século seguinte. Verificou-se que Vanga predisse o «escândalo das cassetes» na Ucrânia. Vangelia declarou que o «presidente» (evidentemente, referia-se ao presidente) da Ucrânia enfrentaria complicações por causa de «pessoas desonestas, que quereriam difamá-lo em vão». A profetisa de Rupite predisse também o fim do chamado «escândalo das cassetes»: «O presidente resistirá se demonstrar paciência».

Bastante curioso Vanga exprimiu-se também sobre o papel internacional da Ucrânia. Assim, no diário do avô Gosho, que anotava as revelações da profetisa, nota-se: «A avó Vanga dizia que a Ucrânia... tornar-se-á a principal entre cinco países». Pelo visto, trata-se da organização GUUAM (Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Arménia, Moldávia), à qual neste momento a Bulgária também considera aderir.

Relativamente à vida dos ucranianos comuns Vanga predizia: «Após longas e prolongadas dificuldades as pessoas, finalmente, viverão muito bem, pois para a Ucrânia devem chegar tempos maravilhosos».

Noutra anotação Vanga garante o bem também à Rússia — as mulheres darão à luz crianças saudáveis, que, por sua vez, mudarão o mundo...

No entanto, daqui a 30—40 anos, segundo palavras da profetisa, ocorrerá algo como dilúvio universal, durante o qual sobreviverá aproximadamente metade da humanidade.

Muitas pessoas hoje chamam-se seguidores e sucessores de Vanga. Até afirmam que mesmo após a morte a Cassandra búlgara continua a prever e curar pessoas. Por exemplo, bay Feiz Kostandzhiev, conhecido na Bulgária como curandeiro, descobriu as suas capacidades únicas após visita à casa de Vanga. Agora bay Feiz afirma que a profetisa falecida frequentemente lhe aparece em sonho e sussurra novas predições, que na maioria se cumprem. Assim, pouco antes do conflito na Macedónia Kostandzhiev advertiu representantes do Estado-Maior das Forças Armadas desse país sobre a chamada ameaça balcânica. Verdade, a sua carta, enviada por correio para a Macedónia, ficou sem resposta. «O mais terrível — diz bay Feiz —, é a guerra. Mas a Rússia por enquanto não a deve temer — no território deste Estado não haverá ações militares. Todos os problemas resolver-se-ão de forma civilizada — pacificamente e sensatamente».

O que é curioso, a mulher graças à qual o mundo inteiro falou da remota aldeia búlgara de Rupite, na pátria de modo nenhum a consideram fenómeno. Mais ainda, os conterrâneos invariavelmente declaram aos jornalistas que Vanga era mulher comum, que em idade avançada dominou a profissão de psicóloga. Para cada um encontrava palavra boa, sabia de que modo consolar

e dar esperança ao sofredor. Aliás, no seu tempo Vangelia Dimitrova teve chance real de obter diploma universitário em psicologia — por conselho vinham ter com ela muitos professores de Sófia. Ou não tinha desejo, ou não tinha tempo para fazer exames na universidade, mas decidiu que podia passar sem diploma. E para quê, a ela, mulher idosa cega, ir a Sófia, se a ela em Petrich em diferentes tempos vinham tanto o dirigente do Partido Comunista do país Todor Zhivkov, como até o czar búlgaro Boris.

Aliás, à luz dos últimos eventos pode afirmar-se com segurança que mais uma profecia de Vanga se cumpriu a cem por cento. A Cassandra búlgara predisse ao czar que o seu descendente regressaria à Bulgária natal para ficar ao leme do país. Apesar de o povo amar o czar Simeão II, filho do czar Boris, ninguém levou a sério essas palavras. Pois o retorno da monarquia parecia impossível, e como de outro modo Simeão, estando no exílio na longínqua Espanha, poderia tornar-se a primeira pessoa no Estado? Mas chegou o tempo, e as eleições parlamentares provaram que é possível. Com a vitória nas eleições do «Movimento Popular Simeão II», que encabeçou o antigo monarca búlgaro, obteve poder bastante considerável e começou a desempenhar papel importante na sociedade búlgara.

Nos últimos tempos na imprensa ocidental apareceu massa de materiais que difamam a memória da vidente. Assim, uma revista influente com conhecimento de causa declarou que Vanga trabalhava para a KGB, e segredos de pessoas particulares sussurravam-lhe de modo nenhum extraterrestres do cosmos, mas agentes secretos. Num dos diários de conterrâneo de Vanga diz-se: «Tudo isso não é verdade. Vanga sempre foi muito honesta e simplesmente não podia trabalhar para espiões».

Mais adiante o autor nota que a vidente por vezes dava apenas prognósticos e predições aproximados. Mas às pessoas era fácil com ela. «A sua alta moralidade manifestava-se especialmente forte na atividade curadora — escreve o académico Petar Zarev. — Os médicos espantam-se com os resultados do seu tratamento. A farmacologia de Vanga — é a natureza, plantas, flores, materiais criados por via natural, como que saturados de força milagrosa. E o conhecimento científico recua perante o instinto...»

Quando sobre Vanga se rodava filme documental, exibido depois no Primeiro Canal, em «Ostankino» para contar sobre os seus encontros com a profetisa convidavam também a médica de Kursk Lidia Baranova, que durante muitos anos foi amiga dela. «Vanga salvou-me a vida — conta a psicoterapeuta Lidia Baranova. Sobre a vidente soube da revista «Digest». E decidi eu própria saber, ao encontro esclarecer, como pessoa cega “vê” não só cores, mas também passado e futuro».

O primeiro encontro delas com Vanga ocorreu graças à amiga de Baranova Lyudmila Petkova, que vivia em Sófia. Tornou-se para Lidia Mikhailovna tradutora.

«Estrangeiros Vanga recebia no dia da chegada, mas por marcação — conta Lidia Baranova. — Búlgaros esperavam a sua vez dois anos. Por dia recebia até trezentas pessoas.

Ainda não tinha conseguido marcar, quando saiu o secretário de Vanga e disse: “Que entre a médica da Rússia, aquela de macacão de ganga”. As pernas fraquejaram-me — era sobre mim! À minha frente na fila havia umas setenta pessoas, mas todos se afastaram».

Quando Lidia entrou no quarto, por muito tempo não conseguiu desviar o olhar da vidente. O rosto dela era muito jovem, embora nos livros sempre retratassem velha enrugada. Cabelos grisalhos, cortados curto. Mas os olhos! Nas pálpebras — grandes cicatrizes porque foram cosidas grosseiramente.

«Fiquei horrorizada e doída, como se algo tivessem feito aos meus olhos, até surgiu ardor — recorda Lidia Mikhailovna. — Sentei-me. E Vanga começou a acariciar as minhas mãos. E aqui de novo me surpreendi — a pele nelas muito jovem...»

Baranova esteve com Vanga cerca de quarenta minutos, embora geralmente a cada visitante a vidente dedicasse cinco minutos e respondia só a três perguntas principais. No início Vanga começou a explicar algo por muito tempo, mas Lidia Mikhailovna sem tradutora simplesmente não a compreendia. Quando trouxeram Lyudmila Petkova, a profetisa fez a Baranova várias predições. Em particular, disse: «Vejo perante mim a sepultura de pessoa próxima a ti, à qual muito te pareces».

«Pensei que Vanga se referia ao meu pai, antes da partida tinha estado precisamente na sepultura dele — diz Lidia Mikhailovna. — Mas alguns anos depois morreu tragicamente o meu irmão gémeo, com o qual realmente éramos muito parecidos. E ainda Vanga disse que eu viria ter com ela no ano seguinte. Assim aconteceu. Aliás, nessa primeira vez Vanga saiu a acompanhar-me até ao táxi, o que era grande honra...»

Desde então Lidia Baranova visitava «tia Vanga» todos os anos. Tornaram-se amigas. No 84.º aniversário Lidia Mikhailovna ofereceu a Vanga um xaile de seda preto. O presente agradou tanto que a profetisa começou a usá-lo exclusivamente em ocasiões solenes. Em Baranova até se conservou jornal com fotografia de Vanga nesse xaile, quando se dirigia com discurso ao povo búlgaro.

Presentes a curiana trazia sempre: postais, pequenas ícones... Dizem que nos chinelos bordados com missangas, que Lidia Mikhailovna ofereceu a Vanga, a profetisa foi colocada no caixão.

«Vanga era habilidosa — diz Baranova. — Em casa dela era muito acolhedor. Nas camas — colchas que ela própria tricotara. Nas mesas — várias estatuetas. E muitos ícones».

O governo búlgaro cuidava de Vanga. Forneceram-lhe carro luxuoso para a época com motorista, guarda, cozinheira. Metade do seu património a profetisa legou ao povo búlgaro, a outra metade — à igreja ortodoxa.

«Conheço pessoalmente o homem que ajudou Vanga a construir a igreja — continua Lidia Baranova. — Tivemos encontro invulgar. Em 1995 vim ter com Vanga no aniversário. Estava sentada com conhecida num restaurante. Trouxeram-nos garrafa de vinho caro e frutas que não pedíramos. O empregado disse que era presente de homem à mesa vizinha. Conhecemo-nos. O nosso vizinho revelou-se empresário chamado Kiru. Outrora sofrera acidente de viação na Bielorrússia, e família russa cuidara dele. Deu voto de sempre ajudar russos, onde quer que os encontrasse. Sabendo que eu viera ter com Vanga, pagou-me viagens pela Bulgária. E depois ofereceu à predizente terreno onde era a sua dacha, e destinou meios para no seu lugar construir igreja de santa Petka, aonde até hoje acorrem peregrinos».

«Uma vez telefonaram-me conhecidos e disseram: “Sabes o que diz a tua Vanga? Que Kursk irá debaixo de água, e todos morrerão”. Digo, não pode ser, os tradutores de novo confundiram algo. Na Bulgária existe dialeto macedónio, e frequentemente surgiam dificuldades com tradução. Agora sabemos que a predição se cumpriu, pois tratava-se do submarino atómico “Kursk”» — conta Lidia. Recorda que Vanga não gostava de falar abstratamente sobre o destino da Rússia a pessoas casuais, que sentem pela política interesse tão superficial, diletante, como pelo futebol. A tais advertia: «Por favor, não perguntem sobre Gorbatchov e perestroika».

«Ela contava que cada um tem o seu destino, e nem ela nem a própria pessoa o podem mudar — a não ser corrigir um pouco. Eu, por exemplo, considero que uma vez salvou-me a vida. Numa das minhas visitas Vanga disse-me: “Agora virás ter comigo a 22 de dezembro”. Objetei que não juntaria dinheiro. Mas o dinheiro apareceu, e fui. E depois soube que o autocarro de serviço, no qual sempre ia para o trabalho, capotou, e os passageiros sofreram lesões muito graves».

«O fenómeno de Vanga, penso, a ciência não o explicará. Vanga considerava que tal destino lhe fora preparado por Deus. Fica-me muito ofendido quando na televisão falsos profetas se chamam discípulos de Vanga. Tomai aquele Grabovoi. Vanga ainda há 15 anos dizia que ele é vigarista. E prenderam-no só agora. Bons é preciso ser, amar as pessoas, criar famílias, e então a todos estará bem — eis o que legou Vanga».

Conhecem-se também histórias divertidas. Uma vez vieram ter com ela adeptos de futebol na véspera de jogo decisivo em Blagoevgrad. E do como

jogasse a equipa local «Belasitsa» dependia a sua posição no grupo «A». Vanga mandou fazer grande bolo em forma de campo de futebol, e os confeiteiros da cidade trabalharam nele noite inteira. E quando tudo estava pronto, pegou na faca e cortou-o ao meio. Não se sabe se isso decidiu o resultado do jogo, mas o resultado realmente foi igual — 0:0. Noutra vez a vidente predisse vitória sobre o levski «Spartak».

No início de 1993 Vanga comunicou que a URSS renascerá na primeira quarta do século XXI. E pouco antes da morte disse: «Virá tempo de milagres, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Seremos testemunhas de grandes descobertas arqueológicas, que mudarão radicalmente as nossas representações sobre o mundo desde tempos antiquíssimos. Todo o ouro oculto virá à superfície, mas a água irá embora. Assim está predeterminado».

Além da clarividência e profecia Vanga compreendeu que pode curar doenças. Mas não com ajuda de medicamentos, mas com ervas. Ao tratá-las aconselhava banhar-se com decocções, pois atuam melhor através da pele. Vanga nunca negou a medicina oficial, no entanto considerava que consumo excessivo de medicamentos é prejudicial, pois «fecham a porta, através da qual com ajuda de ervas entra a natureza, para restabelecer o equilíbrio violado no organismo».

Ervas e flores eram o seu amor. Precisamente na medicina Vanga dedica-lhes lugar enorme. Mas diz que cada um deve tratar-se só com ervas do país em que vive. A muitos pessoas ajudaram os seus receitas. Então porque com ervas e a sua influência não curou o próprio marido? Porque ele tinha o seu caminho de vida, que ela não podia mudar, não tinha direito.

CAPÍTULO 5

A BELEZA NA BOCA DOS RUSSOS,

E NÃO A FALSA PROFECIA, SALVARÁ O MUNDO

Vale a pena acreditar em cada «curandeiro» ou «terapeuta» que se chama «único sucessor espiritual de Vanga»? Por exemplo, segundo dados não oficiais do centro russo de investigação de medicina tradicional popular «ENIOM», na Rússia atualmente trabalham cerca de cem «discípulos» de Vanga, que predizem o destino e supostamente curam de todas as doenças. Assim se chamam apenas porque estiveram em casa dela. Um tal «discípulo» recentemente foi preso — o «terapeuta» de Vladivostok vendia «Elixir de Vanga», após o que dezenas de doentes acabaram em reanimação.

Poderia a vidente adivinhar que encontro de cinco minutos com ela asseguraria a alguém anos de prática bem-sucedida sob bandeira de dom alheio? «Muitos dos curandeiros que conheço, que foram ter com Vanga, realmente algo sabem fazer — diz o diretor do centro «ENIOM», professor Yakov Galperin. — Mas discípulos espirituais ela a ninguém e nunca chamou!»

Não só na Rússia, mas na própria Bulgária tais «sucessores» também não são poucos. «Tivemos situação cómica — conta a sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova. — Encontraram-se cerca de 500 «discípulos», que se chamavam os únicos. E continuadores comuns do seu trabalho revelaram-se vários milhares. Agora a onda de tais vigaristas entre nós começou a baixar. Na Bulgária as pessoas já não acreditam neles».

Pessoalmente, incomoda-me a abundância de «amigas» e «parentes» de Vanga, que, segundo elas próprias afirmam, quase dormiam no tapete dela ao lado da cama. Ela não tinha filhos, e as suas «netinhas» de aspeto vadio vinham ao meu quarto pedir para «emprestar» dinheiro até à pensão e mendigar uma garrafinha de uísque do meu mini-bar. E quanto às «ajudantes», tinha quase metade da cidade: uma esteve com ela 30 anos, outra 15, a terceira passou os últimos dias com ela na enfermaria do hospital. E surgiram ainda aquelas que hoje falam pela boca de Vanga — alegando que ela lhes envia mensagens do além. Demasiados «filhos do tenente Schmidt», que, passados muitos anos, se agarram à sua fama».

Há ano e meio, houve grande alarido com a história de Grigori Grabovoi — o «curandeiro», «terapeuta», «profeta». Milhares de pessoas garantiam que o curandeiro não só curava os doentes mais graves, como também ressuscitava os mortos.

«No início, era um tipo vulgar — contam os vizinhos do «messias» no prédio da Avenida Yaroslavl, em Moscovo. — Depois, envaideceu-se, deixou

de cumprimentar. Messias, perdoa, Senhor!» Reunindo à sua volta apoiantes, Grabovoi fundou o partido «DRUGT» (divulgadores voluntários do ensino de Grigori Grabovoi). Os companheiros acreditavam que o seu mestre em breve seria presidente e adoravam-no como a Deus.

Ao famoso sectário detido em Moscovo foi apresentada a acusação de fraude. O tribunal Khamovniki emitiu uma ordem de prisão ao curandeiro.

O nome de Grabovoi ressoou por todo o país após o terrível atentado terrorista em Beslan. O cínico sectário infundiu esperança nos corações abrasados pelo luto das mães. E nos corações daqueles que souberam disso — desprezo e indignação perante tal sacrilégio inaudito. Prometeu, não mais nem menos, ressuscitar as crianças mortas na escola de Beslan. Indicou até a data. E as mães acreditaram. Com o coração suspenso, esperaram esse dia... As crianças não regressaram. Grabovoi explicou que a ressurreição haveria de acontecer. Só não agora, dentro de um ano. Talvez dois. Ou mais tarde. E a criança regressaria à mãe envelhecida pelo sofrimento, possivelmente noutro aspeto. Ou noutro país.

As mães acreditaram de novo. Como não estariam as palavras bem urdidas do «messias» de palavras doces em sintonia com a alma delas! Ele sabia em que cordas tocar.

«Eu acredito em Grabovoi — tentou convencer as outras mães durante o julgamento a membro do comité «Mães de Beslan» Anetta Gadieva. — Segundo a versão do Ministério Público, detiveram-no por causa de Beslan. Por querer ressuscitar os nossos filhos. Mas não se deve invocar Beslan. Beslan não tem queixas dele. Ele não nos pediu dinheiro, queria ajudar. E a ideia dele era-me próxima. A ressurreição haverá, só que ninguém sabe quando nem como. Nós acreditamos no bom, isso é mau?»

Poucos sabem hoje que Vanga, em tempos, previu a prisão de Grabovoi. Mais: a grande vidente amaldiçoou o charlatão.

Lembra a biógrafa e amiga de Vanga, Boyka Tsvetkova: «Durante o encontro com Grabovoi, Vanga não conteve as emoções. O atrevido impostor sentiu a ira da grande profetisa». Houve ainda outro testemunha dessa antiga reunião — o empresário de Sófia Dimitr Gachev. «Em Bulgária, Grabovoi é recordado como o homem desmascarado por Vanga — conta Dimitr Gachev. — Veio vê-la em 1995. Vanga, em geral, não gostava de curandeiros, mas recebeu este porque o pediram muito de Moscovo.

Quando Grabovoi chegou, ela já sabia tudo sobre ele. Para ela, qualquer pessoa era como um livro aberto. Até hoje não sei porquê, mas Vanga decidiu desmascarar publicamente esse hóspede, coisa que nunca fizera antes. Trouxe-lhe uma criança com tumor cerebral. E perguntou como tratá-la. Grabovoi disse que a criança tinha problemas no estômago, mandou beber

ervas. E então Vanga explodiu. Nunca a vira assim. Gritou que ele era um impostor. Que não tinha dom nenhum. Expulsou-o e envergonhou-o. Veio pela glória, recebeu vergonha. Estranho só que Vanga o tenha «chicoteado» assim publicamente. Nunca antes nem depois fez tal «purgatório»».

Segundo outras testemunhas oculares desse encontro, assim que Grabovoi se afastou, Vanga virou a cabeça na direção por onde ele partira e disse baixinho: «Acabará mal...»

Contudo, chegou o momento de introduzir uma nota menor no nosso relato sobre Vanga. Infelizmente, a Igreja Ortodoxa tem hoje uma posição ambígua face à vidente Vanga. As opiniões dos sacerdotes, inclusive de altos cargos, dividem-se. Vamos conhecer os argumentos de ambos os lados. Conta o padre Ilya, um dos pais da Igreja mais hostis ao fenómeno Vanga, sacerdote de Petersburgo que se encontrou várias vezes com a própria Vanga e com pessoas que a visitaram. «Multidões de pessoas iam ter com ela todos os dias. Ela contava o passado das pessoas. Revelava pormenores que nem os mais próximos sabiam. Frequentemente fazia previsões e profecias. As pessoas saíam impressionadas.

Era claro que o mundo invisível não lhe estava oculto. Um homem limitado pelo corpo físico não pode, por si só, conhecer o mundo do além. A Sagrada Escritura e os santos pais falam de duas fontes do nosso conhecimento do mundo suprassensível: a revelação divina e a demoníaca. Não há terceira. Quem dava a Vanga informações sobre o mundo invisível? De onde vinha aquela surpreendente erudição que impressionava as pessoas? A resposta pode encontrar-se nas memórias da sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova: «Pergunta: Falas com espíritos? — Resposta: Vêm muitos e todos diferentes. Aqueles que vêm e estão sempre ao meu lado, eu entendo-os». A sobrinha recorda: «Eu tinha 16 anos quando, certa vez, em nossa casa em Petrich, Vanga me falou. Só que não era a voz dela, nem ela era ela mesma — era outra pessoa que falava pela sua boca. As palavras que ouvi não tinham nada a ver com o que falávamos antes.

Como se outra pessoa tivesse intervindo na nossa conversa. A voz disse: «Nós vemos-te...», e depois contou-me em pormenor tudo o que eu fizera ao longo do dia até aquele momento. Eu fiquei petrificada de horror. Estávamos as duas sozinhas no quarto. Pouco depois, Vanga suspirou e disse: «Ai, as forças largaram-me», e como se nada fosse, voltou à conversa anterior. Perguntei-lhe por que de repente me contara o que eu fizera durante o dia, mas ela respondeu que nada dissera. Contei-lhe o que ouvira, e ela repetiu: «Oh, essas forças, as pequenas forças que estão sempre comigo. Mas há também as grandes, os chefes delas.

Quando decidem falar pela minha boca, fico mal, e depois passo o dia inteiro como quebrada. Queres vê-las, elas estão prontas para se mostrar-te?»

Eu fiquei extremamente abalada e gritei alto que não queria». O mesmo Vanga diz noutro compêndio de memórias de Krasimira Stoyanova: «Quando começam a falar em mim, ou melhor, através de mim, perco muita energia, fico mal, permaneço longo tempo em abatimento». Segundo o ensino dos santos pais e a experiência espiritual milenária do cristianismo, os sentimentos de opressão, abatimento de que fala Vanga indicam sem erro que essas forças são espíritos caídos.

Outros demónios, que eram a fonte da fenomenal erudição de Vanga sobre o passado e o presente dos seus numerosos visitantes, apareciam sob a forma dos seus parentes falecidos. Vanga confessava: «Quando uma pessoa está diante de mim, reúnem-se à sua volta todos os parentes falecidos. São eles que me fazem perguntas e respondem de bom grado às minhas. O que ouço deles, transmito aos vivos». O fenómeno dos espíritos caídos aparecendo sob a forma de pessoas falecidas é conhecido desde os antigos tempos bíblicos. A Palavra de Deus proíbe terminantemente tal comunicação: Não vos volteis para os que evocam os mortos (Lv 19,31).

Além dos espíritos que apareciam a Vanga sob a forma de «pequenas forças» e «grandes forças», bem como de parentes falecidos, ela comunicava-se ainda com outro tipo de habitantes do mundo do além. Chamava-lhes habitantes do planeta «Vamfim». Vamos ler de novo Krasimira Stoyanova. «Pergunta: É verdade que visitam a Terra aqueles navios extraterrestres que se chamam de forma tão primitiva «pratos voadores»? Resposta: Sim, é assim. Pergunta: De onde vêm eles? Resposta: De um planeta que, na língua dos seus habitantes, se chama Vamfim. Assim, pelo menos, me soa essa palavra tão estranha — Vamfim. Esse planeta é o terceiro da Terra. Pergunta: É possível, por desejo dos terráqueos, contactar os habitantes do misterioso planeta? Por meios técnicos ou, talvez, por via telepática? Resposta: Os terráqueos são impotentes nisso. O contacto é estabelecido conforme o desejo dos nossos visitantes».

Quando uma pessoa entra em comunicação com espíritos caídos, entra num estado espiritualmente hipnótico. Não percebe nem as perguntas mais simples de bom senso. Por que os parentes de Vanga, que viviam com ela, não viam esses cosmonautas, que eram seres físicos? Onde deixaram a sua nave espacial, que também devia ser um objeto físico?

K. Stoyanova relata vários pormenores sobre como Vanga comunicava com o mundo do além. E aqui vemos experiências mediúnicas típicas, conhecidas há muitos séculos. «Às vezes, não percebíamos por que a nossa tia empalidecia, por que de repente se sentia mal e da sua boca saía de repente uma voz que nos impressionava pela força, pelo timbre incomum, pelas palavras e expressões que não existiam no dicionário habitual de Vanga». E ainda um testemunho: «E de repente falou comigo numa voz desconhecida, que me arrepiou a espinha. Disse literalmente o seguinte: «Sou

a alma de Joana d'Arc. Vim de longe e dirijo-me a Angola. Ali corre agora abundante sangue, e devo ajudar a estabelecer a paz». Após uma curta pausa, com a mesma voz, Vanga continuou: «Não acusem essa alma de nada. Não é vossa. Não é de ninguém. Disso é testemunha a progenitora que a levou no ventre, quando jazia no leito da morte.

Num instante, a alma dela voou, e entrou no corpo outra alma. A tua progenitora sarou para continuar a sua vida terrena. Mas agora a alma dela já não vos é parente, filhos, e não vos pode reconhecer». Nova pausa curta, e Vanga continua: «A tua progenitora deve visitar Notre-Dame de Paris, onde deve passar a noite em vigilância orante — assim, abrir-se-ão a vós os mistérios do mundo circundante». Todo este discurso é suficientemente fantástico. Claro é apenas que ela aderira a uma visão alheia ao ensino cristão sobre a possibilidade de uma alma entrar num corpo alheio.

Das experiências de Vanga e das suas declarações vê-se que ela estava próxima de teósofos como E. Blavatsky e N. Roerich. No relato de K. Stoyanova sobre a visita do escritor Leonid Leonov há tal pormenor: «Vanga estava então inspirada e falava de eventos fatídicos para o país dele. Estabeleceu contacto com a vidente de origem russa há muito falecida — Elena Blavatsky. Ouvimos realmente coisas espantosas».

Mas a teosofia de E. Blavatsky (o seu nome budista — Radda-Bai) é hostil ao cristianismo. Este facto também é muito revelador. Quando Vanga visitou Svyatoslav Roerich, disse-lhe: «Teu pai não era só pintor, mas também profeta inspirado. Todas as suas pinturas são visões, profecias. Estão codificadas, mas um coração atento e sensível indicará ao espectador o código». É conhecido que o Concílio dos Bispos de 2000 excomungou N. Roerich, E. Blavatsky e outros da Igreja.

Hoje revivem-se antigos cultos gnósticos e surgem os chamados «novos movimentos religiosos», que submetem a revisão todo o sistema de valores cristãos, tentam encontrar base mundividencial em religiões orientais reformadas e, por vezes, recorrem ao ocultismo e à feitiçaria. Reviveram o paganismo, a astrologia, sociedades teosóficas e espíritas fundadas outrora por Elena Blavatsky, que pretendia possuir uma «antiga sabedoria» oculta aos não iniciados. Propaga-se intensamente o «Ensino da Ética Viva», introduzido pela família Roerich e também chamado «Agni-Ioga».

A adivinhação por meio de cristal mágico é conhecida desde tempos remotos. Nos tempos modernos, Cagliostro ocupava-se de profecias por cristal mágico. Para Vanga, era um dos principais meios de saber o secreto sobre a pessoa que vinha. «O açúcar é também um dos segredos do dom de Vanga, pois ela pede a cada visitante que traga um pedaço de açúcar que esteve pelo menos alguns dias em sua casa. Quando o visitante entra, ela pega nesse pedaço. Segura-o nas mãos, sente-o e começa a adivinhar». O açúcar era um

tipo de cristal acessível a todos, que cada um podia trazer, tendo-o guardado 2-3 dias debaixo da almofada.

Todos os factos e testemunhos citados mostram que o «fenómeno» Vanga se enquadra totalmente nos limites clássicos das experiências de comunicação com espíritos caídos. Os habitantes do mundo do além revelavam a Vanga o presente e o passado das pessoas. O futuro, como ensinam os santos pais, não é conhecido dos demónios. Os demónios não conhecem o futuro, conhecido apenas pelo Único Deus e pelas Suas criaturas racionais a quem Deus dignou revelar o futuro; mas como pessoas inteligentes e experientes preveem e conjeturam a partir de eventos passados ou em curso os eventos futuros: assim também os espíritos astutos e muito experientes podem por vezes conjeturar com certeza e prever o futuro. Frequentemente enganam-se; muito frequentemente mentem e com profecias vagas levam ao embaraço e à dúvida. Por vezes, podem predizer um evento já destinado no mundo espiritual, mas ainda não realizado entre os homens. Por isso, as profecias de Vanga não só são nebulosas, como fantásticas.

As profecias divinas dos santos sempre tiveram fins salvíficos. Pelo arrependimento e aversão à vida pecaminosa, pela oração, dava-se às pessoas a possibilidade de evitar as grandes e pequenas catástrofes iminentes. Assim, Deus ordenou ao profeta Jonas anunciar: Ainda quarenta dias e Nínive será destruída! (Jon 3,4). O profeta andou três dias pela cidade e chamou ao arrependimento. E viu Deus as suas obras, que se converteram do seu mau caminho, e Deus se arrependeu do mal que dissera haver de lhes fazer, e não o fez (Jon 3,10).

Nas profecias de Vanga que ela fazia, há uma fatalidade condenatória. K. Stoyanova perguntou à tia: «Pergunta: Se assim sucede que vês, pelo teu olhar interior dado do Alto, uma próxima desgraça ou até a morte da pessoa que veio ter contigo, podes fazer algo para que se evite a desgraça? Resposta: Não, nem eu nem ninguém mais pode já fazer nada. Pergunta: E se as contrariedades, e até catastróficas, ameaçam não só uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um Estado, é possível preparar algo com antecedência? Resposta: É inútil. Pergunta: Depende o destino do homem da sua força moral interior, das capacidades físicas? É possível influir no destino? Resposta: Não. Cada um percorrerá o seu. E só o seu caminho».

A própria Vanga não se dava conta de que comunicava com o mundo dos espíritos caídos. Não o compreendiam também os seus numerosos visitantes. Da ilusão dos espíritos caídos salva a vida graciosa na experiência milenária do cristianismo, cujo nervo espiritual é o cumprimento sincero e diário dos mandamentos do santo Evangelho. Tal atitude ensina a sobriedade espiritual e protege da pérfida ilusão. Abstenhamo-nos do ignorante, pérfido desejo e aspiração a visões sensíveis, fora da ordem estabelecida por Deus!..

Com reverência, submetamo-nos à disposição de Deus, que cobriu as nossas almas com densas cortinas e faixas dos corpos durante o nosso peregrinar terreno, separando-nos delas dos espíritos criados, protegendo-nos e resguardando-nos deles dos espíritos caídos. Não precisamos de visão sensível dos espíritos para o nosso peregrinar terreno, laborioso. Para isso, é preciso outro candil, e ele foi dado: Candil aos meus pés é a Tua Lei, e luz aos meus caminhos (Salmo 118,105). Os peregrinos à luz constante do candil — a Lei de Deus — não serão enganados nem pelas suas paixões nem pelos espíritos caídos, como testemunha a Escritura.

A conhecida em todo o mundo cega «profetisa» e curandeira da Bulgária, Evangelia Dimitrova (1911 — 1996), que todos conhecem pelo nome carinhoso Vangela ou simplesmente Vanga, aparentemente não sabia o significado do seu próprio nome. Pode parecer coincidência, mas na língua dos habitantes do país Bapende, que se estende entre o Gabão e a fronteira com Angola, «Vanga» significa literalmente «espírito maligno», que pode possuir uma pessoa e, suprimindo a sua vontade, controlá-la. Sobre isso escreve no seu livro «Testemunha de Feitiçaria» o investigador americano Harry Wright, que, viajando pelo mundo inteiro, recolhia informações únicas sobre o impacto de rituais de feitiçaria no ser humano, embora ele próprio permanecesse ateu.

Tentando esclarecer a causa da «abertura» de Vanga ao contacto, nós, pais da Igreja, abrimos o livro da sua sobrinha. Aqui chamou-nos a atenção o facto de que, desde a infância, Vanga apresentava, como diriam os médicos, sinais de degenerescência: «A menina nasceu prematura, de sete meses, era muito fraquinha, as orelhinhas coladas à cabeça, os dedinhos das mãos e dos pés fundidos». Os referidos sinais de degenerescência (aos quais pertencem outras malformações congénitas) eram, desde a antiguidade, considerados por todos os povos como marcas da ira de Deus caída sobre algum dos antepassados, tendo-se notado desde há muito que esses sinais, como um selo, se transmitem de geração em geração. Pode supor-se que foi precisamente a pecaminosidade e a ausência de graça dos pais, e possivelmente de parentes diretos mais distantes, a causa da falta de proteção divina (graça de Deus) em Vanga.

Deve aqui notar-se que a lei da hereditariedade espiritual, pela qual se condiciona a transmissão de qualidades espirituais dos pais e antepassados para os filhos, netos e descendentes mais distantes, como todas as outras leis, tem as suas exceções. No entanto, muito frequentemente as causas do sofrimento das crianças, das suas doenças, e sobretudo o aparecimento de bebés com malformações congénitas ou com as chamadas «doenças hereditárias», podem residir na pecaminosidade dos pais (ou antepassados), que perderam a graça divina por pecados muito graves (mortais), tais como, por exemplo, o combate aberto a Deus, a participação na destruição e profanação de santuários cristãos, na propaganda ateia, no assassínio (direto

ou indireto, por exemplo, através de denúncia), em pecados de fornicação, em sodomia, bem como a participação em rituais de feitiçaria, espiritismo, ocultismo.

Como mostram as observações de genetistas contemporâneos, o afastamento das energias graciosas leva a mutações irreversíveis no aparelho genético, cujo consequência é o aparecimento de doenças hereditárias e diversas malformações. Neste último caso, as crianças nascem com duas cabeças ou com seis dedos nas mãos e nos pés, ou sem braços, sem pernas, sem olhos, ou por vezes com formações tão estranhas como cauda, chifres ou pelos que cobrem todo o corpo do bebé da cabeça aos pés, incluindo o rosto, que se torna semelhante ao de um animal.

A lei da hereditariedade espiritual, conhecida desde a mais profunda antiguidade, também tem exceções, que na maioria dos casos dependem do desígnio do Criador, que criou o universo e toda a multiplicidade das suas leis, objeto de estudo das diversas ciências. Em alguns casos, porém, a intervenção divina no curso natural dos processos mundiais é condicionada pela manifestação da livre vontade humana. Isso acontece quando uma pessoa justa, que atingiu o mais alto grau de pureza moral e comunhão com Deus, pede ao seu Criador que altere o curso das leis naturais. E Deus atende à oração do justo, embora por vezes ouça também o pedido do pecador arrependido, o que tem numerosos exemplos na história.

Deve lembrar-se que só Deus-Criador pode intervir na ação de qualquer lei por Ele dada e alterá-la temporariamente, embora o faça (como mostra a experiência da vida da humanidade) com bastante raridade. Uma clara indicação da existência de tais exceções, condicionadas pela Providência Divina, encontramos no apóstolo João, o Teólogo, que conta como, ao sair do Templo de Jerusalém, o Senhor Jesus «viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-Lhe: Rabi! quem pecou, ele ou os seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem os seus pais, mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus» (Jo 9,1-3).

Como se vê da própria pergunta dos apóstolos, também eles conheciam a ligação regular entre os pecados dos pais e as malformações congénitas, o que o próprio Salvador não negava. Mas neste caso revelou-se que a deficiência daquele jovem era providencial. Exceções semelhantes são conhecidas em séculos mais recentes. Assim, por exemplo, Matrona de Moscovo, também nascida cega, embora não tenha recebido a visão de forma milagrosa, tornou-se possuidora de dons da graça de Deus, graças aos quais, em tempos ferozes de perseguição à Igreja, pôde apoiar e fortalecer muitos na fé. As malformações congénitas de alguns justos, pela Providência de Deus, ajudavam-nos, em primeiro lugar, a não cair no orgulho devido à «qualidade extraordinária das revelações» (2 Cor 12,7) e, em segundo lugar, preservavam-nos das perseguições por parte dos combatentes contra Deus. Mas muito

frequentemente as malformações congénitas ou doenças hereditárias podem ser consequência do mal-estar espiritual da família e do clã.

Acima já mencionámos que o surgimento do contacto, segundo os dados de que dispomos, está muitas vezes ligado a algum acidente: queda, doença, acidente de viação, choque elétrico, morte clínica, etc. Algo semelhante aconteceu com Vanga, quando, em 1923, um furacão a ergueu no ar e a levou para longe, para um campo. Em resultado, perdeu a visão. Tentaram tratar a menina com os meios disponíveis. Infelizmente, apesar de todos os seus familiares serem ortodoxos de nascimento, recorreram a curandeiros, que a Igreja Ortodoxa chama servos dos demónios. Krasimira Stoyanova escreve: «Recorreram a curandeiros, àqueles que podiam encantar doenças». Mais uma vez vemos que Vanga, aos 12 anos, foi levada a médiuns (curandeiros), através dos quais se estabeleceu o contacto com seres do mundo paralelo, e, como o tempo mostrou, numa variante pseudocarismática.

No início, os seres do mundo paralelo, a julgar pelas descrições da sobrinha, não se davam a conhecer abertamente a Vanga. Por meio de transmissão telepática de imagens visuais diretamente para a consciência da jovem cega, mostravam-lhe aquilo que ela não podia ver nem saber. Era exatamente assim que ela sabia dos sonhos que as suas amigas tinham à noite. A tecnologia da clarividência neste caso é a seguinte: os seres do mundo paralelo, que na verdade inserem quase toda a informação visual nas pessoas durante o sono, ao aparecer em casa de Vanga mais uma amiga, mostravam à cega «profetisa» tudo o que haviam mostrado à noite à visitante. Note-se que as «ortodoxas» raparigas realizavam rituais pagãos, praticando a adivinhação, que é um apelo direto aos espíritos impuros e uma invocação inconsciente deles, o que é categoricamente proibido pela Igreja.

Os espíritos assim invocados transmitiam para a consciência das raparigas adormecidas imagens que depois mostravam também a Vanga. Eis o que escrevia sobre isso a sua sobrinha: «Havia ainda outra festividade — o Dia dos Quarenta Mártires, quando as raparigas adivinhavam: colocavam ramos transversais no ribeiro — faziam uma «ponte» e acreditavam que à noite veriam em sonho o futuro eleito, que passaria pela «ponte» da outra margem. De manhã, as raparigas corriam para Vanga, e esta... contava-lhes os seus próprios sonhos, a cada uma o seu sonho, o seu segredo. Tudo isso parecia muito estranho, mas ninguém tentava sequer procurar explicação para os milagres».

Noutro caso, por exemplo, os seres do mundo paralelo transmitiam para a consciência de Vanga a imagem de uma pessoa real, que ela nunca vira, nem podia ver, pois era cega.

Das palavras da «profetisa» torna-se completamente evidente que as chamadas forças superiores, que lhe sugerem respostas às perguntas dos

seus numerosos visitantes, e os extraterrestres são a mesma coisa. Por outras palavras, do ponto de vista dos profanos, Vanga está em contacto com habitantes antropomórficos de outros planetas, dotados de uma civilização mais altamente desenvolvida, que por algum motivo se ocupam voluntariamente das querelas domésticas dos visitantes da avó, sugerindo-lhe respostas para as suas perguntas vazias.

Ela profetiza: «Vocês não veem, mas agora no céu há uma multitude de estranhos aparelhos voadores. Vejo dentro de cada um três «pessoas» (evidentemente, a palavra pessoa entre aspas). Ouço palavras: «Prepara-se um grande evento!» Que evento é esse, não explicam».

Lyubka (irmã de Vanga) conta: «Maio de 1989. Estamos sentadas com Vanga a conversar. De repente, o rádio calou-se. Vanga: «Aí vêm eles. Apareceram, e o rádio calou-se». Atende pessoas, fala, fala e de repente para. Explica: «Estou cansada, e depois aquele que me sugere de repente afastou-se, e não posso dizer nada ao visitante. Falo, falo, falo, e ele de repente — desaparece. Tudo o que transmito com a sua sugestão nunca se altera»».

Mas eis que chega finalmente o momento em que as «forças superiores», elas mesmas — os «extraterrestres», aparecem perante o olhar interior de Vanga; sobre isso narra a sobrinha: «Um dos dias de verão de 1979... Anoto apressadamente: «Vejo-os há cerca de um ano. São transparentes. Parecem o reflexo de uma pessoa na água. Os cabelos são macios, como penugem de pato, e formam à volta da cabeça algo semelhante a uma auréola. Nas costas vejo algo parecido com asas. Muito frequentemente, quando regresso a casa, encontro-os no meu quarto. Falo com eles, ainda antes de chegar ao portão ouço sons prolongados e lentos, muito melódicos, como se um coro cantasse salmos. Dizem que vêm do planeta Vamfim — o terceiro a partir da Terra, pelo menos assim me soa.

Com que objetivo vêm — não sei. Por vezes, um deles pega-me na mão e leva-me ao seu planeta. Sigo-o. Caminho pela terra (mas afinal não é terra!), coberta de estrelas, como se as pisasse. Aqueles que me guiam movem-se muito rapidamente, aos saltos. Partem e regressam. No seu planeta tudo é muito belo, simplesmente não consigo descrever. Por algum motivo, não vejo habitações em lado nenhum. Esses seres são muito severos. Quando falam, as suas vozes ecoam como um eco. Por vezes, colocam-me nos ouvidos algo parecido com auscultadores. Para quê? Não sei. Trabalham muito, de forma clara e organizada; dizem que há muito poucas pessoas através das quais estabelecem ligações diretas com a Terra. Controlam-nos. Não permitem que eu conte o que ouço e vejo lá. Eis o que ouvi recentemente: «Vimos por um instante — temos de regressar rapidamente. Não esperes muito de nós, não perguntes: é-nos proibido falar»».

Os visitantes do planeta Vamfim, por algum motivo, desejam muito parecer-se com anjos: «à volta da cabeça algo semelhante a uma auréola — descreve-os Vanga. — Nas costas vejo algo parecido com asas». Sem dúvida, lendo estas linhas, um psiquiatra materialista não conseguirá conter-se para não exclamar: «É a nossa doente! Quadro clínico bem claro! A «voz» que soa na sua cabeça não é mais do que pseudoalucinação verbal, um dos sintomas mais característicos da esquizofrenia. Este diagnóstico é confirmado ainda por outra prova «de ferro»: automatismo verbal sobre fundo de cataplexia».

Como já observámos, todos os métodos de contacto utilizados pelos seres do mundo paralelo são, do ponto de vista das capacidades humanas naturais, patologias que, na maioria dos casos, levam realmente à degradação da personalidade. Muito frequentemente, nos sensitivos, e incluindo em Vanga, observa-se uma substituição temporária da personalidade. Nestes casos, ocorre como que um «desligamento» da consciência do sensitivo e uma «ligação» ao seu corpo (mais precisamente — ao cérebro) de uma consciência pertencente a outra personalidade ou personalidades, que Vanga, por exemplo, chama «grandes forças» e «pequenas forças».

Com tal desligamento completo da consciência do sensitivo, este não sabe absolutamente nada do que disse a outra personalidade que utilizou o seu cérebro para inervar a língua. Esta nova personalidade racional fala muitas vezes com outra voz, numa maneira completamente diferente, utilizando um vocabulário não característico do sensitivo, e por vezes até desconhecido para ele. Quando o ser do mundo paralelo (capaz de desligar a consciência humana sem recurso a preparações anestesiológicas) cessa a sua ação, o corpo recupera a consciência, mas a pessoa, naturalmente, não se lembra, nem pode lembrar-se, do que fez ou disse o seu corpo durante o período de ausência (desligamento da consciência).

O dom da cura (Vanga curava principalmente com ervas) também não é uma propriedade ou qualidade inseparável da «curandeira» búlgara. Toda a informação sobre as propriedades das ervas, o tempo da sua colheita, os modos de preparação e os métodos de aplicação, ela recebia graças ao contacto ininterrupto diretamente das «vozes». Isso torna-se completamente evidente das suas próprias palavras: «Não afirmo que sou grande conhecedora de ervas, pois são as próprias ervas que me sugerem. Muitas vezes, o nome que pronuncio é-me a mim mesma desconhecido».

Naturalmente, não são as ervas que sugerem os nomes desconhecidos dela, mas os «visitantes», com os quais ela há muito colabora de perto.

O objetivo deles torna-se compreensível apenas quando se revelam as visões religiosas da «ortodoxa» Vanga, que na realidade nada têm em comum com a ortodoxia e, mais ainda, negam completamente a essência do ensino cristão sobre a Encarnação de Deus...

...Toda a Bulgária conhece o ser invisível «kiki», que se tornou amigo de uma menina da cidade de Plovdiv. Esse invisível responde com pancadas às perguntas dos que o rodeiam, e à própria menina, em cujo ombro esquerdo vive, dá respostas através dos seus pensamentos. Certo dia, essa menina, juntamente com os pais, visitou Vanga, acompanhada também pelo invisível «kiki». Vanga, com o seu olhar espiritual, via esse ser e descreve-o como semelhante a um humano com olhos humanos inteligentes, mas com cabeça de ave. Segundo Vanga, «kiki» revelou-lhe que a sua chave deve procurar-se no Antigo Egito, nos tempos em que as pessoas representavam os deuses com cabeças de aves, ou seja, adoravam o diabo sob a forma de ídolos...

«O Anticristo manifestar-se-á da América, e todo o mundo se curvará diante dele, exceto a Igreja Ortodoxa Real, que primeiro estará na Rússia! E depois o Senhor dará ao seu pequeno rebanho a vitória sobre o anticristo e o seu reino!» — assegurava a bem-aventurada anciã Pelagia de Ryazan.

Como se costuma dizer, comentários são desnecessários. Não é cristã a resposta de Vanga quando lhe perguntam sobre o fim do mundo? «A verdade sobre o fim do mundo deve procurar-se nos antigos livros sagrados. O que está escrito na Bíblia cumprir-se-á. Vem o apocalipse! Não vós, mas os vossos filhos viverão então!» Quando lhe perguntaram os prazos exatos do apocalipse do «Apocalipse de João, o Teólogo», ela disse: «Isso não sabem nem os anjos, nem o Filho de Deus, só o Pai Deus».

E sobre o dinheiro e o amor falava assim: «Há quem pense que por dinheiro se pode comprar até o amor, mas não é assim. O amor não se compra por dinheiro... Por isso digo: Não acumuleis dinheiro! São meio de vida, gastai-os diariamente!» Ainda Vanga exortava a todos: «Obedecei a Deus, e tudo correrá bem. Se fordes contra Ele — sofrereis e padecereis. Batizai os vossos filhos, para os proteger das desgraças».

Antes de morrer, disse: «Estou doente e em breve partirei de junto de vós. Não brigueis sem mim, reconciliai-vos. Não me invejeis em nada, chorai antes a minha vida, pois o seu fardo foi insuportável. Não desejeis demais — não podereis pagar por isso».

No entanto, um enorme número de teólogos ortodoxos considera que, sem o estudo e a comparação das visões e revelações dos profetas contemporâneos, é impossível compreender corretamente as antigas profecias sobre os últimos tempos deste mundo. Elas estão principalmente representadas na Sagrada Escritura nos profetas Daniel, Esdras, bem como no Apocalipse de João, o Teólogo.

Recordemos mais uma vez que, segundo as memórias de Krasimira Stoyanova e de outras pessoas próximas de Vanga, a clarividente búlgara conhecia perfeitamente as Escrituras.

Que estas profecias se referem aos últimos tempos é indiscutível, pois isso é dito diretamente nelas: «E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro até ao tempo do fim; muitos o lerão, e o conhecimento se multiplicará» (Dn 12,4). E noutro lugar: «Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim» (Dn 12,9). O profeta Esdras, dirigindo-se a Deus, diz: «Julgaste-me digno de me mostrares os últimos tempos» (Esd 12,9). E mais adiante, o Senhor responde a Esdras que lhe é revelada mais detalhadamente a profecia «mostrada em visão a Daniel, teu irmão; mas a ele não foi explicada o que agora Eu te explico a ti» (Esd 12,11-12).

E ao santo apóstolo e evangelista João, o Teólogo, foi dado o «Apocalipse de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve deve acontecer» (Ap 1,1). «E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo» (Ap 22,10).

De tudo o dito, é claro que o selo do mistério, ou seja, a cifragem das profecias, será removido definitivamente apenas nos últimos tempos, e muitos então compreenderão as profecias, pois «o conhecimento se multiplicará». Por outras palavras, a própria realidade histórica revelará o seu conteúdo.

Evidentemente, aqueles que lerem estas profecias devem refletir e meditar, ou seja, comparar os momentos históricos: guerras, Estados, governantes com as personagens de que se fala na Escritura.

Todas estas profecias complementam-se mutuamente. E desvendá-las com o auxílio da realidade histórica parece ser possível apenas no nosso tempo.

«Começando o discurso, Daniel disse: Vi na minha visão noturna, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o grande mar, e quatro grandes animais subiam do mar, diferentes uns dos outros. O primeiro era como leão e tinha asas de águia; estive a olhar até que lhe arrancaram as asas, e foi levantado da terra, e posto em pé como homem, e foi-lhe dado coração de homem. E eis outro animal, o segundo, semelhante a urso; estava de um lado, e tinha três costelas na boca, entre os dentes; e foi-lhe dito assim: “Levanta-te, devora muita carne!” Depois disto, vi outro animal como leopardo; tinha nas costas quatro asas de ave, e quatro cabeças tinha este animal, e foi-lhe dada autoridade. Depois disto, vi nas visões noturnas um quarto animal, terrível e espantoso e extremamente forte; tinha grandes dentes de ferro; devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobrava; era diferente de todos os animais anteriores, e tinha dez chifres» (Dn 7,2-7).

Tal é a profecia de Daniel sobre três reinos que devem aparecer ao mundo antes da vinda do anticristo e da instauração do seu reino. Isso mesmo foi depois explicado no livro do profeta Esdras. «E vi um sonho, e eis que subiu do mar uma águia, que tinha doze asas emplumadas e três cabeças. E vi: eis que ela estendia as asas sobre toda a terra, e todos os ventos do céu

sopravam sobre ela e as nuvens se reuniam. E vi que das suas penas saíam outras penas pequenas e destas saíam ainda menores e curtas. As cabeças repousavam, e a cabeça do meio era maior que as outras cabeças, mas também repousava com elas. E vi: eis que a águia voava com as suas asas e reinava sobre a terra e sobre todos os seus habitantes» (Esd 11,1-5).

«A águia que viste subir do mar é o reino mostrado em visão a Daniel, teu irmão» (Esd 12,11). «E que viste três cabeças repousando, isso significa que nos últimos dias do reino o Altíssimo suscitará três reinos e sujeitará a eles muitos outros, e eles dominarão a terra e os seus habitantes com maior opressão do que todos os anteriores; por isso são chamadas cabeças da águia» (Esd 12,22-24).

Que são estes «três reinos»? Muito provavelmente, trata-se das três superpotências contemporâneas, invisivelmente governadas pelos «sábios de Sião». O seu papel está distribuído da seguinte forma. A cabeça esquerda da águia — os EUA — «o mistério, Babilónia a Grande» (Ap 17,5), «o animal como leão», a quem foram arrancadas «asas de águia», e ficou «como homem» (Dn 7,4). Sob as «asas» que «foram arrancadas» deve entender-se que este «animal» será privado do poder mundial (os EUA deixarão de ser superpotência), e o facto de o animal «ter ficado em pé como homem, e lhe ter sido dado coração humano» deve entender-se como o nascimento na América — a nova Babilónia — do «homem do pecado, o filho da perdição», o anticristo. A cabeça do meio — a Rússia, sob o jugo de vigaristas, a direita — a Europa, governada por oligarcas.

Tal interpretação ecoa a visão de são Nectário de Optina sobre o «animal que muda de aspeto três vezes». A primeira vez este «animal» mudou de aspeto em outubro de 1917, a segunda — passados 37 anos, em 1954, ou seja, após a morte de Estaline, e a terceira vez, a última — novamente passados 37 anos, em agosto de 1991. Antes de estes principais reinos («cabeças») entrarem em cena mundial, na profecia é dito que algumas «penas» (Estados menores) se erguiam e reinavam ou tentavam reinar, mas «não o conseguiam» (Esd 11,20-21).

A elas foi dito do «meio do corpo» da águia (ou seja, dos «sábios de Sião»): «Não vigieis todos juntos; dormi cada um no seu lugar, e vigiai por turnos, mas as cabeças sejam guardadas para o tempo final» (Esd 11,7-8). Da história anterior ao aparecimento das «cabeças-reinos», vemos quantas vezes se ergueram e tentaram reinar ora a França, ora a Turquia, ora a Grã-Bretanha, ora o Japão, ora a Alemanha. Todas estas «penas» da águia tinham como objetivo esmagar o poder do Império Russo — o Reino guardado por Deus.

E eis que na profecia é dito que chegou o momento em que todas as «penas» se esgotaram e nada restou no corpo da águia «exceto as duas cabeças repousando e seis penas pequenas» (Esd 11,23). Como vemos, aqui

é mostrado o momento da história em que na cena mundial apareceram, como superpotências, dois reinos ateus — a URSS e os EUA — «duas cabeças da águia», a terceira «cabeça» — a Europa Unida — ainda não existia nesse momento, representava ainda aquelas «seis penas pequenas» (o início da União Europeia foi dado pelo chamado Tratado de Roma, concluído em 1959 por seis Estados europeus: França, RFA, Itália, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo).

Depois chegou o momento em que «uma das cabeças repousando, a do meio, despertou, e era maior que as outras duas cabeças» (Esd 11,29). A «cabeça» do meio (URSS) parecia maior que as outras duas (EUA e futura União Europeia) tanto em território como em recursos económicos próprios, bem como em poder militar.

«Depois disto vi que também a cabeça do meio desapareceu de repente, como as asas; restavam duas cabeças, que de modo semelhante reinavam sobre a terra e os seus habitantes» (Esd 11,33-34). Assim, a URSS caiu em 1991. «Desapareceu» como «cabeça» em resultado da perestroika. «E que viste que a grande cabeça já não aparecia, isso significa que um dos reis morrerá na sua cama, embora com tormento» (Esd 12,26).

«Morrer com tormento» significa que este reino cairá como superpotência não numa hora, mas após um período prolongado. Mas para que alguns não pensassem que a URSS cairia por causa de guerra, de um ataque vindo de fora, é dito que «morrerá na sua cama», ou seja, em casa, em resultado de conspirações e discórdias.

«E eis que a cabeça do lado direito devorou a que estava do lado esquerdo» (Esd 11,35). Que significa isto? A União Europeia destruirá os EUA. Já agora se agravam os confrontos económicos, políticos e culturais entre EUA e Europa. A imposição do modo de vida americano encontra crescente resistência dos europeus. Assim, no final de novembro de 2000, a União Europeia deu um passo importante para a criação de uma estrutura militar independente, que deve desempenhar o papel de contrapeso à NATO e reforçar a independência geopolítica da Europa face aos EUA. Trata-se da criação do Eurocorpo com 60 mil soldados em 2003.

Os EUA temem que a nova estrutura militar da Europa possa tornar-se instrumento de antiamericanismo. E estes temores não são infundados. Já existe o componente político da independência europeia (União Europeia), reforça-se o económico (euro), aproxima-se o militar (Eurocorpo). A América procura febrilmente uma saída, tentando desunir os europeus (exemplo disso — a guerra nos Balcãs) e intimidá-los (bombardeamentos inesperados pela aviação americana e britânica do território do Iraque em fevereiro de 2001 sem coordenação com os aliados europeus).

O futuro do mundo Washington vê na construção de uma superimpério que, no plano militar, seria sustentada pela NATO, no económico — pelo dólar. O reforço da União Europeia, especialmente o militar, é um contrapeso a esse império.

«Porque eis que Eu suscitarei e trarei contra a Babilónia um ajuntamento de grandes nações da terra do norte, e por-se-ão em ordem contra ela, e será tomada» (Jr 50,9). Assim, os EUA («Babilónia») serão esmagados pela União Europeia («ajuntamento de grandes nações da terra do norte»). Pensa-se que a Rússia não desempenhará o último papel nisso, que já hoje tentam envolver no processo de formação do sistema de segurança pan-europeu.

«Eis que vem um povo do norte, e uma grande nação, e muitos reis se levantarão dos confins da terra; empunham arco e lança; são cruéis e sem misericórdia; a sua voz brama como o mar; cavalgam em cavalos, dispostos como um só homem para a batalha contra ti, ó filha da Babilónia» (Jr 50,41-42).

O lugar de nascimento do anticristo desde há muito é considerado a Babilónia, pois a tribo de Dan, segundo a Sagrada Escritura, foi precisamente para lá.

No Apocalipse do santo apóstolo e evangelista João há uma profecia sobre um certo «Mistério Babilónia» — «a grande cidade», que nos últimos tempos deve aparecer ao mundo e dominar «os reis da terra».

«E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o juízo da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas; com ela se prostituíram os reis da terra, e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição. E levou-me em espírito a um deserto; e vi uma mulher assentada sobre uma besta escarlate, cheia de nomes de blasfémia, com sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundície da sua prostituição, e na sua testa estava escrito o nome: Mistério, Babilónia a Grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra» (Ap 17,1-5).

«E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra» (Ap 17,18).

Sobre a mesma «prostituta babilónica» há palavras também nas profecias do Antigo Testamento. Nos santos profetas Isaías e Jeremias, o mistério Babilónia aparece também sob o nome de «filha da Babilónia» (Is 47; Jr 50-51).

E aqui é necessário notar que na Sagrada Escritura as profecias sobre a «grande prostituta», «filha da Babilónia» são muito semelhantes às profecias sobre a «filha de Jerusalém» (Ez 16,3), chamada também «filha de Israel» (Jr 3,6) e «filha de Sião» (Jr 6,2). «Eis que todo aquele que usa provérbios dirá

sobre ti: Tal mãe, tal filha. Tu és filha da tua mãe, que rejeitou o seu marido» (Ez 16,44-45) — diz dela o santo profeta.

Ao abordar este tema, é preciso dar algumas explicações para que as profecias sejam compreendidas suficientemente. As palavras dirigidas à «filha», cuja «mãe» «rejeitou o seu marido», têm o seguinte sentido: o povo israelita na antiguidade foi escolhido por Deus, concluiu com Ele uma aliança, prometendo guardar os Seus mandamentos e passou a ser chamado «esposa». Mas depois este povo enveredou por um caminho infiel a Deus — caiu no orgulho, na idolatria, deturpou os mandamentos de Deus, violou assim a aliança e por isso passou a ser chamado já «esposa infiel», ou seja, «prostituta».

«Prostituta desenfreada» (Ez 16,30) «construiu para si prostíbulos e fez para si altos em todas as praças» (Ez 16,24), «cidade de sangue» (Ez 24,6), «reunirei todos os teus amantes de todos os lados contra ti», e «eles destruirão os teus prostíbulos», «arrancarão as tuas roupas», «cortar-te-ão com as suas espadas», «queimarão as tuas casas com fogo» (Ez 16), «tornarei esta terra deserta» (Ez 15,8), «as tuas cidades serão destruídas, ficarão sem habitantes» (Jr 4,7), «fugi do meio de Jerusalém» (Jr 6,1), «vem um povo da terra do norte para lutar contra ti, filha de Sião» (Jr 6,22-23) — tais são as profecias sobre a «casa rebelde» — «filha de Jerusalém».

«A grande prostituta», «com o vinho furioso da sua prostituição embriagou todas as nações», «gloriava-se e vivia em luxo», «nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os assassinados na terra» (Ap 18), «odiarão a prostituta, e a despojarão e a desnudarão, e comerão as suas carnes, e a queimarão no fogo» (Ap 17,16), «cumprem-se sobre a Babilónia os desígnios do Senhor de tornar a terra babilónica um deserto, sem habitantes» (Jr 51,29), «saí da Babilónia» (Jr 48,20), «Eu suscitarei e trarei contra a Babilónia um ajuntamento de grandes nações da terra do norte, e por-se-ão em ordem contra ela, e será tomada» (Jr 50,9) — e isto sobre a «grande cidade», «filha da Babilónia».

Dado que, como vemos, as profecias sobre a «casa rebelde de Israel» e a «filha da Babilónia» coincidem completamente entre si, pode-se concluir que estas duas «prostitutas» estão ligadas entre si e constituem um todo único «ajuntamento satânico».

Eis o que é dito sobre esta ligação na Sagrada Escritura: «E vieram ter com ela (filha de Jerusalém) os filhos da Babilónia ao leito de amor e contaminaram-na com a sua prostituição, e ela contaminou-se com eles» (Ez 23,17).

Sobre isto encontramos confirmação também na história da antiga Babilónia, que pela sua essência é sem dúvida um protótipo do moderno «mistério Babilónia».

«Em toda a terra havia uma só língua e uma só maneira de falar» (Gn 11,1). «E disseram: Edifiquemos uma cidade e uma torre cujo cume chegue aos céus, e tornemo-nos célebres, antes que nos espalhemos por toda a terra» (Gn 11,4).

Erguendo uma tal colossal torre de Babel, os seus construtores queriam imortalizar-se aos olhos de toda a posteridade e criar um ponto de apoio do domínio, de onde seria conveniente estender o seu poder sobre o maior número possível de populações, e, assim, unir todos à sua volta.

Tais eram as tarefas dos construtores da antiga Babilónia, cujo primeiro rei tinha um nome muito simbólico — Nimrod, ou seja, «rebelde», «insurgente», tais são elas também para os construtores do moderno «mistério Babilónia».

«E o Senhor os espalhou dali por toda a terra, e cessaram de edificar a cidade (e a torre). Por isso se chamou o seu nome Babel, porque ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor por toda a terra» (Gn 11,8-9).

Mas a dispersão babilónica dos povos é apenas o início da história da Babilónia. O seu destino ulterior está intimamente entrelaçado com a história da apostasia de Deus.

Voltemos então novamente ao Apocalipse. A seguinte frase responsável da profecia diz que «as sete cabeças» são também «sete reis, dos quais cinco caíram, um existe, e o outro ainda não veio, e quando vier, tem de durar pouco tempo» (Ap 17,10).

Quatro destes «sete reis» são descritos pelo santo profeta Daniel na interpretação do sonho do rei babilónico Nabucodonosor: «A ti, ó rei, foi mostrado um sonho: eis uma grande estátua; enorme era esta estátua, de extraordinário brilho, estava diante de ti, e terrível era o seu aspeto. A cabeça desta estátua era de ouro puro, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro, os pés em parte de ferro e em parte de barro. Estiveste a olhar até que uma pedra se destacou da montanha sem intervenção de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro, e esmagou-os» (Dn 2,31-34). Lemos mais adiante da vida do santo profeta Daniel: «Rei Nabucodonosor, tu és a cabeça de ouro.

Depois de ti surgirá outro reino menor — de prata. O braço e as duas mãos significam dois povos — o Medo e o Persa. Após o de prata virá o de bronze. Surgirá então alguém revestido de bronze. Será Alexandre Magno... Virá também o quarto, semelhante a ferro... As duas pernas significam duas partes desse reino: o oriente e o ocidente, ou os gregos e os romanos. Os pés em parte de ferro e em parte de barro significam que o reino em tempo posterior se dividirá em muitos pequenos Estados. A pedra que se destacou da

montanha sem intervenção externa e caiu sobre o corpo do ídolo prefigura Cristo, o Filho de Deus».

Assim, os «sete reis» são os quatro antigos reinos mencionados acima (Babilónia, Pérsia, Grécia, Roma) e três modernos (as três cabeças da águia da profecia de Esdras), reservados para o tempo final. São a URSS, os EUA e a União Europeia. Ou seja, o Anjo diz ao santo vidente João, o Teólogo: antes do «juízo sobre a grande prostituta», dos sete reinos «cinco caíram» — os quatro antigos e a URSS, que caiu em 1991, «um existe» — o sexto reino (EUA), a própria «prostituta», e «o outro» — a União Europeia — «ainda não veio» (o reino ainda se está a formar, a constituir-se, como superpotência ainda não existe). E quando «vier», destruirá os EUA, ou seja, cumprir-se-á o juízo sobre a «prostituta babilónica». «E eis que a cabeça do lado direito (União Europeia) devorou a que estava do lado esquerdo (EUA)» (Esd 11,35).

Mas «pouco tempo lhe resta durar», pois a União Europeia deixará de ser um reino apenas europeu (uma das três cabeças da águia), mas tornar-se-á a base para um novo reino — já mundial (a única cabeça no corpo da águia — o reino muçulmano).

Este reino muçulmano será o oitavo dos super-reinos humanos que alguma vez existiram e o quarto dos que sobreviveram até aos últimos tempos.

«E eis o quarto animal, terrível e espantoso e extremamente forte» (Dn 7,7). «E o quarto deles veio, venceu todos os animais anteriores e manteve o século em grande tremor e todo o universo em feroz opressão» (Esd 11,40).

Investiguemos então este «animal» mais adiante. «O animal que viste era, e não é, e sairá do abismo, e irá para a perdição; e admirar-se-ão os que habitam na terra, cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, vendo que o animal era, e não é, e aparecerá» (Ap 17,8).

No momento da destruição do «mistério Babilónia», na União Europeia serão eleitos 10 «reis». No Antigo Roma, outrora também existiu uma «colegiada de dez» — os «decênviros», que governavam todos os assuntos do império. Eles deverão aparecer em breve na cena também na União Europeia.

E estes dez «reis» da União Europeia destruirão os EUA. A guerra começará com o colapso organizado pela União Europeia do sistema económico americano: «e a despojarão, e a desnudarão, e comerão as suas carnes». E terminará com a aplicação de um golpe nuclear aos EUA: «e a queimarão no fogo» (Ap 17,16).

A guerra mundial trará consigo mudanças grandiosas no mundo, a humanidade permanecerá em desilusão, pois os antigos ideais democráticos ruirão. A Rússia, nesse momento, voltar-se-á para Deus.

Pouco depois disso, aparecerá ao mundo o «homem do pecado, o filho da perdição» (2 Ts 2,3). As profecias dizem que, do momento do aparecimento na Rússia do Czar Ortodoxo até à vinda do anticristo, passará «pouco tempo». O anticristo manifestar-se-á entre os «dez reis» da União Europeia, que após a derrota dos EUA se tornarão governantes do mundo...

Mais adiante no Apocalipse esclarece-se: «Quando o dragão viu que foi lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino varão. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia (foi-lhe concedido o Reino Autocrático), para que voasse para o deserto ao seu lugar (as terras santo-russas originais) da face da serpente e ali fosse alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo (3,5 anos). E lançou a serpente da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que a arrastasse com o rio. Mas a terra ajudou a mulher, e abriu a terra a sua boca, e engoliu o rio que o dragão lançara da sua boca» (Ap 12,13-16).

Este «rio» é, em essência, a invasão chinesa.

Lemos sobre isso no venerável Serafim de Rakityansky (Tyapochkin): «A captura da Sibéria pela China ocorrerá não por via militar: os chineses, devido às fronteiras abertas, migrarão em massa para a Sibéria, comprarão terras, imóveis, empresas, apartamentos. Tudo acontecerá de tal modo que numa manhã os russos que vivem na Sibéria acordarão num Estado Chinês. O Ocidente favorecerá esta conquista rastejante da nossa terra e apoiará de todas as formas o poder militar e económico da China por ódio à Rússia. Mas depois verão o perigo para si próprios, quando os chineses tentarem já pela força militar capturar os Urais e avançar mais.

A Rússia resistirá nesta batalha, após sofrimentos e completo empobrecimento encontrará em si forças para se erguer. Nesse tempo, o Senhor deixará à Rússia aquelas terras que se tornaram o berço do povo russo e foram a base do Grande Estado Russo. É o território do Grande Principado de Moscovo do século XVI com saídas para o Mar Negro, Báltico e Mares do Norte. A Rússia não será rica, mas mesmo assim obrigará a que contem com ela. E então o coro dos novos mártires implorará uma nova União de povos eslavos irmãos, que terão um destino único».

Sobre como o Czar Russo Vencedor denunciará e punirá os «sábios de Sião», diz-se no santo profeta Esdras. «E vi: eis como um leão, saído do bosque e rugindo, lançou uma voz humana à águia e disse: “Ouve o que te direi e o que te dirá o Altíssimo: não és tu a que restou do número dos quatro animais que Eu estabeleci para reinarem no Meu século, para que através deles viesse o fim daqueles tempos?”» (Esd 11,37-39). «E subiu ao Altíssimo a tua ofensa, e a tua soberba — ao Forte. E olhou o Altíssimo para os tempos da soberba, e eis que eles terminaram, e cumpriu-se a medida das suas maldade. Por isso desaparece tu, ó águia, com as tuas terríveis asas, com as tuas penas

abomináveis, com as tuas cabeças malignas, com as tuas garras cruéis e com todo o teu corpo indigno, para que descanse toda a terra e se liberte da tua violência e espere no juízo e na misericórdia do Criador» (Esd 11,43-46).

Como sabemos, a denúncia militante pela Igreja Ortodoxa Russa dos valores ocidentais e do modo de vida ocidental é evidente. Por isso não é surpreendente que os intérpretes ortodoxos das antigas profecias vejam o inimigo dos textos do Antigo Testamento nos EUA. As predições de Vanga, neste contexto, parecem... mesmo que não mais humanas, mas pelo menos um pouco mais otimistas.

Por isso é duplamente surpreendente ouvir de pensadores eclesiásticos que a interpretação profética dos eventos antigos e atuais é em geral um pecado.

...O retrato de Vanga na igreja de Santa Petka Búlgara está decorado quase como o ícone do Salvador. O altar, pintado pelo artista Svetlin Roussev, foi considerado não canónico, por isso os fiéis colocaram ao lado ícones pintados no estilo tradicional.

No templo em Rupite, que construíram ainda em vida da grande vidente, o retrato de Vanga pendura exatamente em frente do ícone do Salvador. Olhos nos olhos, rosto com rosto. Na parede à esquerda — a imagem de Vanga numa moldura entalhada. Na parede à direita — a imagem de Cristo com a coroa de espinhos.

— Vanga contra Cristo! — sussurra-nos uma rapariga russa que veio pela primeira vez a este templo.

Não, ela está com Cristo! — corrige uma habitante local que serve na igreja.

...Na Patriarquia Búlgara, a atitude face a Vanga é ambígua. Até hoje não cessam os debates sobre quem foi realmente a grande vidente. Uns afirmam apaixonadamente que foi uma cristã zelosa, quase santa. Outros chamam Vanga com ira de bruxa, serva do anticristo.

— Tais conversas rodearam-na toda a vida — conta a sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova. — E feriam a tia mais do que tudo...

O primeiro livro sobre Vanga, Krasimira escreveu-o em 1988.

— Ia para Rupite num autocarro de linha e ouvi os passageiros contarem uns aos outros invenções sobre Vanga. Foi então que surgiu a ideia de perguntar eu mesma à tia e escrever um livro. Vanga recusou no início, mas depois convenci-a. A primeira editora foi a própria Vanga. Lia-lhe em voz alta — acabou por ser como se recebesse bênção dela para cada palavra. O manuscrito do livro enviaram para o Comité Central do partido comunista. Lá discutiram-no e decidiram não o publicar. Mas uma das datilógrafas imprimiu o

manuscrito e deu-o a uma amiga. Esta fez fotocópias e passou-o a amigos. E o livro espalhou-se por toda a Bulgária em samizdat! Só em 1990 foi publicado tipograficamente.

Segundo parentes e pessoas que conheceram bem Vanga, ela falava frequentemente de vozes que lhe ditavam as profecias. A profetisa era um porta-voz. Mas de quem?

«Vanga foi escolhida pelo Céu — afirma Krasimira Stoyanova. — A minha tia era crente e virtuosa, mulher de alta moral e modesta. Observava todos os cânones da fé ortodoxa, orava muito, visitava com alegria igrejas e mosteiros. E sempre e em todo o lado chamava as pessoas à fé em Deus! Quanto aos servos da igreja, em relação a Vanga aplicavam duplos padrões. Oficialmente não a reconheciam, mas muitos sacerdotes, até metropolitas, vinham ter com a minha tia como visitantes e perguntavam sobre assuntos pessoais. E ela sempre lhes dizia a verdade, mesmo a desagradável. Repreendia-os por as suas discórdias terem levado a Igreja Ortodoxa Búlgara ao cisma.»

...Na casa de Vanga em Rupite, há ícones por todo o lado. Aqui na parede o seu favorito — a imagem de santa Petka. Na Rússia chamam-lhe Paraskeva. O nome desta grande mártir era o da mãe de Vanga. E a igreja que Vanga construiu com o seu dinheiro também foi consagrada em honra de santa Petka. Este templo foi o sonho de toda a sua vida.

«A 17 de setembro de 1991, Vanga começou a construir a igreja com os seus meios — conta Krasimira Stoyanova. — Escolheu o lugar, lançou os alicerces. Mas as pessoas do Fundo Vanga, que então rodeavam a minha tia, mandaram transferir o templo para outro local. Construíram uma estrutura estranha, que os habitantes locais chamaram “templo maçónico”. Os conterrâneos não o destruíram só por respeito a Vanga — trouxeram para lá os seus ícones, para que pelo menos algo fosse segundo os cânones. Eu considero este templo uma zombaria do sonho da tia Vanga. Ela desejava construir para as pessoas uma igreja, mas verdadeira...»

O templo foi consagrado a 14 de outubro de 1994. Mas não todo, só o altar. Nele guardam-se as relíquias de são Charalampios. Os hierarcas da igreja só foram a este compromisso depois de os habitantes locais terem ameaçado demolir o templo se não o consagrassem...

O sacerdote búlgaro Dobromir Dimitrov, um dos mais fervorosos combatentes contra as superstições, considera Vanga pecadora: «A Escritura fala de forma inequívoca sobre todas as adivinhas e feiticeiras. Na Bíblia está dito: “Não deixarás viver a adivinha”, “Se um homem ou mulher evocarem mortos ou encantarem, devem ser apedrejados”, “Não vos volteis para os que evocam mortos, e às adivinhas não vades, e não vos deixeis contaminar”. Segundo o padre Dobromir, Vanga estava possuída por demónios, mulher muito infeliz...

A opinião de outro autorizado clérigo-teólogo búlgaro, docent da Universidade de Shumen, arquimandrita Pavel Stefanov, é ainda mais dura: «O culto de Vanga é anticristão, quanto a reconhecê-la santa, nem pode haver fala disso...»

E o metropolita Natanael, que conheceu bem Vanga (foi ele que consagrou o altar na igreja construída em Rupite), não disse publicamente uma única palavra má sobre ela. «É preciso orar pela sua alma...» — diz ele. O Patriarca da Igreja Ortodoxa Búlgara, Maxim, também se abstém de participar nos debates sobre Vanga. A sua posição é: «O tempo julgará...»

Mas mesmo após a sua morte, Vanga pode responder à pergunta que mais nos inquieta: sobre Deus e a fé. E isso não é misticismo, não precisamos procurar um médium que possa evocar o espírito da grande clarividente. Ela própria cuidou para que soubéssemos disso exatamente da sua boca!

Em Sófia vive o realizador Stilian Ivanov — o único das pessoas a quem Vanga permitiu filmar a crónica do último ano da sua vida. E os seus mandamentos de despedida, ditos para todas as pessoas, preservaram-se na fita.

«Sou conterrâneo de Vanga, como ela, macedónio — conta Stilian. — A baba Vanga não gostava de ser filmada. E quando tentavam filmá-la às escondidas, o filme ficava velado, e a cassete de vídeo — desmagnetizada. Todos os operadores de televisão sabiam disso. Enganá-la, filmá-la com câmara escondida não resultava. A cega Vanga sentia sempre o objetivo apontado para ela!

Eu nem ousava sonhar que Vanga, de todos os operadores de televisão, me escolheria. E ela lembrava-se de mim — ainda muito pequeno, curou-me da gaguez. Nenhum médico ajudou, e Vanga conseguiu! Por isso tratava-a com grande reverência.

Em março de 1996, Vanga pegou-me na mão e disse: “Faz o filme, não há tempo a perder!”

Mas na televisão estatal, onde então trabalhava, não me deram equipamento para filmar Vanga — continua o seu relato o realizador Ivanov. — Visivelmente, consideraram-me demasiado jovem para fazer tal filme. Desanimado, informei Vanga de que nada resultava.

Ela riu-se:

— Tu farás obrigatoriamente um filme sobre mim! A câmara encontrar-se-á!

Consegui emprestar o equipamento em Sófia. Os colegas, ao saberem para que era necessária a câmara, convenciam: “Voltareis com cassetes vazias, é impossível filmar Vanga!”

Mas começámos o trabalho. Ligávamos a câmara só quando Vanga pedia.

Após o primeiro dia de filmagens, revi o material — e se também ficasse vazio? Mas a imagem e o som não desapareceram.

Perguntei: “O que deve estar no filme?”

Vanga respondeu: “Tu sabes tu mesmo!” Cega, sentia de forma espantosa a câmara e os limites do enquadramento.

Queria encontrar uma imagem artística que correspondesse exatamente ao espírito de Vanga. E encontrei-a — uma menina com enormes olhos azuis. Assim surpreendentemente jovem sentíamos todos Vanga. Era espantosamente jovem na alma. Com ela era fácil e luminoso, como com uma criança. A pureza infantil preservou-a até à morte.

A propósito, sobre a morte também falámos no filme. Vanga relacionava-se com ela não como fim, mas como transição para outra vida, para outro estado.

— Tia Vanga, como imaginas a morte? — perguntei-lhe. Ela respondeu: “É um belo jovem homem, todo em ouro”. E acrescentou: “A morte cria-a o próprio homem, e ela é tal como ele a imagina”.

A mente de Vanga era clara, e a fala — imagética.

Falávamos com ela sobre temas universais: amor, fé, igreja...

Vanga queria que este filme se tornasse o seu testamento espiritual. Dizia que para a felicidade da humanidade é preciso começar a viver segundo os mandamentos de Deus. «As pessoas viverão em sofrimentos enquanto não mudarem a si mesmas — profetizava Vanga. — Tudo é simples: não mentir e não roubar — e então a vida de cada pessoa será feliz, e o mundo mudará».

Vanga falava para a câmara com amargura sobre o que mais doía: «As pessoas vinham ter comigo em busca de ajuda e conselho quase todos os dias durante sessenta anos. E todos perguntavam só sobre o seu, o pessoal. Ninguém perguntou sobre o destino da humanidade. As pessoas são mesquinhas, se não precisam de saber isso... O homem deve ser puro na alma, como ouro, e doce para os outros, como açúcar».

— Mais do que tudo feriu Vanga a falta de fé das pessoas — conta o realizador Ivanov. — Dizia que as pessoas rejeitam Deus — e isso é a maior desgraça. Vanga sofria literalmente quando ocorreu o cisma na igreja búlgara. E quando o metropolita local recusou consagrar o templo construído por ela, chorou.

A igreja em Rupite para ela era como um filho — gerada por ela e sofrida.

Filmámos dez dias. E um dia Vanga disse-nos: «Chega, basta. Fizeram tudo. Peço só uma coisa — no fim do filme coloquem o meu nome». Assim fizemos. Prometi a Vanga que o filme sairia no écran no dia do seu aniversário. Mas ela não viveu até esse dia. Após a morte de Vanga, a chefia da televisão quis emitir o filme, mas eu escondi a cassete. A estreia aconteceu exatamente no dia do aniversário de Vanga — 14 de outubro, como ela pediu.

Mas já sem ela...

O ofício fúnebre de Vanga foi no templo construído por ela, então ainda não consagrado. Eu filmei isso. Vanga jazia no caixão, e o seu rosto parecia-me vivo e feliz. A sua alma já estava junto de Deus...

Os conterrâneos dela em Rupite diziam que Vanga morreu por ter construído a igreja. Segundo antigas crenças, nem a sombra da pessoa cujos dinheiro constrói o templo deve cair sobre o edifício. E a Vanga até a pintaram no templo — isso os trabalhadores consideraram um presságio fatal...

Vanga disse-me que não foi ela que construiu o templo, mas o povo. «As pessoas fluíam para mim como um rio e traziam moedinhas, como o mel das abelhas...»

Dizia que construía para as pessoas não uma igreja, mas um caminho para Deus...

O que a matava era o facto de muitos dos seus entes próximos não compreenderem a essência do seu serviço. Ela nunca contava os rendimentos, enquanto o seu círculo próximo só falava de dinheiro e fofocava. E da sua amada árvore — o choupo de Vanga em Rupite — após a sua morte restou apenas um tronco seco. A árvore morreu depois dela. E a morte de Vanga foi dolorosa, e em torno da sua partida há muitas enigmas. Não conseguiram chamar um sacerdote para a última confissão a tempo...

Por que razão deixou ela o nosso mundo numa época em que mais era necessária a ele? Dez anos sem Vanga trouxeram à humanidade muito sofrimento — catástrofes, guerras, terror. Ela poderia ter avisado, salvado... O coração de cada um que a amava e reverenciava procura ainda resposta à pergunta — quem destruiu Vanga? A quem estorvava esta mulher, que sabia tudo sobre cada um dos milhares de milhões de pessoas que vivem na Terra, e sobre a incontável multidão daqueles que partiram para o mundo dos mortos? O que foi que ensombrou tanto a vida de Vanga que ela começou a ansiar pela morte como um repouso bem-aventurado?

«Aqui nada de mau pode acontecer — dizem os motoristas que levam os peregrinos a Rupite por uma estrada cheia de buracos. — A baba Vanga protege todos os que vão ter com ela. Antes, neste troço, batiam muitos carros, as pessoas morriam. Uma verdadeira desgraça! E um dia os habitantes locais pediram a Vanga que ajudasse os condutores. “Não posso reparar a estrada —

disse ela então. — Isso é assunto do Estado, e agora ele não é rico. Mas afastarei para sempre a desgraça desta estrada...” Vanga pediu que lhe trouxessem um saco de açúcar. O que fez com ele, ninguém sabe. Mas todos aqui sabem com certeza que a tia Vanga ordenou espalhar esse açúcar nos troços mais perigosos da estrada. E desde então viajamos aqui sem qualquer perigo...»

Outrora, por esta estrada, fluía um fluxo ininterrupto de pessoas sofredoras para Vanga — até cem mil pessoas por ano! Aqui estavam todos — desde simples camponeses até celebridades mundiais. Iam ter com ela em busca de ajuda, na esperança de que a profetisa lhes entreabrisse o véu do futuro.

Vanga era para a humanidade uma janela para o futuro.

«Sinto a presença da tia Vanga — diz a famosa ginasta búlgara, campeã olímpica Neska Robeva. — Ela era para mim como uma mãe, como uma irmã espiritual. Sei que agora também Vanga está sempre ao meu lado...»

O retrato de Neska Robeva, entre outros poucos amigos particularmente próximos de Vanga, está pintado na fachada da igreja em Rupite. O artista Svetlin Roussev, que conheceu bem Vanga durante muitos anos, pintou-a a pedido pessoal da profetisa. «O Svetko sabe por si mesmo como e quem pintar», disse então Vanga. Roussev pintou na igreja Vanga rodeada das pessoas que vinham ter com ela. Não iam só como a um profeta — como a uma curandeira. Ela curava não só os corpos, mas também as almas.

«A tia Vanga abria-nos o caminho para Deus — diz com ternura na voz Neska Robeva. — Meu Deus, como nos faz falta agora na terra...»

«No início, Vanga queria erguer uma capela — conta o administrador do complexo memorial de Rupite, Serafim Ivanov. — Havia feito há muito esse voto a Deus, mas as autoridades demoraram a dar autorização para a construção. Primeiro, os chefes seculares obstaculizavam, depois os eclesiásticos. E quando, finalmente, abençoaram a obra, Vanga teve uma visão em sonho. Contou que lhe aparecera a Virgem Maria e ordenara construir não uma capela, mas um templo com campanário e celas para freiras...»

O mosteiro ainda não existe. E a própria igreja só foi consagrada após a morte de Vanga. Os hierarcas búlgaros recusaram-se durante muito tempo a fazê-lo. Alegavam que o templo fora construído supostamente não segundo os cânones.

Embora o tempo não tenha extinguido as disputas, na igreja celebram-se missas nos dias festivos. Aqui casam e batizam os conterrâneos de Vanga. Diretamente sob o retrato da profetisa.

«A tia Vanga não teve filhos, Deus não lhos deu — conta Neska Robeva. — Mas alegrava-se sempre com cada criança. Os seus afilhados na região são incontáveis...»

Os búlgaros consideram Vanga santa, mas a igreja ainda não a glorificou oficialmente.

«Alguns dos clérigos ainda hoje têm medo de pronunciar o nome de Vanga — queixa-se Neska. — Afirmam que era bruxa. E ela viveu toda a vida como cristã justa. Deu-se toda às pessoas. Salvou o meu irmão da morte quando era pequeno. Disse exatamente que ele tinha uma doença cardíaca congénita. Os médicos não conseguiram diagnosticar, mas ela conseguiu...»

A sepultura da profetisa fica do lado direito da igreja, entre o templo e o campanário. Na cruz de mármore branco estão gravadas as datas de nascimento e morte e apenas uma palavra: «Vanga». Na sepultura da profetisa ardem velas. São trazidas pelas pessoas que continuam a vir pedir ajuda a Vanga. Crianças nascidas já após a sua morte sussurram baixinho junto à cruz de pedra.

Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga, não consegue olhar para a sepultura da tia amada sem dor. O seu coração é atormentado não só pela dor da perda.

«Vanga queria ser sepultada no jardinzinho junto à sua casinha em Rupite, e não junto à igreja. Mas o fundo não cumpriu a sua vontade, que ela comunicara aos familiares. Vanga foi sepultada no terceiro dia após a morte num lugar onde outrora ficava a casa de banho pública da base turística! Como a água entrava constantemente na cova aberta, fizeram nela impermeabilização. Ficou uma caixa de betão revestida de azulejos. Colocaram tábuas lá dentro e sobre elas puseram o caixão com o corpo de Vanga. Não o cobriram de terra, mas taparam com uma laje. Preocupa-me muito que a tia tenha sido sepultada de forma não cristã. Pois na Bíblia está dito que todos saímos da terra e à terra devemos voltar...»

«Quando ainda em vida um dos jornais búlgaros chamou Vanga de santa, ela indignou-se: “Não sou santa, sou mártir!” — diz-nos Krasimira. — A vida da minha tia foi cheia de lágrimas...»

A paz, Vanga só a encontrou após a morte. Quem pode agora perguntar à própria Vanga: o que a entristecia nos últimos anos, quem envenenou o ocaso da sua vida? Foi a recusa do tratamento do cancro da mama uma fatalidade predestinada ou desejo de partir da vida? Não há agora no mundo médiuns capazes de ouvir os mortos como Vanga o fazia.

«Vanga dizia a todos: “Leiam o capítulo 13 do Evangelho de João” — recorda Serafim Ivanov. — Todos os que conheceram Vanga repetem: ela era ortodoxa e profundamente crente. Se vinham ter com ela quando estava a orar,

tinham de sair ou esperar. Podia até, durante uma conversa convosco, retirar-se para orar. Observava evidentemente todos os jejuns e ia às missas. A atitude da igreja para com ela no período anterior às transformações democráticas era ambígua. Melhor dizendo, na igreja havia duas alas. A ala, digamos, fundamentalista criticava; os representantes da ala oposta vieram várias vezes ter com Vanga, tal como vinham representantes da elite partidária.

Nos anos 90, a atitude face a Vanga nos círculos eclesiásticos tornou-se geralmente mais benevolente, tanto mais que ela começou a construir uma igreja em nome de santa Petka. Só então começou a aceitar donativos para a construção do templo, porque sempre vivera de forma simples e pobre. Mas mesmo esses donativos eram absolutamente voluntários. Ela dava a impressão de uma avó cega velha, boa e simpática. Se fores a Petrich, vês avós assim — e cada uma poderia ser Vanga. Mas quando começava a comunicação — aí sentias que tinhas diante de ti uma pessoa especial, surpreendentemente luminosa, sem dúvida alguma. Não sabia línguas, falava sempre no seu macedónio natal, mas conhecia perfeitamente a Sagrada Escritura e, em geral, conhecia realidades cristãs — e não só cristãs. Relacionava-se muito bem, por exemplo, com o falecido papa João Paulo II e nunca teve preconceitos contra outras confissões.»

«Ela podia dizer: “Vem ter comigo tal dia”. E isso significava que tinhas de vir obrigatoriamente, porque caso contrário não estava excluído que pudesse acontecer algo mau. Uma vez disse que o meu amigo, o escritor Lyubomir Levchev, lhe trouxesse de França um camisola e comprasse chinelos brancos. Em França, ele adoeceu gravemente, estava, pode dizer-se, à beira da morte, mas lembrou-se de que tinha de ir ter com Vanga e levar a camisola. Melhorou e foi. E pelo caminho lembrou-se também dos chinelos. Lyubomir saiu na estação, comprou-os, mas decidiu ficar a passar a noite na cidade em casa de um conhecido. E ao chegar lá, soube que o comboio em que devia ter ido se despistara.»

Conta a atriz do Teatro Dramático de Sófia, Petya Letkova. «Uma vez perguntei a Vanga se não seria tarde demais hoje erguer novos templos, ao que ela respondeu: “Ontem já era tarde. Mas o Senhor prolongou o tempo para a Rússia”. E em geral, a madre dizia várias vezes que o Senhor pode adiar o cumprimento das profecias. Muito depende de nós, os crentes, do nosso estado de oração, do arrependimento, do nosso esforço de purificação.

Meio ano antes da sua morte, a madre disse que no quadragésimo dia após a sua partida viria a polícia e nada da casa poderia ser levado. Por isso abençoou que se distribuísse tudo — tudo, até à última coisa, para que à chegada dos guardas da ordem a casa ficasse vazia. E assim aconteceu depois.

Uma vez, Vanga falou da necessidade de orar constantemente em todo o lado — no trabalho, no descanso, no transporte: o trabalho nas mãos, e a oração na boca; a oração em primeiro lugar, filhinha! Sobre o significado da oração, dizia assim: “O mundo mantém-se pela oração. Se a oração cessar embora seja por uma hora, o mundo deixará de existir. E especialmente necessária é a oração noturna, ela é mais agradável a Deus do que as outras. O maior e mais difícil feito é orar pelas pessoas.

É preciso suportar, orar, trabalhar, apesar de tudo, por mais que nos insultem ou difamem. Há difamação da esquerda, do maligno, e há também da direita, dos próximos. Tanto uma como outra são difíceis, mas úteis e até necessárias. Tudo o que é enviado deve ser feito perante os olhos de Deus, com memória da Virgem Maria, com orientação para Eles. Não são necessários trabalhos externos, mas acima de tudo — a purificação do coração. Não permitir a si mesmo nenhuma astúcia, ser aberto com as pessoas. E nada pensar de si mesmo.

Uma vez, Vanga acordou de noite duas das suas ajudantes com as palavras: irmãs, a guerra começou, levantai-vos! É preciso orar, levantai-vos! De manhã, pela TV, rádio e jornais, anunciaram que tinham começado ações militares na Chechénia (1994).»

Uma das filhas espirituais de Vanga perguntou uma vez se podia ir em peregrinação à Terra Santa. E recebeu esta resposta: «Não tens nada que fazer lá! Os peregrinos modernos profanaram a Terra Santa e pecaram tanto nela que agora é preciso viajar pelos nossos lugares santos, arrepender-se e expiar os pecados. Não abençoo ir lá, não! Quantos lugares santos na Rússia onde não estiveste! O venerável Sérgio não foi à Terra Santa, e pelas suas orações a terra russa foi santificada. O Reino de Deus está dentro de nós — e o Senhor deve viver em nós. Por isso também Jerusalém deve estar no coração, dentro de nós. O Senhor não ordenou ir à Terra Santa. Aqui é que está o nosso Jerusalém e a Terra Santa», dizia Vanga, apontando para o coração.

Mas estas palavras da vidente não significam de modo algum que ela não abençoasse peregrinações. Os próximos de Vanga recordam um caso assim. Veio ter com ela uma jovem grávida, que tinha uma situação familiar muito difícil. A madre acalmou-a, dizendo que tudo correria bem, que lhe nasceria um filho, após o que inesperadamente a abençoou para uma viagem a Jerusalém. Segundo a palavra de Vanga, ela esteve na Cidade Santa nos dias da Páscoa, assistiu à descida do Fogo Gracioso junto ao Túmulo do Senhor. Após a peregrinação, tudo se arranjou na família dela, e deu à luz com felicidade, como Vanga previra.

Com tristeza falava Vanga das mulheres e raparigas que andam de calças: «Não podem as mulheres vestir roupa de homem, nem os homens

roupa de mulher. Por isso terão de responder perante o Senhor. Não useis vós mesmas e detende as outras. E sabei, mulheres que usam calças, durante a guerra vindoura serão chamadas ao exército — e poucas voltarão vivas». Quando Vanga pronunciou estas palavras, uma das presentes pensou: «E que mal há se eu trabalho na horta de calças, assim é mais cómodo». A madre reagiu imediatamente a esse pensamento: «E tu andas na horta de calças, não faças isso, responderás especialmente!»

Batizaram o recém-nascido, após o que Vanga disse à madrinha: «Protegei-o, a partir dos doze anos viverá sem mãe».

Vanga repetia: «Não se podem abandonar as crianças. As pessoas não compreendem que desgraça é essa, não querem arrepender-se e corrigir-se. Com sangue terão de lavar esses pecados. Não se podem deixar as crianças, as mães devem amamentar os bebés».

«Ainda — continua Petya Letkova —, Vanga dizia que mais do que todos ama o povo russo, porque é trabalhador, misericordioso, laborioso. Nos últimos anos de vida, e especialmente após o colapso do país, Vanga vivia com dor no coração e tristeza os eventos que ocorriam na Rússia. Mas com que força de convicção e esperança orava ela pela terra que amava! Dizia várias vezes aos que vinham ter com ela: “Filhos, a Mãe de Deus não abandonará a Rússia, Ela ama a Rus, protegê-la-á, salvá-la-á. A Rússia é o país da Mãe de Deus, e Ela não permitirá que a destruam, intercederá por nós. Pois Ela ama tanto a Rússia! A Rússia erguer-se-á e será um grande país espiritual. Não permitirá que os inimigos pisem a Rússia, não deixará que arda nas chamas dos incêndios!”»

Vanga dizia também: «Onde há santidade, aí o inimigo se mete. — Previa que viriam tempos em que, como nos dias após o golpe de outubro, perseguiriam os cristãos, metendo-os em prisões, reservas e afogando-os no mar. — Quando começarem as perseguições aos crentes, apressai-vos a partir com o primeiro fluxo dos que vão para o exílio, agarrai-vos às rodas dos comboios, mas não fiqueis. — Os que partirem primeiro salvar-se-ão».

Vanga dizia constantemente que o Senhor não abandonará os fiéis a Ele — e alimentará na fome, consolará na tristeza, cobrirá e protegerá nas adversidades e ajudará a suportar dignamente quaisquer sofrimentos, perseguições e tormentos. Recordava então as palavras do salmista David: «Não serão confundidos no tempo mau, e nos dias de fome serão fartos» (Sl 36,19).

«Tudo posso no Senhor que me fortalece. E nada temais, filhos, não é preciso ter medo daquilo que será ou pode ser, ou mesmo deve acontecer segundo a profecia das pessoas de Deus. O Senhor é mais forte que todos e tudo, Ele dará ajuda nas provações, dará força para suportar e humilhará,

quando for preciso. Desde que sejamos obedientes à Sua santa vontade. Pedi à Intercessora zelosa e Ela não vos abandonará».

«Abandonaram a terra, e ela é a que nos alimenta. É preciso que todos trabalhem a terra. As pessoas terão de responder por a terra não ser cultivada. Por isso virá a fome, porque a terra foi abandonada. Se houver um terreno, cada pedacinho de terra deve ser trabalhado, semeado, e a terra ajudará a suportar o tempo de fome. Plantai batatas, hortaliças em todos os terrenos que derem, criai galinhas. Quando ficar difícil — comereis batatas com pepinos. As reservas não salvarão, porque a fome não começará de imediato. A cada ano será mais difícil, as colheitas cairão, cada vez menos terra será cultivada. Todos devem esforçar-se por estar mais perto da terra. Nas grandes cidades, a vida será muito difícil. Virá tal fome que as pessoas entrarão nas casas para encontrar comida. Quebrarão vidros das janelas, arrombarão portas, matarão pessoas por comida. Muitos terão armas nas mãos, e a vida humana nada valerá».

Mais do que todos os santos, Vanga amava o santo apóstolo e evangelista João, o Teólogo. Dizia que o santo apóstolo ama a Rússia e virá aos russos nos tempos do anticristo. A um dos seus filhos espirituais, a madre deu esta oração: «Senhor, seja feita a Tua vontade em mim pecador em todos os caminhos da vida, ajuda-me a permanecer fiel a Ti até ao fim. Santíssima Virgem Maria, salva-me pecador. Santo apóstolo João, o Teólogo, sê o meu guia, sê o meu intercessor e orador perante o Senhor e a Sua Mãe Puríssima. Ámen».

E mesmo assim... Dois anos antes da morte da vidente, a 14 de outubro de 1994, a igreja oficial, na pessoa do patriarca da Bulgária Maxim, reconheceu Vanga como santa. E hoje, todas as semanas na sua igreja, os sacerdotes — o padre Zhivka e o padre Stefan — celebram missas. E nos dias festivos, reúnem-se lá centenas de pessoas.

CAPÍTULO 6

ALGUNS ENCONTROS DE VANGA COM RUSSOS

A musicista de Moscovo Larisa visitou Vanga no final dos anos 1980. Encontrando-se de férias, ou melhor, em lua de mel nos Areais Dourados, a jovem mulher não pôde deixar de se interessar pela «atração turística» búlgara, de que todos à volta só falavam. Juntamente com o marido, Larisa fez a viagem até Vanga.

Embora, primeiro, a ante-história.

...Larisa cresceu como filha única na família, e uma filha adorada, mimada, a quem nunca negavam nada. O pai — coronel, depois general — passava todo o tempo livre com a filha: levava-a ao cinema e ao jardim zoológico, comprava brinquedos e guloseimas, seguia atentamente a saúde e o humor de Larotchka. Se, Deus não permitisse, ela tivesse os olhos vermelhos ou uma temperatura ligeiramente elevada, apanhavam todos: a ama, a empregada doméstica e, claro, a mulher — Alevtina Andreievna. A ela, em primeiro lugar. Não trabalha, não se ocupa da casa, só tem de vigiar a criança. Não é assim tão difícil?

Estranhamente, para Alevtina Andreievna isso era realmente difícil. Casara-se muito cedo — mal fizera dezoito anos. Aleksandr Ivanovich, o marido, era vinte e dois anos mais velho, e a sua atitude para com a mulher parecia mais paternal do que conjugal. Durante dez anos, Alechka, Alevtina, viveu à sua vontade, liberta de todas as obrigações domésticas por uma empregada idosa. Aleksandr Ivanovich queria da jovem esposa apenas uma coisa: um filho. Evidentemente, um rapaz. E mimava a mulher sem medida, esperando todos os meses a feliz notícia. Esperou-a nada mais nada menos que dez anos. Quando todas as esperanças já se haviam esgotado, descobriu-se que Alevtina estava grávida. Suportou a gravidez com dificuldade, esteve várias vezes no hospital em preservação, quase morreu durante um parto difícil...

O veredito dos médicos foi inequívoco: Alevtina Andreievna nunca mais teria filhos. Temiam contar isso a Aleksandr Ivanovich, mas, como se viu, temiam em vão. Assim que o general pegou pela primeira vez ao colo a filha recém-nascida, todos os seus sentimentos ternos passaram para ela. O pai de cinquenta anos não cabia em si de felicidade, a ponto de a adorada jovem esposa passar imediatamente não para o segundo, mas para o décimo plano. Dela só se exigia uma coisa: vigiar para que Larotchka estivesse tudo bem. Mais exatamente, vigiar para que a ama vigiasse isso.

Alevtina Andreievna esforçava-se ao máximo, mas não conseguia agradar ao marido. Sobretudo porque não conseguia lidar consigo mesma: para com a filha, que lhe causara tantos sofrimentos físicos, a jovem mãe sentia quase

indiferença, e o facto de ela própria ter deixado de ser para o marido a criança amada e mimada também não melhorava o seu humor.

Durante dez anos, Alevtina Andreievna tentou reavivar no marido os sentimentos anteriores, mas para ele — ai! — só existia a filha. Não tinha outras mulheres. Em vão Alevtina Andreievna gastava tempo e nervos à procura de uma rival-separadora. O general vivia exclusivamente para a filha, como antes do nascimento dela vivera para a jovem esposa. A ela restava apenas relembrar memórias — e chorar.

Estranhamente, o amor louco do pai não estragou Larisa. Era uma criança muito querida e muito caseira. Aos seis anos, descobriram-se as capacidades musicais de Larisa, e em casa apareceu imediatamente um luxuoso piano de sala. Alevtina Andreievna tentou objetar: das escalas e exercícios começava-lhe invariavelmente uma enxaqueca cruel. Mas Aleksandr Ivanovich foi inflexível: os interesses da filha estavam acima de tudo para ele. E tinha razão: seis anos depois, Larisa tornou-se laureada de um concurso internacional infantil. Depois concluiu com sucesso a Escola Gnessin e entrou no conservatório. Aos vinte anos, já era uma pianista bastante conhecida, viajava muito em tournées. Mas então faleceu subitamente o pai. E a vida em casa mudou radicalmente.

A pensão de general que Alevtina Andreievna, que nunca trabalhara um único dia, começou a receber, chegava para viver — mas não mais que isso. Com a empregada doméstica, evidentemente, tiveram de se despedir. A dachka bem cuidada e acolhedora caía em ruína: sempre se ocupara dela Aleksandr Ivanovich, e a viúva não fazia ideia de que o telhado podia ter fugas, ou que a lenha devia ser comprada com antecedência e as lareiras acesas regularmente. Em resumo, já estavam prontos a desfazer-se da dachka, quando em casa apareceu Sergei e começou a cortejar seriamente Larisa.

Esta, em geral, tratou o novo admirador com bastante indiferença, mas Alevtina Andreievna ficou em completo êxtase. Independente, bem remunerado engenheiro sénior numa grande fábrica, bonito, educado, e ainda por cima com mãos de ouro... Larisa, pela juventude e estupidez, simplesmente não era capaz de avaliar a sorte que lhe caíra. Mas ela, a mãe, tinha o dever de indicar à filha a decisão certa. No caráter — suave e cedente — Larisa evidentemente não saíra ao pai. Meio ano de cortejos ativos de Sergei e ataques psicológicos ainda mais ativos da mãe — com lágrimas, chamadas de ambulância e toda a parafernália correspondente — fizeram o seu efeito.

Larisa aceitou a proposta do admirador incondicionalmente apaixonado por ela e, além disso, claramente desinteresseiro (apartamento próprio, carro novo). Para celebrar condignamente o casamento, Alevtina Andreievna vendeu os brincos de brilhantes — a primeira prenda, ainda de noivo, do falecido marido. «Eu venderia a última camisa pela felicidade de Larotchka — repetia

sem parar aos parentes e conhecidos —, quanto mais estas... bijutarias. Se Aleksandr estivesse vivo... Agora sou para Larotchka mãe e pai.»

De facto, Alevtina Andreievna, que quase se rendera após a morte do marido, com a aparição em casa do futuro genro transformou-se completamente. Rejuvenesceu, embelezou, deixou de correr aos médicos e tomar aos punhados calmantes, cardíacos, soníferos e tónicos. Em vez disso, ocupou-se com entusiasmo do guarda-roupa da filha (sem esquecer de renovar o seu), da reparação e mobília do apartamento de Sergei, onde os jovens iriam viver, da preparação da lua de mel deles — na Bulgária, nos Areais Dourados. Para Larotchka, tudo devia ser só do melhor!

E eis a viagem à Bulgária. A enorme fila à casinha de Vanga, daqueles que queriam perguntar à grande profetisa sobre o seu futuro ou pedir conselho, assustou-a. Mas irritou-a ainda mais a necessidade de esperar longo tempo por Sergei. E desde o início Sergei era categoricamente contra isso, como ele desdenhosamente chamou, «atração». Larisa não deu importância, pois há várias décadas surpreender alguém com materialismo militante era quase impossível. Mas Larisa insistiu — como estar na Bulgária e não visitar Vanga.

Os recém-casados, finalmente, entraram na sala onde a profetisa recebia. Incrivelmente, Vanga franziu imediatamente o sobrolho e pediu quase rudemente a Sergei que saísse. Depois apontou o dedo a Larisa e disse tristemente: «O teu pai chora, chora amargamente por ti e não pode ajudar-te. Pecou muito, não o deixarão proteger-te.»

Depois, Vanga informou Larisa que o seu casamento seria cheio de trevas vindouras, porque Larisa casara com o marido de outra. A profetisa disse que o marido de Larisa tinha ainda outra esposa. A Larisa pareceu que ela confundia algo, pois era sabido com certeza que Sergei nunca antes fora casado e que não podia haver qualquer concorrência suposta. No entanto, Vanga insistia que Larisa rompesse imediatamente relações com o marido alheio. O dia inclinava-se para o fim, a profetisa, evidentemente, estava cansada, e repetia que nas ligações familiares de Larisa havia algo que a impedia de ver a verdadeira imagem dos eventos.

Antes de se despedir, Vanga disse — se me desobedeceres, na velhice ninguém te dará um copo de água. As pessoas que estavam na sala olhavam para Larisa com compaixão não disfarçada. Não era difícil adivinhar que predições trágicas semelhantes tinham de ouvir não pela primeira vez. E pelos rostos dessas pessoas lia-se — queriam muito poder acrescentar algo mais ao ouvido, ajudar Larisa a «decifrar» a mensagem de Vanga, mas...

«Vai mais vezes ao teu pai, ora por ele, faltam-lhe orações» — o último que Larisa ouviu de Vanga. Ai, era voz que clama no deserto — Larisa nem sabia orar...

Os primeiros anos após o casamento passaram sem grandes abalos. Evidentemente, a Larisa nem passou pela cabeça que as palavras de Vanga, a sua ordem de «fugir do marido alheio» fossem base e motivo mais do que suficiente para rever tudo o que lhe acontecera, refletir sobre a necessidade do seu casamento. Mas — Larisa ocupava-se apenas da sua música — o resto tomava a seu cargo Alevtina Andreievna, que vinha quase diariamente ter com os jovens.

Com Sergei, Larisa dava-se bem: este não apresentava exigências desmedidas à jovem esposa, frequentemente se demorava no trabalho até tarde. E não resmungava se Larisa se esquecia de comprar pão ou passar a camisa a ferro. Embora, isso acontecesse raramente: Alevtina Andreievna vigiava atentamente o seu quotidiano e acudia como um raio em caso de «falhas» de Larisa. «O meu coração de mãe — gostava ela de dizer nesses casos — disse-me que certamente te esquecerias de fazer sopa. E o teu marido gosta de comer bem, não te esqueças disso. Um bom almoço aos olhos de um homem vale mais que qualquer outro talento.»

O quanto a mãe tinha razão, Larisa convenceu-se imediatamente após o nascimento do filho. O rapaz revelou-se fraquinho, doentio, exigia todas as forças e tempo da mãe. Teve de acabar com os concertos — pelo menos, por enquanto. Nem para os exercícios diários havia tempo catastrophicamente, e Larisa sentia com horror como as mãos perdiam a antiga flexibilidade e mobilidade, como os dedos «endureciam»...

E mais nada sabia fazer.

E para servir o marido, tempo ainda menos sobrava. Sergei franzía o sobrolho, resmungava, repreendia a mulher por ser demasiado mimada e não ser capaz de fazer o que qualquer mulher normal faz como que entre outras coisas. E sempre dava como exemplo a própria sogra, a quem tratava com evidente respeito: «Toma exemplo com a tua mãe — terminava invariavelmente as suas «repreensões». — Pareceis da mesma idade, e ela cozinha perfeitamente, e em casa dela está sempre limpo, e tem tempo para falar com as pessoas. E tu...» Larisa poderia objetar que crescera nas mãos de ama e empregada, que o pai, se não trabalhava, estava em casa, com ela... Mas Sergei, pelo visto, isso não o preocupava.

Sonhava que a esposa se tornasse cópia da mãe, e zangava-se porque não conseguia de modo algum alcançar isso. Finalmente interveio a própria Alevtina Andreievna: «O meu coração de mãe sente que vais perder um marido maravilhoso — disse um dia a Larisa. — Em quem saíste tão desajeitada — não consigo entender. Pronto, vendo algumas bijutarias, contratamos uma ama por alguns meses, e eu fico com ela na dachka. Aliás, Sergei poderá ir lá — descansar e ver o filho. E tu ocupa-te da tua música, já que para ti isso é mais

importante. Não entendo, mas... mas a tua felicidade é para mim mais importante que tudo.»

Larisa ganhou alguns meses de tréguas, mas já era tarde. O antigo brilho, a virtuosidade do seu tocar não queriam de modo algum voltar. E os exercícios diários de muitas horas acabaram com ela «sobrecarregar» a mão direita. Na carreira de pianista podia pôr-se uma cruz. Para Larisa, foi um golpe tal que tiveram de a internar numa clínica e tratá-la durante vários meses de esgotamento nervoso. Sergei esteve com ela uma ou duas vezes. A mãe vinha todas as semanas e explicava a ausência do adorado genro com o facto de ele trabalhar muito, ocupar-se sem parar com o filho e além disso ajudar na dachka — lá muitas coisas precisavam de reparação.

Talvez, num estado normal, Larisa se surpreendesse com tal zelo pedagógico-doméstico de Sergei, até então, pelo visto, habilmente ocultado por ele. Mas nessa altura não estava para analisar o comportamento do marido.

Mas quer os medicamentos tenham sido suficientemente eficazes, quer o tempo tenha feito o seu, Larisa, finalmente, recuperou-se tanto que a deram alta da clínica. Encontrou trabalho rapidamente — professora numa escola de música. O filho, é verdade, dela se desapegara, mas isso também com o tempo passou. Tudo voltou ao seu lugar, incluindo a vida conjugal. Mais exatamente, não vida, mas convivência relativamente pacífica de duas pessoas há muito estranhas uma à outra. Assim continuou até que na escola de música onde trabalhava Larisa apareceu um novo professor. Bonito não era, inteligência refinada não brilhava, o fato e os sapatos falavam eloquentemente de rendimentos mais que modestos. Mas tudo isso não tinha qualquer importância já duas semanas depois. Porque se delineou aquilo que pomposamente se chama «afinidade de almas». Tanto Larisa como Viktor quase imediatamente compreenderam que não podiam viver um sem o outro.

A notícia de Larisa a Sergei de que amava outro e queria divorciar-se, este recebeu, para dizer o mínimo, friamente. Mais exatamente, não a tomou a sério. A conversa começou ao pequeno-almoço, Sergei quase não ouvia o que, nervosa e atrapalhada, Larisa tentava dizer-lhe, bebia café, lia o jornal. E terminando o pequeno-almoço, resmungou, sem olhar para a mulher: «Não sejas parva! Oito anos juntos, que amor é esse. Vais ver o que a tua mãe diz a isso...»

Larisa temia mais a reação da mãe do que a cena com o marido. Mas o que aconteceu na realidade, ela nem podia imaginar, quanto mais prever. Alevtina Andreievna começou por se mostrar seca e fria, enfatizando com todo o seu aspeto a loucura estúpida que a filha se preparava para fazer. Quando isso não resultou, armou uma histeria monstruosa, quase um ataque epilético. E no fim, recuperando um pouco o fôlego, proferiu a sentença final: «Podes ir-te embora para o teu amante, mas fica sabendo: o filho não to dou, nada de

bom aprenderá na tua companhia. E se enlouqueceres de vez e te divorciares — amaldiçoo-te. Podes cuspir em mim, podes torturar o meu coração de mãe, mas se preferires a Sergei algum vigarista — não terei mais filha. Escolhe: o idiota pobre ou eu.»

Larisa escolheu. Pediu o divórcio, mudou-se com uma mala para a kommunalka de Viktor e durante um ano inteiro tentou ser feliz. Formalizou o divórcio com Sergei, apesar de mais meia dúzia de cenas monstruosas que a mãe lhe armava pessoalmente e por telefone. Desprezou até o facto de Alevtina Andreievna se recusar terminantemente a registar de novo a «filha pródiga» — questões domésticas nunca a preocuparam particularmente. Ora, viverá sem registo, pense-se, grande coisa. O principal — com Viktor. E depois ligou-lhe o filho e informou que a avó fora levada para o hospital com um AVC, e que o pai casara uma semana antes, por isso a mamã teria de lembrar algumas das suas obrigações. Pelo menos em relação a ele, filho único. Larisa correu para o hospital.

A vida de Alevtina Andreievna já não corria perigo, mas as pernas estavam completamente paralisadas, e a fala — não totalmente coerente e clara. Ninguém tencionava mantê-la no hospital, era preciso dar alta para casa, mas para onde? Ou seja, entendia-se para onde, mas quem cuidaria dela? Larisa tentou aconselhar-se com Viktor, mas não encontrou compreensão da parte dele: «A velha amaldiçoou-te, expulsou-te de casa, tirou-te o filho, e tu vais ficar não se sabe quanto tempo como enfermeira dela? É contigo, mas eu pessoalmente não jogo esses jogos. Ou ela, ou eu, escolhe. Tenho o meu quarto, e viver no mesmo apartamento com essa generala meio louca — servo obediente. Preciso só de ti, não de um monte dos teus parentes.»

Larisa não podia deixar a mãe sem cuidados. Entregá-la a um «asilo», como aconselhou Viktor — ainda menos. Alevtina Andreievna fizera tanto por ela, cuidara tanto da sua felicidade (e em muitos aspetos tinha razão), que agora Larisa praticamente não tinha escolha. E o filho... Embora Larisa suspeitasse que a mãe fizera tudo para o pôr contra a «ingrata leviana» (a própria filha), não se pode abandonar um adolescente ao acaso, ainda por cima com uma avó paralisada às costas.

E o amor... O amor, ai, não resistiu à prova da vida.

Larisa voltou para a casa dos pais, registou-se lá e dedicou os três anos seguintes aos cuidados da mãe, que a cada dia se tornava mais insuportável e mais má. Por mais que a filha se esforçasse, tentando implorar perdão — em vão. Enquanto Alevtina Andreievna podia falar, lembrava sem parar o adorado genro, injuriava Larisa por estupidez e ingratidão, de tudo o que havia luz. Até pelo neto se interessava menos que por Sergei.

O segundo AVC atingiu-a quando Larisa estava no trabalho, e o neto na escola. Ao regressarem, encontraram-na já sem palavras, quase sem respiração. Viviam só os olhos, fixos no telefone. Como se esperassem algo.

«Mamã, queres que ligue a Sergei? — perguntou Larisa em completo desespero. Queres que lhe peça para vir?»

As pálpebras da velha tremeram, e os olhos brilharam com tal esperança que o coração de Larisa se revolveu. Como a mãe estava ligada ao já há muito ex-genro, se até antes da morte pensava nele...

«Vir? Agora? — perguntou sarcasticamente Sergei à ex-mulher. — Vocês as duas lá, pelo visto, enlouqueceram, minha querida. Não sou médico nem padre, e além disso não tenho o mínimo desejo de ver nem a ti nem a tua mamã...»

Larisa pousou silenciosamente o auscultador, temendo olhar a mãe nos olhos. Mas não foi preciso: Alevtina Andreievna suspirou profundamente — como gemeu, e... libertou-se.

Após o funeral, Larisa quase se suicidou e demorou muito a sair de mais um ataque de depressão. Mas agora atormentavam-na outros sonhos e outros pensamentos. Amaldiçoava-se por ter sido filha ingrata, mãe nula, ter sacrificado tudo por um egoísta eloquente e em resultado praticamente ter matado a própria mãe.

Não se sabe quanto tempo teria durado esse estado, mas num belo dia Larisa recebeu um convite de um notário. E lá soube que tanto a dachka como o «Volga» que restara do pai, e algumas joias de família, Alevtina Andreievna legara... a Sergei. O testamento, a julgar pela data, fora escrito no dia em que Larisa partira para Viktor.

«Pode contestar este testamento em tribunal — disse compassivamente o notário. — Afinal, está divorciada do herdeiro? E além disso ele casou de novo. Talvez a sua mãe tenha mudado de ideias depois e feito um novo testamento. Procure nos papéis dela, aconselho de coração. A herança é considerável...»

Se formos honestos, Larisa contava vender tanto a dachka como o carro — em casa praticamente não havia dinheiro, e os funerais da mãe e a sua própria longa doença haviam consumido quase todas as pequenas poupanças. Só por isso começou a mexer nos papéis na antiga secretária materna, ainda troféu de guerra. E depressa deu com cartas com um punho muito familiar. Nem sequer cartas — mas respostas a missivas que se encontraram separadamente. Um maço grosso, preso com elástico. E por cima uma nota. «Devolvo-te tudo. Espero que tenhas o bom senso de destruir tanto estas como as minhas notas. As nossas relações não dizem respeito a ninguém.» Diante de Larisa estava a correspondência da mãe e do ex-marido, da qual se seguia com clareza impiedosa uma coisa: Alevtina Andreievna e Sergei foram

amantes quase todos os anos do casamento. A ligação deles começara pouco antes de Sergei conhecer Larisa. Mais exatamente, antes de a mãe... casar o seu amigo com a própria filha...

Então voltou a Larisa a recordação da viagem a Vanga. Eis o que queria dizer a grande profetisa ao falar que Larisa casara com «o marido de outra». Tornou-se claro para Larisa também por que Vanga lhe parecera nada profetisa depois de ter dito que nas relações entre os parentes de Larisa havia algo tão incompreensível que era impossível ver claramente o futuro de Larisa.

Larisa não contestou o testamento. Simplesmente trocou o luxuoso apartamento de general por um mais modesto — com doplata *(pagamento adicional).* Para viver chega-lhe, tanto mais que o filho vive praticamente todo o tempo com o pai: filhos próprios nessa nova família não tencionam ter, e este — é herdeiro pronto. Larisa continua a dar aulas de música, mas em privado e muito poucas. Duas vezes por ano, rangendo os dentes, vai ao cemitério Vagankovo, à sepultura dos pais, e fica lá sentada longo tempo imóvel, olhando para um ponto. Tem pena de si, pena da sua vida. Tarde se lembrou da ordem de Vanga — orar pelo pai, e agora todas as semanas entra num templo, pede que sirvam uma panikhida pelo repouso da alma do pai. E ainda lhe parece frequentemente ouvir a voz de Vanga: «Se não renunciares ao marido alheio, ninguém te dará um copo de água na velhice...»

História da sogra ambiciosa

As relações entre sogra e genro há muito que se tornaram tema de anedotas. Já nas relações entre nora e sogra, pelo visto, o cómico é muito menos: anedotas sobre esse tema praticamente não existem. Em compensação, dramas e tragédias — quantas se quiserem, e é muito difícil determinar quem tem razão, quem é culpado. Como no caso em que a heroína foi ter com Vanga em busca de conselho sobre como arranjar a vida do filho, perguntando — será que não lhe está destinado esperar por netos... Esta história foi registada por uma das amigas da nossa heroína ainda em vida de Vanga.

...Taisiya Nikolaevna pertence ao número de mulheres que parecem mais jovens que a sua idade. Em forma, cuidada, elegante, com um cabelo grisalho pictoricamente belo e entoações imperativas. E se algo a preocupava, era apenas o destino do filho. Igor tem mais de trinta anos, e recentemente desfez-se o seu terceiro casamento. Igor é culto, inteligente, bonito, sem vícios, como se diz, filho único de pais bastante abastados e que o adoram. E a própria vida familiar não se compõe de modo algum, embora, pelo visto, já tenham sido experimentadas todas as variantes: tanto a filha única de moscovitas não pobres, como uma estudante solitária de fora (leia-se — pobre), como uma senhora independente divorciada. Mas os três casamentos acabaram do mesmo modo — divórcio. E as iniciadoras foram sempre as esposas.

«Escrevem todos que os pais “devoram” a vida aos filhos, quase os expulsam de casa se decidirem criar família própria — contava Taisiya Nikolaevna à amiga Iraida, com quem juntas foram ter com Vanga. — E na nossa família, sem me gabar, é ideal. Com o meu marido, pai de Igor, vivemos quase quarenta anos alma com alma, nunca discutimos e até hoje somos as pessoas mais próximas uma da outra. Acham que Igor poderia tornar-se mau marido, se toda a vida teve diante dos olhos o exemplo de amor e respeito mútuos dos pais? Evidentemente, não poderia.

A primeira vez Igor casou por conselho nosso, meu e do pai. Eu apresentei-lhe uma rapariga encantadora, filha de uma colega minha. Em geral, sou médica, mas há muito que não pratico, trabalho no Ministério da Saúde como chefe de departamento. Assim, sabe, é mais calmo e cómodo: sem turnos, sem chamadas, às sete da tarde sempre em casa... Pois bem, reparei em Lenotchka quando ela veio ter com a mãe ao trabalho por algum motivo. Bonitinha, modesta, acabara de terminar o instituto. E especialidade excelente — otorrinolaringologista. Recebera distribuição para uma policlínica distrital, mas eu e a mãe dela rapidamente mudámos tudo, arranjámos-lhe lugar numa hospital departamental. Das oito às quatro — e livre. O casamento foi maravilhoso. Lá, ela e Igorek pareciam — uma maravilha. Eis, pensava eu, uma filha terei, ensinar-lhe-ei tudo o que sei. Deviam viver connosco: o apartamento é grande, havia lugar para todos. E o meu marido considera que um homem deve viver em sua casa, não na da mulher.

Três meses após o casamento, tudo era maravilhoso. Lenotchka então esforçava-se por ser verdadeira esposa: limpava o apartamento, lavava, cozinhava. Eu, claro, ajudava, mas em geral pensava que agora podia descansar um pouco. Ou seja, dividir a carga a meio: eu preparo o pequeno-almoço, Lenotchka — o almoço. Eu lavo — ela limpa o apartamento. E à noite reuníamo-nos todos juntos, os quatro, víamos televisão, conversávamos. Eu tricotava ou remendava, Igor jogava xadrez com o pai... Foi desses serões conjuntos que tudo começou. Nem tricotar nem costurar Lena aprendeu. Puxava-a sempre para fora de casa: ao teatro, a bailes, a amigos. Tentou convidar os amigos dela para nossa casa, mas o marido rapidamente cortou isso: após o trabalho precisava só de silêncio, e convidados são bons nos feriados — aniversários, ou no Primeiro de Maio. A Lena isso não agradou, mas teve de conformar-se.

Um ano após o casamento, a Lena deu-lhe para entrar na pós-graduação. Por correspondência, sem interromper o trabalho. Todas as noites ou desaparecia em palestras (conheço eu essas palestras!), ou em casa sentada com livros. E tornou-se tão pouco amável, silenciosa, como se a torturassem de manhã à noite. Até recusou comer connosco: isso, veja-se, era-lhe incómodo. Chegava do trabalho às cinco, agarrava algo no frigorífico e até à noite não saía do quarto.

Evidentemente, Igor estava descontente: a esposa deve receber o marido à porta, dar-lhe os chinelos, depois — a toalha, secar as mãos. Depois alimentar com jantar — e faz o que a tua alma desejar. É mau? Mas Lena considerava que se Igor após o trabalho lê, vê televisão ou joga xadrez com o pai, pode perfeitamente servir-se a si mesmo. Claro, eu não permitia — alimentava-o eu mesma. E também aqui não acertei: dizem que de propósito ponho o marido contra ela. Enfatizo, dizem, que melhor que a mãe ninguém alimenta.

Em resumo, não se compuseram. Igor é paciente, cedente, só quer sem escândalo. E Lena foi por princípio: vamos separar-nos dos pais, gerir o nosso lar, senão somos contigo como crianças pequenas perante eles. Eu, claro, objetei. Ora, ela rebelou-se, fugiu de volta para os pais. Pensava que Igor a imploraria para voltar, que a vitória seria dela. Calculou mal. Um marido como ele qualquer quer, e mulheres sozinhas — aos montes. Agora, provavelmente, morde os cotovelos: embora candidata a ciências, está sozinha.

Divorciaram-nos rapidamente — ainda bem que não tiveram filhos. Igor, claro, sofreu algum tempo. Mas é o meu inteligente, compreendia perfeitamente que de bom esse casamento dele de qualquer modo não acabaria. E um ano depois vejo: à noite começou a sair para algum lado. Ora, disse-lhe: «Se decidiste casar — traz para casa, não é preciso correr por entradas e casas alheias». Uma semana depois veio com Tanyusha...

Claro, com Lena não se podia comparar. Pequena, pálida, assustada. Mas depois compreendi: era de espanto. Estudante por correspondência do instituto de cultura — ou seja, futura bibliotecária, a mãe trabalha numa fábrica ou em Kineshma ou em Soroki, não se lembra do pai. Claro, assustou-se quando viu a nossa casa: da lama para tais príncipes. O meu marido duvidava se tal nora nos serviria. Mas eu convenci-o: jovem, inexperiente, provinciana, molda dela o que a alma desejar. O casamento foi modestíssimo, e não por avareza, mas para não mimar prematuramente. E, claro, Tanyusha mudou-se para nossa casa. Antes vivia num dormitório, um quarto para quatro.

No início, dávamo-nos bem. Ela olhava-me literalmente na boca, agarrava todas as indicações ao voo. Dizes: «Limpa o chão na cozinha» — lava até brilhar. Dizes: «A camisa de Igorek está um pouco suja» — juntamente com as camisas dele lava toda a roupa da casa. Transferimo-la do diurno para correspondência, para ter mais tempo livre, vestimo-la e calçamo-la da cabeça aos pés. Tricotar sabia melhor que eu, então à noite sentávamo-nos diante da televisão e competíamos com as agulhas. Em um ano tricotámos toda a casa, e como ficou calmo na família — até o meu marido por vezes começou a sorrir. Ele é avaro em sentimentos, tudo guarda em si. E aqui — amoleceu, relaxou, começou a falar de netos. E Igor também não era contra filhos. Dois anos após o casamento, Tanyusha engravidou. E — orgulhou-se. Até então viviam com Igor no quarto ainda infantil dele, de dez metros. A sala tinha vinte metros, e o

nosso quarto com o marido — dezasseis. Viviam e viviam. E de repente, uns dois meses antes do parto, Tanya diz-me: «Mãe — chamava-me mãe, província, o que querem —, a nós três vai ser apertado no quarto de Igor. Talvez arranjem o vosso quarto no pequeno, e nós mudamo-nos para lá?» Contive-me. Disse só: «Espera, morremos — tudo será teu. Não te apresses». À noite perguntei a Igor o que significava aquilo, e ele só encolheu os ombros. Ora, eu pensava que ele não tinha nada a ver com isso.

Tanya deu à luz um rapaz. Chamaram Oleg, em honra do meu marido. Igor insistiu, ela queria batizar de outro modo. Não resultou. O rapaz era bom, só muito inquieto, gritava dias inteiros. Nós com o marido ambos após o trabalho, Igor também, precisávamos de descansar, e Tanya exigia que todos nós por turnos andássemos com Olezhka. Ela, dizem, cansa-se tanto durante o dia — cai de pés. E de quê se cansar? Da cozinha libertei-a, até o pequeno-almoço de Igor preparava eu mesma, como antes do casamento dele. A louça também lavava eu. Ora, lavar fraldas e passear com a criança — não é grande carga. E ela queixava-se e queixava-se. Levou Igor a tal ponto que ele vinha a casa só para dormir, e o resto do tempo com amigos. E que alegria da esposa, se só tem pretensões: compra leite, passeia com Olezhka, ajuda a lavar fraldas, fala com a tua mãe — comigo, ou seja. E sobre o quê falar comigo? Sobre como a habituava à asseio?

Tal como a minha falecida sogra fazia. Lembro-me, se lavava mal algo, ficavam manchas, ela silenciosamente atirava-me essa coisa aos pés. E então? Habituou-me a lavar melhor que numa lavandaria, obrigado enorme a ela. E Tatiana quase armava histeria quando encontrava fraldas de Olezhka debaixo da porta do quarto. Depois voltou a falar que o quarto era pequeno. Para Olezhka, dizem, nem tinha onde brincar. Em vez de agradecer a nós com o marido por a termos deixado entrar num tal apartamento e ainda a sustentarmos, começou a armar cenas. Ora, e arranjou-se: recebeu do marido na cara. Não forte, só para ensinar. E eu não o condeno — provocou, significa. O meu marido nunca ergueu a mão contra mim, embora tenha caráter severo. Lembro-me, logo após o casamento levou-me para um guarnição distante (o meu marido era engenheiro militar, saiu general na reforma), deixou-me no apartamento e foi para o trabalho. E o apartamento — quarto com cozinha num barracão, catre e banquinho. Sentei-me nesse banquinho — e pus-me a chorar. Rapariga, nem vinte anos tinha, sozinha num lugar estranho, nem uma alma conhecida. E chorei assim até à noite. E o marido chegou: vamos jantar! E eu a ele: de onde? com quê? em quê cozinhar? Ora, ele explicou-me pela primeira e última vez calmamente: o marido deve ser alimentado três vezes por dia.

O seu assunto — trazer dinheiro para casa, o resto — não é preocupação dele. Casaste — cumpre as tuas obrigações, então do lado do marido haverá amor, respeito e sustento. E se não, não há julgamento. Eis tudo, e desde

então — doente ou saudável, de bom ou mau humor — tudo fazia sempre impecavelmente. E Tatiana por causa de uma bofetada armou tragédia. Agarrou Olezhka ao colo, atirou as suas coisas numa malinha e foi para a mãe. A Igor só um mês depois mandou carta: vive, dizem, com a tua mamã, esposa nem precisas. E Olezhka crescerei sem ti, só para não voltar à vossa prisão. Ora, vejam? Até dos alimentos recusou — olhem para ela! Depois escreveu que casara, que o marido dela adotara Olezhka e que mais nada tinha em comum connosco. Não — e não é preciso. Encontrou algum bruto, quem se interessaria por tal, ainda por cima com criança?

Igor depois disso evitou mulheres durante muito tempo. Sofreu muito. E não é brincadeira: a segunda esposa abandona tal marido. Ora, compreensível, se bebesse, andasse com outras, não trouxesse dinheiro para casa. E assim, em terreno plano, como se diz... Nós com o marido também sofremos, esforçávamo-nos por apoiar um ao outro, consolar. Comprámos um carro a Igor, convencemo-lo a ir a cursos para tirar carta. Ele no início recusava, depois foi. E lá conheceu a sua terceira esposa. Chamava-se Valeria, Lera.

A primeira vez Igor trouxe-a para casa tarde da noite, nós com o marido já dormíamos. De manhã ouvi um murmúrio no quarto de Igor. Assustei-me: não adoecera, se fala sozinho. Ou delira? Entrei — e eles... ora, em geral, em toda a beleza. Até o coração me apertou: «Saiam daqui — digo —, infeliz prostituta!» E Igor a mim até com raiva: «Não é prostituta, é a minha esposa. E em geral, a quarto alheio deve bater-se. Sai e fecha a porta do outro lado.» Isso à própria mãe? Cheguei a isso... Em resumo, essa Lera instalou-se em nossa casa, embora tivesse apartamento próprio — dizia que de lá era mais longe para o trabalho, e a quem queria enganar?

A um estúpido é claro que um de três quartos em tijolo é melhor que um de um quarto em painel. O que fazia, o que trabalhava de manhã à noite — não faço ideia. Mas dinheiro tinha, não vou mentir. Ora comprava a Igor uma gravata de seda, ora comida exótica, ora colónia importada. Mas tudo — com malícia, com sorrisinho, com provocação. Por exemplo, preparo eu o pequeno-almoço a Igor com ovos, corto salsichas, pão, e ela aparece e põe diante dele iogurte: «Tu ontem queixavas-te que a barriga cresce. Conta calorias».

Ou sentamo-nos à noite a ver televisão. Ela olha da porta e bufa: «Igorek, ainda é cedo para ti veres a caixa à noite. Quando saíres para a reforma — será o ideal».

E num belo dia Lera distinguiu-se: colocou uma fechadura na porta do quarto de Igor. E declarou que estava farta das minhas entradas a horas inoportunas: quer sentir-se confortável, e não como num banco de parque. Ora, ela saberá, eu em tais lugares não estive e assim não me comportei. Calei-me, e o meu marido enfureceu-se e expulsou essa beldade. Disse que em casa dele nunca se fechava nada e, enquanto vivo, não se fechará.

Foi-se embora. Só que Igor também se agarrou a ela. Ora, aqui não me preocupei: voltará, como um querido. Melhor que a mãe própria, ninguém cuidará dele. E certo: dois meses depois voltou. Emagrecido, nervoso, farto até à garganta da sua «vida familiar». Lera, pelo visto, empreendera reeducá-lo. Para que ele próprio lavasse, passasse a ferro, comprasse produtos... Ela todo o dia no trabalho, e ele só até às seis ocupado. Sim, esqueci dizer: Igor é médico, trabalha na inspeção sanitária-epidemiológica...

Em resumo, levou o homem ao limite: juntou as suas coisas e voltou para casa.

Eis assim, Igor tem trinta e cinco anos, e família verdadeira não há. E eu já tenho medo de lhe arranjar alguém, e ele próprio evita mulheres. E compreendo-o. As raparigas agora são mimadas, as mulheres jovens — ainda pior, encontrar esposa verdadeira é mais difícil que voar para o cosmos. Vivem com alcoólicos, enlouquecem por bandidos, sustentam pobres, e tais como o meu rapaz, pelo visto, ninguém precisa? Será isso justo?

Provavelmente, todo esse monólogo excessivamente emocional, cheio de «justa indignação», Taisia Nikolaevna preparara-se para dirigir a Vanga. Mas, quando as mulheres chegaram a Rupite e se puseram na fila, tendo improvisado uma «toalha de mesa mágica» e se preparavam para lanchar, da casa de Vanga saiu a correr um jovem rapaz que começou a gritar, percorrendo a fila, se entre os visitantes estaria a mulher de um general da Rússia. Taisia Nikolaevna nem sequer pensou, de início, que se tratava dela. Mas, como o jovem passou duas vezes ao longo da fila, insistindo repetidamente que procurava a mulher de um general da «Rússia», a amiga sacudiu Taisia Nikolaevna, garantindo-lhe que era mesmo dela que se tratava. Quanto à amiga de Taisia Nikolaevna, o jovem — um dos assistentes de Vanga — nem lhe prestou atenção, pelo que o que se seguiu a nossa narradora só soube pelas palavras da própria Taisia Nikolaevna.

Taisia Nikolaevna saiu da casinha de Vanga literalmente dez minutos depois. Estava toda em lágrimas e com manchas vermelhas, os olhos brilhavam de raiva e, ao mesmo tempo, revelavam uma extrema confusão. Sem dizer nada, afastou-se decididamente da fila.

Taisia Nikolaevna não falou logo. Acontece que Vanga, logo à entrada, a repreendera duramente por ter obrigado a mulher do filho a viver separada do marido. Às objeções de que o filho tivera três mulheres, três noras, Vanga não deu importância. «À tua filho está destinada uma rapariga, tu obrigaste-a a ir embora. É pecado teu.» Vanga informou Taisia Nikolaevna de que, para ver o filho casado e embalar netos, teria de ir pedir perdão à nora expulsa, e depressa se tornou claro, pelo seu discurso, que se tratava de Lena, a primeira mulher de Igor. O que mais impressionou Taisia Nikolaevna foi Vanga repetir incessantemente que era preciso apressar-se, que a nora estava em grandes

apuros, que a mãe dela estava a morrer e que Taisia Nikolaevna devia «pôr-se de joelhos» diante da nora e obrigar o filho a procurar caminhos de reconciliação.

O choque de Taisia Nikolaevna com o encontro com a vidente foi indescritível. Ao mesmo tempo, transbordava de justa indignação — como assim, ela ainda era culpada de alguma coisa? Ela, afinal, segundo as palavras de Vanga, «segurava o filho» e secava-lhe a vida, atraindo assim sobre si todo o tipo de doenças?

Incrivelmente, ao regressar a Moscovo e pedir ao filho, por curiosidade, que ligasse a Lena, Taisia Nikolaevna soube realmente que Lena estava numa situação moral muito difícil — a mãe dela estava a morrer no hospital, pelo que o telefonema do quase esquecido ex-marido praticamente não lhe chamou a atenção. Pode imaginar-se como Igor se surpreendeu quando a mãe, que outrora expulsara Lena, lhe pediu que fosse ter com ela e a apoiasse. Ele resistiu durante muito tempo — já tinham passado vários anos, durante os quais os jovens praticamente não se viam. No entanto, Igor, habituado a obedecer sempre e em tudo à mãe, acabou por ceder às insistências dela.

De início, Lena recebeu Igor com cautela e até com hostilidade. Tanto mais que todos os seus pensamentos estavam absorvidos pela mãe, que se extinguia diante dos seus olhos. Mas, inesperadamente, revelou-se que Igor, que já se cansara da solidão — após o divórcio da terceira esposa, fechara-se em si mesmo, começara a beber às escondidas da mãe e, pouco a pouco, começara a refletir sobre como a mãe não tinha razão ao não apoiar, na altura, o desejo de Lena de começarem a viver separados dos pais. Aos poucos, fechara-se-lhe em redor um véu de solidão, e ele alegrou-se com a possibilidade de voltar a comunicar com Lena. Parece que motivos semelhantes guiavam também Lena, quando começou a receber cada vez mais favoravelmente os pedidos de Igor para lhe permitir visitá-la.

Quanto a Taisia Nikolaevna, que, além disso, encontrou uma forte resistência por parte do marido, teve de superar muito em si mesma para se atrever a reconciliar-se com Lena. E isso aconteceu, tal como Vanga previra, no funeral da mãe de Lena, quando a ex-sogra foi das primeiras a aparecer em casa de Lena e assumiu conscienciosamente uma série de tarefas.

Taisia Nikolaevna nunca contou, e provavelmente nunca contará ao filho, que a iniciativa de aproximá-lo de Lena se deveu exclusivamente à ordem de Vanga. No entanto, quando Igor mencionou que Lena lhe propusera ir viver com ela, ela apoiou entusiasticamente essa proposta...

Vanga predisse-lhes um fim dramático

Esta mulher tem hoje mais de 60 anos... Professora, cientista, avó feliz e amada. Na vida dela houve muitas adversidades. Mas, quando fala das suas

amigas, que na juventude tinham tudo o que Svetlana Sergeevna não tinha — ligações, um nível de vida «acima da média», a possibilidade de olhar para o futuro com leviandade —, suspira ao pensar em quanto, afinal, lhe foi dado a ela, e quão pouco àquelas que começavam o caminho na vida com a certeza de que essa vida seria sempre doce e sem nuvens... E o mais importante — ambas as amigas de Svetlana Sergeevna tiveram a possibilidade de construir a vida de outra forma, se tivessem escutado os avisos de Vanga.

Aconteceu que, nos distantes anos 1960, três alunas do último ano do secundário de Moscovo se encontraram em casa de Vanga Dimitrova...

«Não sei como vivem hoje os generais. Provavelmente bem, a julgar pelas numerosas publicações nos jornais sobre aldeias de cottages *(casas ruais)* e outras alegrias da vida. E como vivem os filhos dos atuais generais também não sei, mas penso que não passam dificuldades. Em resumo, pode-se, provavelmente, invejá-los, mas... Mas não deixa surgir o sentimento de inveja o facto de eu saber como foi a vida dos filhos de antigos generais. Aqueles que, ainda na União Soviética, partiram para o outro mundo, deixando, no entanto, aos filhos apartamentos luxuosos (para a época), dachas *(casas de campo),* carros e muitas outras coisas. Só que isso não lhes trouxe felicidade. Pelo menos a alguns.

Assim aconteceu na vida que, desde os tempos de escola, eu conhecia duas filhas de generais, que estudavam na nossa escola. Chamavam-se Lera e Lora, e uma delas era até filha de um marechal. Ambas cresciam em famílias grandes e aparentemente unidas, ambas eram beldades e toda a parte feminina da nossa escola lhes tinha uma inveja terrível, desde as mais novas até, pelo menos na minha opinião, à própria diretora. E essa inveja era perfeitamente explicável.

Hoje em dia, brincos de ouro num bebé do sexo feminino são norma de vida. Antigamente, essas joias apareciam nas raparigas, na melhor das hipóteses, após terminarem a escola, ou mesmo só depois do casamento. Lera e Lora usavam esses brincos desde a quinta classe, e não viam nada de extraordinário nisso, apenas lamentavam não poderem usar na escola as restantes joias: não entenderiam. Talvez, claro, os pais não lhes permitissem, pois ainda tinham noção do país em que viviam e da escola onde as filhas estudavam.

Não posso dizer que tive sorte (pessoalmente não acho), mas eu era uma das muito poucas com quem essas raparigas tinham oficialmente permissão para serem amigas e até levar para casa. Afinal, filha de professor, ou seja, de uma família decente, esperava-se que não roubasse nada nem trouxesse ladrões para o apartamento. Por isso, vi muitas coisas com os meus próprios olhos, e essas muitas deixaram na alma jovem uma marca absolutamente indelével. Esclareço: estávamos em meados dos anos sessenta, quando um

apartamento individual ainda era considerado uma sorte inimaginável (a palavra «khrushchovka» ainda não pegara, a possibilidade de mudar para esses prédios e viver sem vizinhos era, por si só, a realização de um conto de fadas).

A ninguém ocorreria que existiam apartamentos completamente independentes de quatro ou cinco divisões, com um quarto especial para a empregada, despensa do tamanho de uma cozinha numa dessas «khrushchovkas» e duas casas de banho. Mobiliário de bétula da Carélia e de mogno, lustres de cristal e serviços de porcelana de Meissen só víamos em filmes sobre a vida «não nossa». Por isso, o choque que senti ao cruzar pela primeira vez o limiar do apartamento de Lera (filha do marechal) é simplesmente indescritível.

Em contrapartida, posso descrever o apartamento.

De um amplo hall quadrado, uma porta levava ao quarto da própria Lera (a mais velha da família), e a segunda — não era uma porta, mas um arco — a outro hall igual. Daí saíam as portas das restantes quatro divisões: dos irmãos mais novos, da sala de estar, da sala de jantar e do quarto dos pais, que tinha casa de banho própria. Os outros membros da família usavam as instalações anexas à cozinha e ao quarto da empregada doméstica.

A decoração do apartamento era como a que reproduzem hoje as revistas caras de interiores: conjuntos antigos por todo o lado, tapetes, cristal e cortinas de veludo nas janelas.

A propósito, o apartamento de Lora não era nada pior, apenas mais pequeno (o pai era general, não marechal), e ela era a mais nova da família, por isso o quarto individual pertencia ao irmão mais velho, e as duas filhas partilhavam um quarto grande. No resto — tudo igual, pois os chefes de ambas as famílias terminaram a guerra na Alemanha e trouxeram troféus mais ou menos iguais.

Nunca contei a ninguém sobre o esplendor das residências marshal-generaiscas, confirmando assim a alta confiança que me foi depositada e merecendo a possibilidade de visitar essas casas com regularidade. Também convidava as minhas amigas para minha casa, embora vivesse numa kommunalka *(habitação coletiva),* mas não tinha complexos por causa disso: toda a gente à volta vivia assim. E as «generalki» (como as batizou o meu pai, que não era desprovido de sentido de humor) comportavam-se de forma bastante delicada, não empinavam o nariz nem faziam comparações. Pelo menos na minha presença.

Invejava outra coisa: a ausência nas minhas amigas do conceito de «escassez». Elas foram as primeiras na escola a usar meias de nylon sem costura e, depois, collants. Elas discutiam com conhecimento de causa as

qualidades de perfumes franceses e árabes quando toda a gente à volta cheirava, na melhor das hipóteses, a «Krasnaya Moskva», ou geralmente a «Landyish Serebristy». No baile de finalistas apareceram com vestidos e penteados tais... Não é de admirar que os rapazes mais interessantes se aglomerassem à volta delas, e elas se sentissem nesse meio perfeitamente naturais e à vontade. Muito mais tarde soube que uma multidão de admiradores foi quase toda a vida uma parte indispensável da vida das minhas «generalki». Tal como idas regulares a restaurantes, passeios de carro, piqueniques no campo nas dachas dos pais em zonas fechadas ao comum dos mortais, férias em Karlovy Vary ou nas Praias Douradas.

Para elas, isso era tão natural como, para nós, uma viagem para uma dacha alugada sem aquecimento, com «comodidades» no pátio e total ausência de qualquer conforto.

Desnecessário dizer que nós três éramos comsomolistas *(escolas de formação ou juventude comunista)* ativas, ativistas sociais etc. E então — o Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

A juventude de hoje provavelmente já nem imagina o que era isso — o «campo dos países socialistas» ficou no passado, e com ele o conceito de juventude socialista tal como era no nosso tempo. Na nossa escola chegou uma diretiva — escolher uma pessoa para ir ao festival. Mas depressa Lera me informou que da nossa escola iam três pessoas — Lera, Lora e eu. As raparigas convenceram os pais a fazer com que me incluíssem no grupo.

Quando chegámos a Sófia, ficámos impressionadas com a agitação em torno da vidente Vanga. Na Bulgária, apesar da ideologia comunista, não havia perseguições religiosas como no nosso país, nem uma rejeição militante de tudo o que era paranormal e inexplicável.

E Lera disse-me que muitas pessoas do círculo dos pais dela iam a Vanga — uma curandeira e adivinha extraordinária.

Mas a agitação que havia então em torno de Vanga ainda não era comparável com a que começaria nos anos seguintes. E aconteceu que nós, três alunas do secundário de Moscovo, chegámos a Rupite já perto do fim do dia, quando as árvores já avermelhavam com o sol poente. Vanga terminara as consultas do dia. Desiludidas, preparávamo-nos para voltar — custara muito convencer o líder do grupo a fazer vista grossa à nossa desaparição por quase um dia inteiro. Mas então ouviu-se uma voz da sala. Em búlgaro, Vanga disse que as «raparigas» entrassem. Ficámos espantadas — ela não via quem chegara, e nós de modo algum tínhamos revelado que éramos precisamente três raparigas...

Inacreditavelmente, tivemos sorte — Vanga e os seus assistentes preparavam-se para tomar chá. Na mesa havia muitos doces caseiros. «Vocês

estão cativas», disse inesperadamente Vanga, apontando para Lora e Lera. «E tu», virou o rosto para mim, «vencerás o teu caminho».

«Casarás com um libertino», disse Vanga a Lora. «Ele sugar-te-á. Gostas de agitação, por isso escolherás esse homem. Mas não deves fazer isso, procura marido na modéstia, então talvez tenhas bons filhos. Mas então ficarás viúva cedo. Mas ficarás com bons filhos, terás muitos filhos, eles dar-te-ão muitos netos. Se casares com o libertino — ficarás com um punhado de nada. E a tua filha tornar-se-á tua inimiga. Ele é endemoninhado. E a tua filha receberá os seus demónios.» Lora corou, mas com toda a sua atitude tentou não mostrar que a predição da profetisa a afetara desagradavelmente.

«E a ti — doenças», virou-se Vanga para Lera. «Doenças, pobreza. Não tens culpa. Pagarás pelos pais. Adquiriram os seus bens de forma desonesta, tiraram-nos a órfãos.» Depois falou de forma pouco clara sobre alguma viúva que o pai de Lera alegadamente ofendera gravemente. E que era preciso expiar. Parece que disse que Lera não devia tocar na «riqueza amaldiçoada».

Naqueles anos éramos jovens e todos os dias aconteciam connosco muitas coisas maravilhosas. Na altura, parecia que o encontro fatídico com Vanga era apenas um elo numa cadeia contínua de impressões da vida que o destino nos oferecia diariamente.

Após o baile de finalistas, os nossos caminhos naturalmente separaram-se: para o MGIMO, onde ingressaram Lora e Lera, eu nem pensei em apresentar documentos. Pessoas entendidas explicaram-me de forma bastante clara que nesse instituto não se tratava de exames ou concurso de notas, mas de concurso de pais. Os meus definitivamente não passavam. Por isso, sensatamente, entreguei os documentos numa instituição menos prestigiada e entrei com sucesso. Sobre as minhas antigas amigas só soube de vez em quando e não de primeira mão.

Por isso, a ideia da vida estudantil delas só a tive mais tarde, quando elas próprias, com enorme arrependimento e dor genuína nos olhos, recordavam aqueles dias dourados: cafés, bares, restaurantes, danças em casa de amigos ou no convés de barcos fluviais fretados, roupas da moda, peles, diamantes e todo o tipo de bijutarias. Tudo isso era então tão natural, tão óbvio, que nem Lera nem Lora davam particular valor a nada, pois consideravam que mais tarde seria ainda mais interessante, mais divertido, mais brilhante e mais rico. Porque, em vez dos pais, a vida bonita seria assegurada por maridos adequados.

Curiosamente, os pais das minhas duas amigas literalmente arrancaram-nas à força de pretendentes que, do ponto de vista deles, não eram adequados (um tivera o azar de ser judeu, o outro arménio; o enorme dinheiro de que dispunham não salvou a situação). Casaram com pessoas dignas: Lera com um major, um dos subordinados do pai, Lora com um já bastante conhecido

jornalista internacional, que logo a levou consigo numa missão à Polónia, onde a jovem, bonita e muito inteligente mulher se adaptou instantaneamente, conduzia o seu próprio carro com à-vontade, tornou-se uma das suas nos círculos literário-boémios e, em geral, vivia, segundo a sua própria expressão, uma vida plena. Essa vida foi interrompida por pouco tempo pelo nascimento da filha, mas já um ano depois, tendo enviado a menina em segurança para a avó e o avô na pátria, Lora voltou a ser uma das mulheres mais bonitas e alegres de Varsóvia, permanecendo ao mesmo tempo a mais fiel das cidadãs soviéticas. Como conseguia isso, provavelmente só sabiam aqueles a quem competia por dever. Em justiça, deve dizer-se que também o marido de Lora levava uma vida igualmente alegre e livre.

Em Lera, claro, tudo era diferente. O major, que rapidamente se tornou tenente-coronel e, com o tempo, coronel, servia no Estado-Maior General. Tiveram dois filhos, com exatamente dez meses de diferença. Mais filhos Lera não quis nem teve, embora mais tarde, com lágrimas, dissesse o quanto fora parva por não ter tido uma filha. As filhas — elas estão mais próximas das mães do que os filhos, isso ela sabia pela própria família, na qual os irmãos mais novos se dispersaram primeiro por escolas militares e depois por guarnições não muito distantes, tendo perspetivas de carreira bastante claras. Tal como, aliás, o marido de Lera. Ela, tendo obtido o diploma de especialista em Roma Antiga, trabalhava como investigadora num instituto de investigação correspondente e escrevia ativamente a dissertação. Aliás, também Lora escrevia uma dissertação, tendo diploma de economista internacional. Mais ainda, defendeu-a com brilho na Universidade de Varsóvia — um caso sem precedentes na cooperação científica entre dois países socialistas irmãos. Claro, ela não trabalhava — por enquanto.

Mas pretendia encontrar um lugar decente em Moscovo, caso o marido deixasse de ser enviado em missões distantes e de longa duração.

No entanto, tudo terminou de forma diferente do que ela pensava.

Cansado da esposa demasiado alegre, o marido arranjou maneira de ela, sem o querer, o apanhar em infidelidade conjugal.

Teve de fazer uma cena de ciúmes com louça partida e joias oferecidas atiradas ao chão, foi pronunciada a palavra fatal «divórcio». O marido, porém, não se assustou com o divórcio, recolheu cuidadosamente as joias atiradas e guardou-as, apresentou por sua vez vários factos irrefutáveis da infidelidade conjugal de Lora... e ela nem teve tempo de se aperceber de como já estava em Moscovo, divorciada e... órfã e espoliada.

O destino quis que os pais de Lora falecessem quase ao mesmo tempo, sem terem tido tempo de fazer qualquer testamento. Aliás, na altura não era muito comum fazer testamentos. Como a própria Lora, ao casar, recebera como dote um apartamento de duas divisões bastante bom na zona da estação

de metro «Aeroport», o apartamento de três divisões foi dividido entre o irmão mais velho e a irmã mais velha. Dividiram de forma primitiva: o apartamento para a irmã, os objetos para o irmão. É verdade que um terço dos móveis antigos, da louça e dos bibelôs *(enfeites)* foi honestamente dado à irmã, mas o dinheiro da venda da dacha foi dividido a meio. E em silêncio.

Lora tinha um carácter bastante independente, recusou terminantemente processar os parentes mais próximos. Arranjou emprego num ministério, recebia um salário decente, continuava a não lhe faltar atenção dos homens, embora a «idade crítica das mulheres» — quarenta anos — já tivesse passado, e nos tempos livres educava a filha Nina. Não tendo outros exemplos à frente dos olhos, educava-a à sua maneira: aos homens não se pode confiar, deles só se podem receber presentes caros e convites para restaurantes, se aparecer um «promissor» — tentar levá-lo ao altar, mas com filhos não vale a pena apressar-se, é muito melhor e mais agradável viver algum tempo para si própria. Nina também tinha um temperamento difícil, e certas estranhezas no comportamento faziam pensar em algum distúrbio psíquico, mas Lora preferia não dar por isso, tanto mais que aos dezanove anos Nina casou... com um tenente de mísseis que vivia e trabalhava em Noginsk, e mudou-se para lá. Da residência em Moscovo, verdade seja dita, não abdicou. Como se viu — foi bastante previdente.

Três anos depois, tendo-se desentendido completamente tanto com o jovem marido como com os sogros, Nina deixou-lhes o filho de um ano e foi-se embora para junto do pai, que nessa altura vivia e trabalhava na Checoslováquia e, além disso, casara recentemente com uma mulher que tinha apenas alguns anos a mais do que Nina. No início tudo correu bem: Nina trabalhava como secretária numa editora, dava-se bem com a madrasta e era amiga do pai. Mas depois tudo desabou, e nem Nina nem o pai alguma vez contaram a alguém o que acontecera. Simplesmente Nina voltou a Noginsk, foi buscar o filho, já com seis anos, aos avós e instalou-se em Moscovo com a mãe.

Lora estava absolutamente desprevenida para uma tal reviravolta. Além disso, começou a perestroika, o salário decente no ministério transformou-se em trocos, e depois houve mesmo redução de pessoal... Sem chegar aos cinquenta anos, Lora ficou desempregada e completamente sem perspetivas: a sua especialização bastante estreita não era necessária nas instituições estatais, e as empresas privadas preferiam francamente contratar funcionárias de idade pré-balzaquiana.

Foi então que Lora entrou em pânico pela primeira vez: sem trabalho, sem dinheiro, sem admiradores. Cuidados com o neto, buscas convulsivas por qualquer fonte de rendimento, conflitos intermináveis com a filha e saúde a deteriorar-se rapidamente. Esse processo era desagradável por si só, mas,

para cúmulo, apagava inexoravelmente do rosto todos os traços da antiga beleza e desfigurava irremediavelmente a figura outrora impecável.

Foi exatamente nessa altura, em completo desespero, que Lora me telefonou. Não porque esperasse alguma ajuda concreta, mas assim — por via das dúvidas. De mim não sabia absolutamente nada, só via de vez em quando publicações em jornais e revistas assinadas com o apelido conhecido desde os tempos de escola, e concluiu, com bastante razão, que eu certamente tinha algumas ligações.

Quando nos encontrámos, compreendi que a vida decidira com sabedoria ao não me dar um pai general e uma vida doce na juventude. Ao contrário de Lora, não me atormentava a nostalgia dos restaurantes e dos diamantes, porque estes últimos simplesmente nunca tive, e aos restaurantes ia quando trabalhava como guia na Intourist e, consequentemente, não podia tirar recordações particularmente agradáveis desse período. Além disso, nunca fui uma beldade, por isso a síndrome da ex-beldade também me poupou felizmente: não se pode lamentar o que nunca se teve. E os anos... Bem, todos nós envelhecemos.

No fim de contas, aconteceu que Lora... invejou-me. Salário modesto, mas estável, mais honorários, por isso não ando a contar tostões. Vivo sozinha, o filho adulto com família, graças a Deus, vive separado. Figura em ordem, alguma vida pessoal também acontece, pois nunca apresentei exigências excessivas aos homens, pelo menos desde que fiquei viúva e decidi não me prender mais com laços matrimoniais.

«Sabes, eu quero tanto ir para o estrangeiro. Casar com um estrangeiro e ir embora. Ainda falo bem alemão, uma amiga minha trabalha numa agência matrimonial, prometeu encontrar algum velhote não muito antigo na Alemanha ou na Dinamarca. Aliás, a Suécia também serve. Já recebi várias cartas com convites.»

«E então?» — interessei-me genuinamente.

«Compreendes, eles em geral não são muito abastados e procuram menos uma esposa do que uma empregada doméstica gratuita. Um tem uma casa, é verdade, e o outro apenas um apartamento em Copenhaga.» «E tu aqui tens uma villa com criados? — não me contive de ironizar. — Lora, toma juízo, já não tens vinte e cinco nem trinta e oito anos. O príncipe Carlos dificilmente morderá o isco, e até os milionários simples preferem companheiras mais novas, desculpa lá. Tanto mais — esposas.»

«Está bem, está bem, mas não posso abandonar o Vadik.» «Quem é esse?» — fiquei um pouco atónita. «O meu neto. Vive comigo.»

Lora de repente desatou a chorar. Depois recompôs-se como pôde e contou-me a história nada simples das suas relações familiares. A irmã de

Lora, que após a morte dos pais se tornara uma verdadeira alcoólica, bebeu o apartamento e desapareceu nos vastos espaços da Pátria. O irmão casou, após o que foi misteriosamente assassinado numa qualquer briga de rua, e tudo o que ainda restava de bens móveis e imóveis foi apropriado pela viúva dele. Nina endoideceu de vez, deixou o filho com a mãe, trancou pessoalmente o seu quarto no apartamento de duas divisões e ou aluga casa ou vive com o amante da vez. Num certo momento pareceu que tudo se arranjava: entre os admiradores, quase noivos de Nina, apareceu um jovem mais do que abastado, que a colocou a trabalhar na sua empresa e a mantinha muito bem.

Mas o jovem foi assassinado, a empresa foi tomada por dívidas por uns indivíduos pouco claros, e Nina ficou mais uma vez com as mãos a abanar. «Compreendes, quando ela viveu aqui após a morte do amante, no início estava quase normal. Depois começaram as cenas e histerias, depois começou a pôr o Vadik contra mim, depois tentou deitar-me pela janela abaixo, empurrar-me da escada, envenenar-me com quaisquer gases. Ou endoideceu de vez, ou precisava do apartamento todo. Eu iria para a Dinamarca, para onde o homem tem casa própria, mas tenho pena do Vadik...»

«Daqui a três anos já não precisarás do Vadik — observei com cautela. — E três anos é muito tempo, pode não haver mais propostas do estrangeiro. Pelo menos ias uns dois meses à custa do noivo, tipo “conhecer e ver melhor”. Seria algum descanso da tua vida louca.»

«Não posso ir para lá feita este monstro! E para me pôr em ordem preciso de dinheiro, e muito. A Ninka tem, eu sei, mas não dá.» — «E se der? Para tu ires para o estrangeiro e lhe libertares o apartamento sem qualquer crime.»

«E o Vadik?» Parecia a história do boi branco. Tanto mais que Lora interrompia constantemente com recordações da antiga vida luxuosa na casa dos pais, da vida alegre antes do casamento e durante ele, insultava o ex-marido, falava da mesma forma da filha, que não conseguira dar-se com o papá no estrangeiro e, em vez disso, caíra na cabeça sofredora dela... Depois voltava à ideia obsessiva de casar e ir para o estrangeiro, mas assim que eu tentava timidamente aconselhar alguma coisa, voltávamos à frase chave: «E o Vadik?»

«Para ti é fácil, tens trabalho, paz, estabilidade — mudou finalmente de disco. — Podes viver aqui, e ainda te levam casada para o estrangeiro.» «Com quase cinquenta anos?» — duvidei. «A mim levam.» «Mas tu não vais.» — «E o Vadik?»

Nessa vez não chegámos a acordo nenhum.

Depois, durante três ou quatro meses, telefonávamo-nos com bastante regularidade (ou seja, Lora ligava-me e contava a saga da sua vida difícil e da impossibilidade de vender por bom dinheiro nem o serviço de jantar da

Saxónia, nem a secretária antiga do Sul da Baviera). Vimo-nos um par de vezes — eu ia a casa de Lora, levava-lhe alguns trabalhos de tradução ou datilografia. O dinheiro pago não era grande coisa, mas pagavam, e eu tinha pena sincera da filha do general e de uma das primeiras beldades da escola, que caíra num aperto tão duro.

«A Lera morreu — disse-me Lora durante um dos telefonemas. — Pensei que tinha ido parar outra vez ao hospital, ela passa meses sem sair de lá, mas afinal — morreu. A Ninka encontrou por acaso o filho mais velho dela, ele disse que a mãe já tinha sido enterrada há dois meses.»

«Meu Deus! — exclamei sinceramente — ela era uma mulher jovem! E porque passava meses sem sair dos hospitais? Eu não sei nada dela.»

Verificou-se que Lora sabia tudo sobre a amiga de muitos anos, e esse «tudo» despejou imediatamente na minha cabeça. Despejou mesmo, porque, pelo que eu podia julgar, a vida tratara Lera ainda mais duramente do que Lora.

...Quando o pai de Lera morreu, ela voltou com o marido e os filhos para o apartamento dos pais, para a mãe não ficar sozinha. O irmão mais novo de Lera morrera de forma absurda num acidente de viação, e o segundo servia como conselheiro militar na Índia ou na Indonésia e estava lá praticamente sem sair — à espera das estrelas de general. O dinheiro acabou-se depressa, e a viúva do marechal, para manter o nível de vida anterior, vendeu a luxuosa dacha de dois andares em Arkhangelskoe, ficando com «apenas» uma casa de caça num terreno de meio hectare. A casa, verdade seja dita, era de dois andares, com todas as comodidades, até com telefone da cidade. Mas isso era visto como necessidade de «viver numa khrushchovka».

E depois morreu a própria marechala. Literalmente no dia seguinte o marido de Lera, o coronel, saiu de casa e pediu o divórcio. A própria Lera não lhe interessava nem um pouco, tanto mais que, após uma grave operação abdominal, a antiga beldade emagrecera muito e ficara menos atraente. Os filhos já eram praticamente adultos — dezanove e dezoito anos, por isso o divórcio foi fulminante.

O coronel não reclamou o apartamento — foi para junto da amante de longa data, viúva de um conhecido arquiteto, que não tinha falta de metros quadrados nem de quaisquer bens materiais, mas era sem filhos e sem conflitos.

Os dois filhos casaram quase ao mesmo tempo e de forma precipitada, e surgiu a questão da troca do luxuoso apartamento generaisco por dois mais simples.

Como Lera era, digamos, pouco prática, pelo palácio luxuoso só conseguiram um apartamento de três divisões num prédio de cinco andares

sem elevador e um de duas divisões — num prédio um pouco melhor, para onde se mudou o filho mais novo com a esposa.

O filho mais velho ficou com a mãe, pois conhecia a esposa desde que nascera e a nora tratava a sogra por tu e tia Lera.

«Sabes, ajudei-a na mudança. A Lerka conservou grande parte dos móveis, que de alguma forma couberam no novo apartamento. Lá não são quartos, são celas, compreendes. E depois quis pendurar o lustre que tinha na sala de jantar. Austríaco, de cristal. Pois a parte de baixo ficou a dez centímetros do chão: os tetos eram quase dois metros mais baixos do que no apartamento anterior. A Lerka sentou-se no chão — e pôs-se a chorar. E eu com ela.»

«Porquê?» — admirei-me sinceramente.

«Não pelo lustre, claro — respondeu vagamente Lora. — Pela vida... e em geral... Somos tão azaradas, tínhamos tudo, e tudo se foi como areia. E os filhos também não alegram muito. Na altura também havia todo o tipo de problemas com os nossos filhinhos.»

Sobre os «problemas» com Nina eu já sabia. E os filhos de Lera pareciam rapazes bastante normais, pelo menos sem desvios psíquicos. Em contrapartida, destacou-se a esposa do mais velho, aquela quase parente. Deixando o filho recém-nascido ao marido e à avó, foi para o estrangeiro atrás do amante e lá ficou para sempre.

Pai solteiro — isso ainda é um fenómeno bastante raro entre nós. E desejosas de unir a vida a um tal unicórnio não são assim tantas. Ou seja, casar — já neste instante. Mas uma criança pequena... Melhor ter uma nova, própria. E esta para onde? Há a avó! Assim Lera, com pouco mais de quarenta anos, tornou-se «avó solteira». O filho casou uma segunda vez com sucesso e mudou-se para casa da nova esposa.

O segundo filho tinha tudo em ordem e os assuntos da mãe e do irmão interessavam-lhe muito pouco.

Assim Sashenka cresceu nos braços de Lera, que até o menino terminar a escola o educou e mimou devidamente, após o que Sashenka declarou que a avó lhe cansara pior do que rábano amargo com as suas lamúrias e sermões, que era melhor viver com o pai e a madrasta, e a avó que se instalasse para a dacha, afinal estava reformada — por invalidez. A operação de Lera não passara em vão, nunca se recuperara completamente e vivia de medicamentos, felizmente com acesso a hospital especial e policlínica especial, onde o atendimento médico e os medicamentos eram praticamente gratuitos.

E a invalidez era muito mais fácil de obter do que numa policlínica de bairro. Saúde, é verdade, não acrescentava, mas livrava-a do destino humilhante que atingira a maioria das suas antigas colegas: serem atiradas do instituto de investigação para a rua por inutilidade do próprio instituto.

De facto: no país havia perestroika, introduziam-se relações de mercado, tudo mudava, e estes originais e originais ocupavam-se de problemas do mundo antigo. Para quê, esses problemas?

Como resultado, Lera acabou a viver permanentemente na dacha, praticamente abandonada pelos dois filhos e pelo neto adorado. Lora tudo isto, em princípio, sabia, mas para si não tirou absolutamente qualquer conclusão, ou seja, de modo nenhum comparou a sua situação com a da antiga amiga. E num dia nada belo telefonou-lhe o filho mais velho de Lera e informou que a mãe tinha morrido. Só descobriram porque durante vários dias a cadela — a favorita de Lera — uivava terrivelmente, e os vizinhos deram o alarme. Como se viu, uma mulher relativamente jovem morreu devido a um ataque cardíaco súbito, não tanto pelo ataque em si, mas porque perdeu os sentidos e caiu com a têmpora no canto aguçado da mesa de cabeceira. Absurdo, inacreditável, mas...

«Morreu praticamente na miséria — chorava Lora ao telefone. — Deu tudo aos filhos, andava ela própria com farrapos, há vários anos não punha o nariz em Moscovo: sempre tivera alergia a transportes públicos, e o carro próprio há muito se avariara irremediavelmente. E morreu sozinha, como uma vagabunda qualquer. Dois filhos, três netos, e — sozinha... Que horror!»

E então falámos pela primeira vez daquela viagem à Bulgária, daquela nossa primavera. Lora chorava.

Dizia que tudo acontecera exatamente como Vanga profetizara. A Lera a vida reservara sofrimento, miséria e doenças. Lora recordava como Vanga nos impressionara desagradavelmente ao falar da riqueza amaldiçoada dos pais de Lera, de como o pai dela, Herói da União Soviética, ofendera alguma viúva. Falámos que, muito provavelmente, se tratava dos bens saqueados pelos nossos altos quadros militares em Berlim, quando a confusão nos primeiros dias após a Grande Vitória e o sentimento de ódio ao povo que gerara o fascismo empurraram para segundo plano o elementar mandamento divino — «Não roubarás!» Então, nos apartamentos alemães que sobreviveram, saqueava-se tudo. Aos soldados rasos cabia encher malas com trapos de mulher, roupa interior, louça. O alto generalato trazia troféus em vagões inteiros... Na altura parecia a todos que era direito dos vencedores.

Perguntei cautelosamente a Lora se ela se lembrava de como Vanga a advertira contra o casamento com um «libertino», dizendo que Lora poderia ter outro noivo, com quem ficaria viúva cedo, mas em contrapartida teria vários filhos, que no futuro só lhe trariam alegria e netos amorosos e gratos. Lora não

queria falar, mas depois contou... sim, existira um admirador de quem nunca se gabara perante nós, porque ele era apenas um tenente júnior pobre, formado numa escola Suvorov, órfão, e ainda por cima ucraniano de nacionalidade, cujo sotaque «pequeno-russo» sempre divertira muito Lora.

Lora compreendia que esse rapaz não podia nem sequer ser incluído na categoria de «noivos» — nem sequer se atrevia a convidá-lo para casa, tendo em conta a rigorosa «seleção» parental dos conhecidos. Mas havia outra razão — assustava-a a paixão louca que ele tinha por ela — e o total desdém pelas ligações e riqueza dos pais dela.

Ele insistia num casamento secreto — para não se dar ao trabalho de uma guerra inútil com os pais de Lora, que de qualquer forma nunca dariam consentimento a um casamento tão desigual. Estranhamente, só agora Lora admitiu que passava muito tempo com esse admirador precisamente porque só ele correspondia às suas ideias de um cavaleiro medieval, que despejava sobre a sua dama uma avalanche de amor inaudito. Mas — amor é amor, e a vida é a vida —, raciocinou Lora. E casou, pelo visto, exatamente com aquele «libertino» que Vanga previra no seu caminho.

E só muito tempo depois Lora soube que o seu antigo admirador morrera, cumprindo o dever internacional em Angola...

Filha espiritual de Vanga

Conta a conhecida curandeira georgiana Eva Djahirašvili. «Muitos de vós já sabem de mim, mas mesmo assim contarei a pré-história da minha vinda à fé em Deus, as origens da minha fama e da clarividência. Quando tudo começou? Não posso dizer que em 1984, quando, por vontade do céu, sofri uma morte clínica. Não, tudo começou muito antes, quando eu ainda era uma menina muito pequena. Os meus antepassados pela linha materna eram originários de nobres polacos, que um dia viram uma bela região — a Abecásia. Construíram lá uma casa e plantaram um pomar de macieiras. Nessa região maravilhosa floresceu o amor entre a aluna do último ano Elvira e Pissarev Shalom Borissovitch, um homem com experiência de vida, que lá abrira a sua empresa. E em 1962, quando reinava na terra o mês de maio, num domingo, dia do Sol, ao amanhecer, eu nasci.

Desde pequena distinguia-me dos meus pares por ter o meu próprio mundo de conto de fadas especial, adorava as canções da chuva, as histórias dos ventos e das estações do ano. A minha infância foi difícil porque os pais se separaram quando eu tinha apenas três aninhos, e eu amava muito o pai e não conseguia chamar «papá» a mais ninguém nem amar outro. Muito cedo comecei a escrever poemas, e quando estava muito triste, cantava durante horas no pomar de macieiras. Na minha infância e no meu conto de fadas havia também uma fada boa — a minha avó extraordinária Nina, que a sua memória seja luminosa.

Após terminar a escola, fui para Moscovo. Estudei na MGU na faculdade de jornalismo internacional. Lá casei. Mais tarde conclui externamente duas faculdades da Universidade de Artes de Moscovo — a de pintura de cavalete e gravura e a de realização. Eu e o marido viajámos muito. Estivemos nos Urais, no Daguestão e em muitos outros lugares. Tudo corria bem, mas a desgraça chegou sem pedir licença... O diagnóstico de todos os professores era inabalável: nunca teria filhos... Foi um raio no coração, porque sempre amara muito as crianças. E ainda por cima, nos Urais começara a doença isquémica do coração. Após examinar-me, o professor abriu os braços: «Ou é preciso operar o coração, ou regressem ao Cáucaso. Melhor ainda à Geórgia...» Assim o caminho da vida me levou a Tbilissi, para onde eu e o marido nos mudámos.

Alguns meses depois, a caminho do trabalho, literalmente tropecei numa icon... O ícone da Mãe de Deus de Iveron estava caído diretamente no passeio, todo molhado — chovera durante a noite. Levantei-o com cuidado e comecei a limpá-lo com a palma da mão. À noite, após o trabalho, levei-o para casa e acendi uma vela diante dele. E ao nosso lado vivia uma velhinha muito crente, que me aconselhou: «Ora, minha filha! Ora de todo o coração e pede à Mãe de Deus um filho, este ícone é um sinal para ti».

Alguns dias depois disseram-me no trabalho que ia à Bulgária na composição de uma delegação cultural. O primeiro pensamento foi — Vanga. Desnecessário dizer que, ao chegar a Sófia, me separei imediatamente do grupo e dirigi-me a Rupite. Levava a Vanga um presente — o ícone que encontrara.

Cheguei, vi a fila. Mas fiquei nela muito pouco tempo. Chamaram-me para dentro de casa, e sem me chamarem pelo nome, saiu de casa um homem de meia-idade que percorreu a fila, olhando para os rostos. Parou diante de mim e perguntou — foi você que trouxe o ícone? É difícil descrever o quanto fiquei confusa. Assenti e segui em silêncio aquele homem até casa.

Quando entrei, senti um choque elétrico. Vanga olhava fixamente para mim, como me pareceu por um instante, embora os olhos dela estivessem fechados.

Pediu que me dessem uma cadeira e me sentassem longe da corrente de ar — as suas palavras sobre eu estar prestes a dar à luz e ter de me cuidar deixaram-me completamente atónita...

Senti vontade de me ajoelhar diante de Vanga. Foi um impulso natural meu. De repente ela fez-me sinal com a mão para me aproximar. Aproximei-me dela de perto, ajoelhei-me diante da cadeira dela e ela pôs-me as mãos na cabeça. Como orei naquele momento é difícil descrever por palavras — de joelhos, toda em lágrimas, suplicava ao Senhor e à Virgem Maria que me dessem a alegria da maternidade.

Um mês e meio após o encontro com Vanga compreendi que esperava um filho. Os médicos abriam os braços...

E em 1984, na véspera do dia da Mãe de Deus (devia dar à luz a 28 de agosto, mas os médicos tinham medo por mim e fizeram a operação), dei à luz em terra sagrada de Iveron uma filha, a quem dei o nome da santa vidente — Vanga.

No nascimento da menina sofri uma morte clínica.

Primeiro houve uma dor aguda insuportável. Depois vi no bloco operatório o meu corpo ensanguentado, vi a minha filhinha pequena, o professor Maissaya, que chorava, e muitos médicos que tentavam salvar o meu corpo. Ouvi tudo o que diziam, estava horrorizada, dirigia-me a eles, mas ninguém me via nem ouvia... Então supliquei a Deus que me ajudasse. Vi uma luz brilhante e voei para ela. Voei a uma velocidade que as palavras não conseguem descrever. Encontrei-me num deserto, e depois caminhei em direção ao sol e às montanhas. Via que ao meu lado iam outros que tinham partido da vida. Acompanhava-nos um Ancião com túnica branca. Tinha barba longa, cabelos brancos e um cajado. Quando chegámos a meio do caminho, o Ancião parou-me. E então vi Vanga. Ela disse: «Sobre ti pesa uma terrível maldição, minha filha, é preciso remover esta energia. É cedo para atravessares a Grande Transição. És necessária às pessoas da Terra. Vou pôr a mão no lado do coração. Suporta a dor».

Com estas palavras Vanga tocou o meu coração com a palma ardente e o seu calor encheu-me de graça e tremor. Senti-me muito bem. E Vanga virou-me de volta e disse: «Vai para as pessoas da Terra».

Acordei na mesa de operações. Os médicos, que tinham perdido toda a esperança e já tinham dito ao meu marido que a esposa morrera, cuidavam alegremente de mim... Levaram-me para a unidade de cuidados intensivos. Fechei os olhos, e o meu espanto não tinha limites. Através das pálpebras via o quarto, a enfermeira brilhava toda com alguma luz, as minhas palmas ardiam insuportavelmente... Chamaram o professor. Ele acalmou-me, ordenou que olhasse atentamente para ele através das pálpebras, olhei e descrevi onde no organismo dele o brilho era mau. E ele explicou que realmente lhe doía ali, e que Deus me dera o dom da clarividência.

A partir desse dia, de 28 de agosto (na manhã seguinte) de 1984, toda a minha vida mudou. Trabalhar simplesmente como jornalista já não podia — transbordava de energia, que jorrava. Um dia salvei o coronel Lénia Pozdneev, que caiu mesmo na redação e começou a esfriar. Sobre mim, como clarividente, escreveu o primeiro artigo «Fenómeno» o coronel Aleksandr Agafonov (salvara a mãe dele). O editor deu-me um gabinete separado, e o povo começou a vir ter comigo... Chegava a casa e caía uma ou duas horas, sem forças, sentindo dores agudas nos órgãos. Mas depressa o corpo se

enchia de energia, sentia um afluxo de forças e ocupava-me da casa, da família.

Também após a morte clínica comecei a pintar a óleo. Para mim era simplesmente necessário — as pinturas e ícones enchia-os de energia da Luz.

Passado algum tempo enviei uma carta e um jornal a Vanga Dimitrova na Bulgária. A resposta que me trouxeram abalou-me!.. Vanga ordenava-me que tivesse um segundo filho — um menino. Disse que ele seria marcado por Deus e devia estudar num seminário, e depois tornar-se padre. Ordenava também — no Templo nomear ela como madrinha, para que a sua alma protegesse sempre o menino após a morte. E não abandonar a Geórgia, pois «aqui é o lugar das lágrimas da Mãe de Deus e a terra de Iveron é sagrada».

Em 1995, a 31 de janeiro (dia do nascimento de Vanga Dimitrova), após sofrer uma segunda morte clínica, dei à luz o menino predito por Vanga, Sviatoslav. A madrinha dele foi nomeada e inscrita no certificado de batismo Vanga Dimitrova.

Até hoje oro e orarei a Deus por esta mulher extraordinária — Vanga Dimitrova.

A todos os que vêm ter comigo pedir ajuda peço que acendam velas de repouso por ela nos templos da Geórgia.

Depois foi assinado um contrato com o fundo de ajuda às crianças da Geórgia para abrir a minha escola de parapsicologia, mas o aluguer era demasiado caro e o ensino nunca começou.

A muitos e muitos hoje quero dizer obrigado e curvar-me profundamente. E todos os que acreditam que Deus é um só sobre todos nós, todos os que nos corações têm Misericórdia, Amor e Luz da Mãe do Mundo — liguem, venham.

Sonho organizar uma escola de parapsicologia digna na Geórgia. Comecei a publicar um jornal muito interessante «Estrela da Mãe do Mundo», mas tive de parar temporariamente devido a dificuldades materiais...»

CAPÍTULO 7

O LIVRO DOS SONHOS DE VANGA

Entre a clarividência e os sonhos muito provavelmente existe uma certa ligação. A história conhece muitos exemplos em que eventos vistos em sonhos aconteceram mais tarde na realidade.

A crença no sentido profético dos sonhos em todas as épocas despertou vivo interesse pela interpretação dos sonhos.

A seguir apresentamos o livro dos sonhos de Vanga, que vos ajudará não só a conhecer o vosso próprio futuro, mas também a obter informação adicional sobre o vosso mundo interior.

Anjo

Ver um anjo em sonho — bom sinal. Esperam-vos tempos calmos e muito felizes.

Ver em sonho um anjo sobre a cabeça de alguém próximo de vós — presságio de que em breve a alma dessa pessoa partirá para o outro mundo.

Se em sonho vedes um anjo atrás de uma pessoa desconhecida, então em tempo não muito distante recebereis notícia inesperada da morte de uma pessoa altamente colocada, nobre, conhecida pessoalmente por vós.

Se sonhastes que sois um anjo, esse sonho significa que deveis refletir sobre como gastais os rendimentos que a vossa atividade vos traz. Deveis pensar nos vossos próximos e partilhar com eles os vossos lucros, pois podeis perder a vossa riqueza num instante.

Se em sonho o anjo vos chama para os céus, esse sonho avisa-vos de uma doença grave que ameaça o vosso corpo. Consultai os curandeiros, eles ajudar-vos-ão.

Torre

Num sonho a torre simboliza a elevação dos sentimentos, a superação de obstáculos ou um sonho inatingível.

Se em sonho subis com grande dificuldade os degraus até ao topo da torre — é sinal de que na realidade tereis de superar muitos obstáculos antes de atingirdes o objetivo proposto.

Sonho em que vedes diante de vós uma torre alta e bela simboliza a elevação dos sentimentos e desejos que transbordam o vosso coração.

Se em sonho a torre cai e desaba, e vós estais entre os escombros — significa que com as vossas decisões e atos irrefletidos destruireis a vossa felicidade.

Na margem de um rio construís uma torre de areia que a onda leva — simboliza uma profunda desilusão pelo facto de todos os vossos esforços se revelarem vãos e se concretizarem apenas nas vossas fantasias.

Sonho em que saltastes de uma torre alta e não vos esmagastes — sinal de que tereis de tomar uma decisão muito importante e responsável, cujo resultado depende apenas de vós.

Se em sonho estais dentro de uma torre que está prestes a desabar e vagueais pelas escadas à procura de saída — na realidade sereis testemunha ou participante de abalos sociais.

Em sonho construís uma torre alta e vós mesmos empilhais pedras enormes e pesadas — significa que na realidade podereis superar todas as agruras da vida para alcançar o desejado.

Doença

Não deveis tomar a aparição deste símbolo em sonho como algo trágico. Pela interpretação bíblica a doença é enviada às pessoas como castigo pelos pecados cometidos e para purificação dos pensamentos, sentimentos, atos.

Para a pessoa este símbolo é um aviso de que chegou a hora de rever a sua posição e valores de vida.

Sonho em que vos vistes a sofrer de uma doença grave e incurável testemunha que na realidade cometestes um ato feio e na alma vos condenais por uma fraqueza momentânea.

Ver em sonho uma pessoa próxima doente — sinal de que na realidade os vossos próximos precisam de apoio e atenção.

Em sonho vistes em terra queimada multidões de pessoas a morrer nas ruas de uma doença grave e incurável — este sonho prevê uma catástrofe ecológica causada pelo uso de arma bacteriológica. Possivelmente sereis testemunha desta catástrofe.

Ver-vos em sonho a recuperar após uma doença grave — na realidade conseguireis evitar uma situação desagradável.

Se em sonho uma pessoa próxima morreu de uma doença grave — significa relações estragadas e problemas pessoais.

Vaso

O vaso — representação simbólica em sonho do recipiente da alma.

Se vedes um vaso belo e limpo, significa que vos esperam impressões agradáveis, nada turvará a vossa tranquilidade, conseguistes encontrar harmonia e agora é importante não a perder.

Em sonho partir um vaso — sinal muito mau, que prevê dor na alma e amargura, o vosso coração rasgar-se-á de piedade e impotência, mas sereis incapaz de mudar algo.

Vaso com flores significa que vós, sem o saberdes, ajudareis muito uma pessoa em apuros, apenas conversando com ela e partilhando os vossos pensamentos.

Vampiro

Em sonho o vampiro é símbolo de mudanças terríveis, eventos fatais que trarão muito sofrimento e sangue.

Se em sonho um vampiro vos ataca, significa que na realidade cairá sobre vós um golpe cruel do destino, possivelmente perdereis alguém próximo e querido.

Sonho em que vos transformais em vampiro prevê que vós mesmos por descuido ou excessiva autoconfiança poreis a vossa vida em perigo, do qual só por milagre conseguireis escapar, se é que conseguireis.

Ver um vampiro a beber sangue — a uma doença longa e dolorosa de uma pessoa próxima.

Em sonho matar um vampiro — na realidade escapareis felizmente a eventos que poderiam aleijar a vossa vida.

Casamento religioso

O casamento religioso nos sonhos funciona como uma espécie de verificação dos seus sentimentos pela pessoa amada.

Estar presente no sonho no casamento religioso de um casal jovem significa que, na vida real, voltará a viver um sentimento intensificado de proximidade e parentesco com a sua cara-metade.

Se sonhou que era você a casar-se religiosamente, isso prevê-lhe não tanto uma união legal e carnal, mas antes uma união espiritual com uma pessoa digna, com quem percorrerá um caminho comum, partilhando tristezas e alegrias.

No sonho, atuar como o sacerdote que realiza o ritual de casamento religioso significa que, na realidade, viverá um abalo relacionado com a premonição de uma desgraça que ameaça a pessoa amada. Esse sonho avisa: não interfira nos acontecimentos. Eles não estão ao seu alcance, pois encontram-se nas mãos de Deus.

Corda

A corda no sonho é a designação do destino predestinado ao sonhador.

Se no sonho a corda se partiu nas suas mãos, na realidade a sua vida estará ameaçada por um perigo mortal, que só conseguirá evitar manifestando cautela e previdência.

Fazer nós numa corda — esse sonho avisa que se está a envolver com as pessoas erradas, pelo que espere grandes problemas; a melhor solução para si é romper relações com esse grupo.

Uma corda muito longa no sonho profetiza uma vida longa, mas isso não significa que será despreocupada. Não baixe a guarda nem corra riscos desnecessários, porque uma vida tão longa não é dada ao ser humano em vão.

Desenredar uma corda ou desfazer numerosos nós nela — em breve libertar-se-á do poder de uma pessoa indigna sobre si, e isso tornar-se-á o acontecimento decisivo na sua vida, após o qual poderá revelar as suas capacidades e realizar o que tem planeado.

Amarrar algo com uma corda — não tem o direito de interferir nos destinos das pessoas ao seu redor; ao envolver-se nos problemas delas, atrai desgraças sobre si, mesmo que o seu desejo sincero de ajudar deva ser superado, porque não é esse o seu destino.

Água

A água é símbolo de mudanças, resolução de contradições, evolução, renovação, lavagem dos pecados e esquecimento.

No sonho, beber água pura e fria significa que, na realidade, o mundo se renovará e você será envolvido nesse processo de purificação e ressurreição numa nova qualidade, juntamente com muitas pessoas ao seu redor.

Se sonhou que água caía sobre si vinda de cima, isso é um presságio da onda de influência cósmica que se avizinha, à qual é imprudente resistir. Se conseguir encontrar harmonia com o cosmos, tornar-se-á uma grande pessoa e ficará famoso em todo o mundo.

Ver água turva é sinal de desgraça, complexidade das situações e das relações com as pessoas. Manifeste bondade e paciência, caso contrário manchará a alma com impressões indignas.

Se no sonho viu a água inundar a sua casa, na realidade espere um fluxo de notícias, uma das quais mudará radicalmente a sua perceção de si mesmo e as relações com as pessoas.

Afogar-se na água significa, na realidade, resistir ao curso natural dos acontecimentos, o que, em consequência, prejudicará a saúde e encurtará a vida.

Ver no sonho círculos ou ondulações na superfície da água — terá dificuldade em suportar as mudanças vindouras, mas, resistindo nesse fluxo turbulento de acontecimentos, ganhará poder sobre si mesmo e sobre os outros.

Guerra

Ver uma guerra no sonho é um mau presságio, que promete peste e fome, tempos difíceis para adultos e crianças, especialmente para os jovens — a eles caberá combater e morrer.

Se participa na guerra, esse sonho significa que as desgraças o atingirão a si ou aos seus entes queridos e, se não conseguir esconder-se, está destinado a viver a sua própria dor e a dor geral.

Corvo

O corvo é um mensageiro triste, que anuncia com o seu grito e até com a sua mera aparição desgraças e infortúnios.

Se sonhou com um bando de corvos a voar em círculos no ar, em breve ocorrerá um conflito militar, muitas pessoas sofrerão, a terra ficará coberta de cadáveres e não haverá tempo para enterrar os mortos, havendo assim um banquete para os corvos e luto para as pessoas.

Ver um corvo a gritar é sinal seguro de que a morte paira sobre a sua casa; é preciso rezar, e virá a salvação.

Um sonho em que os corvos constroem ninhos nas árvores prevê uma doença que atingirá pessoas e gado, de modo que deixarão de comer carne animal. A salvação será encontrada na água, nas ervas, nas orações e na misericórdia.

Se os corvos, em bando, cobrem completamente o solo (um campo), esse sonho prevê um ano de má colheita; o pão ficará caro e os pássaros não encontrarão grãos, morrendo em grande número, a menos que se salvem voando para sudeste, onde haverá colheita.

Matar um corvo no sonho significa que, na realidade, será impotente perante a doença mortal de alguém próximo; os medicamentos não ajudarão, por mais que espere neles e nos médicos; apenas a compaixão e a paciência junto à cama do moribundo tornarão luminosos os seus últimos dias neste mundo. No sonho, mata a ave negra (a doença mortal), considerando-a a origem dos sofrimentos; na verdade, a morte é um alívio para o doente, e ele sabe-o; você precisa de se conformar com isso.

Convidado

Nos sonhos, este símbolo significa surpresa, notícia, separação, inimigo, despesas.

Um sonho em que se prepara para a chegada de convidados prevê, na realidade, um monótono quotidiano aborrecido. Dificilmente conseguirá, num futuro próximo, animar a sua vida.

A aparição de um convidado inesperado significa uma notícia que receberá de um inimigo.

Ver-se no sonho como convidado é sinal de que, na vida real, terá grandes despesas monetárias.

No sonho, esperava convidados, mas ninguém apareceu — na vida real, esse sonho promete-lhe separação da pessoa amada ou de alguém próximo.

Um sonho em que uma mulher loira desconhecida vem visitar-lhe significa doença grave ou morte.

No sonho, prepara-se para a chegada de um convidado. Batem à porta, mas, ao abri-la, verifica que o misterioso convidado desapareceu — é sinal de que, na vida real, não deve temer as intrigas dos inimigos. As circunstâncias compor-se-ão de tal modo que todos os seus planos serão desmascarados.

Estar de visita sentado a uma mesa vazia significa promessas vazias e traição.

Ver em sua casa pessoas mortas como convidados prevê uma viragem inesperada do destino.

Caixão

No sonho, viu uma procissão fúnebre que transportava um caixão. Aproxima-se mais e, com horror, nota que nele está escrito o seu nome — na realidade, esse sonho terrível significa que precisa de mudar não só os seus hábitos, mas também o modo de vida, pois com a idade a pessoa deve mudar.

Um caixão vazio simboliza vazio interior e tormentos espirituais.

Se no sonho participa numa procissão fúnebre e transporta o caixão — isso significa que, na realidade, cometerá um ato feio que trará muitos problemas e dissabores a uma pessoa próxima.

Um sonho em que, com esforço, crava pregos na tampa do caixão significa que, na vida real, fará tudo o que estiver ao seu alcance para se livrar dos seus vícios e fraquezas.

Ver no sonho um caixão caído é bom presságio. O seu anjo da guarda ajudá-lo-á a evitar uma catástrofe perigosa.

Um caixão coberto de terra significa a presença de um mal terrível, incomparável.

Tempestade

Este símbolo é considerado, nos sonhos, uma manifestação da vontade divina, um sinal. Em alguns casos, a tempestade significa conflito, medo, notícias, ira.

No sonho, assustou-se com um relâmpago e trovões — esse sonho indica que leva uma vida longe de ser justa, pelo que pode considerar este sonho um aviso do alto.

Um sonho em que fica sob uma forte chuva de tempestade significa que, na vida real, um conflito prolongado se resolverá mais cedo do que pensa.

A tempestade passou ao lado e não caiu uma gota de chuva sobre si — na realidade, graças à sua astúcia e capacidade de encontrar saída das situações mais difíceis, conseguirá evitar a ira injusta do seu superior.

Se durante a tempestade um relâmpago atinge a sua casa — isso prevê notícias inesperadas.

Sonhou que torrentes de chuva de tempestade inundam a casa, tenta abrigar-se da inundação iminente, mas todas as tentativas são inúteis. Todo o espaço ao redor está inundado e a água sobe cada vez mais. Não só a sua casa, mas tudo o que é vivo ao redor mergulha na água. A chuva torrencial arrasa casas e edifícios altos como se fossem cascas vazias e, em breve, tudo ao redor desaparece por trás da sua cortina. Este sonho prevê uma catástrofe ecológica da qual poderá sofrer seriamente.

Dinheiro

Encontrar dinheiro no sonho é testemunho de que alguém do seu círculo prepara um grande mal contra si. Não pegue em coisas alheias, mesmo que fiquem sem vigilância num local isolado, pois é precisamente através delas que pessoas impuras lançam mau-olhado sobre pessoas boas e crentes.

Se sonhou que recebia dinheiro, as pessoas ao seu redor veem-no como uma pessoa generosa e bondosa, sempre pronta a ajudar nos momentos difíceis da vida.

Ver no sonho dinheiro rasgado é mau presságio. Dinheiro rasgado simboliza pobreza, fome e assalto. Possivelmente, no futuro perderá todas as suas poupanças em resultado de um assalto à sua casa.

Se no sonho contava dinheiro, na vida real é uma pessoa muito mesquinha. Precisa de rever a sua atitude face ao dinheiro, pois este nunca substituirá as relações humanas.

Estender dinheiro a alguém no sonho — em breve precisará de muitos meios para concluir com sucesso o assunto iniciado.

Crianças

Ver no sonho muitas crianças é testemunho de que terá numerosos pequenos problemas, cada um dos quais exigirá tempo e esforço adicionais. Possivelmente, esse sonho profetiza o aumento da taxa de natalidade no planeta.

Se no sonho se viu criança, na vida real o seu comportamento não é o melhor. As suas traquinices infantis são extremamente inadequadas e ofendem as pessoas ao seu redor.

Ver no sonho crianças a chorar prevê perigo mundial. Virão tempos em que os homens partirão para a guerra, as mulheres ocupar-se-ão de atividades que não lhes são próprias e as crianças derramarão muitas lágrimas. Para o sonhador, esse sonho profetiza desgraças dos seus filhos ou dos filhos de parentes próximos.

Se sonhou com crianças com deficiência, os seus hábitos nocivos prejudicam não só a sua saúde, mas também a das pessoas ao seu redor. Por vezes, esse sonho profetiza uma catástrofe ecológica no planeta.

Se viu no sonho os seus filhos, deve ser mais atento nas relações com a sua família. É bem possível que, com as suas ações e palavras, os esteja a ofender profundamente.

Procurar crianças é mau presságio. Não conseguirá encontrar saída para a situação difícil devido a uma série de pequenos contratempos.

Brincar no sonho com crianças é sinal de que, na vida real, procura um trabalho que lhe agrade à alma, mas, apesar das buscas, terá de passar ainda algum tempo no antigo emprego detestado, que lhe rouba as últimas forças.

Estrada

Ver no sonho uma estrada sinuosa é prova evidente de que os seus pensamentos e ações deixam muito a desejar. Move-se pela vida na direção errada. Se não refletir, esperam-no dois caminhos: o cemitério ou a prisão.

Se sonhou com uma estrada reta e larga, na vida real está no caminho certo, embora não seja dos mais fáceis. Dentro de algum tempo terá um emprego estável, uma situação financeira sólida e uma família amada.

Andar no sonho por uma estrada deserta é sinal de que, na vida real, se sente sozinho e muito preocupado. Parece-lhe que ninguém o compreende nem ama, mas isso está longe de ser verdade. Encontre consolo recorrendo a Deus, e a sua vida melhorará.

Traçar no sonho uma estrada é testemunho de que, graças ao seu caráter firme e trabalho árduo, alcançará grandes alturas nesta vida, tornando-se verdadeiramente uma grande pessoa. Mas, ao atingir uma posição elevada, não vire as costas aos próximos, lembrando-se dos seus tempos difíceis.

Se no sonho anda por uma estrada poeirenta — isso significa que ao seu redor há muitas pessoas falsas e malévolas, que procuram prejudicá-lo de todas as formas, manchando o seu bom nome aos olhos dos entes queridos.

Ver no sonho um caminho estreito é profecia de que terá de percorrer um caminho difícil até à glória, a uma vida estável e a uma situação financeira sólida. Mas, no final, tudo se comporá.

Andar no sonho por uma estrada pavimentada com paralelepípedos é sinal de que segue um caminho lento, mas seguro, rumo ao objetivo traçado.

Alma

Se no sonho viu a sua alma, esse sonho testemunha a sua religiosidade. Pensará várias vezes antes de cometer qualquer ato. Para os que o rodeiam, é conhecido como uma pessoa honesta, nobre, misericordiosa e religiosa.

Se sonhou que a alma se separava do seu corpo, esse sonho profetiza uma doença grave ou a morte. À sua alma, uma das poucas, será permitido, após a morte do corpo, regressar à Terra noutra forma.

Se viu que a alma de alguma pessoa se separava do corpo, em breve receberá a triste notícia da morte ou doença mortal de uma pessoa próxima.

Pedir no sonho a salvação da sua alma é sinal de que as circunstâncias da sua vida se comporão de tal modo que recorrerá à ajuda de Deus. Só depois disso conseguirá encontrar paz e harmonia.

Unicórnio

O unicórnio é a personificação da pureza, da felicidade e da prosperidade.

Se no sonho um unicórnio passa por si, em breve terá sorte; tudo lhe será fácil como nunca, todos chamarão a isso sorte, mas na realidade o seu bem-estar será merecido; você próprio compreenderá o que o provoca e por que lhe foi concedido.

Alimentar um unicórnio com a mão significa que, na realidade, experimentará uma bem-aventurança que poucas pessoas sentem. Receberá um presente raro e valioso do destino, após o qual não pode permanecer ingrato.

Um sonho em que vê matar um unicórnio ou ele morrer prevê infortúnio e sofrimento causados por pessoas más que vivem para o lucro; você saberá

disso e sofrerá, mas não poderá corrigir a situação. Os culpados serão punidos e a calma regressará.

Se consegue acariciar um unicórnio, esse sonho diz que beneficia imerecidamente dos bens que possui. Deve agradecer por eles não só ao destino, mas também às pessoas ao seu redor. Enquanto não reconhecer isso com a alma e não o compreender com a razão, não experimentará a verdadeira felicidade.

Perseguir no sonho um unicórnio ou tentar capturá-lo significa que, na realidade, aplica muitas forças para alcançar o objetivo traçado. Mas talvez o seu objetivo não valha os esforços que gasta. Reflita nisso para não acabar apenas com desilusão.

Sede

Um sonho em que vagueia sob os raios escaldantes do sol à procura de água significa que todos os seus pensamentos e sentimentos estão dirigidos exclusivamente ao lado material da vida. Por isso, na realidade, falta-lhe comunicação e apoio espirituais.

No sonho, sacia a sede com água fria de nascente — é sinal de purificação espiritual e perdão.

A sede atormenta-o, mas a água que bebe é turva e suja. Este sonho é um aviso, pois na vida real tende a obter prazeres a qualquer custo. Nesta visão onírica, a água turva e suja simboliza um vício terrível como a toxicodependência. Deve ser mais cauteloso, pois tem inclinação para essa doença assustadora.

Sonhou com uma seca terrível: as pessoas morrem de sede porque todos os reservatórios de água secaram e não se encontra uma gota de água. Por uma gota de água, está disposto a dar tudo o que for preciso. A sede torna-se insuportável; parece que a boca está cheia de areia pesada e quente. Só pensa em onde encontrar pelo menos uma gota de humidade vivificante.

Esta visão onírica prevê uma catástrofe ecológica. A cada ano, a tecnologia militar torna-se mais sofisticada e, mais cedo ou mais tarde, isso pode acabar em catástrofe não só para a humanidade, mas para todo o planeta.

Terra

Ver no sonho uma terra boa e fértil é profecia de boa colheita e vida desafogada. Se sonhou com uma terra deserta, no futuro a humanidade enfrentará uma fome terrível em resultado de uma seca prolongada.

Ver no sonho toda a Terra coberta de fissuras é presságio de um fortíssimo terramoto que ceifará centenas de vidas. As pessoas irritarão Deus — e Ele abalará a Terra.

Ver no sonho uma esfera a voar em direção à Terra é testemunho de que, em breve, se lhe abrirá uma surpreendente segredo. Pelo visto, entrará em contacto com habitantes de outro planeta, em resultado do qual contará ao mundo muitas coisas novas e interessantes.

Se sonhou com a Terra coberta de gelo, num futuro não muito distante o nosso planeta enfrentará uma glaciação. Virá um inverno longo e a terra cobrir-se-á de uma crosta de gelo durante vários anos.

Estar no sonho numa pequena ilha, na qual se encontram muitas pessoas consigo, é presságio de crise demográfica.

Descobrir no sonho uma nova terra é sinal de sorte em todos os assuntos.

Espelho

Olhar no sonho para o seu reflexo num espelho é sinal de que, na vida real, se interessa muito pelo que os outros pensam de si. Muito frequentemente, olha para a sua vida como se fosse de fora, tentando analisar as suas ações e atos.

Se olha para o espelho, mas não vê o seu reflexo, esse sonho indica que está sob o poder de uma força impura, que comete o mal com as suas mãos. Recorra a Deus, pois espera-o uma vida difícil.

Ver no sonho um espelho partido é profecia de grande dor. Esperam-no sofrimentos e lágrimas.

Adivinhar no sonho diante de um espelho é sinal de que, na vida real, se interessa excessivamente pelo seu futuro. Quer saber literalmente tudo: se viverá rica e felizmente, quantos filhos terá, se os que o rodeiam o respeitarão e até o dia da sua morte.

Lembre-se de que «os caminhos do Senhor são insondáveis» e nenhum dos que vivem atualmente pode responder com exatidão absoluta a todas as suas perguntas. Ao recorrer constantemente a vários adivinhos e ao adivinhar você mesmo, apenas atrai para si a atenção da força impura.

Serpente

Ver no sonho uma serpente a rastejar pela terra é testemunho de que, em breve, terá de enfrentar o pior inimigo, que, após intrigas secretas contra si, decidirá uma guerra aberta. Se a serpente rastejante for venenosa, dificilmente vencerá essa pessoa, porque ela é mais forte e mais astuta do que você. Se a serpente rastejante não for venenosa, lidará facilmente com o seu inimigo, usando as intrigas dele contra ele próprio.

Ver no sonho um novelo de serpentes é mau presságio. Esse sonho indica que ao seu redor há muitas pessoas más e invejosas, que lhe desejam o fracasso na carreira, infortúnio na vida familiar e até a morte. Deve ser mais cauteloso no contacto com todos os seus conhecidos, pois algo dito num impulso de paixão lhe prestará um mau serviço.

Se no sonho uma serpente o morder, na vida real espera-o uma profunda desilusão numa pessoa próxima. Durante muito tempo, procurará as razões do seu constante azar, mas nem lhe passará pela cabeça que é obra da pessoa em quem confia. Provavelmente, recorreu às forças da magia negra, com o objetivo de tornar a sua vida infeliz.

Ver no sonho uma serpente enrolada pacificamente em círculo é presságio de que os seus inimigos apenas esperam o momento adequado para lhe desferir um golpe forte, do qual, muito provavelmente, não se recuperará.

Se sonhou com uma serpente enorme a apertar o pescoço de uma pessoa, esse sonho é mau sinal. Pelo visto, será um dos primeiros a saber da doença mortal de uma pessoa próxima. Terá de manifestar grande força de vontade para comunicar isso aos familiares do doente e ajudar a pessoa próxima a viver com dignidade e humildade os seus últimos dias.

Ver no sonho uma serpente de dimensões gigantescas é profecia de uma grande tragédia. Virão tempos em que Satanás reinará na Terra em forma humana. Será o tempo da fome, da miséria, da violência, dos sofrimentos humanos, do roubo e da morte de milhões de pessoas que vivem no nosso planeta.

Matar no sonho uma serpente é sinal de que a humanidade, no futuro, ao compreender quão importante é acreditar em Deus, voltará a abrir todas as igrejas e templos. A força impura recuará, vendo que as pessoas se tornaram mais misericordiosas e mais sábias.

Ícone

Ver no sonho ícones em casa — esse sonho prevê que no seu país eclodirá um conflito religioso, em resultado do qual haverá vítimas e grandes danos. Para restaurar a paz, serão precisos anos.

Tirar ícones da parede — esse sonho indica que virá uma crise de fé, quando as pessoas deixarem de viver segundo as leis de Deus, e isso lhes custará caro; punir-se-ão a si mesmas.

Se sonhou com ícones numa igreja, isso significa que a única salvação em tempos difíceis será a fé e, mesmo que não seja muito religioso, virá à igreja como o filho pródigo, e Deus não se afastará de si.

Confissão

Se no sonho se confessa, na realidade cometerá um ato indigno, do qual terá vergonha, mas ocultá-lo-á de todos, embora na alma sofra e se arrependa.

Um sonho em que confessa alguém no papel de sacerdote prevê um período difícil, quando muitos dos seus amigos e conhecidos precisarão da sua ajuda, mas será difícil consolá-los. Pois a alma estará inquieta e terá de sofrer juntamente com eles.

Escutar no sonho a confissão de alguém — na realidade, espera-o uma longa conversa sobre fé e religião, que o fará refletir mais uma vez sobre a sua visão do mundo e posição na vida, porque tocará as cordas mais íntimas da sua alma.

Livro

Nos sonhos, este símbolo significa sabedoria, conhecimento, previsão.

Diante de si, enormes prateleiras cheias de livros; há muitos e não consegue escolher um adequado. Este sonho significa que, na vida real, tem dificuldade em escolher o seu caminho de vida.

No sonho, segura um livro nas mãos e lê inscrições numa língua que lhe é desconhecida — na realidade, descobrirá em si capacidades até então ocultas.

Ver no sonho um livro com páginas rasgadas é sinal de que tomará uma decisão precipitada, que destruirá todos os seus planos.

Um sonho em que recebe um livro de presente é símbolo da sua sabedoria e perspicácia. Possivelmente, nem você próprio suspeita da existência de tal dom.

Ver nas suas mãos um antigo livro mágico é sinal de pecaminosidade e queda. Na vida real, as suas ações são ditadas pelo egoísmo.

Anel

A aparição de um anel nos sonhos simboliza o círculo de eventos, problemas não resolvidos, apego, juramento, fidelidade.

No sonho, coloca um anel na mão da pessoa amada — esse sonho simboliza a sua fidelidade aos seus sentimentos e promessas.

Um sonho em que vê um desconhecido colocar-lhe um anel de noivado na mão prevê ajuda inesperada na resolução de um problema que o atormenta há muito.

Se no sonho não consegue de modo algum escolher um anel do seu tamanho — isso significa que, na vida real, não sente apego afetivo por ninguém.

No sonho, o anel cai-lhe da mão — é mau sinal. Na vida real, violou a sua promessa e juramento de fidelidade, pelo que o destino lhe preparou uma prova de vida.

Cruz

Nos sonhos, este símbolo significa perdão, proteção contra o mal, renovação.

Um sonho em que vê uma cruz com corrente ao pescoço simboliza arrependimento, perdão total e amor ao próximo.

Ver no sonho um sacerdote batizá-lo e colocar-lhe uma cruz é sinal de que, na vida real, o seu anjo da guarda o protegerá das desgraças.

No sonho, viu uma cruz dourada e brilhante — na realidade, possui uma qualidade de caráter tão necessária como a capacidade de esquecer e perdoar ofensas.

Sonhou que estava num cemitério e diante de si uma sepultura, na qual vê uma grande cruz — esse sonho significa que, na realidade, deve fazer mais boas ações, pois as más ações serão necessariamente punidas pelas forças superiores. Na realidade, perdeu a fé na justiça desta verdade.

Sangue

O sangue nos sonhos associa-se a laços familiares, retribuição, conflitos.

Um sonho em que tenta estancar o sangue que jorra de uma ferida simboliza a sua saudade de uma pessoa próxima falecida.

Se no sonho viu sangue na sua roupa — é sinal de que o ato de uma pessoa próxima porá em risco a sua reputação.

No sonho, defendeu-se e atingiu o seu inimigo com tanta força que o sangue da ferida dele salpicou em si — esse sonho prevê que qualquer intervenção numa discussão entre pessoas próximas pode acabar para si com consequências graves.

Sonha que bebe de um rio água fria e saborosa. Mas, de repente, a água no rio começa a escurecer e, diante dos seus olhos, transforma-se em sangue espesso. Com horror, nota que as suas mãos, boca e roupa estão manchadas desse sangue.

Este sonho é um aviso. Sobre a sua linhagem paira uma antiga maldição, que não tardará em destruir a sua vida e a dos seus entes queridos. Um

destino maligno persegui-lo-á até que peça perdão ao Criador pelos pecados dos quais os seus antepassados são culpados.

Labirinto

Vaguear no sonho pelos corredores intrincados de um labirinto é mau presságio. Esse sonho indica que, na realidade, não está satisfeito com a sua vida; parece-lhe que tenta constantemente algo novo para melhorar a sua vida, mas na verdade anda em círculos no mesmo lugar. Seja mais ativo, pois a vida passará despercebida por si.

Se sonhou que não consegue encontrar a saída do labirinto, na vida real espera-o um período muito complicado. Terá de viver uma grande dor, da qual não se recuperará tão cedo. Possivelmente, nem o abandonará o pensamento de que a sua vida já acabou, mas não desespere, pois por todos os sofrimentos será recompensado.

Se no sonho encontrou a saída do labirinto, esse sonho indica que, em breve, a sua vida melhorará. O mais importante é ir sempre rumo ao objetivo sonhado, sem esquecer o eterno companheiro — o Senhor Deus.

Procurar no sonho alguém no labirinto é testemunho de que, muito em breve, precisará da ajuda de uma pessoa que outrora ofendeu profundamente. Tentará restabelecer a antiga relação, procurando formas de reconciliação, mas, pelo visto, será muito difícil fazê-lo. Por vezes, esse sonho profetiza um caminho demasiado difícil para os objetivos sonhados. Ao traçar os seus planos, nem pensou quanto tempo e força precisaria para os realizar.

Se no sonho se esconde no labirinto, esse sonho significa que, no futuro, se envolverá muito nos seus assuntos. Possivelmente, para alcançar os seus objetivos, cometerá até algo criminoso e, por isso, será forçado a esconder-se durante muito tempo para evitar a justiça. Por vezes, um sonho assim testemunha a solidão do sonhador por uma razão simples: ele evita o contacto com os que o rodeiam.

Se um monstro o persegue pelo labirinto, em breve o mundo inteiro saberá do aparecimento na Terra de um monstro terrível, que pela aparência lembrará dinossauros há muito extintos. Esse monstro será muito agressivo e causará muitos problemas aos terrestres, pois será enviado ao nosso planeta pelas forças das trevas, desejando punir a humanidade.

Lua

Ver no sonho lua cheia é mau sinal. Esse sonho prevê que, em breve, tempos maus esperam a Terra. Ao nosso planeta descerão as forças de Satanás: bruxas e feiticeiros, que tomarão o poder e tornarão a vida em todo o mundo insuportável.

Se sonhou com uma lua vermelho-vivo ou carmim, em breve a Terra enfrentará uma catástrofe ecológica que ceifará centenas de vidas. A catástrofe acontecerá quando as pessoas notarem no céu uma lua sangrenta, pois ela será o triste lembrete do dano que causaram à natureza.

Ver no sonho manchas escuras na Lua é profecia de grande perigo que virá à Terra do cosmos. Possivelmente, o planeta é ameaçado por um enorme meteorito.

Observar no sonho o reflexo da lua na água é sinal de que as suas expectativas serão enganadas. No seu assunto, confia numa pessoa que o dececionará à primeira oportunidade.

Se no sonho viu luz lunar, esse sonho prevê uma viagem fascinante a países distantes. A viagem será inesperada e muito agradável.

Ver no sonho a Lua partida é mau presságio. Esse sonho profetiza o aparecimento na Terra de uma nova religião, que será causa do afastamento das pessoas do Senhor. Deus não perdoará às pessoas a infidelidade e, por isso, o mundo será ameaçado por guerras, violência e roubo.

Se sonhou que voava para a Lua, esse sonho é precursor de expedições espaciais. No futuro, serão construídas estações em muitos planetas, que as pessoas poderão visitar. As expedições espaciais tornar-se-ão algo muito comum e simples.

Mãe

A mãe, aparecendo no sonho, profetiza o futuro da sua família.

Se sonhou com a mãe tal como ela é atualmente na realidade, nos próximos tempos não espere mudanças sérias; os assuntos familiares estão sob o seu controlo.

Ver no sonho a mãe a chorar é mau sinal, que prevê grandes discussões, escândalo ou até a dissolução da família, mas, como recebeu um aviso, tem tempo para prevenir e corrigir tudo isso.

Se no sonho discute com a sua mãe ou ela o bate, isso significa que a sua família será atingida por uma desgraça, na qual se culpará a si próprio, mas na verdade não haverá culpados nesse acontecimento; todos serão vítimas.

Um sonho em que a mãe é jovem e canta uma canção de embalar para si significa que está demasiado ocupado com o que acontece fora da família, quando ela precisa da sua atenção constante. Não perca o momento — ainda é possível preservar relações calorosas e de confiança com os entes queridos.

Sepultura

Ver no sonho a sua própria sepultura é presságio de um abalo, de um acontecimento invulgar que mudará o seu destino para pior.

Se sonhou com várias sepulturas, isso significa que tem pela frente uma cadeia de acontecimentos desfavoráveis, com cada um dos quais perderá cada vez mais a confiança nas suas forças; só as orações lhe devolverão a esperança.

Uma sepultura abandonada e mal cuidada é sinal de desorientação, vazio interior, perda de referências na vida, melancolia e desespero, que passarão graças a um novo conhecimento com uma pessoa sábia e compassiva.

Oração

Ouvir no sonho palavras de oração significa que alguém dos seus conhecidos está ainda pior do que você. Essa pessoa precisa de ajuda, mas envergonha-se de a pedir.

Manifeste compaixão e atenção pela pessoa que sofre, e os seus assuntos melhorarão.

Se no sonho reza numa igreja, isso significa que, em breve, sentirá alívio; o destino disporá as coisas de modo que se alegrará mais do que sofrerá.

Relâmpago

O relâmpago é sinal de destruições e desgraças.

Ver no sonho relâmpagos no céu significa fogos que causarão não só destruições e deixarão muitos sem abrigo, mas também trarão mortes e doenças respiratórias.

Se sonhou que um relâmpago atingiu uma casa ou uma árvore e a incendiou, isso significa que terá de ser testemunha da ira celestial, que punirá muitas pessoas pelos seus pecados — pensamentos e atos ímpios.

Ponte

A ponte no sonho significa esperança, promessa, juramento. Se no sonho conduz ou caminha por uma ponte e, de repente, ela desaba debaixo de si, isso significa que, em breve, será traído por uma pessoa em quem habitualmente confia. Sofrerá profundamente com essa baixeza, mas, no final, justificará e perdoará o traidor.

Um sonho em que constrói uma ponte prevê-lhe um período difícil, porque assumirá um enorme peso de obrigações para com outras pessoas.

Caminhar por uma ponte durante muito tempo — esse sonho profetiza-lhe vergonha e remorsos, pois não cumprirá a promessa que fez.

Faca

Nos sonhos, este símbolo significa acontecimentos, inimigos, traição.

No sonho, preparava o jantar para a família e cortou a mão com uma faca — na realidade, os entes queridos tentarão refrear o seu caráter, mas tudo isso evoluirá para discussões e brigas familiares.

Um sonho em que a faca lhe cai das mãos significa que um homem desconhecido se dirige apressadamente para a sua casa.

Ver no sonho alguém a apunhalá-lo pelas costas é um aviso de que, na vida real, os mal-intencionados tentarão dar-lhe um golpe traiçoeiro às escondidas. Tenha cuidado!

Se no sonho um misterioso desconhecido tenta atacá-lo com uma faca na mão — esse sonho promete-lhe mudanças na vida pessoal.

No sonho, apunhalou alguém e a faca se tingiu com o sangue da vítima — na realidade, será perseguido por desgraças causadas por pensamentos impuros e egoísmo dos seus antepassados. Só poderá evitar desastres e infortúnios se dedicar a sua vida ao serviço das pessoas.

Se no sonho recebeu de presente um conjunto de facas — isso significa que, na realidade, será cruelmente enganado.

Fogo

Ver no sonho uma folha de papel envolvida em fogo significa um grande incêndio, em resultado do qual serão destruídas todas as florestas do globo terrestre. A população do planeta sentirá uma necessidade aguda de madeira, papel e, claro, de ar.

Ver no sonho fogo a aproximar-se do céu é sinal de que, no futuro, a Terra é ameaçada por um grande meteorito ou cometa. Possivelmente, esse fenómeno cósmico danificará gravemente muitas cidades do globo terrestre e ceifará a vida de um grande número de pessoas.

Se no sonho o fogo exala um mau cheiro, em breve ficarão conhecidas as fofocas malévolas que os seus inimigos espalham sobre si. Terá de trabalhar muito para refutar as intrigas dos inimigos e restaurar a sua honra e dignidade aos olhos dos que o rodeiam.

Aquecer-se no sonho junto ao fogo é testemunho de que, na vida real, é uma pessoa muito feliz, que sabe que, num momento difícil, encontrará sempre compreensão e apoio junto dos membros da sua família. Acredite, isso não é dado a todos, por isso valorize os seus entes queridos.

Observar no sonho o fogo numa lareira significa que a sua casa é ameaçada por grande perigo de incêndio. Tenha cuidado ao lidar com o fogo; caso contrário, ficará sem teto.

Ver no sonho uma pequena chama de uma vela acesa — esse sonho é bom presságio.

A sua fé em Deus e o cumprimento de todos os mandamentos do Senhor refletir-se-ão magnificamente na sua vida. Encontrará paz, tranquilidade, felicidade e amor.

Se sonhou com cidades ou florestas envolvidas em fogo, no futuro o globo terrestre será ameaçado por uma seca terrível. Virão tempos em que as pessoas não terão um gole de água e, então, cairá uma chuva forte que durará vários dias e noites, dando às pessoas a humidade tão esperada, enchendo de água os oceanos, mares e lagos. Quem sobreviver a essa seca nunca mais fará mal à natureza, pois será dado às pessoas saber que a seca lhes foi enviada por descrença no Senhor, renúncia à religião e atitude impiedosa para com o ambiente.

Caça

Observar no sonho pessoas a caçar é testemunho de que, em breve, terá uma diversão alegre no círculo dos seus amigos. Por vezes, esse sonho profetiza um encontro com uma pessoa má — um lobisomem — que impressionará a sua imaginação.

Se sonhou que caça algum animal, na realidade esperam-no grandes dificuldades. O seu inimigo secreto tentará, por todos os meios, impedir a execução dos seus planos. Não parará diante de nada, por isso use na sua proteção quaisquer meios populares.

Se no sonho o caçador cai numa cova cavada para animais, esse sonho não prevê nada de bom. Na vida real, como se diz, «anda à beira do abismo», envolvendo-se em negócios arriscados. Tenha cuidado, pois nem todos os assuntos valem a pena por um grande ganho.

Se no sonho, durante a caça, um animal ferido por si ataca, a sua opinião de que venceu o seu inimigo jurado é errada. Ele apenas lambe as feridas, preparando-se para lhe desferir um novo golpe.

Chão

Lavar o chão — esse sonho promete-lhe sucesso no trabalho, se não contrariar os superiores e defender o seu ponto de vista, e também manifestar indulgência para com as falhas de pessoas influentes.

Se sonhou que o chão se abre debaixo de si e cai, isso significa que alguém se esforça muito para estragar a sua reputação. E, pelo visto, conseguirá.

Teto

Um teto liso, branco e alto é sinal de bem-estar e prosperidade, tranquilidade e tempo sereno.

Observar uma fissura no teto — esse sonho promete arrependimento e pesar por um ato cometido na véspera do sonho; só que já é tarde para corrigir o feito.

Se no sonho lhe parece que o teto desce sobre si e está prestes a esmagá-lo, isso significa que as circunstâncias não se comporão da melhor forma para si, pelo que deve esperar com assuntos importantes.

Estalada

Se no sonho recebeu uma estalada de alguém, isso significa que terá de cometer um ato decisivo para se afirmar na vida. E esse passo deve dá-lo sem ajuda externa.

Um sonho em que deu uma estalada a alguém prevê o fracasso dos seus planos e perturbação dos assuntos.

Arco-íris

Nos sonhos, esta imagem simboliza sinal divino, predestinação do alto, perdão total, reunificação.

Um sonho em que viu aparecer um arco-íris no céu após a chuva significa que na sua vida surgirá algo belo e surpreendente.

Se no sonho viu um arco-íris apagado — esse sonho prevê-lhe separação dos entes queridos ou da pessoa amada.

Feridas

Um sonho em que viu feridas no seu corpo é mau presságio. Na realidade, não reconhece a existência do mundo espiritual e das forças divinas, por isso está privado de ajuda e apoio.

Se no sonho alguém o feriu — isso significa mudanças na vida pessoal.

No sonho, presta ajuda a uma pessoa ferida, tentando curar as suas feridas — na realidade, serve o bem e a justiça. Por isso, toda a sua vida está cheia de misericórdia e amor ao próximo.

Sonhou que as suas antigas feridas voltaram a sangrar — na realidade, recordar-lhe-ão antigas ofensas e voltará a viver dor de alma e sofrimentos.

Um sonho em que viu um dos seus entes queridos ferido prevê doença e perdas.

Parto

Este símbolo está ligado a mudanças importantes na vida, resolução de assuntos, libertação de algo.

No sonho, o seu parto foi doloroso, mas tudo acabou bem — esse sonho prevê-lhe dificuldades na resolução dos seus assuntos, mas, apesar de tudo, acabará bem.

Um sonho em que assiste a um parto prevê-lhe participação num acontecimento que considerará insignificante, mas cujas consequências serão uma grande surpresa para si.

Ver no sonho alguém próximo morrer no parto é sinal de que as suas tentativas de melhorar as relações com familiares dificilmente terão sucesso.

Sonhou com um parto fácil e rápido, que provocou na sua alma um grande alívio — esse sonho indica que poderá passar os assuntos para os ombros de outros e suspirar de alívio.

Se no sonho viu o seu próprio parto — esse sonho prevê que o destino lhe dá uma oportunidade de começar a vida de novo. Possivelmente, está ligado ao mistério da reencarnação das almas e você viveu outrora noutra dimensão e noutro corpo.

Precisa de rever os seus valores de vida e tentar compreender o seu destino.

Casamento

Estar no sonho num casamento significa uma festa alegre no círculo dos seus velhos amigos. Possivelmente, nessa festa conhecerá uma pessoa que, posteriormente, se tornará para si o sentido de toda a vida.

Estar no sonho no seu próprio casamento é testemunho de que, em breve, terá de tomar uma decisão difícil. Muito provavelmente, toda a sua vida futura dependerá dessa decisão.

Se sonhou que estava presente num casamento como convidado de honra, na vida real alguém dos seus entes queridos precisará muito da sua ajuda. Não recuse a essa pessoa, porque muito em breve também precisará dos serviços dela.

Vela

Ver no sonho uma vela acesa é bom sinal. Esse sonho prevê a paz e tranquilidade tão esperadas em todo o planeta. As pessoas viverão em

harmonia e prosperidade; não haverá nem governantes maus, nem pessoas más, nem pobres, nem ricos.

Ver no sonho a luz de uma vela numa janela à noite é testemunho de que está sob a proteção de forças superiores, que o ajudarão a lidar com quaisquer tarefas, mesmo as mais complicadas. Na vida real, essa proteção manifesta-se na pessoa de alguém muito influente, que segue incansavelmente todas as suas ações e atos, embora seja bem possível que nem suspeite da existência dele.

Se no sonho, apesar de todos os seus esforços, não consegue acender uma vela, infelizmente, na vida real está destinado a ser a causa da morte de uma pessoa. Por vezes, esse sonho indica que não impedirá de modo algum a comissão de um crime terrível, no qual morrerá uma pessoa.

Apagar no sonho uma vela é profecia de má notícia. Receberá a notícia da morte de uma pessoa próxima e lamentará muito não ter passado com ela as últimas horas de vida.

Se sonhou que a vela se apagou diante dos seus olhos, espera-o uma doença próxima. Possivelmente, será uma doença grave, que ainda pode prevenir agora.

Ver no sonho muitas velas espalhadas é profecia terrível. Virão tempos em que as pessoas se afastarão de Deus; tornar-se-ão cruéis e impiedosas, inventarão uma nova religião que pregará violência e morte. O Senhor irritar-se-á com os seus servos e enviará à Terra um fogo terrível.

Se no sonho viu muitas pessoas a caminhar com velas, em breve será dominado por antigos problemas que adiou, pensando que nunca mais se lembrariam de si. Esse sonho indica que o assunto iniciado deve ser sempre levado até ao fim.

Sacerdote

Ver no sonho um sacerdote majestoso a ler uma oração é sinal de que chegou o momento de recorrer a Deus e arrepender-se perante Ele de todos os seus pecados.

Se no sonho um sacerdote o abençoa, em breve receberá o apoio de uma pessoa influente. Por vezes, esse sonho profetiza sucesso em todos os empreendimentos.

Um sonho em que se viu no cargo de sacerdote significa que foi chamado à Terra para trazer o bem às pessoas. Está-lhe predestinada a sorte de servo da igreja.

Se sonhou com um sacerdote católico, no futuro próximo esperam-no mudanças. Possivelmente, terá de fazer uma escolha difícil ou tomar uma decisão complicada.

Se no sonho um sacerdote o casa, na vida real espera-o uma vida feliz e tranquila com a pessoa amada.

Confessar-se no sonho a um sacerdote é presságio de que, em breve, se encontrará numa situação muito complicada. Só poderá sair dela se recorrer aos serviços de um conhecido influente, que, antes de lhe prestar a ajuda possível, exigirá explicações do ocorrido, sobre o qual você se calará durante muito tempo.

Morte

Ver no sonho a sua própria morte é sinal de que o espera uma vida longa e feliz com a pessoa amada. Esse sonho indica que lhe está reservado o destino de mensageiro de Deus na Terra.

Se sonhou que morre uma pessoa muito importante no mundo, esse sonho é uma grande profecia. Indica que, em breve, chegará ao poder, num dos países desenvolvidos do globo terrestre, um governante sábio, que conseguirá estabelecer paz e concórdia entre os habitantes de diferentes estados. As pessoas deixarão de guerrear e de lançar maldições umas às outras.

Se no sonho morre uma pessoa doente, no futuro deparar-se-á com uma injustiça monstruosa. Oferecer-lhe-ão um negócio vantajoso, em resultado do qual pessoas sofrerão. Da decisão que tomar dependerá a salvação da sua alma.

Ver no sonho a morte de um grande número de pessoas é mau presságio. Esse sonho profetiza uma epidemia terrível, em resultado da qual morrerão milhões de habitantes do globo terrestre. Encontrará a cura para essa doença uma pessoa cuja opinião atualmente não é ouvida.

Ver no sonho uma pessoa a morrer de morte dolorosa é presságio de guerra nuclear, que será iniciada pelo futuro governante de um dos países desenvolvidos da Europa. Em resultado dessa guerra, um grande estado será apagado da face da terra e as pessoas que sobreviverem morrerão, mais cedo ou mais tarde, de uma morte lenta e dolorosa.

Se sonhou com uma pessoa em estado de morte clínica, durante muito tempo estará na ignorância quanto aos planos dos seus velhos conhecidos.

Infelizmente, eles concretizarão os seus planos, em resultado do que você sofrerá muito.

Cão

Ver no sonho um cão sem dono é mau sinal. Esse sonho é um aviso de que o seu amigo se encontra atualmente numa situação muito difícil. Ele não recorre a si em busca de ajuda apenas porque não quer sobrecarregá-lo com os seus problemas.

Se sonhou com um cão completamente branco, na vida real pode sempre contar com a ajuda de um amigo próximo. Por vezes, esse sonho profetiza um encontro com um velho amigo, com quem não se via há muitos anos.

Se viu no sonho um cão preto, na realidade espera-o uma amarga desilusão numa pessoa que durante muito tempo considerou seu amigo. Num momento difícil, ele não só se afastará de si, como usará os seus segredos para denegrir publicamente o seu bom nome.

Ver no sonho um cão de dimensões gigantescas é testemunho de que, no futuro, terá um conhecimento com uma pessoa que posteriormente se tornará seu grande amigo. Por vezes, esse sonho profetiza o apoio de um velho amigo.

Alimentar no sonho um cão é sinal de que, na vida real, as pessoas podem contar consigo. É uma pessoa independente e séria, pelo que os que o rodeiam o respeitam e amam.

Se sonhou com um cão ferido ou morto, esse sonho é mau presságio. Em breve, receberá uma notícia muito má sobre uma doença mortal ou até a morte de um muito bom amigo.

Se no sonho um cão o protege, na realidade está sob a proteção de forças superiores. Não tem nada a temer, porque o protegem anjos da guarda, que vigiam todos os seus pensamentos e ações do céu.

Se um cão o ataca, esse sonho indica que, na vida real, terá um encontro próximo com forças negras. Os servos de Satanás tentarão tornar a sua vida insuportável, causando-lhe uma desgraça atrás da outra.

Se conseguir repelir o ataque do cão, isso significa que conseguirá resistir às forças do mal, mas isso só acontecerá se recorrer à ajuda de Deus.

Prisão

A prisão é sinal de silêncio atormentador, mal-entendido fatal.

Se sonhou com o edifício de uma prisão, isso significa que lhe confiarão um segredo, cuja guarda lhe será dolorosamente desagradável; sofrerá e preocupar-se-á.

Se no sonho se vê preso numa prisão, esse sonho prevê que não o avisarão a tempo de um perigo ou ameaça. Sofrerá porque não falará sobre algo importante com uma pessoa conhecida.

Golpe

No sonho, alguém lhe desferiu um golpe forte; não esperava essa viragem dos acontecimentos e, por isso, não conseguiu defender-se — esse sonho significa que, na realidade, precisa de tempo para compreender o que está a acontecer.

Um sonho em que golpeou alguém prevê-lhe uma notícia inesperada.

Se no sonho conseguiu esquivar-se ao golpe — na vida real, conseguirá sempre sair de qualquer situação, por mais difícil que seja.

No sonho, tentou proteger alguém próximo e, por isso, todo o peso do golpe caiu sobre si — isso significa que, na realidade, sofrerá grandes prejuízos devido à imprudência e descuido dos entes queridos.

Nó

A aparição deste símbolo no sonho prevê-lhe problemas, dificuldades na vida.

No sonho, aperta um nó bem forte — isso significa que, na realidade, tenta resolver o seu problema sem ajuda de ninguém, mas apenas complica ainda mais a situação.

Um sonho em que corta um nó testemunha que, na realidade, está no caminho certo e todas as suas ações são corretas e concisas.

Colheita

No sonho, cultivou com as suas próprias mãos uma excelente colheita — isso significa que, na realidade, os seus esforços não ficarão sem recompensa.

Um sonho em que a sua colheita pereceu devido a uma seca testemunha que, na realidade, deve cuidar da educação moral e espiritual dos seus filhos.

A colheita amadureceu, os ramos vergam sob o peso dos frutos, há abundância de legumes e frutas ao redor, mas não há ninguém para colher essa colheita e toda ela perece — esse sonho prevê-lhe a efemeridade e inutilidade dos acontecimentos, pelos quais gastou tantas forças espirituais e físicas.

Tocha

Segurar no sonho uma tocha acesa nas mãos é testemunho de que, no futuro, alcançará grandes alturas. Os seus pensamentos são puros, as ações razoáveis e corretas, o que significa que as forças superiores o protegem, pois Deus ama as pessoas misericordiosas e sábias.

Iluminar no sonho o seu caminho com uma tocha — na realidade, alcançar os objetivos traçados não lhe será assim tão simples. Tudo se deve

ao facto de o seu destino estar nas suas próprias mãos e, por isso, é você mesmo que «forja» a sua felicidade. Infelizmente, no primeiro quarto da sua vida, seguirá pelo caminho errado, entregando-se a tentações viciosas e pensamentos impróprios, mas depois, refletindo, virará para o caminho certo.

Ver no sonho pessoas com tochas acesas significa que tem muitos amigos, que, num momento difícil da sua vida, estão sempre prontos a ajudá-lo.

Acender no sonho uma tocha é profecia de notícia agradável. Espera-o um aumento na família ou uma notícia alegre sobre o nascimento de um herdeiro na família dos seus conhecidos.

Se sonhou que a tocha acesa se apagava de repente, esse sonho é mau presságio. Prediz a morte súbita de uma pessoa próxima.

Apagar no sonho uma tocha é presságio de acontecimentos terríveis. Contra a sua vontade, será a causa da morte de várias pessoas. Tenha cuidado, pois a tal crime não há perdão.

Se no sonho inicia um incêndio com a ajuda de uma tocha, está-lhe predestinado realizar algo grandioso. E mesmo que agora trabalhe pensando que a sua vida passará em preocupações quotidianas e apenas sonhe com glória, dinheiro e respeito, sem suspeitar que esses sonhos muito em breve estão destinados a realizar-se.

Fotografia

Observar no sonho a sua fotografia é mau presságio. Esse sonho testemunha que não sente qualquer alegria do trabalho, está insatisfeito com a sua vida familiar e até com a sua aparência. Parece-lhe que o persegue um destino maligno. Se tais pensamentos continuarem a visitá-lo, a sua vida passará despercebida e sem propósito.

Observar no sonho a fotografia de uma pessoa próxima — na vida real, preocupar-se-á seriamente com o destino dessa pessoa.

Rasgar no sonho uma fotografia significa uma grande desgraça. Espera-o uma notícia trágica. Muito provavelmente, esse sonho prevê o desaparecimento de uma pessoa próxima, que dificilmente conseguirá encontrar.

Se no sonho perdeu uma fotografia, na realidade deve ser mais cauteloso nos seus assuntos. Age da pior forma, por vezes esquecendo completamente conceitos como honra e consciência. Pare, pois por todos os assuntos mundanos responderemos perante o tribunal do Senhor.

Ir no sonho com uma fotografia a uma adivinha para saber o futuro é testemunho de que é uma pessoa muito crédula e ingénua.

E embora, em princípio, isso não seja uma característica assim tão má, o problema é que muito frequentemente confia os seus segredos às pessoas erradas. Deve abrir os seus pensamentos e pedir conselho a pessoas piedosas e sábias.

Pão

O pão no sonho designa riqueza, lucro, existência desafogada, luxo.

Se no sonho come pão, isso significa que obterá benefício de algum assunto sem grandes esforços.

Cortar pão não é sinal muito bom; prevê dificuldades nos assuntos, obstáculos e inconvenientes temporários, após suportar os quais alcançará tranquilidade e prosperidade.

Pernas de pau

Se no sonho caminha em pernas de pau, isso significa que corre o perigo de perder as pernas, muito provavelmente em resultado de um acidente.

Um sonho em que lhe propõem caminhar em pernas de pau e você recusa prevê que escapará por milagre a um perigo; ficará em choque ao pensar nas possíveis consequências do incidente, no qual não cairá por pura casualidade.

Ver uma pessoa a caminhar em pernas de pau significa, na realidade, ser testemunha de uma catástrofe terrível. Verá sangue e sofrimentos de uma pessoa desconhecida.

Flores

Se no sonho colhe flores para fazer um ramo, na vida real esse sonho significa a sua adesão ao conhecimento e compreensão do mundo.

Um sonho em que se picou na mão com flores que lhe ofereceram significa que, na realidade, experimentará uma forte dor espiritual e cardíaca devido à traição de uma pessoa próxima ou amada.

Se sonhou que alguém pisou as flores no seu jardim, isso prevê intrigas de inimigos, que farão tudo o possível para que não obtenha a informação necessária.

No sonho, viu na sua casa uma grande quantidade de flores de interior — isso simboliza a ocultação de sentimentos.

Sonhou com um jardim magnífico, cheio de flores extraordinariamente belas; inspira o seu aroma maravilhoso. Esse sonho prevê-lhe, na realidade, um encontro invulgar e romântico.

Flores murchas no sonho predizem problemas de saúde e separação.

Um sonho em que planta flores no seu jardim significa que, na realidade, cometerá um ato nobre e sábio.

Se no sonho vê admiradores a cobrirem-no literalmente de flores — na vida real, isso testemunha que a sua solidão espiritual pode prolongar-se. As suas pretensões elevadas muito provavelmente ficarão por realizar.

No sonho, tece uma coroa de flores do campo — esse sonho testemunha que, em breve, encontrará o seu amor e criará uma família feliz.

Um sonho em que recebe de presente uma flor num vaso de interior significa que receberá notícia sobre uma pessoa falecida.

Igreja

A aparição deste símbolo no sonho testemunha desespero, purificação espiritual, arrependimento.

Ver-se a entrar numa igreja é sinal de que, na vida real, os seus atos são ditados pelo egoísmo pessoal e relutância em considerar as pessoas ao seu redor. Esse sonho é um aviso de que está na hora de mudar a sua vida e arrepender-se dos pecados cometidos.

Estar presente no sonho numa igreja durante um serviço religioso significa que, na realidade, pode contar com o amor e respeito das pessoas que o rodeiam.

Um sonho em que viu uma igreja vazia com portas pregadas prevê mudanças na vida para pior, melancolia e desesperança.

No sonho, está numa igreja destruída e tenta colocar uma vela num candelabro — esse sonho significa que, na vida real, contribuirá para o renascimento e renovação espiritual.

Entra numa igreja durante um serviço. Está muito apertado, pois uma grande quantidade de pessoas se reuniu sob a sua cúpula. As pessoas estão de joelhos e rezam. Ergue a cabeça e, em vez da cúpula, vê o céu salpicado de estrelas, entre as quais flutua uma lua de cor vermelho-vivo. Quanto mais próxima fica essa lua, mais forte sente o medo; parece que, mais um pouco, e ela cairá do alto diretamente sobre a cabeça das pessoas que rezam — esse sonho é precursor de um conflito religioso cruel e sangrento. Muito provavelmente, será testemunha dele, e não participante.

Ver no sonho que ajuda a restaurar uma igreja antiga é sinal de que, na realidade, todas as antigas ofensas serão esquecidas e conseguirá restaurar as antigas relações com uma pessoa próxima.

Relógio

Se viu no sonho um relógio antigo, esse sonho testemunha que chegou o momento de refletir sobre o seu passado: viveu dignamente, cometeu atos bons ou maus, que marca deixará após si na Terra.

Se sonhou com um relógio de parede, não valoriza absolutamente a sua vida. Lembre-se: a vida não é eterna, por isso não permita que passe por si.

Ver no sonho um relógio de pulso é sinal de que resta muito pouco tempo para um acontecimento importante na sua vida.

Determinar no sonho a hora num relógio sem mostrador é presságio de perigo sério. Esse sonho profetiza uma grande tragédia, que só poderá sobreviver recorrendo à ajuda de Deus.

Ouvir no sonho o tique-taque de um relógio é profecia de que a sua vida ainda demorará muito a melhorar. Parecer-lhe-á que Deus se afastou de si, mas não é assim; simplesmente está-lhe predestinado passar por muitas provações para encontrar paz, tranquilidade e felicidade.

POSFÁCIO

Nos últimos dias da sua vida, Vanga permitiu à sua conhecida psicóloga e jornalista Boyka Tsvetkova escrever um livro sobre si, publicar todas as fotografias e gravações feitas ao longo de 20 anos. Antes de morrer, Vanga disse: «Não tenhas medo, Boyka, eu estou sempre ao teu lado e nunca vos abandonarei!» Assim, o fenómeno do século XX continuou mesmo após a morte de Vanga...

— Quando fomos pela primeira vez com uma amiga à Vanga, eu estava muito cética — conta Boyka Tsvetkova. — Logo à entrada, Vanga disse: «Tu não acreditas em mim, mas toda a vida pensarás no que eu disse». E assim aconteceu. Vanga disse-me que a minha filha estava doente e que era preciso batizá-la no dia de São Pedro. Na altura, o batismo na Bulgária, tal como na Rússia, não era bem visto, e eu ainda era membro do partido. Mas a própria Vanga aceitou ser madrinha da minha filha. Tornámo-nos amigas.

Vanga atraía as pessoas como um íman. Eu tinha uma enorme vontade de lhe perguntar tudo sobre tudo, mas ela não respondia a perguntas diretas. «Não tenhas pressa, Boyka, saberás tudo a seu tempo», dizia Vanga.

Vanga permitiu-me estar presente em todas as suas reuniões com as pessoas, tomar notas, fotografar — normalmente não autorizava tal coisa.

Lembro-me de como cientistas do laboratório de Lozanov decidiram fazer um filme sobre Vanga: abriram propositadamente um buraco na parede do quarto ao lado e instalaram lá uma câmara de vídeo. Vanga aguentou três dias;

depois chamou o operador e perguntou: «Pensavas que, por eu ser cega, não via nada?» Toda a fita ficou em branco.

Vanga era muito diplomática, cautelosa nas suas palavras; pensava bem em cada frase antes de a pronunciar. Desde cedo, Vanga habituou-se a cuidar dos seus entes queridos, nunca exigia nada para si. Ao ajudar banqueiros e empresários nos seus negócios, Vanga não esperava recompensa; no máximo, pedia que lhe trouxessem um lenço.

Recebia diariamente uma multidão de visitantes, quase nunca recusando alguém. Vanga começava geralmente a consulta apresentando os parentes falecidos, assegurando que as suas almas acompanham os vivos. A informação sobre a pessoa podia ser-lhe transmitida por um pedaço de açúcar ou uma flor. «Mas nem mesmo Cristo admitia todos junto a Si», dizia Vanga quando recusava uma consulta...

...Vanga teve encontros tão especiais, vieram ter com ela pessoas tão importantes — conta Boyka Tsvetkova — que, enquanto ela era viva, era impossível falar disso.

— Já no hospital (Vanga esteve internada no hospital governamental durante 9 dias, até à morte) — conta Tsvetkova —, Vanga fez as suas últimas 10 previsões aos seus familiares e amigos mais próximos, mas eram prognósticos pessoais.

Vanga dizia que a Bulgária não devia separar-se da Rússia. Sobre a Rússia, falava sempre com amor, chamava-lhe «mãezinha-Rússia» e recordava que esse país libertara os búlgaros quatro vezes. Mas, tal como os cinco dedos da mão não são iguais, também os países são diferentes uns dos outros. Devemos aprender a respeitar as outras potências, ensinava Vanga. Vanga prometia mudanças colossais na Bulgária dentro de três anos.

— Boyka, circulou a informação de que Vanga esteve gravemente doente durante longos anos, que sofrera vários AVC e que nos últimos meses esteve em coma...

— Vanga sabia tudo sobre si própria. Há quatro anos, chamou-me e disse-me que tinha cancro da mama, mas pediu-me que não contasse a ninguém. A pedido de Vanga, os familiares reuniram um conselho médico com os melhores especialistas. Mas Vanga recusou a operação; só aceitava tomar comprimidos para as dores.

Vanga manteve-se consciente até aos últimos minutos da sua vida. Não teve morte clínica. E só foi internada no hospital nove dias antes de morrer, onde não recebeu ninguém além dos seus entes mais próximos. Vanga e Dimitar tinham dois filhos adotivos: uma menina que adotaram quando ela tinha um ano e um rapaz chamado Mitko. Atualmente, Dimitar Volchev é procurador

da cidade de Petrich; esteve com a sua mãe adotiva até aos últimos minutos da vida dela.

No sábado, 10 de agosto, à noite, disse-me: «Estamos a ver-nos pela última vez. Amanhã, às 10 horas e 10 minutos, já não estarei aqui. Não venhas mais. Não quero que me vejas morta». Dizia-se que o cérebro de Vanga fora retirado pelos cientistas para investigação, mas não foi assim. Nem sequer houve autópsia. Por testamento de Vanga, ninguém tocou no seu corpo.

Para tentar compreender a natureza do dom único de Vanga, será certamente interessante para o leitor saber como a própria vidente explicava as suas capacidades.

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, ao observá-la durante longos anos e ao fazer-lhe perguntas, compilou algo como um questionário que permite levantar um pouco o véu do mistério sobre a mais famosa vidente de todos os tempos e povos. Este material é único. E o facto de Vanga nem sempre poder responder à sobrinha — cumprindo uma proibição não declarada das Forças Superiores quanto a certa informação — confirma-o.

Aparentemente, conhecendo a verdade, ela NÃO PODIA, NÃO TINHA DIREITO de falar sobre TUDO.

Seguem-se excertos desse questionário singular:

Pergunta: Diz-me, tia, aparecem diante de ti imagens concretas: a aparência de uma pessoa, uma paisagem, um ambiente?

Resposta: Sim, vejo tudo isso com clareza.

Pergunta: Isso acontece no passado, no presente ou no futuro?

Resposta: Isso não tem importância.

Pergunta: O que vês, tia, é dado como informação sobre a pessoa ou como a própria pessoa?

Resposta: Exatamente como na vida real: tanto como informação sobre a pessoa como a própria pessoa concreta.

Pergunta: Tem a pessoa o seu próprio «código», conhecendo o qual se pode decifrar a «linha de vida» da pessoa, o seu destino?

Não houve resposta.

Pergunta: Como se manifesta concretamente o futuro de uma pessoa: aparecem diante de ti apenas os acontecimentos mais importantes ou passa toda a sua vida sequencialmente, como num filme?

Resposta: Vejo a sua vida como num filme.

Pergunta: Consegues ler pensamentos?

Resposta: Sim.

Pergunta: A que distância?

Resposta: Não importa. A distância não tem significado.

Pergunta: Lês os pensamentos de estrangeiros e de que forma chega a informação?

Resposta: Leio. Geralmente ouço uma voz; a língua é sempre o búlgaro. Não há barreiras linguísticas.

Pergunta: Consegues «chamar» a informação que te interessa de um determinado segmento de tempo previamente indicado?

Resposta: Sim.

Pergunta: Ao ouvir rádio, a informação transmitida provoca-te uma imagem visual?

Resposta: Não, não provoca.

Pergunta: A profundidade das tuas visões depende da gravidade do problema ou da força da personalidade da pessoa com quem falas?

Resposta: Sim. Isso é muito importante.

Pergunta: E a profundidade da tua visão depende do estado físico ou psíquico da pessoa no momento?

Resposta: Não. Não depende. (Embora houvesse casos em que uma pessoa vinha ter com Vanga em estado de grande stress, especialmente pela morte de um ente querido; Vanga sentia isso e por vezes até desmaiava.)

Pergunta: Se, com a visão interior que te foi dada do alto, vês uma desgraça próxima ou até a morte da pessoa que veio ter contigo, pode isso ser evitado?

Resposta: Não. Nem eu nem ninguém poderá já fazer nada.

Pergunta: E se os problemas, mesmo catastróficos, ameaçam não uma só pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade, um estado, pode fazer-se algo com antecedência?

Resposta: Não. É inútil.

Pergunta: O caminho de vida de uma pessoa depende da «força do indivíduo» e pode ser alterado?

Resposta: Não. Cada um percorrerá o seu, e só o seu, caminho de vida.

Pergunta: Como consegues determinar o problema principal, vital, do visitante?

Resposta: Ouço uma «voz» que fala sobre essa pessoa; aparece diante de mim a sua «imagem» e compreendo a razão que o levou a vir ter comigo.

Pergunta: Tens a sensação de que o teu dom de vidência está programado do alto?

Resposta: Sim. O meu dom foi-me dado pelas Forças Superiores.

Pergunta: Que Forças Superiores são essas?

Não houve resposta.

Pergunta: Como as percecionas habitualmente?

Resposta: Na maior parte das vezes, ouve-se uma «voz».

Pergunta: Vês aquelas a quem chamas Forças Superiores?

Resposta: Sim. Vejo figuras transparentes, semelhantes a um reflexo na água.

Pergunta: Pode alguém ver essas Forças Superiores?

Resposta: Só se elas próprias o quiserem. A sua manifestação neste mundo são pontos luminosos no ar, semelhantes a vaga-lumes.

Pergunta: E podem essas Forças Superiores materializar-se completamente, adquirir, por exemplo, carne humana?

Resposta: Não, não podem.

Pergunta: Se quiseres, tia, entrar em contacto com elas, consegues? Ou elas vêm ter contigo apenas quando querem?

Resposta: Na maior parte das vezes, o contacto ocorre por desejo delas, embora eu própria as possa chamar.

Pergunta: Pode obter-se informação mais completa sobre elas, fazendo outras perguntas que esclareçam pormenores?

Resposta: Não. É difícil. Elas respondem de forma muito vaga.

Pergunta: O ser humano é composto por vários corpos interligados em simbiose: etérico, físico, mental?

Resposta: Sim, é assim.

Pergunta: Como te aparece, tia, uma pessoa falecida — como uma imagem concreta, como um conceito sobre a pessoa ou de outra forma?

Resposta: Vejo a «imagem» do falecido e ouço a sua «voz».

Pergunta: Ao contactar com uma pessoa falecida, manifesta ela interesse nisso ou apenas responde às perguntas?

Resposta: Tanto responde como faz perguntas.

Pergunta: A personalidade preserva-se após a morte?

Resposta: Sim.

Pergunta: Como percecionas, tia, a morte?

Resposta: Apenas como o fim físico.

Pergunta: Existe a «reencarnação» da pessoa após a morte e em que se manifesta?

Não houve resposta.

Pergunta: O que é mais forte — o laço familiar ou o espiritual?

Resposta: O laço espiritual é mais forte.

Pergunta: Existem uniões num ordem superior de razão?

Resposta: Sim.

Pergunta: Se considerarmos as pessoas uma comunidade racional que se encontra num determinado estádio de evolução, existe paralelamente uma Razão superior?

Resposta: Sim.

Pergunta: De onde provém essa Razão Superior — do Cosmos, de civilizações antigas ou do futuro da Terra?

Resposta: A Razão Superior começa e acaba no Cosmos; é eterna e infinita; tudo lhe está subordinado.

Pergunta: Existiram na Terra grandes civilizações antes da nossa?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quantas foram?

Não houve resposta.

Pergunta: Pode considerar-se a nossa civilização humana uma «razão de infância»?

Resposta: Sim, pode. É uma comparação correta.

Pergunta: Existe no Universo Razão no mesmo estádio de desenvolvimento que a nossa civilização?

Não houve resposta.

Pergunta: Haverá um encontro com representantes de outras civilizações?

Resposta: Sim.

Pergunta: É verdade que a Terra é visitada por naves extraterrestres a que chamamos, de forma muito primitiva, «discos voadores»?

Resposta: Sim, é verdade.

Pergunta: De onde vêm elas?

Resposta: De um planeta a que chamam «Vamfim». Pelo menos, é assim que oiço essa palavra estranha. Esse planeta é o terceiro a contar a partir da Terra. (Vanga não deu mais explicações.)

Pergunta: Foi estabelecido contacto bidirecional (telepático ou outro) com eles?

Resposta: Não. São eles que estabelecem os contactos. (Uma vez, Vanga comentou: «Vocês não veem, mas agora mesmo pelo céu movem-se muitas máquinas voadoras. Dentro costumam estar três pessoas (a palavra "pessoa" deve entender-se convencionalmente), e têm muitos dispositivos especiais. Dizem-me: "Prepara-se um grande acontecimento". Mas não explicam que acontecimento é esse...»)

Ao ler este documento único, caro leitor, provavelmente conseguiu convencer-se pessoalmente da fenomenalidade do dom de vidência de que Vanga era dotada.

ÍNDICE

Prefácio

Capítulo 1. «Não tenhas medo! O mundo não perecerá!»

Capítulo 2. «...Pois o povo russo é portador de Deus!»

Capítulo 3. «A China, a Índia e a Rússia juntarão as suas forças num só punho...»

Capítulo 4. «...Aqueles que forem dignos acordarão noutro mundo»

Capítulo 5. A beleza nos lábios dos russos, e não a falsa profecia, salvará o mundo

Capítulo 6. Alguns encontros de Vanga com russos

Capítulo Dicionário de sonhos de Vanga

Posfácio